J. GOMES DA SILVA

N.º 479

UM CAPITULO DE THERAPEUTICA INDIGENA

FLORA MEDICA PORTUENSE

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA Á ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

«Julgo pois não haver remedio mais prompto, e efficaz para evitar enganos, e experimentar bons successos nas curas dos nossos enfermos, que valermo-nos daquellas ervas vulgares, que se encontrão nos nossos campos, e nos nossos montes.»

M. Gomes de Lima, *Diario universal.*

32/6 FMC

PORTO
TYPOGRAPHIA DE V. GANDRA
80 — Rua d'Entre-Paredes — 80

1881

ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

O ILL.mo E EX.mo SR. CONSELHEIRO, MANOEL M. DA COSTA LEITE

SECRETARIO

O ILL.mo E EX.mo SR. RICARDO D'ALMEIDA JORGE

CORPO CATHEDRATICO

LENTES CATHEDRATICOS

	OS ILL.mos E EX.mos SRS.
1.ª Cadeira — Anatomia descriptiva e geral	João Pereira Dias Lebre.
2.ª Cadeira — Physiologia	Antonio d'Azevedo Maia.
3.ª Cadeira — Materia medica	Dr. José Carlos Lopes.
4.ª Cadeira — Pathologia externa e therapeutica externa	Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
5.ª Cadeira — Medicina operatoria	Pedro Augusto Dias.
6.ª Cadeira — Partos, molestias das mulheres de parto e dos recemnascidos	Dr. Agostinho Antonio do Souto.
7.ª Cadeira — Pathologia interna e therapeutica interna	Antonio d'Oliveira Monteiro.
8.ª Cadeira — Clinica medica	Manoel Rodrigues da Silva Pinto.
9.ª Cadeira — Clinica cirurgica	Eduardo Pereira Pimenta.
10.ª Cadeira — Anatomia pathologica	Manoel de Jesus Antunes Lemos.
11.ª Cadeira — Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia geral	Dr. José F. Ayres de Gouveia Osorio.
12.ª Cadeira — Pathologia geral, semeiologia e historia medica	Illidio Ayres Pereira do Valle.
Pharmacia	Isidoro da Fonseca Moura.

LENTES JUBILADOS

Secção medica	Dr. José Pereira Reis.
	José d'Andrade Gramacho.
	João Xavier d'Oliveira Barros.
Secção cirurgica	Antonio Bernardino d'Almeida.
	Luiz Pereira da Fonseca.
	Conselheiro, Manoel M. da Costa Leite.

LENTES SUBSTITUTOS

Secção medica	Vicente Urbino de Freitas.
	Miguel Arthur da Costa Santos.
Secção cirurgica	Augusto Henriques d'Almeida Brandão.
	Ricardo d'Almeida Jorge.

LENTE DEMONSTRADOR

Secção cirurgica — Candido Corrêa de Pinho.

A Eschola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciados nas proposições.

(Regulamento da Eschola, de 23 d'abril de 1840, art. 155.)

A MEU PAE

A MINHA MULHER

A MEUS FILHOS

Nem d'outro modo podia ser.

A primeira pagina do primeiro trabalho scientifico, firmado publicamente com o meu nome, pertencia-vos de direito.

O vosso amor tem-me escudado contra a adversidade; o vosso carinho conseguiu arrancar os espinhos da minha vida escholar.

Acabo finalmente ou, antes, finalmente começo. Era tempo de vos dar a primeira prova da minha gratidão.

Eil-a.

J.

A MINHA SOGRA,

D. Casimira Esperança Douguet Chaves,

E A MEUS CUNHADOS,

João José Lopes Chaves,

Alfredo Douguet Lopes Chaves

e

Saintclair Douguet Chaves.

AOS ILL.mos E EX.mos SRS.

Dr. José Carlos Lopes,

Dignissimo professor de Materia medica na Eschola Medico-Cirurgica do Porto,

e

Manoel Rodrigues da Silva Pinto,

Dignissimo professor de Clinica medica na mesma Eschola.

AO MEU AMIGO E COMPANHEIRO D'EXCURSÕES BOTANICAS,

Manoel d'Albuquerque e Mello Pereira de Caceres,

Engenheiro civil pela Academia Polytechnica do Porto.

AOS ILL.mos E EX.mos SRS.

Constantino Rodrigues Batalha

e

Antonio Emygdio Pereira da Silva de Souza de Menezes

Off.

J. G. Silva.

AO SEU PRESIDENTE

O ILL.mo E EX.mo SR.

Manoel de Jesus Antunes Lemos

D.

O auctor.

Um capitulo de therapeutica indigena intitulei eu o presente estudo, que mais pretende estabelecer um problema, do que resolvel-o.

Durante o meu tirocinio escholar e designadamente nos tres ultimos annos da minha carreira scientifica, pude descobrir um facto notavel, que já estava descoberto ha muito, mas que a mim me impressionou sobremaneira e me levou a escolher esta materia para assumpto da minha dissertação. O facto notavel, que me impressionou—tão desagradavelmente, direi—, o facto, que me levou a erguer a voz fraca 'num protesto energico, esse facto é que na medicina—como na litteratura, como na vida social—, a primeira influencia, a primeira authoridade é... a *moda*.

Eu distingo, como todos certamente distinguem, entre moda e progresso. Mas vou mais longe. Considero antitheticos estes dois termos do movimento social, litterario e scientifico, dos quaes um tem tanto de util e necessario, quanto o outro possue de nocivo e futil.

E' que o progresso é uma lei natural, tendente a firmar cada vez mais a individualidade litteraria, social ou scientifica; ao passo que a moda é uma abherração da humanidade, uma como que reacção passiva, que irracionalisa o homem, tornando-o incapaz de crear ou analysar e desenvolvendo-lhe o vicio da imitação. Se será a tendencia á reproducção da especie mãe, de que falla Darwin?

Disse eu que a moda e o progresso eram os dois termos d'uma antithese e não me seria difficil proval-o.

Em litteratura, por exemplo, eu podia allegar que a moda nos trouxe o gallicismo e que o progresso nos impoz o estudo necessario, como que obrigatorio, da lingua franceza. A moda tem querido aniquilar as riquezas hauridas

nos Paivas, nos Lucenas, Britos, Barros;

o progresso procura estabelecer a universalidade de uma lingua, sem lesar a individualidade das outras. Um portuguez, eivando a sua linguagem de gallicismos, á moda, nem dos seus conterraneos é claramente percebido; um individuo, que falla correctamente francez, está em condições de percorrer o mundo culto, sem auxilio de guia.

Podia ainda demonstrar que na vida social, como na litteratura, a influencia da moda se torna tão perniciosa, quanto benefica é a do progresso. Bastar-me-ia lembrar que, emquanto este nos dá os meios de communicação accelerada, o vapor, o telegrapho, a moda por seu lado impõe ás nossas mulheres... o espartilho e o salto das botas.

Era facil portanto, seguindo este caminho, demonstrar a nocividade da influencia da moda na litteratura e na vida social. Não me pertence porém isso; e se o apontei, foi apenas para até certo ponto me consolar de vêr que nem só no campo da sciencia e nomeadamente da medicina se exerce o predominio da moda.

Vejamos como se tem manifestado sobre a materia medica esta desastrada influencia.

Desde o berço da medicina até alguns seculos depois, os sabios que tinham em suas mãos a cura dos males da humanidade, empregavam para a conservação da saude e para a lucta com a doença, as substancias que tinham ao seu alcance, na generalidade plantas. D'estas ultimas, as que não tinham applicações em medicina, eram designadas e perseguidas como *ruins hervas*. Infelizmente para ellas, a botanica e os botanicos não tinham surgido ainda.

As navegações, brilhantemente encetadas pelos portuguezes e continuadas com não menor successo pelos outros povos da Europa, trouxeram-nos as plantas exoticas, da India principalmente, cercadas de uma aureola brilhante de novidade e de infallibilidade. A materia medica naturalisou-se indiana.

Mas ah! ephemero dominio da India! Uma simples tempestade no alto mar, desnorteando uma esquadra, havia de destruir a aureola da therapeutica asiatica. A descoberta da America, a fatal descoberta da America, trouxe-nos novas plantas, novos medicamentos; e a materia medica indigena, que renegára uma vez, renegou segunda e fez-se americana.

E' o eterno *ceci tuera cela;* a moda, 'numa palavra.

Abençoada importação da flora do Novo Mundo! As nossas larynges e os nossos bronchios ainda hoje expectoram agradecimentos ao teu *Nicotiana tabacum!*

Foi a America a patria e o Peru o berço da flor da therapeutica exotica: a *Cinchona calisaya*. E' esta a planta que ainda hoje domina, que tem gosado mais longa vida e que se tem circumdado de mais brilhante aureola. Mas os seus dias estão contados. A Oceania está descoberta, a moda é voluvel e a therapeutica já renegou mais d'uma vez a nacionalidade. O pomo da discordia existe entre nós e a quina, mais cedo ou mais tarde, vae ser supplantada: o Mundo Novissimo já nos mandou o *Eucalyptus globulus*.

Vê-se pois que o meu protesto é talvez intempestivo. A Oceania vae começar, a Africa não está explorada ainda; e antes d'isso a therapeutica não volta decerto a naturalisar-se europeia. Resta-me uma desculpa: não posso esperar até lá.

O problema que a minha these se propõe formular—não digo resolver—é o seguinte:

As substancias que se encontram 'numa dada região, conhecidas pela historia natural e modificadas pela chimica e pela pharmacia, na fórma e na essencia, poderão bastar para locupletar o arsenal da therapeutica?

Mais breve: poderá sustentar-se que *ubi morbus, ibi remedius?*

Eu creio que sim. E vou dizer porquê.

Do problema que apresento, apenas o enunciado me pertence. Muitos auctores tentaram e julgaram achar uma certa relação entre as doenças d'um paiz e a therapeutica indigena. O nosso Garcia da Orta (1) dizia já a este proposito: «...e Deus é tão misericordioso, que em cada terra nos deu mésinhas para sararmos; porque elle que dá a enfermidade, dá a mésinha para ella.»

Não é pois nova a ideia, nem sequer em Portugal. E tanto melhor para mim que poderei collocal-a sob a egide de nomes respeitaveis.

Eu não pretendo—estabeleçamos este principio—eu não pretendo demonstrar que a therapeutica indigena cura todas as doenças. Seria pretensão infundada e audaciosa designar uma determinada substancia para a cura radical da tuberculose, por exemplo. Aquillo de que estou convencido, aquillo de que desejo convencer, é que o menor dos defeitos das substancias medicinaes exoticas é serem geralmente inuteis, desnecessarias; por isso que são representadas na materia medica indigena por substancias analogas, senão identicas, nos effeitos physiologicos e therapeuticos.

Não tenho a occupar-me aqui dos medicamentos de natureza mineral, de que é tão rico o nosso paiz. Não me referirei tambem ás substancias medicamentosas d'origem animal, que entre nós primam pela quantidade e pela qualidade. O estudo de qualquer d'estes grupos constituiria capitulos mais importantes talvez do que o que vou escrevendo. Onde encontrar effectivamente uma planta que substitua os effeitos analepticos, reconstituintes, do leite e do ferro?

Occupando-me pois da flora medica portugueza, o meu trabalho ficaria incompleto de per si; tendo porém de restringir ainda mais o campo do meu estudo, limitando-o á descripção das plantas medicinaes dos arredores do Porto, fica a minha modesta obra incompletissima. De sobra o reconheço. Por isso tambem lhe chamei *um capitulo* apenas. Resta-me a esperança de que sobre o meu trabalho hão-de novos e mais energicos obreiros architectar o edificio da therapeutica indigena.

Vejamos porém se, dado que este estudo se faça, as vantagens compensarão o trabalho dispendido.

Primeiro que tudo, o medicamento colhido no paiz é mais prompto, mais facil d'obter. Imaginemos um caso. Um facultativo de provincia é chamado a vêr um doente, cuja habitação dista da pharmacia mais proxima uma, duas, tres ou mais leguas. Chegado á cabeceira do enfermo, diagnostica, por exemplo—que sei eu?—uma febre intermittente. Que fazer? Deve receitar para a pharmacia distante o sulfato de quinino e retirar-se, deixando o doente subjeito ás contingencias da demora? E se na pharmacia não houver o medicamento pedido? Não seria muito mais simples, muito mais prompto e sobretudo muito mais prudente, mandar ou ir a um ribeiro proximo arrancar a casca a um

(1) Colloquios dos simples, pag. 50, verso.

ramo de salgueiro, de que se fizesse um decocto? Se não havia ribeiros, se não havia salgueiraes, havia talvez o absinthio, havia porventura o choupo, o freixo, um d'entre tantos succedaneos da quina, que 'noutro logar aponto. E depois, se tinha muita fé na casca americana e no seu alcaloide ou se por simples descargo de consciencia desejava applicar a panacea universal, mandasse buscal-a então, ainda que o portador houvesse de fazer uma viagem expressa ao Peru.

Outra vantagem de não menor vulto é serem as substancias indigenas mais baratas que as importadas de outros paizes. O facultativo que receita a um doente pobre a ipecacuanha ou a apomorphina, sem primeiro tentar debellar o mal pelos vomitivos indigenas, a raiz de violeta por exemplo, mereceria a meu vêr que na ultima visita o doente lhe apresentasse a conta da pharmacia. A este proposito não posso furtar-me a citar o que relativamente a uma planta indigena, diz Chaumeton.

«Cette plante *(Malva sylvestris)* est même d'autant plus precieuse, qu'à raison de son abondance en tous lieux, on peut, par son moyen, remplir à très peu de frais, chez *les pauvres qui sont les seuls malades privilégiés des vrais medecins*, les mêmes indications pour lesquelles les riches veulent, à grands frais, mettre les quatre parties du monde à contribuition (1).»

Levar-me-ia muito longe a consideração demorada das vantagens da therapeutica indigena; limitar-me-ei portanto a apontal-as, deixando ao leitor a apreciação d'essas vantagens.

Os medicamentos indigenas estão naturalmente pela sua abundancia e facilidade de obtenção, ao abrigo de falsificações. Para as plantas, accresce que podem ser empregadas frescas, recentes, não modificadas pela acção do tempo ou da cultura. Além d'isso, o preço que ellas possam custar, quando compradas, representa um capital que fica no paiz. Finalmente, para prever tudo, 'num *casus belli*, em que as communicações com o exterior nos sejam cortadas, se quizermos um medicamento, havemos de lançar mão dos que o paiz possue naturalmente. E 'nesse ponto somos dos mais felizes, devemos crel-o (2).

E' pois evidente que a investigação dos recursos therapeuticos de que dispõe o nosso paiz é para nós tão util como necessaria.

Posto isto e antes de passarmos ao estudo das plantas medicinaes dos arredores do Porto, vejamos ainda se, para preencher as diversas indicações therapeuticas, nos veremos forçados alguma vez a reclamar o auxilio dos vegetaes exoticos ou dos seus productos.

---

(1) Flore médicale, vol. IV. Mauve.

(2) Era esta tambem a opinião de Grisley, quando dizia: «Nesta materia he Portugal hum jardim de toda Europa; & com magoa se póde sentir que nelle pereção, em detrimento de muitos, os auxilios tão grandiosos, que a próvida Natureza produz com tanta diversidade...: porèm merecemos por nossos peccados que tendo os remedios em abundancia para as infirmidades, não saibamos valernos delles.» *Desengano para a medicina*, pag. 137, verso.

I

EMOLLIENTES

«Ils sont répandus avec tant de profusion sur notre sol, ils sont si nombreux et si variés, que l'on ne peut se dispenser de temoigner quelque surprise en voyant les *productions émollientes exotiques* recherchées avec tant d'ardeur, qu'elles sont encore l'objet d'un commerce considérable».

P. Mottet. Nouvel essai d'une thérapeutique indigène, pag. 713.

Não nos demoraremos muito 'neste grupo de medicamentos, por isso mesmo que os emollientes empregados diariamente no nosso paiz e até fóra d'elle, são na quasi totalidade plantas indigenas ou espontaneas, de facil acquisição, de preço baixo, de effeitos therapeuticos demonstrados. A grande difficuldade estaria em obter succedaneos exoticos, se os desejassemos.

Limitar-nos-emos portanto a apontar os nomes das plantas que melhor satisfazem á indicação dos emollientes, designando em seguida os productos vegetaes que preenchem o mesmo fim.

A *althea* é por quasi todos os therapeutas apresentada como o primeiro dos emollientes. Posto que frequente nas nossas provincias centraes, não foi até hoje descripta como indigena dos arredores do Porto. A falta porém não é sensivel, por isso que aqui se encontra a *malva*, abundantissima tambem por todo o reino; e, se acreditarmos Mottet (1), «de tous points et dans toutes ses parties, elle peut suppléer parfaitement les guimauves».

(1) Ob. cit. pag. 716.

Bastaria talvez citar estas duas plantas, por isso que «ce sont les plus frequemment usitées (1)». Apontaremos todavia mais algumas, para os que desejarem variar a prescripção.

A cultura do *linho* nos terrenos pantanosos tomou tal desenvolvimento nas nossas provincias do Norte, que bem póde considerar-se hoje planta espontanea o *Linum usitatissimum* L. Quando porém assim não fosse, teriamos por todo o reino o *L. agreste* Brot. e outras diversas especies, cujas sementes são dotadas das mesmas propriedades physicas e pharmacologicas da sua congenere.

A par com as sementes do linho podemos collocar as de algumas gramineas indigenas *(aveia)*, espontaneas *(cevada)* ou cultivadas *(trigo, arroz, centeio, milho)*. As raizes d'outras gramineas *(grama)*, as frondes d'algumas algas *(chondro* ou *carragahen)*, o thallo de certos lichens *(cetraria islandica, cladonia)* despido do principio amargo, são outros tantos emolli*e*ntes, fornecidos pela materia medica indigena (2).

O *salepo* é uma materia feculenta, fornecida pelos tuberculos radicaes d'algumas orchideas *(Orchis mascula, morio e bifolia)*. Esta substancia caiu quasi em completo desuso, o que se explica talvez pelo seu preço elevado e pelas falsificações a que estava subjeita. Basta para o concebermos, lembrar que o salepo era importado da Persia pela França, aonde nós iamos buscal-o.

Actualmente em França, onde cresce a Orchis mascula, «on en a préparé un salep indigène plus économique et meilleur que le salep exotique (3)». Em Metz ha até estabelecimentos especiaes, destinados a esse fim (4). Em Portugal, onde as tres especies acima apontadas e muitas outras são tambem indigenas, o salepo continúa a ser importado; e os pharmaceuticos portuenses vão buscar á França e á Persia o que facilmente encontrariam em Vallongo e Fonte da Moura.

A *gomma arabica* é talvez o unico producto exotico, empregado ainda hoje como emolliente. Mas a esse mesmo poderiamos oppor a opinião de Trousseau e Pidoux sobre a *gummi nostras*, que se encontra no tronco da cerejeira e d'outras rosaceas.

A cerasina (gomma indigena) differe da arabina (gomma arabica) em que se não dissolve a frio na agua; pela ebullição porém, transforma-se em arabina, conservando depois a solubilidade a frio. «D'oú il suit accrescentam os referidos auctores (5), que la *gummi nostras* pourrait à la rigueur être employé comme succedanée de la Gomme arabique».

---

(1) Bouchardat, Matière médicale, pag. 211 do vol. 2.º.

(2) A cetraria islandica só ha pouco tempo foi encontrada em Portugal. Descobriram-n-a em Mafra o ex.mo snr. Estacio da Veiga e o ex.mo snr. Adolpho Frederico Moller na Serra da Louzã (V. Contribuitiones ad floram cryptogamicam lusitanicam, Conimbricae 1881).

(3) Rabuteau, Éléments de thérapeutique, pag. 395.

(4) Bouchardat, ob. cit. vol. 1.º, pag. 219.

(5) Trousseau et Pidoux, Traité de thérapeutique, vol. I. pag. 679.

Juntemos a isto que «la gomme arabique vraie... est rare dans le commerce (1)», por isso que a que se vende commummente é falsificada com dextrina (2); e podemos talvez concluir que a interverção de substancias exoticas é dispensavel para preencher as indicações d'este grupo de medicamentos.

II

TEMPERANTES

«Cependant, très-convaincu des ressources de la flore médicale indigène, je ne négligerai jamais d'indiquer aux praticiens les plantes usuelles d'une action utile et bien definie.»
Fonssagrives. Thérapeutique appliquée, vol. I, pag. 660.

O grupo das substancias refrigerantes comprehende em primeira plana os acidos oxalico, acetico, tartarico, citrico e malico e os saes por elles formados. Os vegetaes d'onde são extrahidos uns e outros são tambem empregados como temperantes.

O acido *oxalico* é fornecido pelas folhas das diversas especies de labaças e oxalis. Os *Rumex* são plantas indigenas, de que no Porto se encontram as especies mais ricas em oxalatos, sem que nos seja preciso pedir aos extranhos o *R. patientia* L. A oxalis acetosella é hoje uma planta perfeitamente acclimada entre nós e que mais d'uma vez tive occasião de encontrar nas minhas excursões botanicas. Não foi descripta por Brotero e todavia parece que já por esse tempo ella era espontanea em Portugal (3). A oxalis violacea, tambem não descripta por Brotero, tem sido encontrada vegetando espontaneamente nos arredores do Porto. Se porém nenhuma d'estas especies fosse de facil obtenção, teriamos, abundantemente espalhada por todo o reino, a oxalis corniculada, em quantidade mais que sufficiente para fornecer de acido oxalico todas as nossas pharmacias.

O acido *acetico* é, como se sabe, obtido pela fermentação dos liquidos alcoolicos, nomeadamente do vinho. 'Num paiz como o nosso, mal pareceria discutir a facilidade de encontrar o vegetal, de cujo fructo são extraidos estes dois productos.

(1) Rabuteau, ob. cit., pag. 965.
(2) Trousseau et Pidoux, ob. cit., pag. id.
(3) «Veg. in sylvis, apud Nos ubique». Francisco Tavares, Pharmacologia pag. 266.

O acido *tartarico* encontra-se nas uvas, nas folhas das oxalis e em muitos outros vegetaes indigenas e acclimados, o que deve fazer excluir das nossas prescripções os tamarindos, importados dos paizes tropicaes.

O acido *citrico* é fornecido principalmente pelos fructos das auranciaceas, limões, laranjas, cidra etc. Posto que estes vegetaes não sejam indigenas, a extrema facilidade com que podem obter-se colloca-os em condições de serem vantajosamente aconselhados.

O acido *malico* «est un des acides végétaux les plus repandus dans la nature (1)» e possue as mesmas propriedades physicas, chimicas e therapeuticas do acido citrico. «Si l'on pouvait le préparer avec économie, on pourrait le lui substituer avec beaucoup d'avantage pour ses usages en médecine (2)».

Entre os fructos acidos podem citar-se, além dos que deixamos apontados, os seguintes:

Indigenas: morangos, marmelos, romãs, cynorrhodons;

Acclimados: cerejas, maçãs, amoras, ameixas etc.

III

SEDATIVOS

«Parmi les medications connues et les plus accreditées il en est peu, croyons nous, dont on pourrait dire autant... Elle n'epuise pas comme la saignée, elle ne tourmente pas comme l'émétique; elle ne saurait, comme la quinine, être accusée de produire le rhumatisme cérébral; elle est plus prompte et plus sûre pour amener la guerison».

Hirtz. Artigo *Digital* in *Nouv. Dict. de méd. et de chir. pratiques.*

«La digitale est jusqu'ici le seul poison de son genre (3)». E' decididamente esta circumstancia que lhe tem valido o logar d'honra, que ainda hoje occupa na materia medica. Emquanto não surge um succedaneo exotico a supplantal-a, é o caso de podermos aventar o que o nosso Castro Sarmento dizia da tanchagem: «De toda esta planta se faz uso na Materia Medica, e *ainda que tam commua,* é egualmente util, e proveitoza (4)».

(1) Paulier, Manuel de thérapeutique pag. 663.
(2) Bouchardat, ob. cit., pag. 301, vol. 2.º.
(3) Gubler, Commentaires thérapeutiques, pag. 121.
(4) Castro Sarmento, Materia Medica, pag. 499.

Alguem pensará, por isso que «*la digitale* est un médicament de la plus haute importance et mérite une étude sérieuse (1)», que deveria demorar-me na apreciação dos effeitos d'esta planta, como primeiro, senão unico, representante vegetal d'este grupo de medicamentos.

A mim parece-me precisamente essa a razão mais obvia para me dispensar d'esse trabalho. O muito que ha escripto sobre a digital, a circumstancia de todos os livros de materia medica se occuparem d'ella e por conseguinte a facilidade em obter noticia sobre as suas vantagens therapeuticas, são a meu vêr outros tantos motivos a justificarem o meu procedimento.

Do colchico e do helleboro, que alguns auctores collocam entre os sedativos, fallaremos 'noutro logar.

Quanto ao sulfato de quinino, considerado como contra-estimulante, «son action sur le pouls et surtout sur la température est bien loin d'avoir la constance et l'intensité de la digitale ou du veratrum et même des antimoniaux; elle est souvent insignifiante. De plus, il produit l'ivresse quinique, des bourdonnements d'oreilles et des surditées souvent rebelles, des vertiges, voire même des congestions cérébrales, et ce n'est d'ordinaire que consécutivement à ces phénomènes qu'on observe une diminution de la fièvre (2).»

Finalmente, o espargo, «la digitale des enfants», como lhe chama Fonssagrives, é, como a digital, uma planta da flora portugueza.

IV

AMARGOS PUROS

«Nous avons en Europe des spécifiques aussi sûrs dans leurs effets que plusieurs drogues étrangeres, dont la rareté et le prix sont souvent ce qui les fait rechercher.»
Chomel. Abregé de l'histoire des plantes usuelles, vol. I, pag. XXXV.

Os amargos indigenas mais em uso ainda hoje são a genciana e a erythrea (fel da terra), a que poderemos ajuntar, entre muitos outros, a chicoria e um grande numero de lichens. Os amargos exoticos mais empregados são a quassia, a calumba e a simaruba.

Vejamos se póde justificar-se a introducção d'estas ultimas substancias no seio da nossa materia medica.

(1) Paulier, ob. cit., pag. 286.
(2) Hirtz, loco cit.

Paulier, que não póde ser accusado de sympathias a favor da therapeutica indigena, affirma desassombradamente que «la Gentiane est le type des amers purs et simples (1)». Cullen, o grande reformador da materia medica, o escrupuloso esmerilhador das virtudes e defeitos dos simples, empregados em medicina, dizia da genciana: «... je la regarde comme l'amer le plus simple et le plus pur...; elle est en même temps un amer très-fort et elle jouit de toutes les vertus que l'on a attribuées aux amers en general (2)». A fama fruida por esta planta entre nós, no meado do seculo XVII, deduz-se facilmente das seguintes palavras de Grisley: «Ninguem ouuera de fazer viagem por são, nẽ jornadas por terra sem leuar prouisão (3) d'este pó (de genciana), por amor das grandes virtudes que tem (4)».

Todos os auctores, em todos os tempos e de todos os logares, são accordes em dar á genciana o logar d'honra entre as substancias amargas; e actualmente aquelles mesmos, que aconselham o emprego dos amargos exoticos, não podem negar-lhe as propriedades physiologicas e therapeuticas assignadas á quassia, á calumba e á simaruba.

Se todos os therapeutas concordam em que a genciana é um bom amargo, outrotanto não succede em relação á quassia, por exemplo. Já Merat et Delens affirmavam «qu'aujourd'hui on ne fait presque plus d'emploi du Quassia, peut-être à cause de son excessive amertume, qui est pourtant franche, mais probablement aussi parce qu'on n'en aura pas obtenu le succés qu'on en attendait (5)». Nothnagel porém vae mais longe e não hesita em asseverar que «les proprietés merveilleuses qu'on lui atribuait autrefois ont été reduites à néant par une observation impartiale. Ce médicament n'agissant pas mieux, en somme, que nos amers indigènes, notamment que la gentiane ou le trèfle d'eau, présentant de plus l'inconvénient d'être plus cher, d'être pa fois falsifié et d'avoir une saveur encore plus désagréable, le mieux serait de le rayer de la matière médicale (6)».

Da calumba, que em fim de contas «jouit des mêmes proprietés physiologiques que la gentiane (7)», diz-nos ainda Nothnagel: «nous n'hesitons pas aujourd'hui à le considerer comme superflu».

A simaruba, cujo emprego era já para Merat et Delens «fort restre int et presque nul (8)», «n'agit pas autrement que les amers francs (9)», o que levou Nothnagel a consideral-a tambem como inteiramente inutil sob o ponto de vista therapeutico.

Não me parece portanto que a importação da quassia, da calumba

(1) Paulier, ob. cit. pag. 727.
(2) Cullen, Traité de matiére médicale, pag. 76 do vol. II.
(3) O original diz «prouisar», incontestavel erro de impressão.
(4) Grisley, ob. cit., pag. 19.
(5) Merat et Delens, Dictionnaine universel, vol. V, pag. 570.
(6) Nothnagel et Rossbach, Matière médicale, pag. 754.
(7) Paulier, ob. cit., pag. 728.
(8) Merat et Delens, ob. cit., vol. V, pag. 574.
(9) Gubler, ob. cit., pag. 379.

e da simaruba seja um facto necessario e que o seu emprego de preferencia á genciana possa facilmente justificar-se.

Ha porém uma objecção de certa importancia a oppôr-se ás minhas considerações. E' que a genciana, posto que indigena, parece rara em Portugal. Brotero diz tel-a encontrado «in jugis Herminii ad praealtas et inacessas rupes (1)»; Tavares tambem a descreve habitando «in nostris Alpibus (2)»; e Figueiredo, traduzindo Brotero, diz-nos que a genciana «habita no cimo das mais elevadas e inaccessiveis montanhas da serra d'Estrella (3)». Não me consta que até hoje tenha sido encontrada 'noutros pontos do paiz; e nos arredores do Porto julgo poder affirmar que ella não existe.

Admittindo porém que a genciana da Serra da Estrella não seja em quantidade sufficiente para fornecer todas as pharmacias do paiz, poderá ser isso motivo para a eliminarmos da materia medica indigena? E' provavel—e não certo—que Brotero não a achasse 'noutros pontos; mas será essa razão sufficiente para affirmar que ella só viva realmente na Serra da Estrella? Tem porventura sido o paiz rigorosamente explorado em toda a sua extensão?

Póde extranhar-se que eu responda a uma objecção com outra objecção, a uma duvida com outra duvida. Supponhamos portanto que a genciana é rara no nosso paiz e vejamos se haverá outra planta que possa perfeitamente suppril-a sob os pontos de vista da therapeutica, da economia e da facilidade d'obtenção.

Oiçamos o que a proposito da erythrea, tão frequente em Portugal, dizem alguns dos mais considerados auctores.

«This plant is justly esteemed to be the most efficacious bitter of all the medicinal plants indigenous to this country. It has been recommended by Cullen as a substitute for gentian; and thought by several to be a more useful medicine (4)».

A' opinião de Hooper, podemos juntar a do seu illustre conterraneo Jonathan Pereira, que considera a erythrea como produzindo «physiological effects similar to those of gentian and of other simple or pure bitters (5)».

Apesar da relativa abundancia da genciana em França, os therapeutas d'este paiz não contestam á erythrea um logar honroso entre os amargos puros. Mottet chega a affirmar que «la *petite centaurée* occupe le premier rang parmi nos toniques indigènes, et peut-être doit-elle être preferée à la gentiane elle-même (6)».

Gubler assevera que a erythrea «est l'un de nos meilleurs amers (7)»; e finalmente o mais authorisado livro de materia medica diz-nos que

(1) Brotero, Flora lusitanica, pag. 276 do vol. I.
(2) Tavares, ob. cit.
(3) Figueiredo, *Flora pharmaceutica*, pag. 101.
(4) Hooper, Lexicon medicum, art. *Chironia*.
(5) Pereira, Materia Medica, parte 2.ª, pag. 1474.
(6) Mottet, ob. cit., pag. 26.
(7) Gubler, ob. cit., pag. 80.

a centaurea menor se emprega «dans les mêmes circonstances que le colombo, le quassia amara, le simarouba et la gentiane (1).»

Depois de tudo isto será possivel ainda justificar-se a preferencia manifestada diariamente a favor dos amargos exoticos?

Além da genciana e da erythrea, disse eu que á chicoria cabia tambem um logar entre os amargos puros. Infelizmente, «aujourd'hui la chicorée a perdu de son prestige; elle est delaissée ainsi que la plupart des remèdes empruntés à la flore indigène; ce dedain n'est peut-être pas complétement justifié (2).»

O principio amargo contido nos lichens dá-lhes tambem uma certa importancia no grupo dos medicamentos amargos puros.

Terminarei a lista dos principaes amargos indigenas citando a *Menianthes trifoliata* L., considerada por Bouchardat como «très-amer» e «un médicament tonique assez énergique (3).» Não foi descripta até hoje como planta da flora portugueza; mas do dignissimo professor de botanica na Universidade recebi communicação particular de haver elle encontrado na Serra da Estrella a planta a que me refiro.

V

AMARGOS ADSTRINGENTES

«L'opinion qui établit que les fébrifuges indigènes sont nuls on insuffisants dans les fièvres paludéenes, est erronèe, bien qu'elle soit professée par Trousseau et Pidoux. Pendant plus de vingt ans, j'ai traité avec succès, sans quinquina et sans sulfate de quinine, la plupart des habitants des marais du Calaisis, atteints annuellement de ces fièvres. Je n'admettais d'exceptions que pour les fièvres pernicieuses».

Cazin. Traité des plantes médicinales indigènes. Paris. 1875.

Tentar desthronar a quina e o seu alcaloide, para em logar d'elle e d'ella assentar os succedaneos indigenas da casca peruviana, seria, sobre tarefa momentosa, pretensão imperdoavel. Nem eu desejo mostrar senão, que nem a quina vale tanto nem os seus succedaneos tão pouco, quanto o enthusiasmo irreflectido e a desconfiança preconcebida teem conseguido fazer admittir.

(1) Trousseau et Pidoux, ob. cit., pag. 643 do vol. II.
(2) Hamelin, art. *Chicorées* no Dict. encycl. des sc. médicales.
(3) Bouchardat, ob. cit., vol. 2.º pag. 464.

Assim como todas as nações buscaram fundamentar a sua historia 'num facto extraordinario e maravilhoso, como a apparição de Christo ao fundador da monarchia portugueza; assim os enthusiastas da casca peruviana tentaram fazer crer que as propriedades antiperiodicas da quina, conhecidas dos americanos desde tempos immemoriaes, tinham sido reveladas ao homem pelos leões doentes. Atacados de intermittentes, os senhores das selvas curavam os seus males bebendo nos pantanos povoados de cinchonas a agua impregnada dos succos amargos d'estas plantas. O celebre viajante Humboldt, o Herculano da historia da quina, veio porém destruir pela base a hypothese gloriosa da descoberta do eminente febrifugo. Na sua viagem á America teve innumeras occasiões de interrogar os indigenas sobre as virtudes da quina e concluiu sempre das respostas obtidas «qu'ils n'en faisaient aucun usage, qu'ils ne lui reconnaissaient aucune vertu, mais qu'ils en avaient un débit assuré pour l'exploitation en Europe, où ils pensent qu'on l'emploie à la teinture (1)».

Desde então, a hypothese que passou a gosar fóros de verdadeira e que ainda hoje voga nos tractados de materia medica, foi a que declarou a casca peruviana trazida pela primeira vez para a Europa em 1640. Successivamente designada pelos nomes de *pó da condessa* e *pó dos jesuitas,* foi recebida, principalmente em França, com um enthusiasmo que tocou as raias do extraordinario. Na côrte de Luiz XIV era luxo, era bom tom, trazer «le ventre plein de quinquina», como chistosamente dizia Racine. Elle mesmo, o grande auctor, lhe chamava «mon bon ami le quinquina». Mad. de Genlis escreveu sobre o assumpto a novella *Zuma ou la decouverte du Quinquina* e o proprio Lafontaine foi levado na torrente do enthusiasmo escrevendo o seu *Poème du Quinquina.*

Apesar porém do extraordinario acolhimento que obteve e «ainda que a Quina Quina era um Remedio tam evidente, e tinha não menos que hum cardeal (o de Lugo, jesuita) por autoridade (!), e testemunha da sua virtude, nem por isso se livrou da mesma infelicidade, e ficou esta prodigiosa casca, por mais de 30 Annos, sepultada e esquecida (2)».

Mais tarde a esta curta apyrexia succedeu novo accesso; e a febre do enthusiasmo subiu tão de ponto que Chaumeton foi levado a escrever: «De sorte que, lorsqu'on parcourt les nombreux traités et les dissertations qui ont été publiés sur los avantages du quinquina, on serait tenté de le regarder comme une sorte de panacée universelle, susceptible de remedier à tous nos maux (3)».

Decorridos 24 annos (1852), ainda Mottet exclamava: «Heureux, trois et quatre fois heureux le Pérou de posséder une si precieuse production, un si merveilleux specifique!

---

(1) Chaumeton, ob. cit. vol. V, art. Quinquina.
(2) Sarmento, ob. cit., pag. 403.
(3) Chaumeton, ob. cit., vol. V, art. Quinquina.

O fortunatos nimium sua si bona norint,
Peruvianos... (1)».

E' certo que d'então a esta parte o enthusiasmo tem esfriado um pouco e já não é cegamente que a casca peruviana se applica, para satisfazer a toda e qualquer indicação, para debellar todo e qualquer estado pathologico. Preparar-se-á uma nova apyrexia, para voltar depois novo accesso mais intenso? ou será que a observação e a experiencia tenham subjeitado a quina a restringir o campo do seu emprego therapeutico? Parece que os factos se encarregam de responder affirmativamente a esta segunda hypothese.

Senão, vejamos.

E' como antiseptico, mais como tonico e principalmente como febrifugo, que diariamente se emprega a quina. Analysemol-a em cada um dos campos therapeuticos em que foi collocada.

Primeira questão: será a quina um remedio infallivel para debellar toda e qualquer pyrexia? sel-o-á sequer contra os accessos febris periodicos? ou pelo menos contra as intermittentes d'origem paludosa?

Oiçamos a este respeito o tractado de materia medica mais recentemente publicado.

«On s'accorde généralement à reconnaître que l'action de la quinine est nulle dans les processus purement inflammatoires...; si pourtant, la temperature étant très élevée, on essaye alors l'emploi de la quinine, on trouvera que, sous son influence, l'abaissement de la fièvre ne sera jamais que très minime, tout à fait passager et sans action essentielle sur l'état général».

E mais adiante:

«Contre la fièvre *récurrente,* elle est entièrement ou à peu près entièrement sans utilité; contre le *typhus exanthématique,* son efficacité n'est rien moins que démontrée. Quant à son action sur les *exanthèmes aigus febriles,* les résultats obtenus jusqu'ici sont tout à fait discordants (2)».

Relativamente ao emprego do quinino para combater a febre typhoide, affirma-nos Bouchardat que «les résultats qu'on a obtenus ne sont ni assez beaux ni assez constants pour qu'on puisse adopter cette pratique comme méthode générale de traitement. Ce n'est que dans quelques cas exceptionnels qu'on pourra y avoir recours (3)».

Podiamos ainda, citando as observações de Socin e de Hüter, concluir com Nothnagel «que les resultats obtenus, à l'aide de la quinine, contre la septicémie, ne sont pas, en somme, bien merveilleux, et que l'emploi de l'alcool à haute dose serait peut-être préférable (4)». Podiamos similhantemente, esteiando-nos em Conrad, asseverar que, se

(1) Mottet, ob. cit., pag. 140.
(2) Nothnagel, ob. cit., pag. 549.
(3) Bouchardat, ob. cit., pag. 419 do vol. 2.º
(4) Nothnagel ob., cit., pag. 536.

as febres puerperaes leves cedem ao tractamento quinico, outrotanto não succede com as febres puerperaes graves. E assim por diante.

Mas o meu fito—julgo havel-o declarado—não é insinuar que a casca peruviana seja um mau febrifugo; é lembrar apenas que ella não é infallivel no tractamento de toda e qualquer pyrexia. E para tanto, creio que basta.

Vejamos se, restringindo-lhe o campo therapeutico, ella será, como quasi todos os auctores asseveram, um *especifico* antiperiodico.

A proposito de uma variedade de hepatite-chronica, diz Jaccoud: «...le patient n'eprouve aucun autre symptôme que des accès de fièvre intermittente à periodicité regulière, dont le type est ordinairement quotidien; mais l'erreur du diagnostic, si elle est commise, est bientôt révélée par l'inefficacité du sulfate de quinine (1)».

Mais. Sabe-se com que frequencia a febre consumptiva da phtisica assume o typo intermittente, quotidiano d'ordinario. Pois contra esse terrivel symptoma «la quinine et le sucre de saturne restent ordinairement impuissants... De la digitale seule on peut esperer quelque chose pour enrayer le travail de la destruction (2)».

Como alumno do 5.º anno d'esta Eschola, tive eu proprio occasião de verificar esta verdade. Na enfermaria de Clinica Medica fui nomeado assistente de uma tuberculosa, cujo symptoma capital era a febre consumptiva, de typo definidamente quotidiano, com exacerbações vespertinas que attingiam dois a tres graus. Foi-lhe, desde a entrada, prescripto o vinho quinado; a temperatura não se modificou. Entrou mais tarde em uso do sulfato de quinino em pó; a febre conservou o typo. Empregaram-se outros antipyreticos sem resultado. Recorreu-se á digital, que produziu de facto um abaixamento apreciavel no grau da exacerbação; teve porém que suspender-se ao fim de cinco dias o uso d'este medicamento, cujos effeitos se accumularam d'um modo manifesto. Voltou-se ao sulfato de quinino ou antes ao bisulfato, por isso que o pó era préviamente diluido em limonada sulfurica. A febre retomou o primitivo typo e alguns dias depois a doente expirava com uma temperatura de 39°2.

Tal é a efficacia da quina contra a febre consumptiva da tuberculose avançada.

Parece pois que teremos de restringir mais o campo curativo da quina como antiperiodico. Seja; e consideremos as intermittentes palustres ou miasmaticas.

Será ainda uma vez Nothnagel quem se incumba de nos limitar e definir o poder therapeutico da casca americana.

«La quinine reussit le mieux dans les cas d'intoxication paludéene qui se présentent, comme c'est l'ordinaire, sous la forme d'une fièvre intermittente quotidienne ou tierce, avec intervalles d'apyrexie bien nets; le succés est moins certain, mais l'est encore assez, dans les cas de

(1) Jaccoud, Traité de pathologie interne, 5.eme ed., pag. 338.
(2) Hirtz, art. *Digitale* in Nouv. Dict. de Med. et de Chir. pratiques.

fièvre quarte. Les revers deviennent plus fréquents quand il s'agit de ces fièvres intermittentes dites pernicieuses, s'accompagnant de symptômes nerveux graves, de phenomènes choleriformes, etc.; et cependant, dans ces cas encore, la quinine est le remède qui donne, en général, les résultats les plus favorables. Enfin, de toutes les formes de l'intoxication par la malaria, celle où la quinine réussit le moins bien, c'est la fièvre dite remittente, consistant en paroxismes dont les intervalles ne sont pas franchement apyretiques (1)».

Como se vê, eu não tento, nem posso, nem quero derrocar o pedestal, sobre que assenta a gloria da casca peruviana. Basta-me poder concluir, em face dos dados expostos, que a quina é um remedio certo contra as intermittentes typicas, que muitas vezes é importante contra as perniciosas e que só excepcionalmente combate com proveito as remittentes palustres. Quanto ás febres symptomaticas, não me parece demonstrada a superioridade da quina no tractamento d'ellas.

Cotejemos agora a casca americana com os seus succedaneos indigenas.

Comecemos pela casca de salgueiro, cuja introducção na materia medica dacta de pouco mais de um seculo.

Posto que já em 1694 Ettner tivesse empregado como febrifugo o infuso de folhas de salgueiro, foi só em 1763 que principiou de applicar-se a casca d'este vegetal contra as intermittentes. Por essa dacta, participava Stone á Sociedade Real de Londres haver curado 50 casos, dos quaes só algumas quartãs rebeldes tinham exigido o auxilio concomitante da quina.

Em 1772, Gunz declara no *Journal de Médécine,* que a casca de salgueiro é um antiperiodico infallivel. Koenig veio d'algum modo em apoio d'esta asserção, confirmando-a mais tarde (1778) por alguns casos de cura, obtida exclusivamente pela casca de salgueiro.

Em 1789, dizia Cullen: «Je n'ai pas eu beaucoup d'occasions de le donner dans les fièvres intermittentes; néanmoins le petit nombre d'essais que j'en ai fais, prouvent qu'il peut être un remède efficace dans quelques cas». E mais adiante: «Ces qualités me persuadent qu'il est un bon remède, qui donne autant d'espoir de pouvoir être substitué au quinquina, qu'aucun de ceux que l'on a proposés jusqu'ici, dont j'ai eu connoissance (2)».

No anno seguinte (1790), Loeffler «la recommanda dans tous les cas où le quinquina est indiqué (3)».

Em 1793, Coste et Willemet confirmaram na sua *Matière médicale* a asserção de Gunz; e Burtin não hesitou em votar pela infallibilidade da casca indigena.

---

(1) Nothnagel et Rossbach, ob. cit., pag. 544.
(2) Cullen, ob. cit., pag. 121 do vol. II.
(3) Sprengel, trad. por Jourdan, Histoire de la médécine. Paris. 1815. Tomo V, pag. 467.

Foi este o periodo em que o succedaneo da quina logrou gosar algum favor. Gilibert accrescentou á estatistica da casca de salgueiro alguns casos de terçãs e quartãs, radicalmente curados. Mas com o principio do seculo actual começou o periodo de declinação, ouvindo-se apenas de longe a longe algum protesto mais ou menos isolado.

E' assim que em 1805 Monier cita apenas um caso de febre perniciosa e em 1808 Bertrand e Desessartz dois casos de terçã. Pouco depois Vauters (1810) e Bromer (1812) apontam alguns casos mais numerosos, que não conseguem suster o descenso dos creditos da casca indigena.

Em 1814, Alibert, fundando-se em diversas observações, assenta que «reunissant l'amertume et l'astringent, le saule n'est donc pas sans pouvoir contre la fièvre intermittente, comme le remarque M. Vauquelin (1)». E Delamalle, quatro annos depois (1818), participa á Academia das Sciencias de Paris, que os medicos italianos de Sienne preferem a casca de salgueiro á quina.

Annos depois, a descoberta da salicina veio trazer um novo recurso á therapeutica e uma nova serie de observações favoraveis aos creditos da casca de salgueiro.

Em 1829, Gérardin noticia á Academia Real de Medicina dois casos de cura de intermittentes pelo sulfato de salicina.

Merat et Delens escrevem em 1834: «On voit par ce que nous venons de dire de l'emploi médical des écorces du saule, que sa seule vertu prouvée est d'être un assez bon fébrifuge... Á l'epoque où le quinquina était rare, on en a fait un usage plus étendu; dans les campagnes on peut encore le prescrire avec avantage, surtout chez les pauvres (2)».

Evidentemente, a casca de salgueiro perdia terreno; mas ganhava-o por outro lado, cedendo o logar á salicina.

E' assim que em 1839, Milne-Edwards et Vavasseur, alludindo ás experiencias de Miquel, Husson e Bally e muitos outros, concluem que «la salicine jouit de proprietés analogues à celle de la quinine et de la cinchonine et qu'elle agit de la même manière dans les fièvres intermittentes, mais avec beaucoup moins d'energie et par conséquent de certitude (3)».

O nome de Magendie acha-se tambem estreitamente ligado á historia do febrifugo indigena. Fonssagrives diz-nos do eminente experimentador: «Magendie, dont le scépticisme thérapeutique était notoire... mit une certaine ardeur à vanter la salicine et il dépassa, de bonne foi, la portée de ce fébrifuge. L'Académie sanctionna de son autorité les éloges prodigués à cette substance, qui prit rang, pour n'en plus sortir vraisemblablement, dans la thérapeutique des fièvres intermittentes (4)».

(1) Alibert, Nouv. élém. de thérapeutique, pag. 89 do vol. I.
(2) Merat et Delens, ob. cit., vol. VI, pag. 184.
(3) Milne-Edwards et P. Vavasseur, *Matière médicale* pag. 146.
(4) Fonssagrives, art. *Salicine* in Dict. encycl. des sc. médicales.

Em 1850, dizia da salicina J. Pereira: «It is employed in dyspepsia, intermittents, and other diseases for which cinchona and dissulphate of quina are usually exhibited. In the event of the latter becoming scarce, salicine would prove an exceedingly valuable substitute (1)».

No anno seguinte escrevia S. Dieu: «La salicine pêut être considerée comme un bon succedané des preparations quiniques (2)». E Mottet (1852), fundado em observações extranhas e proprias, avançava que «la salicine devra-t-elle être toujours préferée à la quinine, surtout lorsqu'il arrivera que l'on sera appelé à agir sur des sujets naturellement irritables et doués d'une vive susceptibilité gastrique (3)».

Na *Gazetta medica Toscana* de 1854, publicava Macari um valioso trabalho sobre a salicina, terminando por formular as conclusões seguintes: 1) a salicina póde prestar grandes serviços como succedaneo das preparações quinicas; 2) deve empregar-se na dose de 1 a 3 grammas, nos intervallos dos accessos, podendo repetir-se uma ou mais vezes; 3) a primeira dose diminue ordinariamente a intensidade do acceso seguinte, mas só raramente o evita; 4) a sua acção analoga á do quinino, é todavia mais fraca, devendo portanto preterir-se o seu emprego nas perniciosas; 5) as propriedades febrifugas da salicina são mais immediatas, quando administrada em solução do que em pilulas; 6) o preço da salicina, já muito inferior ao do quinino, reduzir-se-ia mais, desde que o consumo d'ella se generalisasse; 7) como medicamento indigena, é menos subjeita a impurezas e falsificações; 8) a salicina não dá logar a perturbações e alterações nervosas, como o sulfato de quinino, a cinchonina e o extracto de quina; 9) não ha experiencias que demonstrem se a salicina bruta é mais activa que a purificada; 10) a salicina dá sempre bons resultados nas intermittentes simples em qualquer periodo da doença, em qualquer edade e em qualquer estado do doente, incluindo a gravidez e a cachexia; 11) a salicina deve pois applicar-se todas as vezes que a quina não seja tolerada ou não produza os effeitos desejados; 12) em alguns casos todavia torna-se necessario recorrer á quina para triumphar d'accidentes periodicos, que resistem á salicina.

Creio que se não póde ser menos exigente e mais racional. E todavia nem Trousseau et Pidoux, nem Gubler, nem Bouchardat, nem Rabuteau, nem tantos outros, cujos nomes honram a materia medica actual, ligaram a menor importancia a este consciencioso trabalho. Pelo menos, nem d'elle fallam.

Só passado um seculo depois da descoberta do febrifugo indigena é que a casca de salgueiro e o seu alcaloide conseguiram envolver-se de um pequeno e leve prestigio em Portugal. Em 1862, escrevia o illustre professor Beirão: «Os medicos mais competentes do paiz e nos hospitaes mais populosos do reino teem feito experiencias com o cosimento da casca de salgueiro para curas de febres intermittentes; sobretudo de-

(1) J. Pereira, ob. cit., vol. II, pag. 1220.
(2) S. Dieu, ob. cit., vol. III, pag. 422-423.
(3) P. Mottet, ob. cit., pag. 157.

pois que o nosso illustre collega o snr. dr. Barral propoz na Academia Real das Sciencias de Lisboa um premio pecuniario para aquelle pratico, que demonstrasse irrecusavelmente a existencia de um antiperiodico indigena, que pudesse substituir o sulfato de quinina no tratamento das sezões; a casca dos salgueiros tem sido d'aquelles que mais se tem approximado do desejo de todos os medicos portuguezes.»

E a proposito da salicina diz-nos o mesmo auctor:

«Eu e todos os medicos de Lisboa fazemos bastante uso da salicina no tratamento das febres intermittentes; e tenho dado maiores dozes do que a que vem indicada. Algumas vezes nos tem parecido: 1.º que nas febres intermittentes simples a salicina cura tão segura e rapidamente como o sulfato de quinina: 2.º que n'alguns casos que teem resistido ao emprego do sulfato de quinina só pôde obter-se a cura pela salicina (1).»

Desde esta epocha, não me consta que a salicina ou a casca de salgueiro voltassem a ser empregadas entre nós, ao menos como antiperiodicos. Para as recebermos na nossa materia medica, foi-nos necessaria a sancção das observações feitas no extrangeiro durante um seculo. Para as riscarmos, bastou... terem perdido de voga havia alguns annos.

Se a casca de salgueiro desappareceu dos modernos formularios, se a salicina deixou de merecer a consideração a que tinha jus, em compensação voga hoje entre nós outra substancia, com fóros de febrifugo eminente, que é tambem um derivado da casca de salgueiro ou—melhor—da salicina. «L'acide salicylique est, à notre avis, un fébrifuge comparable à la quinine. Nous ne saurions dire encore quel est celui de ces deux médicaments qui mérite á ce point de vue, la préférence. Si le premier échoue quelques fois, il faut bien convenir qu'il en est de même pour le second (2)».

Inutil será decerto accumular citações, que authorisem uma opinião geralmente acceite e diariamente confirmada. O acido salicylico é uma substancia moderna, toda cheia de actualidade; e, por outro lado, é intuitiva a razão que me leva a occupar-me de preferencia das substancias medicinaes, que menor numero de preparações prévias exijam para a sua applicação. E' por isso que me não occuparei aqui tambem do acido phenico, posto que elle possa ser extraido de vegetaes indigenas e tenha sido applicado com vantagem como febrifugo e antiperiodico.

Um outro vegetal indigena, proposto succedaneo da cinchona, é o *Azevinho*.

Desde 1768, epocha em que Durande o julgou superior á quina no tractamento das febres intermittentes, o emprego do azevinho teve partidarios, entre os quaes se contam Millier, Hubert, Rousseau, Saint-Aimand e Magendie, e detractores, em cujo numero se nota Chomel.

Em uma memoria apresentada em 1833 á Academia de Medicina de Paris, aponta o auctor 22 casos de intermittentes observados por elle

(1) Beirão, Materia medica, pag. 162 e 163 do vol. II.
(2) Nothnagel et Rossbach, ob. cit., pag. 115.

no Hospital da Caridade. D'estes 22 casos, 7 curaram espontaneamente, sem a intervenção de medicamento algum; 4 diminuiram d'intensidade, tambem espontaneamente; mas, como esta diminuição era lenta e pouco apreciavel, Chomel interveio com o sulfato de quinino, que fez pouco depois cessar os accessos. Em 8 casos, que se faziam acompanhar de symptomas inflammatorios, bastou a debellar a febre o emprego dos antiphlogisticos. Nos 3 restantes, finalmente, foi administrado o azevinho, que não deu resultado, tornando-se necessario recorrer ao sulfato de quinino. D'estes factos conclue o auctor da memoria que «si la poudre de houx eût été prescrite dés leur entrée à l'hôpital, chez les vingt-deux sujets admis dans les salles de la clinique, ce reméde eût paru efficace chez les dix-neuf premiers individus et impuissant chez les trois derniers seulement. On eût pu regarder comme excepcionnels les trois cas dans lesquels il a échoué et conclure, avec une apparence de raison, qu'il pouvait être regardé comme un des fébrifuges les plus sûrs (1)».

E porque se não dirá outrotanto da quina e do seu alcaloide?

Quantos casos, em que estes medicamentos foram applicados, teriam curado espontaneamente? Quantas vezes o febrifugo peruviano tem desmentido a sua reputação de antiperiodico infallivel?

O nome de Chomel representa para mim uma authoridade em therapeutica; se assim não fôra, eu permittir-me-ia duvidar, por um momento, da sua boa fé.

Pois porque fatalidade, só em 3, de 22 casos, foi applicado o azevinho? Os 7, que curaram espontaneamente, tanto provam contra o medicamento exotico, como contra o indigena. Os 8 casos, curados pelos antiphlogisticos, estão nas mesmas condições. Porque motivo se não tentou o emprego do azevinho nos 4 casos em que a cura foi apressada pelo sulfato de quinino?

Felizmente que a reputação do illustre clinico serve de garantia á sua probidade scientifica, o que restringe a duvida aos 3 casos tractados pelo azevinho. Seriam porventura más as folhas empregadas? mal colhidas? mal preparadas? seriam até mal administradas, o que aliás succede facilmente nos hospitaes?

Seja como fôr, se attendermos a que as folhas d'azevinho foram administradas «parfois avec succés, contre les fièvres intermittentes palustres (2)»; se attendermos, por outro lado, a que «c'est un remède qui serait précieux si nous n'avions pas le sulfate de quinine (3)»; decerto não hesitaremos em conceder ao azevinho um logar honroso entre os succedaneos da casca americana.

E' certo que o medicamento não é infallivel; mas, porque não póde a agua extinguir alguns incendios, segue-se que a ponhamos de parte, quando se tracte de combater as chammas?

---

(1) Chomel. Mem. de l'Acad. Royale de Med., vol. III, pag. 334.
(2) Gubler, ob. cit., pag. 179.
(3) Bouchardat, ob. cit., pag. 447 do vol. 2.º.

Entre os succedaneos da quina, encontra-se ainda o *choupo,* em cuja casca foi encontrada a salicina.

Os amargos puros tambem foram empregados como febrifugos. J. B. Chomel escrevia em 1738: «Avant la découverte du quinquina, on se servoit communément de cette plante *(genciana);* mais elle a perdu beaucoup de son crédit depuis l'usage de cette drogue étrangere. Nos païsans des Alpes & des montagnes d'Auvergne s'en servent cependant dans les fièvres, & presque toûjours avec succès (1)». E relativamente á *erythrea:* «Quelque réputation que se soit acquis le quinquina dans la guérison des fièvres, il n'a pas détruit celle de la petite centaurée (2)».

Marchand diz a respeito d'esta ultima planta: «C'est pour ainsi dire notre Quinquina indigène, partout on voit cette plante employée comme fébrifuge par les gens du peuple. Quelques praticiens même l'indiquent à leurs malades et les guérissent parfaitement.» E accrescenta: «...le quinquina lui-même n'est pas infallible, et j'ai vu la Petite-Centaurée réussir là ou le quinquina avait échoué (3)».

Sem que o nosso enthusiasmo nos leve a considerarmos os amargos indigenas como antiperiodicos superiores á quina, julgamos todavia perfeitamente acceitavel a opinião de Hamelin: «C'est précisément dans les vieilles fièvres, mal traités au debut, à accés incomplétement dessinés, pour lesquelles les malades ont usé et abusé des préparations de quinquina, que les amers indigènes reussissent le mieux; car alors ils rachètent par la possibilité d'un emploi prolongé le peu d'intensité de leur action et rendent ainsi des services que l'on ne pourrait obtenir de moyens plus énergiques, habituellement plus efficaces, mais contre lesquels l'estomac se révolte (4)».

Os adstringentes puros, representados pelo *tannino,* foram tambem applicados para combater as intermittentes. Leriche, depois de citar uma serie de observações por elle feitas no hospital militar a seu cargo, conclue que: 1) o acido tannico puro e convenientemente administrado é um excellente antiperiodico; 2) obra d'um modo efficaz no tractamento de todas as intermittentes de typo quotidiano; 3) a facilidade da sua obtenção, a modicidade do preço, a innocuidade dos effeitos tornam-o preferivel ao sulfato de quinino ou, pelo menos, aos outros derivados da quina; 4) reune portanto as condições de um bom succedaneo e constitue até hoje o melhor dos febrifugos indigenas (5).

Pela sua parte, os amargos aromaticos e nomeadamente o *absinthio,* gosaram tambem d'uma certa importancia no tractamento das intermittentes. «We are told of its good effects, diz Hooper, in a great variety of diseases, as intermittent fevers, hypochondriasis» etc. «Notwith-

(1) Chomel, ob. cit., vol. II, pag. 458.
(2) Id., pag. 461.
(3) Marchand, art. *Centaurées* in Nouv. Dict. de med. et de chir. pratiques.
(4) Hamelin, art. *Chicorées* in Dict. encycl. des sc. med.
(5) Leriche, *Du tannin,* Paris 1861; pag. 27.

standing which, it is so seldom used in the present day, that it is difficult to find it in the shops (1)».

A *camomilla* parece ser talvez o unico dos amargos aromaticos, que ainda encontra defensores. Marchand diz-nos a este respeito: «Avant l'apparition du quinquina, la camomille était l'antipériodique par excellence et elle est de tous nos fébrifuges indigènes un de ceux qui sont le plus restés en usage (2)».

E' tambem esta a opinião de Trousseau e Pidoux: «Avant la découverte de l'écorce du Pérou on se servait beaucoup de la camomille pour suspendre les accès des fièvres intermittentes». E mais abaixo: «Des auteurs graves et versés dans la connaissance des fièvres intermittentes ont obtenue avec la camomille la guérison parfaite de pyrexies périodiques bien caractérisées.» Cita, em apoio, algumas observações de Morton, fazendo notar que «la poudre de fleurs de camomille a procuré à Morton des cures que n'avait pu produire l'écorce du Perou (3)».

Vem de molde lembrar tambem a *centaurea calcitrapa*, a cujo emprego como antiperiodico andam ligados os nomes de Tournefort, Geoffroy, Linneu, Buchner, Gilibert, etc. Ainda ha bem poucos annos, publicava Eugène Bertin no Montpellier Medical (4) uma serie de observações, tendentes a comprovar o valor da centaurea calcitrapa nas intermittentes. «Tandis qu'elle rivalise avec le sulfate de quinine au point de le remplacer, du moins dans tous les cas exempts de danger, elle se presente à côté de lui sans aucune valeur commerciale.»

Para que augmentar a lista já numerosa dos succedaneos indigenas da quina? Num caso instante, em que seja difficil e morosa a acquisição dos febrifugos exoticos, não terá o facultativo ao seu alcance uma entre tantas plantas, o salgueiro, o azevinho, a genciana, a erythrea, o absinthio, a camomilla, a calcitrapa? Se tem de receitar a um doente pobre ou, o que tambem póde succeder, se receia que o sulfato de quinino seja falsificado, não lhe bastará o recurso da salicina, cujo preço no nosso mercado é dez vezes inferior ao do alcaloide americano (5), e cuja falsificação é portanto menos provavel? E como a salicina, o acido salicylico e os seus derivados? e como estes o acido tannico?

---

(1) Hooper, ob. cit., art. *Artemisia absintium*.
(2) Marchand, art. *Camomille* in Nouv. Dict. de med. et de chir. pratiques.
(3) Trousseau et Pidoux, ob. cit., pag. 751-752.
(4) Montpellier Medical, 1876.
(5) E' claro que me não refiro aqui ao Regimento vigente, segundo o qual, cada gramma de salicina custa 160 reis, ao passo que uma egual quantidade de sulfato de quinino se obtem por 240 reis. No catalogo dos preços correntes da nossa primeira casa fornecedora, Rodrigues & Rodrigues, de Lisboa (1880), leio eu:

Quinino, sulfato inglez, 1 gramma	120
Salicina, 10 grammas	120

De passagem direi que não extranho que os snrs. pharmaceuticos vendam por 240 o que compram por 120. A pharmacia é rigorosamente um ramo do commer-

Supponhamos, porém, que se tracta de um doente rico ou abastado, vivendo 'num centro populoso, onde as pharmacias abundem, onde existam todas as probabilidades de encontrar sulfato de quinino puro, não adulterado. A questão 'neste caso remove-se naturalmente do campo em que tenho procurado conserval-a. Serei o primeiro a collocar-me ao lado dos meus collegas, que preferirem o alcaloide da quina; concordarei até certo ponto em que os snrs. pharmaceuticos continuem a receber 240$000 reis pelo kilo de sulfato de quinino; mas dirigir-me-ei aos poderes publicos, para que promovam e instiguem a cultura da quina nas colonias portuguezas.

Gubler, depois de ter feito notar os exforços que diversas nações da Europa teem empregado para obterem a acclimação das cinchonas nas possessões ultramarinas, accrescenta: «Le Portugal a fait des efforts sérieux aux îles Canaries (1)». Infelizmente, o illustre therapeuta enganava-se por extenso. Nem as ilhas Canarias nos pertencem, nem nós fizemos nunca exforços serios por acclimar a quina. E no entanto, «poucas culturas tem mais probabilidade de lucro, e de lucro grande, do que a das plantas que dão a quina. A despeza é relativamente pequena, porque a acquisição de plantas é facil, e a cultura propriamente dicta exige pouco trabalho (2)».

Nada podemos fazer de melhor a este respeito do que transcrever mais alguns periodos do excellente opusculo do dignissimo professor de botanica da Universidade de Coimbra.

«Para que a cultura seja productora, é condição indispensavel que o clima da localidade, onde ella se faz, lhe seja apropriado. Esta condição, porém, realisa-se admiravelmente em algumas possessões portuguezas da costa d'Africa, onde já se fizeram ensaios; e tudo leva a crer que as plantas da quina poderão prosperar egualmente n'outras terras do dominio portuguez em Africa e em Asia. E' preciso pois que a cultura, apenas ensaiada em alguns logares, tome o desenvolvimento que convem para produzir resultados lucrativos.

«Até hoje o jardim botanico da Universidade de Coimbra tem dado crescido numero de sementes e de plantas; e continuará, como espero, a auxiliar todos aquelles que dedicarem a sua actividade a tornar effectiva uma cultura tão util a todos os respeitos.

. . . . . .

«A ilha de S. Thomé, pela sua posição, e pelo que d'ella se sabe já em relação ás plantas da quina, que ahi têm prosperado admiravelmen-

---

cio. Que porém, legalmente, cobrem 1:600 por aquillo que lhes custa apenas 120, apesar do respeito que sinto pelas leis do paiz, não comprehendo; e declaro-o francamente, o que é mais.

Note-se que a salicina da casa citada é importada do extrangeiro. O seu consumo regular no nosso paiz traria a obtenção d'ella pelos nossos pharmaceuticos e portanto a diminuição necessaria do seu preço.

(1) Gubler, ob. cit., pag. 315.

(2) Julio A. Henriques, Instrucções praticas para a cultura das plantas que dão a quina. Coimbra 1880.

te, parece destinada a produzir plantas, que poderão ser distribuídas pela costa occidental da Africa. A Asia portugueza póde obtel-a das visinhas plantações inglezas; e Timor poderá receber egual auxilio das culturas hollandezas».

E não se julgue que as cinchonas perdem com a acclimação alguma parcella do seu valor therapeutico e commercial. O snr. Joaquim dos Santos e Silva, preparador no Laboratorio Chimico da Universidade, encontrou na casca de uma cinchona cultivada na ilha de S. Thomé, para 1:000 partes 47,56 de quinino e 7,24 de cinchonina; e o snr. Eugenio Simões Diogo, pharmaceutico de Cabo Verde, analysando as quinas da ilha de S.to Antão, achou para 1:000 partes 35,475 de quinino e 11 de cinchonina. Póde pois, em vista d'estes dados, considerar-se o vegetal peruviano

melhor tornado no terreno alheio.

Que aquelles, a quem compete, animem portanto a cultura da quina nas possessões ultramarinas portuguezas e que a iniciativa particular, cogulando de eucalyptos o continente, cubra de cinchonas a nossa Africa. O erario augmentará os seus redditos, os facultativos não receiarão tanto as falsificações, os pharmaceuticos não entregarão a extrangeiros o capital que representa a compra da quina, os doentes finalmente, verão o custo das formulas baixar sensivelmente.

Haverá talvez um contra, para então; mas esse não sei como evital-o. E' que desde que seja facil a obtenção da quina e do seu alcaloide, estarão estes medicamentos muito mais subjeitos a... perderem de moda.

Resta-nos analysar a quina como tonico e como antiseptico.

Anteporemos ainda a salicina ao sulfato de quinino, sob o primeiro d'estes pontos de vista. «It is less apt to disturb the stomach than cinchona», diz J. Pereira a respeito da casca de salgueiro; e mais longe accrescenta: «Salicine possesses tonic properties analogous to disulphate of quina, than which it is less liable to irritate the stomach (1)».

Gubler, pela sua parte, considera tambem a salicina «une substance d'une amertume forte et franche, jouissant de proprietés toniques analogues à celles de la Quinine, sans avoir au même degré l'inconvénient d'irriter l'estomac (2)».

Fonssagrives (3) diz-nos: «Je rapproche la salicine de la quinine, parce que ce médicament, très-curieux et trop dédaigné, a avec la quinine une grande analogie d'action et d'adaptations thérapeutiques».

(1) J. Pereira, ob. cit., vol. II, pag. 1218 e 1220.
(2) Gubler, ob. cit., pag. 364.
(3) Ob. cit. vol. II, pag. 69.

E como estas, poderia citar muitas asserções de eminentes therapeu'as.

Da quina, como antiseptico, fallarei mais adiante.

VI

ADSTRINGENTES

«Notre flore indigène est riche en substances astringentes, et l'empirisme lui fait de larges et fréquents emprunts pour le traitement des diarrhées chroniques.»

Fonssagrives, ob. cit. vol. I, pag. 589.

Se existe realmente um grupo de substancias medicamentosas, em que a intervenção de plantas exoticas é, mais que um luxo, talvez um abuso, esse grupo é o dos adstringentes.

Não sei de nenhum tractado de materia medica, em que não venham apontadas como agentes stypticos de primeira ordem a casca de carvalho e a tormentilla. Da primeira diz Milne-Edwards (1): «L'écorce de chêne est un des astringents les plus energiques, á cause de la grande quantité de tannin qui entre dans sa composition». Gubler (2) confirma assim essa asserção: «Elle (a acção physiologica da casca de carvalho) est semblable à celle de tous les végétaux chargés de tannin, mais plus énergique que dans la plupart d'entre eux». Da tormentilla, todos concordam em que «c'est un des meilleurs astringents indigènes (3)», qui ne le cède en rien au ratanhia (4)» «et peut parfaitement remplacer le cachou dont il a toutes les proprietès (5)».

Poderão justificar-me agora a importação de productos vegetaes adstringentes 'num paiz, que, se não possuisse o carvalho e a tormentilla, ainda tinha a persicaria semprenoiva, a congossa ou vinca, a potentilla, a agrimonia, a romeira, a roseira e tantas outras que tiveram fama e proveito na therapeutica antiga e na medicina popular? Pois o facto dá-se; e nós vemos empregar diariamente o cato, o kino, o sangue-drago, que nos véem da India, e a ratanhia, a monesia e o guaraná, que nos envia a America do Sul.

Vejamos se é possivel explicar esta preferencia. Comecemos pelo cato, a que todos parece darem as honras de primazia.

(1) Ob. cit., pag. 98.
(2) Ob. cit., pag. 83.
(3) Gubler, ob. cit. pag. 412.
(4) Heraud, ob. cit., pag. 484.
(5) Dieu, ob. cit., pag. 717.

Diz-nos Rabuteau (1): «En effet, ce qui distingue les cachous, ce qui les fait rechercher pour les usages thérapeutiques et hygiéniques, c'est leur goût sucré, agréable et même parfumé, associé à un pouvoir astringent considerable».

Quanto á questão d'adstringencia consideravel, visto que «les cachous doivent leurs propriétés médicales à l'énorme proportion de tannin qu'ils renferment (2)», e que varía de 36 a 54 por cento (3), eu conheço um producto indigena, cuja proporção de substancia adstringente é superior á do cato, porque é de 100 por cento: é o tannino. Agora relativamente ao gosto assucarado, agradavel e até perfumado, quer parecer-me que é mais uma questão de correctivo que de base.

Demais esta propriedade physica do cato não é constante ou, melhor, depende da qualidade e grau de pureza do producto. Jonathan Pereira (4) diz-nos do cato: «When of good quality it is more powerful than kino. In its operation it is closely allied to rhatany root». S. Dieu (5), citando as analyses de Guibourt sobre nada menos de dez variedades de cato, encontradas no commercio, affirma-nos que o «cachou en boules... est le meilleur, mais il manque dans le commerce»; mais abaixo, que o «cachou noir et mucilagineux c'est une mauvaise qualité de cachou»; depois que o «cachou brun siliceux, c'est celui que l'on trouve le plus ordinairement dans le commerce et qui parait à M. Guibourt un produit frauduleux»; finalmente, para não fatigar o leitor, que o «cachou hemispherique... paraît être un extrait de cachou preparé en Europe, pour suppléer au manque de bonnes sortes de cachou». Note-se que esta variedade de cato possue «une saveur trés astringente et un goût de fumée». Não prima pois por assucarado, agradavel e perfumado.

E, perante estas asserções, que certeza pode ter o facultativo, de que a substancia que elle receita, possue as propriedades physicas e therapeuticas, que lhe assignala Rabuteau?

Julgo poder concluir que a superioridade do cato, pelo menos, não está demonstrada.

Relativamente ao kino, o que o distingue do cato é «l'absence complète d'arrière-goût sucré (6).» Além d'isso «il se rapproche du cachou, mais il a moins d'énergie (7),» é «less effective... than catechu, to which in its operation it is closely allied (8).» Finalmente «le bon kino est rare et cher (9).»

---

(1) Ob. cit. pag. 977.
(2) Gubler, ob., cit., pag. 53.
(3) Idem, ibidem.
(4) Ob. cit., pag. 1855. vol. II.
(5) Ob. cit., pag. 691 e seguintes, vol. IV.
(6) Rabuteau, ob., cit., pag. 977.
(7) Paulier, ob. cit. pag. 721.
(8) Pereira, ob. cit., pag. 1842, vol. II.
(9) Bouchardat, formulaire, pag. 345.

Do sangue-drago diz Milne-Edwards (1): «son action nulle ou du moins très faible, en a fait presque complétement abandonner l'usage, de nos jours». Jonathan Pereira (2) não põe duvida em affirmar que «it is inert, or nearly» e accrescenta que o sangue-drago «is never prescribed by medical practitioners.» Gubler (3) tem um certo escrupulo em riscar esta substancia do catalogo da materia medica. Confessa que «des thérapeutistes autorisés le declarent inerte;» mas ainda assim parece-lhe que «cette substance résineuse possede des vertus, moins merveilleuses, assurément, que ne les montrait l'enthusiasme un peu irréfléchi des premiers observateurs, mais pourtant réelles et utiles.» Seja como for, influencia da moda ou dos resultados obtidos, o facto é que «aujour-d'hui il est presque inusité (4)» e não serei eu que procure levantal-o do ostracismo a que está condemnado.

Restam-nos as substancias de procedencia americana.

A ratanhia é incontestavelmente um bom styptico: «son action tannante, astringente est pourtant moindre que celle de l'écorce de chêne (5).» *Ergò...*

Da monesia escrevia Paulier (6) em 1878: «est une écorce exotique dont la véritable origine n'est pas encore bien connue.» Creio que tanto basta para esperar que as suas propriedades variem, na intensidade ao menos, com as especies de que é extraida.

Do guaraná, finalmente, em parte alguma lemos motivo que nos levasse a preferil-o a qualquer dos adstringentes indigenas. E' um styptico, á maneira de todos os vegetaes que conteem tannino.

Em resumo. Querem um adstringente energico? A casca de carvalho. Preferem reserval-o para uso externo e escolher outro que melhor seja tolerado pelas vias digestivas? A tormentilla. Optam por uma substancia que lhes permitta dosarem com certo rigor os effeitos physiologicos e therapeuticos? O tannino. Desejam um adstrigente brando e agradavel ao paladar? A conserva de cynorrhodons. 'Num caso urgente, carecem de um styptico barato e facil d'obter? As sylvas, a sempre-noiva.

Creio que basta. Se não, a flora adiante descripta, encarrega-se de fornecer plantas que vão atulhar o arsenal adstringente da therapeutica, sem que seja preciso pedir auxilio á India e á America.

---

(1) Ob. cit., pag. 97.
(2) Ob. cit., pag. 1843, vol. II.
(3) Ob. cit., pag. 355.
(4) Heraud, ob. cit., pag. 435.
(5) Id., pag. 288.
(6) Ob. cit., pag. 712.

VII

ESTIMULANTES

«Beaucoup de nos plantes indigènes acquerraient un prix élevé aux yeux des médecins et de leurs clients, si elles croissaient sur les montagnes des Cordillières ou dans les forêts de l'Australie.»

H. Rodin. Les plantes médicinales et usuelles, pag. 5.

As substancias, empregadas em therapeutica sob a designação de excitantes geraes, procedem na sua maxima parte do reino vegetal e são na sua generalidade plantas ou productos indigenas, derivados das quatro grandes familias naturaes, labiadas, synantheraceas, umbelliferas e cruciferas. A' frente dos excitantes geraes indigenas, não receamos collocar o alcool; que, se a *Vitis vinifera* nos foi trazida de longes terras, o nosso paiz perfilhou-a, como se d'aqui fôra oriunda.

Dos excitantes exoticos véem na primeira linha os chamados *alimentos de poupança:* o cha, o cafe, o chocolate, o mate e a coca. Empregados diariamente como alimentos e só excepcionalmente como medicamentos, o cha, o cafe e o chocolate são entre nós objecto de um commercio activo, que, mais ou menos puros, os colloca, a bem dizer, ao alcance de todos. Não carecem portanto de succedaneos indigenas. A coca e o mate, pela sua parte, não se introduziram ainda nos nossos mercados, nem me parece que por ora se tenha tornado sensivel a sua falta. Ainda assim nenhuma d'estas substancias disputa primazias ao unico alimento de poupança, que a nossa terra produz: o alcool.

Quasi nas mesmas condições bromatologicas e commerciaes se encontram outros excitantes exoticos, de facil obtenção, como a canella, a noz muscada, o cravo da India, a pimenta, os cominhos etc. O uso ou antes o abuso, que d'esses condimentos se estabeleceu entre nós, tem feito consideral-os mais como substancias nocivas á conservação da saude, que como meios do seu restabelecimento, quando perdida.

A casca de Winter, perfeitamente substituivel e muitas vezes substituida pela canella, «n'existe plus dans le commerce et on lui substitue d'autres écorces aromatiques que l'on désigne sous le nom générique de fausses écorces de Winter (1).»

(1) L. Marchand, art. *Écorce de Winter* in Nouv. Dict. de med. et de chir. pratiques.

Se, como disse, a canella póde substituir, e substitue de facto, a casca de Winter, a seu turno «les feuilles de notre Laurier commun, *Laurus nobilis* Linn., sont quelquefois employées pour remplacer les écorces de Canelle (1).»

A cascarilha «rarement, usitée en France (2)» e ainda menos entre nós, a serpentaria da Virginia, o sassafraz, a contraherva e tantos outros excitantes exoticos, de que se acha pejada a materia medica, são, a nosso ver, perfeitamente dispensaveis 'num paiz, em que póde apresentar-se uma lista tão numerosa de medicamentos indigenas satisfazendo ás mesmas indicações. Essa lista, eil-a.

Labiadas: alecrim, alfazema, calamintha ou neveda, hera terrestre, hortelã, hyssopo, melissa ou herva cidreira, poejos, rosmaninho, serpão etc.

Synantheraceas: absinthio, artemisia, arnica, camomilla, macella, tussilagem etc.

Umbelliferas: aipo, angelica, endro, funcho etc.

Cruciferas: agrião, cochlearia, mostarda, rábão etc.

Juntemos a estas plantas ainda o loureiro e o lupulo e como acclimadas, a nogueira, a laranjeira, o limoeiro e outras auranciaceas, e digam-me depois se haverá razão que justifique nas nossas formulas a introducção dos excitantes geraes, de procedencia extranha?

Quer parecer-me que não.

Resta-nos fallar do grupo natural dos balsamicos, chamados por outros, medicamentos bronchicos e genito-urinarios.

A incommensuravel serie das resinas, terebinthinas e balsamos, que em todos os tempos occupou bom numero de paginas dos tractados de materia medica, não nos roubará a nós muito espaço. Limitar-nos-emos a citar d'estes medicamentos os que actualmente gozam de certo favor.

As terebinthinas e os derivados, resinas e essencias, apresentam o seu typo na chamada terebinthina de Bordeus, obtida por incisões praticadas no tronco do pinheiro bravo, a arvore por ventura mais commum em Portugal. As outras terebinthinas gozam de propriedades analogas e são geralmente raras no commercio por desusadas.

«A terebinthina dos nossos pinheiros bravos... tem muito pouco oleo essencial e é quasi exclusivamente formada de resina; com tudo nós possuimos no gabinete de materia medica uma amostra d'excellente oleo essencial de terebinthina, obtido nas nossas matas de Leiria (3)».

Não insistirei sobre as vantagens da exploração dos nossos vastos pinhaes no sentido que deixo apontado.

---

(1) Id., art. *Canelles* in id.
(2) Bouchardat, ob. cit., vol. 1.º, pag. 430.
(3) Beirão, ob. cit., vol. II, pag. 140, nota.

Dos balsamos propriamente dictos, é o de Tolu o mais empregado ainda hoje, vindo em seguida o balsamo do Peru e o benjoim. As indicações a que elles satisfazem são as do emprego de terebinthina e da sua essencia, da seiva e dos renovos de pinheiro. Só para variar as formulas, quando a indicação subsiste, me parece justificavel a admissão dos balsamos na materia medica.

Pelo que respeita á copaiba e ás cubebas, devo convir em que não temos ainda entre nós um succedaneo experimentado, cuja reputação esteja seguramente estabelecida. E todavia a necessidade d'esse succedaneo faz-se diariamente sentir, já pela frequencia com que são falsificados estes medicamentos, já pela repugnancia que, quando puros, causam aos doentes.

Jeannel, estudando as cubebas no tractamento da blenorrhagia urethral, considera a essencia de alecrim *(Rosmarinus officinalis* L.*)* como um succedaneo e adjuvante «d'une valeur positive (1)». E' mais uma substancia a experimentar, sanccionada além d'isso por um nome illustre.

Não terminaremos sem lembrar que «les baies de Genièvre pourraient être prescrites comme anticatharrales, aussi bien que les au res balsamiques: elles ont même été employées à ce titre dans les écoulements de l'urèthre et des organes génito-urinaires (2)». E o zimbro é, como se sabe, uma planta de flora portugueza.

VIII

IRRITANTES

«Il n'y a que le peuple qui emploie les plantes indigènes et les herboristes qui les prescrivent... Les médecins, qui les connaissent d'ailleurs fort peu, en prescrivent comme boissons domestiques; encore emploie-t-on plus fréquemment celles que l'on cultive que celles qui croissent dans leurs sites naturels!»

Merat et Delens, ob. cit., vol. VII, pag. 381.

A mostarda, *Sinapis nigra* L., tão cultivada nos nossos campos, como abundante nas nossas pharmacias, é o rubefaciente d'origem vegetal mais, se não exclusivamente, empregado. E todavia a flora indigena possue outras especies do mesmo genero, entre as quaes a *S. alba*

(1) Jeannel, art. *Copahu* in Nouv. Dic. de Med, et de Chir. prat.
(2) Gubler, ob. cit., pag. 155.

L., cujas sementes «jouissent absolument des mêmes propriétés, seulement à un degré moins prononcé (1).»

O *mezereão*, cuja casca ainda hoje goza uma certa consideração na materia medica, não leva apreciavel vantagem sob e as especies congeneres e nomeadamente sobre o *trovisco*. «As especies indigenas do genero *daphne*—o trovisco ordinario ou femea (*D. Gnidium*, Linn.), o *D. villosa*, Linn., bem como a especie cultivada, e hoje quasi espontanea em volta de Cintra e Collares (*D. laureola*, Linn.), possuem as mesmas propriedades que o *D. mezereum*, Linn. (2).» Figueiredo tambem, referindo-se ás especies *gnidium* e *laureola*, affirmava que «nellas possuimos todas as virtudes medicas, e veterinarias das outras especies do mesmo genero (3).» Rabuteau vae mais longe; considera o trovisco preferivel aos outros daphnes, quando nos diz que «à la place de l'écorce de garou, on peut employer, soit celle du *Daphne mezereum* ou *bois-gentil, lauréole femelle*, qui est moins energique et moins usitée en France, soit celle du *Daphne laureola*, ou *lauréole male* (4).»

O mesmo auctor ennuncia que «les effets du garou présentent la plus grande analogie avec ceux des cantharides. Mais ils s'en distinguent en ce qu'ils sont même marqués du coté des voies urinaires, et *qu'ils ne se manifestent pas après l'application de cet agent sur la peau, lors même qu'elle est depouillée de son épiderme* (5).»

A raiz de *bryonia* é tambem um topico irritante. «Appliquée en rondelles sur la peau, elle cause une vive irritation qui peut aller jusqu'à la production de phlyctènes (6).» D'aqui resulta que «l'action rubéfiante de sa racine pourrait être mise à profit au cas où l'on manquerait de moutarde (7).»

Quanto ás *ranunculaceas*, «à défaut de moutarde, on peut employer ces diverses plantes contuses et reduites en une masse pulpeuse, qu'il n'est pas nécessaire d'appliquer à nu, et qui agit très-bien entre deux linges (8).»

Segundo Polli, citado por Bouchardat, a irritação produzida pela haste e folhas dos ranunculos acre (*R. acris*) e dos valles (*R. sceleratus*) e pelas flores do ranunculo flamula (*R. flamula*), é mais intensa e accompanhada de um mais abundante escoamento de serosidade, que por qualquer outro epispastico; além de menos dolorosa e isempta dos inconvenientes das cantharidas (9).

A's tres especies indigenas, que deixo apontadas podemos ainda juntar o ranunculo bulboso (*R. bulbosus*), experimentado tambem por

---

(1) Milne Edwards et P. Vavasseur, ob. cit., pag. 429.
(2) Macedo Pinto, Toxicologia geral e especial. Coimbra 1869. Pag. 679.
(3) Figueiredo, ob. cit., pag. 208.
(4) Rabuteau, ob. cit., pag. 1005.
(5) Id., ob. cit. pag. 1004.
(6) Fonssagrives, ob. cit., vol. II, pag. 392.
(7) Heraud, ob. cit., pag. 78.
(8) Trousseau et Pidoux, ob. cit., pag. 636 do vol. I.
(9) Bouchardat, ob. cit., vol. 1.º pag. 143.

Polli, mas que não foi até hoje descripto na flora portugueza. As outras ranunculaceas espontaneas no nosso paiz, empregadas mais raramente como irritantes, são a ficaria ranunculoide, a caltha palustre e a anemona dos bosques. Esta ultima, que tambem faz parte da flora portuense, «produit sur la peau une irritation comparable à celle de la moutarde (1).»

Se não julgassemos sufficiente o numero dos irritantes citados, poderiamos ainda ajuntar-lhe o suco da *celidonia* (2), o da *euphorbia paralias* (3) e outras especies congeneres (4), as folhas e raizes frescas do *jaro* (5), as folhas contusas da *vermicularia* (6), a alcoolatura das *droseras* (7) etc.

IX

ANTISPASMODICOS

«Notre matière médicale n'est pas aussi pauvre qu'on l'a faite, et si l'on mettait à son étude le soin que l'on apporte à celle des produits que le commerce nous livre à grands frais, cette verité n'aurait pas besoin d'être rappelée.»

Journ. de med. de Bordeaux, fev. 1852.

O logar d'honra 'neste grupo de medicamentos pertence actualmente á raiz de *valeriana*. A especie ordinariamente empregada é a officinal *(V. officinalis)*, e depois d'essa a dos jardins *(V. Phu)*. Se bem que perfeitamente acclimadas, nenhuma das duas especies é indigena, o que levou o dr. Beirão a propôr para succedaneas as valerianas vermelha, calcitrapa e discoidea.

Os medicamentos chamados cyanicos são tambem empregados como antipasmodicos. As plantas, em que se aproveita a acção therapeutica do acido cyanhydrico, limitam-se actualmente a duas, as folhas do *louro-cerejo* e as *amendoas amargas*. Sobre as vantagens do emprego de

(1) Gubler, ob. cit., pag. 18.
(2) Id., ob. cit., pag. 83; Bouchardat, ob. cit., pag. 17 do vol. I.
(3) Hopper, ob. cit., art. *Euphorbia*.
(4) Vidè Flora, art. Euphorbia maleiteira, obs.
(5) Fonssagrives, art. *Arum* in Dict. encycl. des sc. médicales.
(6) Milne-Edwards et Vavasseur, ob. cit., pag. 430.
(7) Journal de thérapeutique, 1878, vol. V, pag. 587.

qualquer d'estes medicamentos, bastará lembrar «que les eaux distillées d'amandes amères et de laurier-cerise sont des médicaments infidèles, parce qu'ils varient dans leur composition suivant la qualité des matières employées, le procédé de distillation suivi et l'ancienneté du produit (1)».

Mais ainda. «Tandis que 120 grammes d'une eau de laurier-cerise preparée au printemps, ne produisent aucun effet, 10 grammes de cette même eau préparée à Montpellier pendant le mois de juillet pourront empoisonner (2)».

Em vista d'isto e apesar de que a amendoeira é uma planta frequentemente cultivada no nosso paiz, podendo portanto ser considerada um bom succedaneo do louro-cerejo, eu preferirei todavia abster-me do emprego de taes medicamentos. Se elles actuam—e é a opinião geral—pelo acido cyanhydrico da sua constituição, parece-me talvez mais rasoavel administrar o proprio acido, cujos effeitos se podem melhor dosar.

O conchelo dos telhados, *Cotyledon umbilicus* L., planta vulgarissima por todo o reino, foi preconisado por auctores insuspeitos como um bom antispasmodico. O nosso illustre conterraneo F. A. Rodrigues Gusmão, depois de citar um facto de cura pelo conchelo na epilepsia, termina: «Ficou plenamento demonstrada, para nós, a efficacia therapeutica do Cotyledon Umbilicus n'este caso de Epilepsia diuturna, e corroboradas as consequencias, que das suas observações tiraram Salter e Bullar, a respeito d'este medicamento (3)».

Fonssagrives tambem confirma as virtudes antispasmodicas da planta referida. «Cette plante grasse, de la famille des crassulacées, a été employée avec succés contre l'epilepsie, en Espagne et en Portugal... Nous-même avons obtenu, à l'aide de ce médicament, un succès garanti déjà par plusieurs années d'èpreuve et qui s'est produit dans les conditions les plus demonstratives (4)».

Dos excitantes aromaticos, empregados como antispasmodicos, diremos apenas dos principaes. Entre as labiadas, as diversas especies de *alfazema* (5) e a *melissa officinal* (6), e entre as synantheraceas a *artemisia vulgar* (7), são diariamente prescriptas para satisfazer a esta indicação. As *umbelliferas* aromaticas fazem tambem parte da medicação antispasmodica e são perfeitamente substituiveis á unica umbellifera resinosa empregada entre nós e importada da Persia, a asa-fetida.

Os outros productos de umbelliferas exoticas, descriptos na materia medica, sagapenum, galbanum, opoponax, «sont très-peu employés,

(1) Bouchardat, ob. cit., vol. I, pag. 190.
(2) Id., ib., pag. 187.
(3) Journ. das sc. med. de Lisboa, 2.ª serie, tomo XII, pag. 143.
(4) Fonssagrives, ob. cit.,
(5) Heraud, art. *Lavande* in Nouv. Dict. de med. et de chir. pratiques.
(6) Bouchardat, ob. cit., vol. 1.º pag. 398.
(7) D. de Savignac, art. *Armoise* in Dict. encycl. des sc. medicales.

bien que leurs proprietés soient analogues à celles de l'asa-foetida. Ils servent souvent à falsifier cette dernière (1)».

A *tilia,* indigena em França, e a flôr e as folhas da *laranjeira,* naturalisada entre nós, são frequentemente prescriptas sob a fórma de hydrolatos, antes como vehiculos, do que como adjuvantes das poções antispasmodicas.

Pondo de parte, por desnecessarios, os outros medicamentos d'este grupo, já indigenas, já exoticos, não terminaremos todavia sem lembrar a *ambrosia do Mexico* e a *ambrosia vulvaria,* ambas espontaneas no nosso paiz.

A ambrosia vulvaria, *Chenopodium vulvaria* L., deve as suas propriedades á propylamina, alcaloide proposto succedaneo do oleo de figado de bacalhau, e foi por Cullen considerada um bom antispasmodico. A ambrosia do Mexico, *C. ambrosioides* L., exhala um cheiro d'ambar, que pela sua intensidade, «le designe pour les cas où les antispasmodiques d'origine animale reussissent particulièrement (2)».

X

EXCITO-MOTORES

«Si elle ne peut alléguer comme ses rivales une origine lointaine, elle a pour elle au moins d'antiques services depuis longtemps affirmés.»

Journ. de thérapeutique, vol. III, pag. 868.

Os vegetaes actualmente classificados 'neste grupo, são os chamados medicamentos strychnicos, noz vomica e fava de S. Ignacio, com a cravagem de centeio.

Não nos occuparemos da *cravagem,* cuja causa não carece de defensores. Não lastimaremos a frequencia do emprego da *noz vomica,* posto que «il est évident que ce médicament est très-dangereux, et que son emploi réclame toute l'attention du praticien (3).» Poremos de parte a *fava de S. Ignacio,* não só por ser «plus violemment toxique que cette dernière,» mas tambem porque «son usage médical est très-borné (4).» Limitar-nos-emos a servirmos de echo á voz authorisada de Fonssagrives, que a todo o transe procura salvar do ostracismo, a que foi

(1) Rabuteau, ob. cit., pag. 533.
(2) Gubler, ob. cit., pag. 16.
(3) Milne-Edwards et Vavasseur, ob. cit., pag. 292.
(4) Gubler, ob. cit., pag. 142.

condemnada, uma planta indigena, digna de toda a nossa attenção: a *arnica*.

Citada ainda por Milne Edwards et Vavasseur «comme stimulant du cerveau (1)»; considerada de egual modo pelos eminentes promotores da renascença therapeutica em França (2), como lhes chama Gubler; respeitada por Bouchardat, como «un stimulant général puissant (3);» a arnica pôde todavia attrair sobre si o anathema formulado por duas illustrações d'Além-Rheno: «L'arnica est un médicament entièrement superflu (4).»

E no entanto, os mesmos auctores confessam que não só «il jouissait autrefois d'une très-grande réputation, à laquelle étaient attachés des noms considerables (Stoll, Collin, Hufeland et autres)», mas tambem, «certainement, comme le démontrent ses effets physiologiques, l'arnica est un medicament actif.»

Cotejando este periodo com o precedente, lendo que um medicamento *activo*, de facil obtenção, deve ser considerado *inteiramente superfluo*, observando que esse medicamento foi importado para a materia medica por auctores considerados e 'nella conservado por therapeutas de authoridade insuspeita; custa um pouco a conceber que razões levariam Nothnagel e Rossbach a formularem sobre a arnica uma opinião tão decisiva.

Ha mais ainda. «Dans les extravasations sanguines, dans les contusions, il peut quelquefois agir efficacement comme irritant léger; mais à cela se bornent tous ses avantages.» Outra these plenamente opposta á opinião dos modernos therapeutas, accordes todos em condemnarem o inveterado e perigoso abuso da *panacea lapsorum*.

Ainda ha pouco, um dos mais illustres ornamentos d'esta Eschola, o professor Dr. José Pereira Reis, escrevia a proposito da arnica: «Nas soluções de continuidade, ou mesmo nas excoriações, é mais nociva do que util a sua applicação (5).»

Fonssagrives é hoje, como dissemos, o mais strenuo defensor da arnica, empregada como estimulante do encephalo. Os periodos seguintes formulam nitidamente a opinião do illustre professor de Montpellier.

«L'analogie de l'arnica avec les autres médicaments strychniques justifie les éloges qui lui ont été prodigués par une foule d'auteurs, comme moyen de rémédier aux paralysies ou debilités musculaires, de quelque nature qu'elles soient.»

«Pêut-être même l'arnica, plus maniable que ces derniers médicaments (noix vomique, strychnine), pourrait-elle être considerée comme la *noix vomique des* enfants (6).»

---

(1) Milne-Edwards et Vavasseur, ob. cit., pag. 296.
(2) Trousseau et Pidoux, ob. cit.
(3) Bouchardat, ob. cit., vol. I, pag. 408.
(4) Nothnagel et Rossbach, ob. cit., pag. 510.
(5) J. P. Reis, *Vade-mecum* da Pharmacopea, pag. 46.
(6) Fonssagrives, ob. cit., vol. I, pag. 31.

*

«En somme, médicament utile pour relever les forces dans le cas d'adynamie, pour seconder l'action des medicaments tétaniques dans le traitement des diverses paralysies, probablement avantageux dans certaines formes de fièvre typhoide et de dysenterie, telles sont les recommendations sérieuses sous lesquelles se présente l'arnica. C'est moins que ne pensaient les anciens, c'est plus que ne pensent les modernes; c'est assez pour assurer à ce medicament une place honorable dans les cadres thérapeutiques (1).»

XI

EMMENAGOGOS

Os emmenagogos propriamente dictos, *açafrão* (2), *artemisia* e *absinthio*, e dos ecbolicos ou abortivos a *cravagem* e a *arruda*, são todos vegetaes indigenas e, com excepção do ultimo (3), filiados na flora portuense.

Resta-nos a *sabina*, o unico dos medicamentos d'este grupo, não espontaneo entre nós. A este respeito, julgamos sufficiente citar uma observação do primeiro botanico portuguez: «*Juniperus-Sabina* nullibi provenit in Lusitania; etsi pharmacopœi Lusitani pro vera Sabina ramulos hujus (J. *phoeniceae* Lamarck) venditent (4).»

XII

NARCOTICOS

> Aussi mon dessein n'est pas d'affoiblir le mérite des remedes qui nous viennent des Indes § de l'Orient; mais je veux relever celui des nôtres.
>
> Chomel, ob. cit. vol. I, pag. XXXV.

O *opio* é, sem contestação, a substancia mais importante de quantas sobrepujam nos tractados de materia medica. Quasi crêmos, com Trousseau e Pidoux, que sem elle a medicina seria um impossivel.

Se realmente não houvesse ainda hoje um meio de obter o opio,

---

(1) Fonssagrives, art. *Arnica* in Dict. encycl. des sc. médicales.
(2) Variedade cultivada do *Crocus autumnalis* Brot. Vidè Flora.
(3) Aliaz frequentemente cultivado nos quintaes.
(4) Brotero, Flora lusitanica, vol. I., pag. 127.

sem o importar dos paizes orientaes, ver-nos-iamos forçado a declarar a insufficiencia da therapeutica indigena 'neste ponto, por isso que o unico succedaneo admissivel do opio é... o proprio opio.

Felizmente, os vegetaes, de que no Oriente é extrahido este medicamento, não só estão naturalisados entre nós pela cultura, mas encontram-se espontaneamente em diversos pontos do reino (1).

Se o opio colhido em França «ne diffère en rien, quant à ses proprietés, de l'Opium exotique (2), «outrotanto succede com respeito á mesma substancia obtida por producto da nossa papoila dormideira, *Papaver somniferum* L. Os trabalhos do dr. Bernardino A. Gomes sobre o assumpto levaram o nosso illustre conterraneo a concluir:

«1.° Que o opio, de cultura feita em nosso territorio, póde rivalisar em qualidade, e ser mesmo superior ao das nossas melhores especies commerciaes.

«2.° Que essa cultura talvez offereça vantagem, e em todo o caso merece ainda ser objecto de ensaio, feito porém por pessoa intelligente e capaz de dirigir por modo conveniente e julgar tentativas semelhantes (3)».

A primeira d'estas conclusões envolve, como se vê, a affirmação de que o opio indigena póde perfeitamente substituir o exotico. A segunda conclusão encerra um pedido, cuja satisfação se traduziria em beneficio para a sciencia, para o commercio, para a agricultura. E todavia, o medicamento prescripto continúa a ser falsificado, com prejuizo do facultativo e do doente. E todavia, o opio exotico é hoje ainda importado e o capital que o representa concorre a exhaurir as forças vivas do paiz. E todavia, as immensas lezirias do Alemtejo continuam improductivas e os outr'ora ferteis terrenos do Alto Douro vêem-se ameaçados da cultura do tabaco, unico recurso apparente para obstar á sua esterilidade futura.

O receio de nos transviarmos do assumpto d'esta dissertação obriga-nos a suspendermos aqui as considerações que o caso suggere. Que os poderes publicos ou a iniciativa particular meditem um dia nos proventos que ao paiz adviriam da larga cultura do opio indigena, e prosigamos.

Duas outras especies indigenas de *papoila*, a ordinaria, *P. rhoeas* L., e a longa, *P. dubium* L., espalhadas a esmo por todo o reino, «contiennent une très petite quantité d'opium (4)», julgado pelos medicos persas «beaucoup plus calmant que l'opium du pavot blanc (5)». 'Num caso urgente, em que não tivessemos á mão as dormideiras e se nos offerecessem á vista as papoilas ordinarias, parece que a indicação po-

(1) Vidè Brotero, ob. cit., pag. 254, vol. II; Figueiredo, ob. cit,, pag. 288; B. A. Gomes, *Ensaios praticos sobre o opio indigeno* in Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa, 2.ª serie, t. II, parte I, 1848, pag. 2.

(2) Trousseau et Pidoux, ob. cit., pag. 199, vol. II.

(3) B. A. Gomes, ob. cit., pag. 12.

(4) Trousseau et Pidoux, ob. cit., pag. 154, vol. II.

(5) Leblanc, Journ. de thérap. 1879, vol. VI, pag. 134.

deria, ao menos em parte, satisfazer-se pela substituição das especies.

O *açafrão*, de que já fallamos 'noutro logar, possue tambem propriedades anodynas, attestadas por Fonssagrives. «Le safran, médicament trop oublié, semble exércer une action anesthésique réelle quand il est appliqué sur un point douloureux»; mas especialmente «un des effets les plus remarquables du safran est celui qu'il devellope au niveau des gencives rendues douloureuses par un travail de dentition (1)».

Este medicamento, que tão bem poderia ser aproveitado, tem todavia contra si uma consideração d'importancia. «Il faut 7000 à 8000 fleurs pour obtenir 500 grammes de safran frais, ce qui représente 35000 à 40000 fleurs pour 500 grammes de safran sec (2)». D'aqui, o preço excessivo d'esta substancia, d'aqui a falsificação d'ella, d'aqui finalmente a exclusão do seu emprego na generalidade dos casos.

As diversas especies de *alface*, que fornecem o *lactucario*, ou seja a cultivada, *Lactuca sativa* L., a sylvestre, *L. scariola* L., ou a virosa, *L. virosa* L., são todas levemente hypnoticas e anodynas e encontram-se facilmente por todo o paiz. A primeira das especies citadas é cultivada, as outras espontaneas.

A familia das solanaceas fornece á medicação narcotica algumas plantas com foros de importancia na materia medica. Contam-se entre as exoticas a *belladona*, o *tabaco*, a *mandragora* e o *alkekenge*. Das indigenas, entram 'neste grupo a *datura*, o *meimendro* e os *solanos*.

A belladona é, indubitavelmente, a solanacea mais empregada entre nós para fins therapeuticos. E não obstante, «c'est ici le cas de répéter que le Datura peut tout ce que peut la belladone, et qu'il jouit seulement de propriétés plus actives (3)».

Estabelecida esta these, Trousseau et Pidoux continuam:

«Nous renverrons donc à ce que nous avons dit de la belladone; mais nous repétérons encore que le Datura, qui croît partout en abondance, devrait être préféré à cette dernière dans l'usage général».

Bouchardat, Gubler, Rabuteau, Marchand, Hirtz, 'numa palavra, todos os auctores que a tal respeito nos foi possivel consultar, accordam com Trousseau et Pidoux em que a datura e a belladona, como os respectivos alcaloides, a daturina e a atropina, são identicas nos effeitos therapeuticos.

Ao passo que os illustres chimicos francezes procuram antepôr á belladona o estramonio, mais energico do que ella, em Portugal as folhas de datura são empregadas quasi exclusivamente na medicina popular e os facultativos manifestam uma decidida preferencia pela belladona, todas as vezes que a medicação narcotica deve preencher-se com as solanaceas.

De que provirá esta differença d'opiniões? Será que «les médecins eux-mêmes, se retranchant derrière le palladium de leurs diplômes, de-

(1) Fonssagrives, ob. cit., vol. I, pag. 107.
(2) Heraud, ob. cit., pag. 439.
(3) Trousseau et Pidoux, ob. cit., pag. 248, vol. II.

daignent les plantes que peuvent connaître les personnes non diplomées (1)»? Quer parecer-me outra a razão. E' que a belladona, indigena em França, é exotica para nós (2). E tanto basta para que a defendamos.

O tabaco é raramente empregado hoje como medicamento. O mesmo póde dizer-se da mandragora, que «beaucoup moins active que la Belladone (3)», é por ella substituida.

Quanto ás solanaceas indigenas, a mais importante, depois do estramonio, é o meimendro, que «comme calmant antispasmodique et hypnotique, est preferable à l'opium dans bien de circonstances (4)».

Para completarmos este capitulo, resta fallarmos do *aconito* e da *cicuta*. Se o curare tivesse actualmente applicação em therapeutica, poderiamos tambem cital-o aqui, juntando-lhe o periodo seguinte: «La cigüe peut agir comme le curare, mais elle produit, en outre, des effets physiologiques qu'on n'observe pas chez les animaux soumis à l'action du curare (5)».

Sob o nome generico de cicuta empregam-se ordinariamente em medicina as folhas e sementes da cicuta maculada, *Conium maculatum* L. O embude, *Oenanthe apiifolia* Brot., especie muito visinha da *O. crocata* L., e o phellandrio, *Phellandrium aquaticum* L., possuem propriedades virosas que fazem collocar estas plantas, se não a par, ao menos logo depois da cicuta. Todas tres, as especies citadas, são indigenas.

O aconito, synergico da cicuta, é por outro lado substituivel pelo *veratro*, pela *anemona* e em parte pelo *colchico* ainda. Relativamente aos principios activos d'estas plantas, diz-nos Gubler: «Les vertus de l'Aconitine sont tellement semblabes à celles du principe actif des *Veratrum*, que je suis disposé à considerer ces deux alcaloides comme formant, avec la Delphine, l'Anémonine, la Sabadilline et la Colchicine, une série... dans laquelle la Vératrine serait dix fois moins active que sa congénère l'Aconitine, la plus puissante de toutes (6).» 'Noutra passagem do mesmo auctor, affirmam-se as analogias entre a aconitina e os principios activos d'algumas ranunculaceas acres, nomeadamente do *Delphinium staphisagria* L. e do *Ranunculus sceleratus* L., plantas da flora lusitana (7).»

---

(1) Rodin, ob. cit., pag. 5.
(2) A. J. de Sousa Pinto, na sua *Materia medica* diz-nos que a belladona vegeta em Portugal; mas não especifica se é espontanea ou cultivada.
(3) Gubler, ob. cit., pag. 219.
(4) Paulier, ob. cit., pag. 111.
(5) Rochefontaine, in Journ. de thérap., vol. VII, Outubro de 1880.
(6) Gubler, ob. cit., pag. 774.
(7) Id., ib., pag. 780.

XIII

VOMITIVOS

«...e encurtará Vosa Alteza despezas das mezinhas, pois quá nom aproveytam, asy por pagarem grandes quantyas, como por ser quá outro clima.»
Thomé Pires, carta a el-rei D. Manoel em 1546, *in* Jorn. da Soc. Pharmac. Lusit., vol. II, 1838, pag. 46.

O unico vegetal, que actualmente encontra logar 'nesta medicação, é a *ipecacuanha*. Todos os outros, dotados de propriedades analogas, foram postos de parte e não ha annular-lhes a condemnação. Porque tal preferencia? e porque tão exclusiva? Será que a raiz americana satisfaça a todas as condições que é possivel exigir em um bom medicamento? Vejamos.

Será constante a ipeca nos seus effeitos vomitivos? «Il arrive, quoique assez rarement que la poudre d'Ipécacuanha soit conservée dans l'estomac et ne détermine ancun vomissement; dans ce cas, elle purge ordinairement (1)». «L'ipéca se comporte donc absolument comme le tartre stibié. Il détermine tantôt des vomissements, tantôt des effets purgatifs, suivant les divers modes d'administration (2).»

Será que a dose, necessaria para produzir o vomito, varie só excepcionalmente? «Les doses... sont extrêmement variables: tel vomit avec 10 centigrammes et même avec une quantité beaucoup moindre; tel autre vomit à peine avec 1,gr.20 ou 1,80 (3)». Paulier accrescenta: «2 grammes et plus (4)».

Será que a administração da raiz exotica esteja exempta de inconvenientes? «Donné à l'interieur..., il cause une inflammation locale que l'autopsie démontre, inflammation bèaucoup plus intense qu'on ne pourrait le supposer en ayant régard à l'apparente innocuité du remède (5).»

Será que este medicamento esteja pouco subjeito a falsificações?

(1) Trousseau et Pidoux, ob. cit., pag. 834.
(2) Rabuteau, ob. cit. pag. 610.
(3) Trousseau et Pidoux, ob. cit., pag. 834.
(4) Paulier, ob. cit., pag. 860.
(5) Trousseau et Pidoux, ob. cit., ib.

E quem poderá avançar esta asserção, relativamente a uma substancia importada de paizes extranhos (1)?

Será, por ultimo, que a ipecacuanha apresente no nosso mercado um preço relativamente baixo? O custo d'esta raiz, pulverisada, é, segundo o Regimento, de 80 reis por 1 gramma; e quanto mais barato não ficam os succedaneos indigenas, pagos com o trabalho de colhel-os?

Vejamos, pois, quaes sejam esses succedaneos e como justificar o seu emprego.

As diversas especies de violetas (*Viola odorata, canina, arvensis*, etc.) véem na primeira linha. «The root might be employed as a substitute for ipecacuanha (2)». «La famille des Violariées fournit aussi des racines vomitives, qui peuvent être succedanées de l'Ipecacuanha (3)». «Quant aux racines, elles deviennent vomitives et purgatives, à la dose de 2 a 4 grammes et peuvent être substituées à l'Ipecacuanha (4)». As propriedades eméticas da raiz de violeta são attribuidas á violina, alcaloide analogo, se não identico, á emetina. Boullay, que a descobriu, chamou-lhe até *emetina indigena*.

O narciso dos ribeiros, *Narcissus pseudo-narcissus* L., é tambem digno da attenção dos praticos. Em sessão da *Société de therapeutique*, a 8 de Março de 1876, M. René Blache encarregou-se de fazer a apologia d'este emetico indigena. De 50 experiencias pessoaes e de muitas outras de collegas seus, concluiu o auctor que o infuso de flores de narciso, em dose de 3 grammas na creança e 5 no adulto, é um vomitivo excellente, facil de tomar e seguro nos effeitos (5).

Felizmente, esta propriedade do narciso não foi sempre ignorada em Portugal. Attesta-o a seguinte passagem de Clusio: «Porro Narcissi radicem si edatur, vomitoriam esse saepe numero expertus sum, qua

---

(1) Não posso furtar-me a recordar um facto que, ha pouco ainda, se deu comigo proprio.

Acommettido d'um leve embaraço gastrico, julguei indicada a ipecacuanha, que formulei para uma pharmacia muito da minha confiança. Quatro papeis, de dez centigrammas, tomados a curtos intervallos, produziram uma sensivel diaphorese, cuja causa se denunciava pelo cheiro caracteristico da ipeca exhalada. Como não era precisamente esse o effeito desejado, no dia seguinte formulei para outra pharmacia, mandando vir uma gramma em dez papeis. Tomei-os do mesmo modo. Nem sequer a diaphorese da vespera.

Pouco disposto a lançar mão dos antimoniaes, resolvi-me a recorrer á medicina domestica, mandando colher um punhado de raizes de violeta. Uma infusão d'estas raizes (proximamente 10:360) produziu em alguns minutos o que não produzira a ipeca em dois dias. Vomitei e—o que é mais—sêm grande exfôrço.

Seria falsificado o medicamento? Estaria colhido de mais de um anno? teria portanto perdido as propriedades emeticas, conservando até certo ponto as hypercrinicas? Seria a culpa da minha organisação, refractaria á acção da ipecacuanha?

Tudo é possivel. O facto ahi fica registrado. Que se lhe dê o valor que merecer.

(2) J. Pereira, ob. cit., parte II, pag. 2061.
(3) Trousseau et Pidoux, ob. cit., pag. 847, vol. I.
(4) Gubler, ob. cit., pag. 424.
(5) Journ. de thérapeutique, 1876, vol. III, pag. 271.

facultate praeditam etiam Discorides testis est, apud quem reliquas Narcissi facultates invenire possunt studiosi (1)».

Sem me occupar aqui do *leucojo*, do *pancracio*, das *euphorbias* e do *jaro*, plantas todas da flora portuense, que terei portanto de descrever mais tarde; pondo tambem de parte a entrecasca de *nogueira* e o *azeite*, empregados como vomitivos na therapeutica popular; terminarei apontando o que relativamente á raiz de *melão* nos diz Leblanc: «Un autre vomitif, également fort em vogue et plus recommendable, consiste dans le suc fraîchement exprimé de la racine du melon *(cucumis melo)*, pris à la dose de 1 à 2 cuillerées à thé. La poudre de la même racine desséchée se prescrit encore dans le même but (2)». E' tão vulgar a cultura do melão nas nossas provincias, que me pareceu dever chamar para este periodo a attenção dos facultativos das povoações ruraes.

E depois, o melão não é planta indigena, é cultivada; e as propriedades do suco da sua raiz não nos foram ensinadas pelo nosso povo, foram-n'o pelos persas, de quem o aprendeu Leblanc.

Serão sufficientes razões?

XIV

PURGANTES

«...tout en plaçant en première ligne ceux (médicaments) qu'on peut se procurer facilement chez nous et qui constituent des remèdes populaires journellement en usage.»

Nothnagel et Rossbach, ob. cit., pag. 456.

A medicação purgativa, uma d'aquellas a que a materia medica indigena fornece maior numero d'elementos, é tambem uma das mais ordinariamente preenchidas por substancias exoticas. Na quasi impossibilidade de discutirmos todos os medicamentos d'este grupo, o que extenderia sobremaneira o nosso trabalho, limitar-nos-emos a apontar aqui os principaes d'entre elles.

O oleo de ricino é contido nas sementes do *Ricinus communis* L., que em Portugal «colitur in hortis et ad pagos, ubi quasi spontanea occurrit (3).» Apesar d'esta circumstancia e apesar da relativa facilidade com que se obtem o oleo de ricino, ainda assim não hesitaremos

(1) C. Clusius. *Rariorum aliquot stirpium... Historia*, Antuerpia, 1576, pag. 255.
(2) Leblanc, ob. cit., Journ. de thérap., vol. VI, pag. 253.
(3) Brotero, Flora lusitanica, II, pag. 326.

em propor um succedaneo, que não inspire aos doentes a mesma repugnancia e derive d'uma planta mais vulgar.

O sanguinho d'agua ou amieiro negro, *Rhamnus frangula* L., está 'nessas condições. Não só «il combat la constipation, sans avoir l'inconvénient d'irriter l'estomac, comme le font un grand nombre d'autres purgatifs (1),» mas, segundo um auctor inglez, «the effects are much akin to those I have mentioned as the advantages of castor oil, but there is no nausea, there are no eructations and there no griping (2).»

O maná, descripto nos tractados de materia medica, provém de duas especies exoticas de freixo, o *Fraxinus ornus* L. e o *F. rotundifolia* Lmk. Sem contestarmos de modo algum o valor d'este medicamento, sobretudo na medicina da infancia, lembraremos apenas que o que vamos procurar ao Oriente, á Calabria e á Sicilia, podemos talvez obtel-o com menos trabalho em Portugal.

«Produz-se tambem o Manná 'neste Reino em alguns Territorios da Provincia da Beira, e Alentejo, Sitios em que o Sol nos Mezes do Verão imprime na Terra maior calor; e se no Reino do Algarve houverem as referidas Arvores, como é muito cálido, talvez se produzirá com abundancia, se houver curiosos, que o procurem.

«Eu tirei algum das ditas Arvores, assistindo em Coimbra em o mez de Agosto, estando o calor do Sol com grande intenção e o vi manar de seus troncos, e ramos em fórma de espuma muito branca, que depois se congelava na casca na fórma que disse assima. He certo que no Alemtejo tambem se produz; porque fazendo eu a diligencia por elle com o nome de Resina de Freixo, me veio alguma porção colhida ja em Setembro, encobrindo o que era; porque sendo raridade no Reino, haveria quem desprezasse a experiencia, como tem feito com outras curiosidades descobertas nelle (3).»

A polpa de *tamarindos*, mais empregada como refrigerante, encontra-se muitas vezes no commercio sob a fórma de... polpa de ameixas. Em fim de contas, não fosse maior o mal. Ninguem ignora as propriedades laxantes do fructo da ameixieira. O peior é que «le tamarin contient assez souvent du cuivre, qui provient des bassines où il a été préparé (4),» Na duvida, será portanto melhor talvez abstermo'-nos.

A *mercurial commum* «he erua propria para ajudas; nellas faz o mesmo efeito que fazem as folhas do Senne na bebida (5).» Alguns auctores modernos, que citam ainda esta planta, caída hoje em desuso, consideram-n-a como um laxante apreciavel; e Gubler affirma-lhe «effets cathartiques prononcés (6).»

A *mostarda branca*, de que já fallamos 'noutro logar e cujas se-

(1) Bouchardat, ob. cit., II, pag. 38.
(2) J. C. Ogilvie Will in Medical Times and Gazette, Fev., 1875.
(3) Christovam dos Reis, Reflexões experimentaes, pag. 170.
(4) Bouchardat, ob. cit., II, pag. 79.
(5) Grisley, ob. cit., pag. 93.
(6) Gubler, ob. cit., pag. 232.

mentes «produisent une action purgative qu'il faut considérer comme d'ordre mécanique (1),» constituent «un laxatif léger, qui peut être utile dans quelques affections du canal digestif (2).»

O suco da *celidonia* contém uma gomma-resina «similhante á gomma gutta nas suas propriedades e acção venenosa (3).» E' fundando-se 'neste facto que Mottet, Gubler e outros therapeutas incluem esta substancia no numero dos purgantes drasticos.

A *trepadeira do littoral* ou sol lanella «a les mêmes propriétés que le Jalap et la Scammonée (4).» A trepadeira das sebes está nas mesmas condições; «the juice of this plant... is violently purgative, and given in dropsical affections (5).» Podemos ainda juntar a estas duas especies a trepadeira dos campos, cuja raiz é egualmente drastica. Segundo Loiseleur-Deslongchamps e Chevalier, as plantas citadas supprem com vantagem as suas congeneres exoticas, *Convolvulus jalapa* L., *C. scammonia* L., *C. mechoacan* L. e *C. turpethum* L. (6).

A entrecasca de *sabugueiro*, cujas propriedades drasticas tive occasião de verificar na enfermaria de clinica medica d'esta Eschola, foi por Sydenham e Solon julgada especifico da ascite. Ainda hoje em França os auctores mais considerados e insuspeitos ligam á entrecasca e ao suco da raiz do sabugueiro uma notavel importancia, que entre nós passa completamente despercebida.

Fonssagrives crê que «si l'on se rapporte aux essais tentés avec cette plante depuis trente ans et aux résultats annoncés par experimentateurs très-graves, tels que Martin-Solon, Réveillé-Parise, Legroux, Cazin, il n'y a rien à rabattre des éloges enthousiastes qui lui ont été prodigués, et l'on doit seulement regretter que ce moyen ne soit pas plus usuellement appliqué (7)».

Bouchardat, pela sua parte, exprime-se tambem cathegoricamente pelas seguintes palavras. «Cette substance agit, la plupart du temps, plus énergiquement et plus promptement que les purgatifs les plus actifs. Il n'y a pas avantage à combiner le suc de sureau avec les drastiques et les diuretiques; jamais son action n'est plus évidente que quand on l'emploie à l'exclusion de tout autre traitement.» E depois de asseverar a innocuidade do medicamento em questão, termina o auctor formulando o voto de que «ces assertions engageront les médecins et surtout les praticiens de campagne, à recourir á une substance dont l'emploi est si facile et l'efficacité si grande (8)».

A *bryonia*, um dos medicamentos mais frequentemente usados pe-

---

(1) Rabuteau, ob. cit., pag. 788.
(2) Bouchardat, ob. cit., vol. 1.º, pag. 514.
(3) Macedo Pinto, *Toxicologia*, pag. 682.
(4) Trousseau et Pidoux, ob. cit., vol. I pag. 886.
(5) Hooper, ob. cit., art. *Convolvulus*.
(6) Milne-Edwards et Vavasseur, ob. cit., pag. 366.
(7) Fonssagrives, ob. cit., vol. I, pag. 649.
(8) Bouchardat, ob. cit., vol. 2.º pag. 30.

los homœopathas, é na allopathia uma substancia votada a um ostracismo, bem pouco merecido. Considerada por Loiseleur-Deslongchamps como um dos melhores purgantes, digno a todos os respeitos de occupar o logar da jalapa (1), «la bryone est un de ces médicaments indigènes dont on peut affirmer l'utilité, malgré le dédain actuel dont ils sont frappés, et qui ont surtout le tort d'être vulgaires, de se trouver partout et d'avoir dans les cadres thérapeutiques, pour voisins et pour rivaux, des médicaments exotiques qui leur sont naturellement préférés (2)».

Ó nosso Zacuto, um dos mais honrosos padrões na historia da medicina portugueza, aconselhava tambem o emprego do sumo ou decocto da raiz de bryonia, como hydragogo seguro. «Calida enim quum sit in tertio gradu, generosissima pollet purgandi vi, qua non modo pituitosos, sed aquosos humores vacuare potest: sive radicis succum aut eius decoctum propines (3)».

Citaremos ainda, de passagem, a *graciola* ou graciosa, que «purga como o senne, & he boa para os hydropicos (4)», o suco das euphorbias indigenas, a raiz do lyrio dos charcos e outros vegetaes, cujas propriedades purgativas serão apontadas no decurso da flora.

Sem lembrarmos que «le jalap se maintient toujours à un prix élevé qui s'augmente encore du triage nécessité par les fraudes continuelles dont il est l'objet» e que «on en pourrait dire autant de la scammonée (5)»; sem fazermos sentir que «les *Sénés* du commerce sont souvent falsifiés avec des feuilles d'*Arguel* et de *Redoul* qui leur donnent des proprietés *toxiques* (6)»; sem frizarmos de novo os inconvenientes ligados ao emprego de medicamentos exoticos; ousamos perguntar se, em face do que deixamos transcripto, não será licito crer que a medicação purgativa se preenche perfeitamente sem o auxilio dos recursos extranhos?

Pela nossa parte, mais uma vez: crêmos que sim.

---

(1) Paulier, ob. cit., pag. 837.
(2) Fonssagrives, ob. cit., pag. 488 do vol. II.
(3) Zacutus Lusitanus, De medicorum principum historia, vol. I, pag. 76, C. II, lin. 9.
(4) J. Vigier, Thesouro apollineo, pag. 48.
(5) Bouchardat, ob. cit., pag. 40, vol. 2.º.
(6) Paulier, ob. cit., pag. 849.

XV

DIURETICOS

«...neste exemplo tem quanto precisão os que pertendem adivinhar a conformidade das virtudes dos vegetaes pela affinidade botanica.»

Figueiredo, ob. cit., pag. 59.

São todos indigenas os *diureticos incertos* de Bouchardat e os vegetaes collocados entre os *dyaliticos* de Rabuteau. Os espargos, a gilbarbeira, a parietaria, a borragem e outras borragineas, o eryngio e outras umbelliferas, a giesta e outras papilionaceas, a doiradinha e outros fetos, a grama e outras gramineas, a herniaria ou herva turca, a spirea ulmaria etc., são outras tantas plantas da flora portugueza, das quaes a maior parte se encontra nos arredores do Porto.

Dos diureticos *certos* ou *mechanicos*, a scilla e a digital são frequentes por todas as nossas provincias; apenas o colchico do outono tem de ser importado, por isso que se não encontra espontaneo entre nós.

A Pharmacopêa, referindo-se a esta planta, diz: «Não lhe substitua sem indicação especial a especie que fôr cultivada nos jardins e bem assim o colchico menor *Colchicum bulbocodioides* Brot.), o c. maior (C. multiflorum Brot.) e o c. lusitanico (C. lusitanicum Brot.).»

Permitta-nos a illustre commissão encarregada de elaborar a Pharmacopêa, que extranhemos um pouco a recommendação apontada. Pois por ventura poderá nunca o pharmaceutico substituir, *sem indicação especial*, o medicamento prescripto na formula? Prohibir-lh'o exclusivamente com o colchico, não será authorisar-lh'o com as outras substancias? Porque não recommenda tambem a Pharmacopêa que se não substitua á ameixieira, *Prunus domestica* L., ao abrunheiro, *P. spinosa* L., á cerejeira, *P. cerasus* L., o louro-cerejo, *P. lauro-cerasus* L.? Não são todas congeneres, estas plantas? ou será menor o inconveniente da substituição?

E no entanto, o nosso illustre conterraneo, o dr. Barral, escrevia, ha já 46 annos: «Não temos applicado o colchico do outono, mas substituimos-lhe o nosso colchico, que se não é tão activo, ainda o é bastante para não poder ser empregado algumas vezes na dose em que o recommenda Scudamore. Julgamos ter obtido allivio consideravel na gotta, quando passado o periodo mais inflammatorio, as articulações

ainda dolorosas apresentam um estado que parece participar do edema e da inflammação (1)».

Em conclusão. Parece-me para desejar que os pharmaceuticos tomem como regra geral o que a Pharmacopêa lhes aponta em um caso especial; e que os facultativos não receiem indicar especialmente o colchico indigena nos casos em que julguem indicado o colchico exotico.

XVI

SUDORIFICOS

«...ces jus d'herbes, remèdes empiriques auxquels croyaient nos vieux maîtres, et que nous aurions tort de dédaigner.»

Savignac, art. *Bourrache* in *Dict. encycl. des sc. médicales.*

Sem discutirmos se um grande numero de vegetaes, considerados outr'ora como diaphoreticos, actuam pura e simplesmente pelo vehiculo dos seus decoctos e infusões ou teem na realidade uma acção electiva sobre as glandulas sudoriparas, occupar-nos-emos aqui exclusivamente dos medicamentos mais importantes d'este grupo. No decurso da Flora, teremos occasião de ir apontando como propostos sudorificos as flores de *sabugueiro,* as folhas e summidades de *borragem,* os caules de *dulcamara,* a casca *d'ulmo,* o rhizoma de *junça* etc.

Comecemos pela *salsaparrilha* e vejamos se a especie indigena, *Smilax aspera L.,* poderá servir de succedaneo ás especies exoticas, *S. medica* Schlecht, *S. sarsaparrilla* L., *S. syphilitica* Kunth etc.

Desde muito que os medicos portuguezes empregaram como sudorifica e depurativa a raiz da salsaparrilha indigena. Garcia Lopes (2) diz-nos a este respeito: «Nostra tamen planta aperiendi facultatem habet, quam facilè quis deprehendet ob sudoris ducendi vim». E, na cura da syphilis, «eo tẽporis spatio quo Sarçae nostrae decoctum damus Veneris usum omnino negamus».

Clusio refere que «nonnullos ejus radice Çarçaparillae Americae loco uti, nec sine successu mihi in Hispaniis referebant (3)».

Pela sua parte, Grisley assevera-nos que «esta raiz faz totalmente o mesmo effeito da Salsa, tomando a quantidade dobrada: tira as dores das junturas, & resolve o humor Gallico, pelo suor (4)».

---

(1) Jorn. das sciencias med. de Lisboa, 1835, vol. 1.º pag. 344.
(2) Commentarii, pag. 29 e 32 verso.
(3) Ob. cit., pag. 220.
(4) Grisley, ob. cit., pag. 125.

Duarte Madeira Arraiz (1) exprime-se do seguinte modo: «Porém, ou seja, ou não seja especie de salsa, diz Leguna, que tẽ virtude de curar morbo gallico, d'esta opinião he Mathiolo, & Fallopio, q̃ dizem terem com elle curado a muytos enfermos de boubas, os quaes não curou com outra cousa Fallopio, por espaço de dous annos com feliz soccesso, senão com *legacão*, que colhia no monte de S. Julião de Piza».

Ainda sobre o assumpto nos diz Fr. Christovam dos Reis: «... e se houvesse curiosidade nos Portuguezes, ao menos em alguns dos Habitadores d'aquellas terras, que com boa commodidade podiam colhel-a (a raiz de salsaparrilha indigena), quanto proveito era para elles e para as officinas do Reino? E havendo tanta nas nossas terras a desprezamos, só para uzar da estrangeira, não sendo de menos virtude a que em o nosso paiz se cria (2)».

Finalmente, o dr. Figueiredo ao terminar a descripção da *Smilax aspera*, accrescenta que «Linneu reputa por verdadeira especie officinal a *S. Sarsaparrilla;* mas Prosper Alpim diz sello a que fica referida; d'este sentimento são Falopio, Amato Lusitano e Aldino». E, em conclusão, opina por que «he possivel possuirem ambas as mesmas virtudes, como com effeito attesta a experiencia quasi universal dos nossos praticos (3).»

O nosso povo, receptaculo vivo das tradicções da medicina empirica, emprega ainda hoje a salsaparrilha indigena como um bom depurativo. Pude verifical-o recentemente 'numa excursão a alguns pontos das provincias do Minho e Douro, onde a referida planta é conhecida pelo nome de *alagacão* ou *legacão*.

Em França, Jaëger, de Strasburgo, e Baron, de Toulon, sustentaram as vantagens da salsaparrilha indigena no tractamento da syphilis. Segundo este ultimo auctor, uma das principaes vantagens era o poder a referida planta ser empregada fresca ou, pelo menos, recentemente colhida (4).

Ashburner tambem considera a *Smilax aspera* como podendo perfeitamente substituir as especies exoticas (5).

Mais recentemente, Bouchardat, depois de citar os exforços de M. Serres para promover a substituição das salsaparrilhas de Honduras e da Jamaica pela especie indigena, termina lembrando que «un examen attentif sous les rapports chimique et clinique est encore nécessaire pour resoudre ces questions, sur lesquelles nous appelons d'autant plus volontiers l'attention des médecins que la salsepareille est chére et que le *Smilax aspera* doit être bon marché (6)».

Vê-se pois que, se a questão não está completamente resolvida, não será muito difficil resolvel-a. E quasi me atrevo a prever que a sal-

(1) Methodo de conhecer e curar o morbo gallico, pag. 161, 1.ª parte.
(2) Christ. dos Reis, ob. cit., pag. 192.
(3) Figueiredo, ob. cit., pag. 539.
(4) Merat et Delens, ob. cit., pag. 374 do vol. VI.
(5) Dieu, ob. cit., pag. 139 do vol. III.
(6) Bouchardat, ob. cit., pag. 647 do vol. I.

saparrilha indigena sairá victoriosa do confronto com as suas congeneres.

Será preciso lembrar ainda o guayaco e o sassafrás, empregados em therapeutica para preencher as mesmas indicações a que satisfaz a salsaparrilha? Supponho que não.

Resta-nos fallar d'uma substancia, cujo recente apparecimento na materia medica veio produzir uma verdadeira revolução no grupo dos diaphoreticos. Refiro-me ao jaborandi, *Pilocarpus pinnatus* Baillon, e ao seu alcaloide, a pilocarpina. 'Num bem compendiado trabalho, publicado e defendido ha um anno, como dissertação inaugural, por um filho d'esta Eschola (1), encontra-se condensado tudo o que de importante se disse e se fez a respeito da pilocarpina e do jaborandi. A partir d'então, pouco ou nada mais ha a accrescentar á historia d'estas substancias, cujos creditos therapeuticos se conservam ainda no mesmo nivel.

Não tentaremos sequer contestar a these de Gubler, que o nosso illustre contemporaneo adoptou entre as suas proposições finaes: «Antes da descoberta do *pilocarpus pinnatus* não havia medicamentos sudorificos propriamente ditos (2)». E' certo que actualmente não podemos *ainda* cotejar com o jaborandi um vegetal indigena; mas tambem, de quando dacta a descoberta das propriedades da rutacea americana? Será tarde para encontrar-lhe um digno succedaneo?

'Num ponto do seu trabalho, lembra o nosso estudioso collega: «Ha um principio—a muscarina—alcaloide da *amanita muscaria*, que produz no organismo effeitos muito comparaveis aos do jaborandi.» Não será essa a substancia destinada a supprir a acção physiologica e therapeutica do *pilocarpus pinnatus*, no dia em que se resolverem a estudal-a mais completamente os homens de sciencia? E 'nesse dia não terá o jaborandi um succedaneo indigena (4)?

No entanto, emquanto esperamos, quer parecer-me que poderemos ir dispensando o emprego do jaborandi como sudorifico. Remediar-nos-emos, como até aqui, com as infusões quentes. Menos falsificadas e mais accessiveis.

---

(1) Eugenio Perdigão, *A pilocarpina*. Porto, 1880.
(2) Ob. cit., pag. 67.
(3) Id., pag. 4.
(4) O «Agaricus muscarius L. é commum em todas as floras da Europa, sem exceptuar a de Portugal, onde o dr. Fr. Welwitsch, segundo a noticia que teve a bondade de communicar-me, o encontrou abundante, no mez de outubro, nos pinhaes junto a Ovar.» B. A. Gomes, ob. cit., pag. 48. O *A. muscarius* encontra-se tambem em Coimbra (V. *Contribuitiones* etc. ob. cit., pag. 55).

XVII

ERRHINOS E SIALAGOGOS

O emprego, cada vez mais restricto, d'estas medicações tem diminuido consideravelmente o numero de substancias que as preenchiam. Limitar-nos-emos, por isso mesmo, a lembrar aqui os nomes das principaes plantas indigenas que satisfazem a alguma d'estas indicações.

Errhinos ou *sternutatorios:* veratro ou helleboro branco, convallaria ou sello de Salomão, algumas labiadas, etc.

Sialagogos ou *masticatorios:* camomilla e outras synantheraceas, cochlearia e algumas cruciferas acres, etc.

O tabaco, actualmente acclimado entre nós, satisfaz a ambas as indicações.

XVIII

EXPECTORANTES

«Et puis, fort souvent, dans les campagnes, on est forcé d'avoir recours aux succedanés d'une plante, soit à cause de la rareté, soit en raison de l'*habitat*, qui fréquemment varie suivant les espèces.»

Trousseau et Pidoux, ob. cit., pag. 289, vol. II.

Os medicamentos empregados como espectorantes são principalmente os balsamicos, a scilla e o colchico, a polygala sénega, a hera terrestre e outras labiadas, o rinchão e outras cruciferas e, finalmente, a avenca e outros fetos.

Dos *balsamicos* dissemos já, a proposito dos excitantes; a *scilla* e o *colchico* foram tractados entre os diureticos.

A *ipeca,* olhada como expectorante, póde ser talvez substituida pelo *jaro,* que Fonssagrives considera «comme jouissant d'une action élective sur les secretions mucipares de l'arbre aérien et, à ce titre, il se rapprocherait de l'ipéca (1)».

(1) Fonssagrives, art. *Arum* in Dict. Encycl. des sc. médicales.

A *polygala da Virginia,* tem como succedaneos a *polygala vulgar* (1) e a *saponaria,* cujos effeitos «são identicos aos da sénega» e cujo principio activo, a saponina, é «identica á senegina, que existe na polygala sénega (2)».

Quanto á *hera-terrestre,* labiada da flora portuense, não só «se rapprochant en cela de la gomme ammoniaque et de la myrrhe, il facilite l'expectoration s'il y a lieu, mais il combat aussi les sécrétions morbides qui la provoquent (3)».

As outras labiadas, as cruciferas e as filicineas, empregadas como expectorantes, encontram-se em maior ou menor abundancia por todo o paiz.

XIX

ANTISEPTICOS

> Tout médecin doit se faire un devoir de n'employer, lorsqu'il peut le faire sans inconvenient, et il le peut le plus souvent, que les medicaments tirés de son pays.
> Merat et Delens, ob. cit., vol. III, pag. 600.

Não nos cabe discutirmos aqui as vantagens e inconvenientes dos diversos pensos adoptados em medicina operatoria; tanto mais que os nossos distinctos condiscipulos, S. Nogueira Soares e J. Mauricio Lopes, se encarregaram de o fazer a proposito dos assumptos das suas respectivas dissertações sobre a septicemia cirurgica e sobre o penso de Lister.

A *camphora* e o *phenol* são as duas substancias que actualmente se disputam ainda as honras de preferencia como bases dos pensos antisepticos. A camphora, se não fosse de tão facil acquisição no nosso mercado, podia obter-se por intermedio da matricaria e das labiadas aromaticas; do acido phenico diremos apenas que é um derivado do alcatrão, producto empyreumatico de varias especies de pinheiro, entre as quaes figura o nosso pinheiro bravo.

Qualquer das duas substancias está portanto naturalmente comprehendida na materia medica indigena. Todavia, para desviar escrupulos, ainda podemos citar outros antisepticos derivados de plantas rigorosamente filiadas na flora lusitana.

Sem fallarmos na *alfazema,* cuja essencia «c'est un toxique vio-

(1) Heraud, ob. cit., pag. 397.
(2) Nothnagel, Tractado de mat. medica, pag. 657.
(3) D. de Savignac, art. *Lierre terrestre* in Dict. Encycl. des sc. med.

lent pour les parasites (1)», nem no *alecrim* que «c'est un poison violent pour les poux et pour les sarcoptes de la gale (2)»; pondo até de parte a arnica, apesar de Bouchardat tel-a visto «employer avec succés dans des cas de résorption purulente (3)»; limitar-nos-emos a indicar o acido salicylico e o thymol, como succedaneos da camphora e do phenol.

O *thymol* ou o acido thymico, «stéaropténe peu différent du Camphre proprement dit (4)», encontra-se nas especies indigenas de serpão, nomeadamente no *Thymus vulgaris* L, e no *T. serpyllum* L.

Em França, «il a donné d'excellents résultats entre les mains de plusieurs chirurgiens français pour les pansements des plaies à la suite des amputations (5)». O nosso conterraneo, o dr. Giraldes julgava que «o acido thymico, não só é egual em virtudes ao acido phenico no curativo das feridas, mas até lhe é superior (6)»; e a Bouchardat parece-lhe que «il merite d'être rangé parmi les modificateurs des plaies, les antiputrides et les antiseptiques; comme l'acide phénique, il destruit la vitalité des ferments organisés et vivants (7)».

Na Allemanha, «le thymol (solution 1:1000) a été, dans ces derniers temps, substitué par plusieurs chirurgiens (Volkmann, Spencer Wells) à l'acide phénique, pour le pansement de Lister. Il agirait aussi bien que ce dernier composé, sur lequel il aurait même les avantages suivants: il n'a aucune action corrosive sur les instruments; il n'irrite pas les voies respiratoires, ni les tissus sur lesqueles on l'applique; son odeur est agréable; il n'expose pas aux dangers que fait craindre le phénol (8)».

E' certo que o thymol é raro nas nossas pharmacias e d'um preço bastante elevado; mas consideremos tambem que estes dois factos teem a razão de ser na raridade das applicações, que entre nós se fazem do acido thymico; e que, por outro lado, as soluções antisepticas do thymol são de 1 a 4 para 1000, ao passo que as do acido phenico são de 2,5 e de 5 para 100.

Quanto ao acido salicylico, oiçamos o que nos diz Paulier. «Kolbe parlant de ce fait que l'acide salicylique peut se *dédoubler* en acide carbonique et en acide phénique, a eu l'idée de l'essayer comme *antiseptique*. Ses recherches ont été confirmées experimentalement et chimiquement par Meyer, John, Julius Muller, Neubourg, Riess, Limousin, Carpéne; il est aujourd'hui bien démontré qu'il jouit de propriétés *antiseptiques* et *antiputrides* remarquables; il serait même, selon Kolbe,

(1) Nothnagel et Rossbach, ob. cit., pag. 484.
(2) Id, ib., pag. 485.
(3) Bouchardat, ob. cit., vol. 1.º, pag. 409.
(4) Gubler, ob. cit., pag. 410.
(5) Id., ib., pag. 410.
(6) Jorn. da Sociedade das sc. med. de Lisboa, 1860, pag. 317.
(7) Bouchardat, ob. cit., pag. 398 do vol. 1.º.
(8) Nothnagel et Rossbach, ob. cit., pag. 426, nota.

superieur à l'acide phénique en ce sens qu'il n'a par lui-même aucune odeur (1)».

Não nos occuparemos da quina como antiseptico, porque, além de ser pouco empregada para esse fim, é-o, de ordinario, associada á camphora.

XX

ANTHELMINTICOS

«Sur nos rochers les plus stériles, au fond des ombreuses vallées, au pied de nos balsamiques sapins, sur les bords du ruisseau qui serpente inconnu dans la prairie comme le long du sentier que je gravissais tous les matins pour visiter mes malades, partout j'ai pu récolter des espèces préférables avec leurs sucs et leur naïve fraîcheur, à ces racines équivoques, à ces bois vermoulus que le Nouveau-monde échange contre notre or et souvent contre notre santé.»

Munaret, cit. por Arthuis, *Traitement contre la phthitsie pulmonaire*, pag. 68.

O *kousso*, o *feto macho*, a *romeira brava*, taes são os tenifugos mais empregados na therapeutica hodierna. O nosso povo tem o bom senso de acrescentar ainda a esta curta lista as sementes de *abobora*.

De todos estes medicamentos, o unico importado é o kousso, que nos vem da Abyssinia, onde o seu emprego se generalisou «de modo a rivalisar com o da casca de raiz de romeira, sem que se possa todavia dizer com bastante fundamento, que a droga abyssinica possua acção tenifuga mais activa do que esta substancia a tem (2)».

Effectivamente, a raiz de romeira, sobre a qual o dr. Bernardino Antonio Gomes, pae, escreveu um consciencioso trabalho (3), goza hoje de uma reputação incontestada como vermicida. E' preferivel a casca obtida recentemente; «cependant, d'après l'observation de M. Grisolle, l'écorce sèche, surtout losqu'on choisit celle de Portugal, réussit aussi quand on la fait macérer douze heures avant la décoction (4)».

Porque será que, como se vê, em França preferem a casca da raiz de romeira colhida em Portugal? Cá e lá...

Passemos ao feto-macho.

A historia do emprego d'esta planta como anthelminthico dacta do berço da medicina. Poucos medicamentos possuimos hoje na materia medica, de tão antiga origem e de tão constante fama; e no entanto

(1) Paulier, ob. cit., pag. 680.

(2) B. A. Gomes, Elementos de pharmacologia geral, pag. 358.

(3) *Memoria sobre a virtude tenifuga da casca da raiz da romeira*. Lisboa 1822.

(4) Bouchardat, ob. cit., vol. 2.º, pag. 787.

ainda actualmente os mais notaveis therapeutas o apontam como um tenifugo seguro.

Diz-nos Rabuteau que «ce médicament possède, non seulement comme taenifuge mais comme vermifuge, une efficacité incontestable qui a été mèconnue parfois parce qu'on ne savait pas l'employer (1).» E de facto, só excepcionalmente se obtem por intermedio das nossas pharmacias o rhizoma fresco de feto-macho. Felizmente, a completa innocuidade d'esta substancia para o organismo humano, a extrema abundancia em que se encontra por todos os ribeiros e regatos e a circumstancia de todos os fetos indigenas, que com este se confundem, lhe serem succedaneos, permittem que o facultativo indique á propria familia do doente a colheita d'esta planta, cujo rhizoma em decocto é um excellente vermifugo.

O inconveniente de não poder obter-se facilmente nas pharmacias o rhizoma fresco, remove-se por inteiro desde que se prescreva o extracto ethereo, o melhor dos preparados tenifugos de feto-macho (2). 'Numa discussão travada na *Societé de thérapeutique* sobre os medicamentos tenifugos, foi attribuida a este preparado uma leve intoxicação, quando administrado já em dose de 4 grammas. M. Créquy, protestando contra esta interpretação, «s'étonne d'entendre attribuer à cette preparation des propriétés toxiques. Il prescrit habituellement 10 à 12 grammes d'extrait ethéré de fougére mâle associé au calomel, en capsules, sans avoir jamais observé le moindre inconvenient, si ce n'est peut-être quelques coliques. Cette association a fort bien réussi dans un cas où le kousso avait échoué (3)».

Jaccóud aponta-nos, como sendo os mais energicos tenifugos, o feto-macho, a casca de raiz de romeira e o kousso. «Les deux derniers peuvent être indifféremment employés contre le ténia et contre le botriocéphale, mais la fougère mâle n'a d'efficacité certaine que contre ce dernier (4)».

Niemeyer, pela sua parte, emquanto nos assegura que «l'*écorce de racine de grenadier* paraît être, à l'état de fraîcheur, un des remèdes les plus sûrs contre le *taenia solium*», diz-nos tambem que «la racine de fougère mâle paraît surtout efficace contre le bothriocéphale, tandis qu'employée contre le *taenia solium* elle reste souvent inefficace (5)». Quanto ao kousso affirma-nos o mesmo auctor que «n'a pas repondu aux espérances qu'on avait d'abord fondées sur lui; ou du moins les résultats brillants que quelques observateurs prétendent avoir obtenus avec cette substance n'ont pas été confirmés par d'autres.»

Os auctores dos *Commentaires thérapeutiques* e do *Vade-mecum da Pharmacopéa* inclinam-se a admittir a opinião de Bremser sobre a pouca efficacia do rhizoma de feto-macho contra a tenia. Bouchardat

(1) Rabuteau, ob. cit., pag. 953.
(2) Jorn. da Soc. das sc. med. de Lisboa, 1869; pag. 317.
(3) Journ. de thérapeutique, 1874; vol. I, pag. 556.
(4) Jaccoud, ob. cit., vol. II, cap. *Helminthiase*.
(5) Niemeyer, Traité de pathologie interne, 8.ème ed., vol. I, pag. 715.

assim o julga tambem. E todavia, apesar da opinião de Jaccoud, de Niemeyer, de Gubler, de Bouchardat, de Reis etc., devemos ter presente que «d'après Fleming, cet extrait (de fougère) l'emporterait sur tous les autres taenifuges» e que «suivant Küchenmeister, il tuerait en quatre heures le *Toenia crassicolis* (1)». Christison tambem julga o extracto de feto-macho infallivel contra a *tenia solium* e Heraud pensa que accusar esta substancia de não ter acção sobre a tenia commum «c'est une erreur, car elle est également efficace contre ce dernier, si elle est convenablement administrée (2).

Seja como for, parece que o feto-macho contra o botriocephalo e a raiz de romeira contra a tenia, nos podem perfeitamente dispensar a importação do kousso.

Pelo que respeita ás sementes d'abobora, «parmi nos anthelminthiques indigènes les plus repandus, d'un prix de revient fort minime et d'un mode d'administration facile, les semences de courge se font remarquer par l'abandon très-accentué dont elles sont de jour en jour l'objet de la part des practiciens (3)».

E no entanto, com o emprego da sementes d'abobora «desapparecem as repugnancias, as antipathias gastricas, que tão facilmente promoviam as grandes porções de cosimento de casca de raiz de romeira, ou as de cousso em po, com as quaes só era possivel alcançar o effeito tenifugo que se queria promover (4)».

Fallemos agora dos anthelminthicos mais empregados contra as ascarides.

A reputação merecida de que vae gosando entre nós o *semen-contra* e o seu alcaloide, a santonina, de modo algum póde ser abalada pelos elogios prodigalisados por innummeros auctores e pelo nosso povo ao *absinthio*, á *artemisia*, á *camomilla*, á *hortelã* etc. Como porém se tracta d'uma planta exotica e por isso que «quand le semen contra est cher, on cherche à lui substituer les fleurs de quelque armoise indigène (*A campestris*) ou celles de la grande absinthe (5)», buscaremos apontar alguns succedaneos mais, além dos indicados.

A *alga da Corsega*, impropriamente chamada *musgo da Corsega*, é uma mistura de vinte e tantas algas marinhas, de que a maior parte é arrojada ao nosso littoral. «La mousse de Corse est le vermifuge le plus employé pour les petits enfants, et peut-être le plus efficace (6)»; alèm de que «presque toutes les espèces (d'algues) marines pourraient servir à cet usage (7)».

Ao *perrexil do mar*, *Crithmum maritimum* L., foi por Lavini

(1) Rabuteau, ob. cit., pag. 953.
(2) Heraud, ob. cit., pag. 225.
(3) Journ. de thérapeutique, vol. III, 1876, pag. 161.
(4) B. A. Gomes, ob. cit., pag. 358.
(5) Bouchardat, ob. cit., vol. 2.º pag. 800.
(6) Id., ib., vol. 2.º pag. 805.
(7) Id., ib., vol. 2.º pag. 805.

attribuida «la propriété de faire rendre les vers lombrics par le vomissement et par les selles (1)».

Na sumbelliferas, nas synantheraceas, nas labiadas é frequente encontrar uma planta, cujas propriedades anthelminthicas tenham sido postas em acção. Algumas d'ellas teem de ser descriptas na Flora, o que me dispensa até certo ponto de apresental-as aqui.

Tal é o porquê da minha convicção. As plantas exoticas empregadas actualmente em therapeutica, acham todas na flora do paiz um ou mais succedaneos, nem sempre mais energicos, mas preferiveis sempre pelas condições inherentes á indigeneidade.

Outro que venha, coteje os medicamentos animaes ou mineraes, que possuimos com os que importamos; e não será difficil depois a generalisação do principio, formulado como lemma da minha dissertação: *Ubi morbus, ibi remedius.*

Antes de entrar na segunda parte d'este trabalho cumpre-me agradecer aos dignos professores d'esta Eschola, dr. José Carlos Lopes e Manoel Rodrigues da Silva Pinto, a um as valiosissimas indicações bibliographicas que me foram fornecidas, a outro o haver não só permittido, mas tambem guiado, as observações por mim tentadas nas enfermarias de Clinica Medica.

Ao meu companheiro d'excursões botanicas, Manoel d'Albuquerque, não sei se lhe agradeça aqui quanto lhe devo. Bastará talvez lembrar que tanto as descripções botanicas da Flora Medica Portuense, como o respectivo herbario offerecido a esta Eschola, são resultado dos trabalhos por nós encetados em commum, ha cinco annos, para o estudo da Flora dos arredores do Porto.

---

(1) Milne-Edwards et Vavasseur, ob. cit, pag. 443.

FLORA MEDICA PORTUENSE

«Para se perfeiçoar esta obra de todo, não vinha a ser de menos utilidade, & proueito para os naturaes, q̃ honra, & fama do Reyno para com os estranhos; hũa descripção gèral cõ os debuxos de todas as eruas salutiferas, q̃ nascem neste Reyno, das quaes a menor parte sômente está conhecida dos moradores do sitio a donde nascem.»

Grisley, *Desengano para a medicina.*

Se a botanica portugueza se orgulha de poder inscrever nos seus fastos os nomes gloriosos de Welwitsch, Link, Brotero e outros mais modestos exploradores; se na actualidade se póde observar um movimento incipiente, que tende a generalisar entre nós o estudo das plantas e o gosto pelas herborisações; se esse movimento, dirigido pela mão energica e presidido pelo nome já illustre de Julio Henriques, promette 'num periodo proximo o complemento dos estudos feitos sobre a flora de Portugal; é todavia certo que a historia da nossa flora medica ainda vae na sua primeira pagina.

Emquanto um portuguez, Garcia da Orta, estudava os simples e drogas da India; emquanto outro portuguez, João de Loureiro organisava uma flora da Cochinchina; emquanto um outro portuguez ainda, o dr. Bernardino Antonio Gomes, publicava o resultado das suas *Observações botanico-medicas sobre algumas plantas do Brazil;* entretanto, que succedia em Portugal?

Um francez, Ch. de L'Escluse, mais conhecido por C. Clusio, entregava-se ao estudo d'algumas plantas medicinaes, espontaneas e cultivadas na Peninsula, e confrontava-as com as descripções de Dioscorides; outro estrangeiro, G. Grisley protestava contra o desprezo que perseguia as hervas medicinaes indigenas; e um portuguez, medico e professor, traduzia de Brotero as descripções das plantas empregadas em medicina, ampliava ás vezes essas traducções, juntava a cada especie a descripção das suas propriedades physicas e só muito e muito excepcionalmente se occupava do seu emprego em therapeutica.

E' certo que em janeiro de 1764 saiu á luz da publicidade a pro-

messa de um *Catalogo das plantas, que se crião no Reino de Portugal, com a sua descripção, e virtudes* (1). Esse catalogo, porém, cuja publicação começou em fevereiro seguinte, emperrou na descripção da terceira planta, limitando-se ao abrotano, absinthio e acantho. Nem sequer chegou aonde, um seculo mais tarde, havia de chegar a Academia com a publicação do seu Diccionario: ao fim da letra A.

E' notavel que, achando-se 'neste ponto o estudo da botanica medica em Portugal, um membro da Sociedade das Sciencias Medicas, de Lisboa, affirmasse, ao apresentar um *Ensaio sobre a flora toxica portugueza:* «...tendo nós já a Flora geral do dr. *Brotero,* e outra, Alimentar e Pharmaceutica do dr. *Figueiredo,* só faltava uma Flora especial das plantas toxicas do nosso paiz, que tenho a honra d'apresentar a esta sociedade (2)».

E apresentou. Pena foi que se publicasse apenas o principio da obra, porque merecimento sobrava-lhe. Basta lêr alguns periodos d'ella, a que tive o cuidado de conservar até a ortographia.

A pag. 126: «No alcaloide chamado *hyosciamina* é que consiste as propriedades, o qual foi descoberto por Brandes, o das sementes do meimendro é mais activo do que aquelle quo provêm da raiz e das folhas, que é quasi inerte.» E a pag. 239: «As differentes especies de rainunculos descriptos podem e tem sido usados como medicamentos exteriormente; assim tem sido applicados sobre a pelle como vesicatorios, sobre tudo da especie *acre* e *sceleratus,* n'alguns paizes preferiveis ás cantharidas, por causa de não atacarem a bexiga;...»

Depois, a força da modestia. «Este insano trabalho comtudo merece que a Sociedade releve as imperfeições inherentes a quem não é Botanico de profissão, sendo aliaz o primeiro que apparece entre nós.»

Está desculpado.

Mais recentemente, está sendo publicado em um jornal de Coimbra (3) um *Catalogo das plantas medicinaes que habitam o Continente Portuguez.* E' um subsidio importante e indispensavel a quem quer que um dia tente dedicar-se ao estudo da Flora medica portugueza. E oxalá que esse estudo se não demore, que bem tempo é já de apparecer.

---

(1) Manoel Gomes de Lima, Diario universal de medicina, cirurgia, pharmacia &c. Lisboa 1764.

(2) J. A. Fonseca Benevides, in Jorn. da Soc. das sc. med. de Lisboa, 2.ª serie, tomo XII, 1853.

(3) O Instituto, anno XXV, 1.ª serie, n.º 6 e seg.

BIBLIOGRAPHIA GERAL

Amatus Lusitanus — In Dioscorides Anazarbei de materia medica... enarrationes. Lugduni 1558.
Garcia Lopes — Commentarii de varia rei medicae lectione. Antuerpia 1564.
C. Clusius — Rariorum aliquot stirpium per Hispanias observatarum Historia. Antuerpia 1576.
Zacutus Lusitanus — De medicorum principum historia. Lugduni 1642.
G. Grisley — Desengano para a medicina ou botica para todo pay de familias. Lisboa 1656.
J. Vigier — Thesouro apollineo, galenico, chimico, chirurgico, pharmaceutico. Lisboa 1714.
J. B. Chomel — Abregé de l'histoire des plantes usuelles. Paris 1738.
José Rodrigues de Avreu — Historiologia medica. Lisboa 1752.
J. Castro Sarmento — Materia medica physico-historico-mechanica. Londres 1758.
Fr. Christovam dos Reis — Reflexões experimentaes methodico-botanicas. Lisboa 1779.
Cullen, trad. por Bosquillon — Traité de matière médicale. Paris 1789.

A. J. de Souza Pinto — Materia medica. Lisboa 1813.
J. L. Alibert — Nouveaux éléments de thérapeutique et de matière médicale. Paris 1814.
Jeronymo Joaquim de Figueiredo — Flora pharmaceutica e alimentar portugueza. Lisboa 1825.
A. J. L. Jourdan — Pharmacopée universelle. Paris 1828.
Chaumeton, Poiret, Chambert — Flore médicale. Paris 1828.
Merat et Delens — Dictionnaire universel de matière médicale. Paris 1829.
J. B. G. Barbier — Traité elementaire de matière médicale. Paris 1837.
Milne-Edwards et P. Vavasseur — Manuel de matière médicale. Paris 1839.
S. Dieu — Traité de matière médicale et de thérapeutique. Paris 1847.
R. Hooper — Lexicon medicum or medical dictionary. London 1848.

Jonathan Pereira — The elements of materia medica and therapeutics. London 1850.
P. Mottet — Nouvel essai d'une thérapeutique indigène. Paris 1852.

J. F. Royle — A manual of materia medica and therapeutics. London 1853.
G. B. Wood — A treatise on therapeutics and pharmacology. Philadelphia 1856.
C. M. F. S. Beirão — Compendio de materia medica e de therapeutica. Lisboa 1862.
E. Bouchut et A. Després — Dictionnaire de thérapeutique médicale et chirurgicale. Paris 1866.

P. L. N. Chernoviz — Diccionario de medecina popular. Paris 1870.
H. Rodin — Les plantes médicinales et usuelles. Paris 1872.
A. Bouchardat et J. Bouchardat — Manuel de matière médicale, de thérapeutique et de pharmacie. Paris 1873.
Bernardino Antonio Gomes — Elementos de pharmacologia geral. Lisboa 1873.
A. Gubler — Commentaires thérapeutiques. Paris 1874.
J. L. Soubeiran et Dabry de Thiersant — La matière médicale chez les chinois. Paris 1874.
A. Heraud — Nouveau dictionnaire des plantes médicinales. Paris 1875.
A. Rabuteau — Élémen!s de thérapeutique et de pharmacologie. Paris 1875.
Cazin — Traité des plantes médicinales indigènes. Paris 1875.
O. Reveil — Flore médicale du XIX siècle. Paris, *sem dacta*.
Pharmacopêa portugueza, edição official. Lisboa 1876.
A. Trousseau, H. Pidoux, C. Paul — Traité de thérapeutique et de matière médicale. Paris 1877.
D. Cauvet — Nouveaux éléments d'histoire naturelle médicale Paris 1877.
A. Bouchardat — Nouveau formulaire magistral. Paris 1878.
Fonssagrives — Traité de thérapeutique appliquée. Paris 1878.
A. Paulier — Manuel de thérapeutique. Paris 1878.
Leblanc — La médecine en Perse, in *Journ. de thérapeutique*. Paris 1879.
J. P. Reis — Vade-mecum da Pharmacopêa portugueza. Porto 1879.
H. Nothnagel et M. J. Rossbach, trad. par C. Bouchard — Nouveaux éléments de matière médicale et de thérapeutique. Paris 1880.
A. F. Moller — Catalogo das plantas medicinaes que habitam o Continente Portuguez, in *O Instituto*. Coimbra 1877-81.

A bibliographia especial será indicada a proposito das plantas mais importantes.

HERBORISADORES

CITADOS A PROPOSITO DO «HABITAT» DAS PLANTAS DESCRIPTAS

Brot. — F. A. Brotero, *Flora lusitanica*; Lisboa 1804.

Luso — A. Luso, *Cartas populares*, publ. no jorn. *O ensino;* Porto 1878.

John. — Edwin Johnston, *Breves apontamentos para a flora phanerogamica do Porto,* publ. na *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto.* 1881.

Newt. — Isaac Newton, cit. nas *Contribuitiones ad floram cryptogamicam lusitanicam;* Coimbra 1881.

Barb. — Joaquim Casimiro Barbosa, guarda-mór do Jardim Botanico do Porto.

Alb. — Manoel d'Albuquerque e o auctor.

MAIA
VALLONGO
BOUCAS
PORTO
GONDOMAR
Leça
Matosinhos
Agrella
Lavadores
Foz
Nova de Gaya
Mafamude
Valbom
Rio Labruge
Rio Leça
Rio Douro

FLORA MEDICA PORTUENSE

FAM. I. COMPOSTAS

Tribu I. Chicoraceas

1. Taraxaco officinal

Syn. *Lat.* Leontodon taraxacum L., Taraxacum officinale Brot. *Port.* Taraxaco, dente de leão, amor dos homens. *Hesp.* Amargon, taraxacon. *Fr.* Pissenlit, dent de lion. *It.* Dente di leone. *Ing.* Dandlion, Pissabed. *All.* Lowenzahn, poppenkraut.

Descr. Rh. sublen., perpend.; caule erecto, cyl., fist., unifl.; folh. roset., sesseis, obl., runc., dent., glabras. Invol. ext. de fol. refl., int. de fol. erectos; recept. conv., nu; fl. em capit., todas ligul., hermaph., amar.; papp. estip., pil., de pellos dentic.; ak. atten., estr. Per. Flor. primav. e estio.

Hab. Frequentissimo pelas ruas, quintaes, campos etc.

P. us. Rhizoma, folhas recentemente colhidas.

Colh. Toda a epocha, melhor em Novembro ou Dezembro.

Comp. *Rh.* (suco): principio amargo, caoutchouc, resina, assucar, gomma, acido livre, phosphatos, sulfatos e chlorhydratos de potassa e de cal (John), principio odorifero (Squire). *Folh.:* albumina, mucilagem, gomma, assucar, cera, resina, chlorophylla, cellulose (Sprengel).

Alk. *Taraxacina,* crystallisavel, amargo-acre, pouco soluvel na agua fria, muito na agua quente, no alcool e no ether (Polex).

Acç. phys. Amargo, tonico, estomachico, diuretico (Gubler).

Us. ther. Doenças cutaneas (Gubler, Bouchardat, Bouchut, Reis); doenças do estomago, do figado e do baço (Gubler, Reis, Chernoviz). Engorgitamentos visceraes (Zimmermann), hypochondria (Van-Swieten), intermittentes (Parkinson), hydropisia (Bonafous), dysenteria (Matthiolo), colica nephretica, lithiase renal (Chomel), phtisica (Hufeland).

Posol. Infuso ou decocto 20 a 60 gr. Extracto 4 a 8 gr.

Us. pop. Em França, comem-se as folhas em salada (Merat); na Inglaterra, mistura-se o extracto ou o po do rhizoma no cafe e no chocolate (Gubler).

2. Serralha preta

Syn. *Lat.* Sonchus asper Villars, S. oleraceus L. *Port.* Serralha preta. *Hesp.* Cerraja. *Fr.* Laitron. *It.* Sonco. *Ing.* Sow-thistle. *All.* Hasenkohl.

Descr. Caule erecto, ang., fist.; folh. caul. sin., runc. ou pinnat., com auric. pat., acum. Invol. de fol. glab., imbr.; recept. nu; capit. urceol.; fl. todas ligul., hermaph., amar.; ak. compr., estr., trunc.; papp. sessil, capillar. Ann. Flor. prim., estio.

Hab. Frequentissimo nas sebes.

P. us. Toda a planta.

Colh. Em qualquer epocha.

Acç. phys. Emolliente (Merat).

Us. ther. Lithiase (Figueiredo).

3. Chicoria sylvestre

Syn. *Lat.* Cichorium intybus L. *Port.* Almeirão, chicoria brava. *Hesp.* Chicoria, achicoria. Fr. Chicorée sauvage. *It.* Cicórea, cicória. *Ing.* Cichory, wild succory. *All.* Cichorie, Wegwart.

Descr. Rh. obl., fusif.; caule erecto, sulc., ramif.; folh. rad. roset., runc.; folh. caul. lanc., ampl. Invol. ext. de 5 fol., int. de 8, maiores, erectos; fl. em capit., todas ligul., hermaph., azues; ak. dentic., transversalmente estr. Per. Flor. estio.

Hab. Oliveira; Cabedello, proximo á Pedra do Cão.

P. us. Rhizoma, folhas.

Colh. *Rh.* em qualquer epocha, melhor em Setembro; *folh.* em Maio e Junho.

Comp. Materia extractiva amarga, chlorophylla, albumina, assucar, sacchocichorina, resina, azotato de potassa e outros saes (Lacarterie). O rhizoma contém inulina a mais e chlorophylla a menos (Watt).

Acç. phys. A mesma que a do taraxaco.

Us. ther. Depurativo (Cauvet, Paulier, Trousseau), resolutivo (Hamelin), diaphoretico (Bouchardat), fundente (Gubler), expectorante (Geoffroy). Atonia do tubo digestivo, dyspepsia (Hamelin, Gubler, Reis, Chernoviz etc.), escrofulose (Reveil), affecções herpeticas (Reis, Chernoviz), syphilis constitucional, rheumatismo (Bouchardat), intermittentes (Trousseau, Cazin, Hamelin). Doenças do figado e do estomago, gota, ophtalmias (Hippocrates, Dioscorides), obstrucções (Van-Swieten), ictericia, hypochondria (Murray), febres biliosas e mucosas (Chaumeton), phtisica pulmonar (Woodville), calculos urinarios (Beirão).

Posol. Infuso ou decocto 20 a 60 gr. Extracto 4 a 8 gr.

Us. pop. Em França, o rhizoma, torrado e pulverisado mistura-se com o cafe (Paulier, Gubler, Hamelin) e usam-se as folhas em salada (Trousseau), como aperitivo (Reveil) e depurativo (Hamelin). Usou-se tambem como prophylactico dos accidentes da menstruação (Merat). Na Russia, como prophylactico da hydrophobia (Martius). No Egypto, con-

tra doenças inflammatorias (Merat). Na China contra furunculos e hematuria e como tonico e antiscorbutico (Soubeiran).

Entre nós, emprega-se, como em França, o rhizoma em vez de cafe (Reis).

4. Lapsana commum

Syn. *Lat.* Lampsana communis L. *Port.* Lapsana. *Hesp.* Lampsana. *Fr.* Lampsane, herbe aux mamelles. *It.* Lampsana. *Ing.* Nipplewort, dock-cresses. *All.* Rainkohl.

Descr. Caule erecto, ram., fol., inferiormente pubesc., superiormente glab.; folh. dent., as sup. lanc., as med. ov. as inf. lyr. Involucro fol. erectos; capit. panic., ang.; recept. nu; fl. ligul., hermaph., amar.; ak. lisas. Ann. Flor. Maio e Junho.

Hab. Frequentissimo nos quintaes, campos etc.

P. us. Folhas.

Colh. Abril e Maio.

Acç. phys. A mesma das precedentes (Hooper). Laxante (Plinio), calmante (Merat), emolliente (Decaisne).

Us. ther. Engorgitamentos inflammatorios das mammas (Merat). Herpetismo (Bouchut).

Posol. Infuso 20 a 60 gr. Suco, em pommada, 5:30.

Us. pop. Na Turquia, consideram-se as folhas alimentares (Bélon).

Tribu II. Cinaraceas

5. Centaurea calcitrapa

Syn. *Lat.* Centaurea calcitrapa L. *Port.* Cardo estrellado, calcatripa. *Hesp.* Cardo estrellado, trepacaballos. *Fr.* Chausse-trape. *It.* Cardo stellato. *Ing.* Star thistle. *All.* Stern-distel.

Descr. Caule pil.; folh. inf. pinnatif., dent. Involucro fol. imbr. terminados por espin. comp.; recept. set. pappil.; fl. em capit. ventr., todas tub., verm., estereis e longas no radio, ferteis no disco. Bien. Flor. estio.

Hab. Littoral de Leça da Palmeira.

P. us. Toda a planta.

Colh. Maio a Julho.

Comp. Substancia azotada, substancia gommosa, resina, materia corante, acido acetico, saes de potassa e de cal, lenhoso (Figuier).

Alk. *Cnicina, cnisina* ou *cynisina,* amarga, inodora, crystallisavel em agulhas, pouco soluvel em agua fria ou acidula, mais na agua quente, muito na agua alcalina e no alcool (Nativelle).

Acç. phys. Tonico (Gubler), amargo (Rabuteau), estomachico (Trousseau), diuretico (Chaumeton, Merat).

Us. ther. Febres intermittentes (Valentin, Gilibert, Biett), como succedaneo da quina (Buchner, Clouet). Pyrexias diversas (Bauhin, Tournefort, Geoffroy, Séguier, Linneu etc.). Dyspepsia, diarrhea (Edwards); nephrite calculosa (Balville).

Posol. Infuso 10 a 20 gr. Extracto alcoolico 1 a 4 gr.

Bibl. Biett, art. *Chausse-trape* in Nouv. Dict. des sc. médicales. Eug. Bertin, in *Montpellier médica'*, xxxvi, 1875; pag. 97 e 192.

6. Malmequeres dos jardins

Syn. *Lat.* Calendula officinalis L. *Port.* Maravilhas, malmequeres, maravilha bastarda, calendula hortense. *Hesp.* Calendula officinal. *Fr.* Souci des jardins. *It.* Fiorranzio. *Ing.* Marigold. *All.* Ringelblume.

Descr. Caule ram., erecto; folh. espatul., dent., as sup. quasi ampl. Invol. de fol. eg. biser.; recept. tuberc.; fl. em capit., gr., amar., as do disco tubul., quasi todas estereis, as do radio ligul., fem., ferteis; ak. deseg., encurv., tuberc. no dorso, membr. no bordo. Ann. Flor. primavera e estio.

Hab. Serra do Pilar, Paranhos etc.

P. us. Folhas, summidades floridas, colhidas recentemente.

Colh. Durante o começo da floração.

Comp. Principio amargo, resina, gomma, acido malico, saes (Geiger).

Alk. *Calendulina*, amarellada, transparente, friavel, soluvel no alcool e nos alcalis (Geiger).

Acç. phys. Amargo (Nothnagel), excitante (Edwards), sudorifico (Merat), fundente (Cauvet).

Us. ther. Ulcera do estomago (Muhsbeck); ictericia (Merat, Bouchut); exanthemas (Chaumeton); vomitos pertinazes (Carter); steatoma (Dioscorides). Antispasmodico, febrifugo (Chaumeton, Merat). Externamente nas verrugas, callos (Hecquet) e ulceras antigas (Tournefort).

Posol. Infuso 20 a 30 gr.

Us. pop. Na China, as flores são consideradas carminativas, sudorificas e laxantes (Soubeiran).

Obs. Empregou-se nas mesmas condições e confundido com o precedente o Malmequeres dos campos, *Calendula arvensis* L., herva vaqueira Brot. Esta especie encontra-se frequente em Carreiros e muitos outros pontos dos arredores do Porto.

Tribu III. Senecioideas

7. Tasneirinha vulgar

Syn. *Lat.* Senecio vulgaris L. *Port.* Tasneirinha, cardo morto. *Hesp.* Hierba cana, bonvaron. *Fr.* Séneçon. *It.* Senecione, cardito, cardoncello. *Ing.* Groundsel, simson. *All.* Gemeine kreuzkraut.

Descr. Caule erecto, folh. pinnat.-sin., de lob. dist., sin., dent., as caul. ampl. Invol. polyph., fol. eg., uniser.,erectos, calic. por escamas brevissimas; capit. disp. em corymbo, con.; recept. plum. papp. capil.; fl. amar., ferteis, hermaph. no disco, fem. no radio; ak. pubesc. Ann. Flor. todo o anno.

Hab. frequentissimo nos muros, telhados, estradas etc.

P. us. Toda a planta.

Acç. phys. Emolliente (Chaumeton, Edwards), refrigerante (Hooper).

Us. ther. Helminthiase (Ray, Tournefort); anginas (Boerhaave); hysteria, convulsões apyreticas (Finazzi); escorbuto, inflammações, ulceras (Hooper).

Posol. Infuso ou decocto 10 a 20 gr. Pó 1 a 4 gr.

Obs. A Tasneirinha de Jacob, *Senecio Jacobæa* L., Tasna ou Tasneira Brot., foi empregada como emolliente, resolutiva, aperitiva, expectorante, detersiva, vulneraria e para combater as anginas, amygdalites, dysenterias etc. Hoje não tem applicações. *Hab.* no littoral, desde o Castello do Queijo á Boa Nova.

8. Arnica officinal

Syn. *Lat.* Arnica montana L. *Port* Arnica, tabaco das Vosgas. *Hesp.* Arnica, tabaco de montaña. *Fr.* Arnica, arnique, tabac des Vosges, betoine des montagnes, plantain des Alpes, herbe aux prêcheurs. *It.* Arnica. *Ing.* Arnica, german leopard's bane. *All.* Arnika, wolverley, fallkraut.

Descr. Raiz fibr.; caule simples, unifl.; folh. rad. roset., ov., integ., consist., pubesc., folh. caul. 2, menores, opp. Invol. biser., fol. eg.; recept. pl.; capit. de fl. rad., amar.; ak. com papp. pil. Per. Flor. Julho-Agosto.

Hab. Boa-Nova (Luso); margem esquerda do Leça, terrenos encharcados, proximo de Leça da Palmeira (Alb.).

P. us. Raiz, folhas e principalmente flores.

Colh. Raiz em Setembro, Outubro; folh. e fl. durante a florescencia.

Comp. *R.:* oleo volatil 1,5; resina 6,0; extractivo 32,0; gomma 9,0; lenhoso 51,2 (Gfaff). *Fl.:* resina odorifera *(cytisina)*, acido gallhico, materia corante amarga, albumina, gomma, saes de potassa e de cal (Chevalier, Lassaigne); saponina (Bucholz), oleo azul (Weber).

Alk. *Arnicina*, crystallisavel, amarga, pouco soluvel (Bastick).

Acç phys. Em pequena dose, tonico excitante. Em dose maior, ardor na bocca e pharynge, salivação, nauseas, vomitos, gastralgia, colicas, diarrhea; dyspnea; pulso accelerado, irregular; cephalalgia, vertigens, pezadellos, delirio; spasmos, picadas nos membros, convulsões; calor e prurido na pelle, diaphorese, diurese. Nas mulheres gravidas accresce a ameaça d'aborto Em doses elevadas, augmenta a intensidade de todos os symptomas e manifestam-se hemorrhagias nasaes e hemorrhoidaes, oppressão, prostração, morte.

Us. ther. Paralysia, somnolencia, coma (Trousseau); hemiplegias, apoplexia, epilepsia (Junker, Eschenbach, Collin). Catharro suffocante, pneumonia, typho (Fonssagrives); febres mucosas, putridas, petechiaes (Stoll, Collin, Gilibert, Chaumeton), typhoides (Hildebrand, Talley, Cazin) e intermittentes (Althof, Stoll). Gota e rheumatismo (Muller, Buchner, Lamarck, Bouchut, Bouchardat, Gubler, Reis, Chernoviz). Der-

rames serosos, pleureticos (Bouchardat), derrames cerebraes, induração de certos orgãos (Joerg). Varizes (Liedbeck). Dysenteria (Stoll). Nevroses, helminthiase (Beirão). Tumores hemorrhoidarios (Szerlecki). Externamente, é empregada como vulnerario (Reveil), antiseptico (Cauvet), no penso das feridas (Rabuteau) e na infecção purulenta (Bouchardat, Reis, Reveil) e como sternutatorio (Trousseau, Reis, Edwards, Chernoviz).

Posol. Flores: po 0,50 a 1 gr; infuso ou decocto 5 a 20 gr.; tintura 2 a 10 gr.; extracto 0,50 a 4 gr.; hydrolato 50 a 100 gr. Com a raiz podem elevar-se um pouco mais as doses Externamente: tintura 1:3 em fricções; pó, uma pitada.

Us. pop. Externa e internamente nas contusões (Chernoviz), d'onde o cognome de *panacea lapsorum*, dado a esta planta por Fehr e Meissner. Em algumas provincias da França e da Suecia fumam-se as folhas e as flores seccas (Merat). Na Russia emprega-se contra a nyctalopia (id.)

Obs. Lamarck fundiu, e a nosso ver com toda a razão, os dois generos de Linneu, *Doronicum* e *Arnica*. O illustre botanico sueco distingue a arnica pelas sementes papulosas, o que de modo algum se póde julgar caracter generico, e pela presença de cinco filamentos estereis, que alguns auctores affirmam existirem só raras vezes na *A. montana* L. (Gilibert) e que outros não poderam ahi achar nunca (Haller, Jussieu).

Pelo que respeita ás propriedades medicas, os doronicos possuem as mesmas da arnica (Reveil). Na flora portuense filia-se o *Doronicum plantagineum* L., que habita em Leça da Palmeira.

9. Perpetua das areias

Syn. *Lat.* Gnaphallium stoechas L. *Port.* Perpetua das areias. *Hesp.* Perpétua silvestre. *Fr.* Stoechas citrin. *Ing.* Goldilocks. *All.* Arabischer, citronengelber.

Descr. Caule lenh. na base, lanug.; folh. lin., enrol. tranv, obt.; num. e imbric. nos ramos estereis. Invol. de fol. imbr., pl., escar., amar.; recept. pl.; fl. fem. uniser.; ak. cyl.; papp. pil. Per. Flor. estio.

Hab. Frequente no littoral e no interior, pelas estradas.

P. us. Summidades floridas, capitulos (flores).

Colh. Maio, Junho, no principio da floração.

Acç. phys. Bechico (Merat), estomachico (Hooper).

Us. ther. Catharros chronicos (Merat).

Posol. Infuso 10 a 20 gr.

Obs. No artigo *Gnaphallium* do Dict. de Merat et Delens, lê-se: «M. le docteur Gomès m'ecrivait, en 1822, que cette espèce (*Gn. arenarium* L.) était employée en Portugal contre la goutte et la dyspnée.»

Referir-se-ia o nosso illustre conterraneo ao *Gnaphallium stoechas*, tão frequente por todo o reino? Não me consta, pelo menos, que até hoje tenha sido descripto na flora portugueza o *Gn. arenarium* L.

E' tanto mais provavel isto, que, além do nome portuguez do *Gn.*

stoechas, a designação das duas especies nas pharmacopêas é commum. «The flowers of this plant (*Gn.* arenarium), as well as those of the gnaphallium stoechas, are called, in the pharmacopœias, *flores elichrysi* (Hooper, ob. cit., art. *Gnaphallium*).»

Ainda se encontram entre nós o *Gn. luteo-album* L. (Ermezinde, junto á Estação dos caminhos de ferro, e Arrabida, na margem direita do Douro) e o *Gn. uliginosum* L. (Campanhã, proximo á Estação dos caminhos de ferro).

10. Artemisia vulgar

Syn. *Lat.* Artemisia vulgaris L. *Port.* Artemisia verdadeira, artemija, hortemigem. *Hesp.* Artemisa. *Fr.* Armoise. *It.* Artemisia. *Ing.* Mugwort. *All.* Gemeine beyfuss.

Descr. R. lenh., longa; caule erecto, cyl., lanug., verde-esbranq.; folh. sess., alt., profundamente pinnatif., glab., verdes superiormente, coton., esbranq. inferiormente. Capit. disp. em cachos e estes em panicula irreg. Involucro de fol. imbr.; recept. nu; fl. do disco hermaph., 5-dent., as do radio fem. em num. de 5.; ak. sess. obov., lisas. Per. Flor. Julho a Setembro.

Hab. Areinho, Pedra-salgada.

P. us. Raiz, folhas, summidades floridas.

Colh. *R.* todo o anno; *folh.* Junho-Julho; *fl.* Julho-Setembro.

Comp. Materia azotada amarga, oleo volatil, principios soluveis na agua e no alcool (Edwards).

Acç. phys. Actua como tonico, excitante e antispasmodico, tendo acção electiva sobre o utero (Heraud).

Us. ther. Emmenagogo (Hippocrates, Dioscorides, Galeno, Zacuto, Grisley, Sarmento, Merat, Gubler, Chernoviz etc.). Succedaneo do absinthio, mais energico, segundo uns (Beclu), menos, segundo outros (Edwards, Pereira, Gubler). Epilepsia (Bu dach, Lowenhoeck, Nothnagel), hysteria (Merat, Chernoviz), helminthiase (Heraud). Intermittentes (Wurtzer).

Posol. Infuso 10 a 20 gr.; po 2 a 4 gr.; extracto 4 gr.; oleo essencial 1 a 2 gr.; hydrolato, xarope. Externamente, em fumigações vaginaes, 5 a 100 para 1000.

Us. pop. Entre nós, como excitante (Beirão) e emmenagogo (Reis). Em França, como emmenagogo (Merat, Gubler, Cauvet). Na Russia, como antilyssico (Martius). Na China e Japão, fazem-se moxas com as hastes e folhas contusas, para combater as affecções articulares (Chaumeton); e emprega-se a planta como emmenagogo, tonico, antispasmodico, antileucorrheico e antirheumatismal (Soubeiran).

Obs. A Artemisia dos campos, *Artemisia campestris* L., que se encontra nos arredores do Porto (Brot.), foi proposta como succedaneo do semen-contra e da santonina (Cauvet).

11. Absinthio vulgar

Syn. *Lat.* Artemisia absinthium L., Absinthium officinale Brot. *Port.* Losna, losna maior, losna de Dioscorides, absinthio vulgar. *Hesp.* Ajenjos. *Fr.* Aluine, grande absinthe, herbe aux vers. *It.* Assenzio. *Ing.* Common wormwood. *All.* Wurmtod, wermuth.

Descr. Planta pubesc., esbranq., arom. R. dura, ram.; caule herb., erecto, ram. superiormente; folh. alt., peciol., pinnul. inferiormente, allong. e obt. superiormente; face sup. esbranq., inf. completamente branca, pubesc. Involl. hemisph., fol. ext. lin., escar. no vertice; recept. conv., avellud. Capit. de fl. verde-amar., peq., em cachos unilat., formando panicula; fl. centraes hermaph., periphericas fem., irreg.; ak. sess., obov., compr., nuas. Per. Flor. Julho a Agosto.

Hab. Margens do Douro, junto ao Porto (Brot.)

P. us. Folhas, summidades floridas.

Colh. *Folh.* Junho-Julho; *summid.* Julho-Agosto.

Comp. Materia resinosa amarga 1,4; materia azotada amarga 18; materia azotada insipida 8; fecula 1; chlorophylla 3; albumina 7,5; oleo essencial verde 0,9; nitrato, chrorhydrato e absinthato de potassa 7,5; tannino, lenhoso e agua 552 (Braconnot).

Alk. *Absinthina,* crystallisavel, amarga, resinoide, endurecendo na agua (Luch, Caventou).

Acç. phys. Em pequena dose, estomachico; em maior dose, calor no estomago, ardor no epigastro, sêde, excitação geral, vertigens, nauseas, cephalalgia. O uso prolongado ou de altas doses origina o *absinthismo,* distincto do alcoolismo e tradusin lo-se por crises convulsivas, analogas ás da epilepsia (Trousseau, Cauvet).

Us. ther. *Antigos:* Tonico (Galeno); adstringente (Amato); anthelminthico, purgante, estomachico (Zacuto); diuretico, antiseptico (Grisley); resolutivo, antispasmodico (Bergius), anodyno (Hooper), narcotico (Lindenstolpe, Stenzelius, Marcé). Embriaguez (Paulo d'Egino); gota (Haller); lithiase (Linneu); intermittentes (Pinel, Ferrein, Lupis, Alibert, Chaumeton etc.). Leucorrhea (Alibert, Richard); amenorrhea (Fabre, Richard); hydropisia (Matthiolo, Willis); hysterismo (Wood), ictericia, obstrucções, colicas flatulentas (Sarmento); helminthiase (Sarmento, Neligan).

Actuaes. Como *estimulante diffusivo* e *tonico estomachico,* c. atonia do tubo digestivo, chlorose, (Marchand, Heraud), polluções nocturnas (Reveil, Rousse), dyspepsia nervosa, flatuosidades, diarrhea (Reveil), escrophulose (Reveil), leucorrhea (Reis). Como *antiperiodico* e o melhor dos succedaneos da quina (Trousseau), c. anasarca, anemia, engorgitamentos visceraes e outras manifestações da cachexia paludosa (Cazin, Reveil, Trousseau). Como *anthelminthico,* c. ascarides lombricoides (Marchand), oxiuros vermiculares (Cazin), tenia (Hufeland). Como *emmenagogo,* c. amenorrhea (Bouchut, Reveil, Rabuteau, Marchand, Reis). Ainda se emprega como diuretico (Beclu), narcotico (Trousseau, Cazin), resolutivo (Reveil), detersivo, antiseptico (Heraud, Reis, Chernoviz).

Posol, *Internamente:* Infuso 5 a 10 gr.; oino-infuso ou cerveja

d'absinthio 60 a 120 gr.; po 1 a 4 gr. (tonico), 5 a 16 gr. (vermifugo); tintura 5 a 20 gr.; oleo essencial 5 a 16 gr. (vermifugo); tintura 5 a 20 gr.; oleo essencial 5 a 10 gotas; hydrolato 60 a 120 gr.; alcoolato 2 a 4 gr.; xarope 30 a 60 gr.; licor ou crema 15 a 20 gr. (1)

Externamente: Oleo 20 a 100 gr. para 400 gr. d'azeite, em fricções anodynas (Reveil) ou anthelminthicas (Heraud, Bouchardat). Infuso em clyster c. lombrigas (Chernoviz). Decocto em fumigações emmenagogas (Bouchardat).

Us. pop. Entre nós, como estomachico (Reis) e anthelminthico (Reis, Chernoviz); em França, como antiperiodico (Merat); na Persia, como anthelminthico (Leblanc); no Egypto, contra a peste (Merat).

Bibl. Reveil e Debout, art. *Absinthe* in Dict. Encycl. des sc. médicales. — Marchand, art. *Absinthe* in Nouv. Dict. de méd. et de chir. pratiques.

12. Chrysanthemo das searas

Syn. *Lat.* Chrysanthemum segetum L. *Port.* Pampilho das searas. *Hesp.* Ojos de buey. *Fr.* Marguerite dorée. *Ing.* Sun-flower, marigold. *All.* Ackergoldblume.

Descr. Caule glab., gl.; folh. espath., dent., ampl., as inf. subspath. Invol. de fol. imbr.; recept. con.; capit. rad. amar.; fl. do disco compr. no tubo; ak. do disco cyl., as do radio triq., al. Ann. Flor. primavera, estio.

Hab. Frequentissimo nos campos cultivados.

P. us. Capitulos (flores).

Us. ther. Vulnerario (Planchon). Ictericia (Decaisne).

Obs. Encontra-se tambem nos campos e sebes o chrysanthemo leucanthemo, *Ch. leucanthemum* L., margarita maior, olho de boy dos hervolarios, bem-me-quer dos floristas, empregado na Siberia contra a leucorrhea (Rehmann) e de que nas ilhas Jonias se comem as folhas em salada (Bélon).

13. Santolina maritima

Syn. *Lat.* Santolina maritima Brot., Athanasia L.

Descr. Caule vill., esbranq.; folh. lanc., cren., obt., toment. Invol. hemisph., de fol. imbr.; recept. pal.; capit. em corymbo; fl. tubul., hermaph., amar., peq.; ak. cyl., nuas. Per. Flor. Agosto-Setembro.

Hab. Littoral.

P. us. Toda a planta.

Colh. Estio.

Acç. phys. Amargo aromatico (Figueiredo, Merat).

Us. ther. Lithiase (Figueiredo); gota, dyspepsia (Gomes).

Posol. Infuso 5 a 20 gr.

Obs. No diccionario de Merat et Delens (vol. I, pag. 481), lê-se: «Le docteur Gomès nous mandait, dans une lettre du 17 septembre

(1) O extracto só contém os principios fixos; o hydrolato e a essencia só os volateis.

1822, qu'en Portugal cette plante était usitée dans les affections dyspepsiques et la goutte, en infusion théiforme, sous le nom de *Perpetuas maritimas* (immortelle maritime)... On en fait usage aussi contre la phthisie dans le même pays; mais on coupe l'infusion avec du lait. C'est le docteur Gomès qui a preconisé le premier l'usage de ce végétal, qu'il compare à la camomille, mais dont il trouve le goût et l'odeur moins désagréables.»

14. Macella fusca

Syn. *Lat.* Anthemis fuscata Brot. *Port.* Margaça fusca, margaça do inverno.

Descr. Caule ascendente, glabro, est., ram.; folh. alt., sesseis, bipinn., obt., mucr. Invol. de fol. imbr.; recept. de palh. centraes cad.; capit. de fl. amar., infundib. no disco, br., lig., lin.-lanc. no radio; ak. arredond. no vertice, estr. só no lado int. Ann. Flor. inverno e primavera.

Hab. Serra do Pilar, Paranhos, Pedras-rubras.

P. us. Capitulos (cabeças, flores).

Colh. Durante a floração. Devem preferir-se os capitulos mais pequenos, incompletamente desenvolvidos.

Acç. phys. Estomachico.

Us. ther. Bom succedaneo da camomilla (Brotero, Figueiredo) e da macella ordinaria (Brotero, Figueiredo, Beirão).

Posol. Infuso 5 a 20 gr.; oleo essencial 1 a 2 gotas. Extracto 1 a 2 gr.

Us. pop. E' muito empregada como carminativo, nas provincias do Norte.

Tribu IV. Asteroideas

15. Enula montã

Syn. *Lat.* Inula odora L. *Port.* Montã do outono. *Hesp.* Enula odorosa. *Fr.* Inule odorante. *It.* Enula odorifera. *Ing.* Odoriferous inula. *All.* Alant.

Descr. R. grossa, fasc., longa, odorif.; folh. hirs., pl., as inf. ov.-obl., gr., as sup. lanc., sub-ampl.; pedunc. incrass. na base. Invol. de fol. imbr.; recept. pl., alveol.; fl. ligul., uni-ser., pat., muito mais longas que o invol.; ak. sub-avellud., cyl., arred. no vert., estr.; papp. duplo, o ext. curto, lacin., o int. pil. Per. Flor. estio.

Hab. Terrenos visinhos do littoral, Areinho, Avintes, Campanhã, etc.

P. us. Raiz.

Colh. Inverno, primavera.

Acç. phys. Adstringente (?)

Us. ther. Succedaneo da enula campanula, *Inula helenium* L. (Merat).

Us. pop. Na Arabia, como hemostatico (Forskal).

Obs. A enula dysenterîca, *I. dysenterica* L., empregada outr'ora contra a dysenteria, encontra-se em Valladares, nos prados humidos e nas margens dos ribeiros (John.)

16. Margarita singella

Syn. *Lat.* Bellis annua L. *Port.* Margarita singella *Hesp.* Margarita. *Fr.* Pâquerette. *It.* Margarita, pratellina. *Ing.* Common daisy. *All.* Ganseblume.

Descr. Caule ramoso; folh. espat., dent. no vert., obt. Invol. de fol. bi-ser.; recept. con; capit. hemisph., rad.; fl. do disco amar., as do radio br. na f. int., ros. ou br. na f. ext.; ak. compr., sub-vill., lisas, sem papp. Ann. Flor. prim.

Hab. Frequentissima nos campos, montes, ruas etc.

P. us. Folhas e flores frescas.

Colh. Primavera.

Acç. phys. Bechico (Chomel), laxante (Garidel).

Us. ther. Phthisica pulmonar, catharro chronico (Baglivi, Fouquet); escrofulose (Ruel); pneumonia (Wepfer); hydropisia (Michaël); ictericia (Roques). Feridas (Cesalpino, Cornut). Convalescença das intermittentes (Cazin). Infiltrações serosas, engorgitamentos abdominaes (Roques, Cazin). Doenças d'olhos (Vigier).

Posol. Suco 100 a 200 gr.

Us. pop. Em França, comem-se as folhas em salada (Reveil).

Obs. A margarita sylvestre, *B. sylvestris* Brot., confundida com a margarita singella, encontra-se nos mesmos sitios, mas menos frequente.

17. Erigeron acre

Syn. *Lat.* Erigeron acris L. *Fr.* Vergerette.

Descr. Caule escabro, ram. no vert.; folh. radic. obt., atten. em pec., sub-serr., as caul. menores, integ. Invol. de fol. lin., imbr.; recept. alveol., pl.; capit. gr., solit., em corymbo; fl. do disco amar., as do radio verm.-azuladas, estreitas, quinquefidas. Ak. carin.; papp. pil. Ann. Flor. estio e outono.

Hab. Ao poente do hippodromo (John) e no littoral de Leça (Alb.)

P. us. Toda a planta.

Colh. Durante a floração.

Acç. phys. Excitante (Merat).

Tribu V. Eupatoreas

18. Eupatorio d'Avicena

Syn. *Lat.* Eupatorium cannabinum L. *Port.* Eupatorio d'Avicena, trevo cervino. *Hesp.* Eupatorio *Fr.* Chanvrine, Eupatoire d'Avicenne. *It.* Eupatorio. *Ing.* Agrimony.

Descr. Caule erecto, ram., ang., escabro; folh. opp., dig., dent., pubesc.; invol. cyl., de fol. bi-ser., imbr., glab. Capit. disp. em corymbo; fl. 3-6 em cada capit., purp., odor., excedidas pelo estyl. bif., pil. na base. Ak. ang., excedida pelo papp. Per. Flor. estio.

Hab. Margens dos ribeiros (John.), Pedra-salgada (Alb.)

P. us. Raiz, folhas, flores, fructos.

Comp. *R.*: fecula, substancia azotada, oleo volatil, principio amargo-acre, saes, vestigios de silica e de ferro (Boudet).

Colh. Inverno, primavera.

Alk. *Eupatorina*, branca; sabor picante; insoluvel na agua, soluvel no alcool e no ether; formando com o acido sulfurico um sal crystallisavel em agulhas setosas (Righini).

Acç. phys. Purgante (Bouchardat), vomitivo (Decaisne), diuretico (Gesner).

Us. ther. Hydropisia; chlorose (Dioscorides, Galeno, Avicenne). Helminthiase (Grisley); amenorrhea (Vigier); doenças do estomago (Grisley, Vigier); doenças da pelle, hydrocele, obstrucções (Chomel). Succedaneo do rhuibarbo (Gesner).

Posol. Infuso 5 a 20 gr.

Us. pop. Na Russia, c. a hydrophobia (Martius).

FAM. II. LOBELIACEAS

19. Lobelia acre

Syn. *Lat.* Lobelia urens L. *Port.* Lobelia urente, queima-lingua. *Fr.* Lobelie brûlante.

Descr. Caule erecto; fol. rad. ov., as caul. lanc., alt. Fl. az. em cacho; cor. bilab., lab. sup. bif., inf. trif. com o tubo fend. longitudinalmente. Caps. bi-tri-loc. Ann. Flor. Maio-Junho.

Hab. frequente nos terrenos humidos e ás vezes nos pinhaes.

P. us. Toda a planta.

Colh. Abril a Julho.

Acç. phys. O suco da planta, em pequena dose, é acre, caustico; em dose maior, produz vomitos, diarrhea; em alta dose, origina convulsões, coma e morte.

Us. ther. Antifebril (Bonté). Succedaneo da *Lobelia inflata* L., na asthma essencial (Beirão), e do guayaco na syphilis (Bodard).

Posol. Tintura 20 a 30 gotas. Suco 2 a 5 centigr.

Us. pop. O decocto da raiz é usado como vermifugo pelos selvagens da America do Sul (Barralier).

FAM. III. DIPSACEAS

20. Scabiosa vulgar

Syn. *Lat.* Scabiosa succisa L., Succisa pratensis Moench. *Port.* Escabiosa, morso diabolico. *Hesp.* Mordisco del diablo. *Fr.* Mors du dia-

ble, succise, herbe de Saint-Joseph. *It.* Morso dal diavolo. *Ing.* Devil's-bit scabious. All. Teufels-abbiss, Teufels-biss.

Descr. Rh. perpend., trunc.; caule erecto, rig.; folh. inf. integr., ou cren. obt.-lanc., as sup. lin.-lanc. Invol. de fol. lanc., bi-tri ser.; capit. hemisph.; recept. pal.; fl. eg., 4-dent., viol. ou cor de rosa. Per. Flor. Julho-Setembro.

Hab. S. Gens, nas mattas humidas (John.)

P.us. Toda a planta, mas principalmente o rhizoma.

Colh. *Rh.* primavera, inverno; *pl.* no estio.

Acç. phys. Amargo adstringente (Merat. Decaisne).

Us. ther. Leucorrhea; angina; feridas (Merat).

Posol. Decocto do rhizoma 20 a 50 gr. Infuso da planta 10 a 30 gr.

Us. pop. Na Persia, contra colicas, vertigens etc. (Merat).

FAM. IV. VALERIANACEAS

21. Valeriana vermelha

Syn. *Lat.* Valeriana rubra L. Centranthus ruber De Candolle. *Fr.* Valeriane rouge, barbe de Jupiter.

Descr. Rh. glab.; caule fist., liso; folh. lin.-lanc. ou ov.-lanc., as inf. pec. Infl. em corymbo term.; fl. verm., ros. ou br.; cal. enrol. para dentro, desenrol. na maturação em papp. plum.; cor. calc.; est. 1; caps. uni-loc., de 1 grão. Per. Flor. prim.

Hab. Muros da Restauração, Entre-quintas, Virtudes, Campanhã, Paranhos etc.

P. us. Raiz.

Colh. Antes da floração, melhor no outono e na primavera.

Acç. phys. e us. ther. Succedaneo da valeriana das boticas, contra nevroses, ataxia e adynamia das febres graves (Beirão).

Posol. Po 4 a 16 gr. Infuso 15 a 30 gr. Extracto 1 a 8 gr.

Obs. O dr. Beirão ainda propõe para succedaneos da *Valeriana officinalis* L. as especies seguintes:

V. calcitrapa, *V. calcitrapa* L., *Centranthus* DC. *Hab.* frequente nos terrenos seccos, no Ouro, Prado do Repouso, Monte dos Congregados etc.

V. discoidea, *V. discoidea* Brot., *V. locusta* L. *Valerianella* Moench. *Hab.* em Avintes.

V. alface, *V. olitoria* Brot., *V. locusta* L. *Valerianella olitoria* Moench. *Hab.* no Areinho e Avintes.

FAM. V. CAPRIFOLIACEAS

22. Sabugueiro commum

Syn. *Lat.* Sambucus nigra L. *Port.* Sabugueiro. *Hesp.* Saúco. *Fr.* Sureau. *It.* Sambuco. *Ing.* Common elder. *All.* Flieder, holunder.

Descr. Arv. de folh. imparipenn., serr.; fl. em corymbo, ped., br.; bagas negras. Per. Flor. estio; fruct. Agosto-Setembro.

Hab. Frequente nos ribeiros do Areinho, Campanhã etc.

P. us. Casca da raiz, *liber* (entre-casca, segunda casca, casca intermedia), folhas, flores, bagas, sementes.

Colh. Casca da *raiz* e *liber* dos ramos novos, no outono, depois da queda das folhas, ou na primavera; *fol.* antes da floração; *fl.*, durante a floração perfeita; *bagas* e *sem.*, na maturação.

Comp. *Bagas* (succo): acidos malico e citrico, pectina, assucar, materia corante. *Flores*: oles volatil, gomma, gluten, albumina vegetal, resina acre, acido tannico, materias extractivas azotada e oxidada, enxofre, malatos de potassa e de cal, fibrina lenhosa, saes (Eliason). *Liber*: acidos valerianico e tannico, assucar, gomma, materia extractiva, pectina, saes (Heraud).

Acç. phys. *Casca* da raiz e dos ramos, hydragogo, emeto-cathartico (Bouchut, Gubler, Bouchardat, Reis). *Folhas*, as mesmas proprieda-des, menos energicas (Gubler, Reis). *Flores* frescas, cathartico (Heraud), laxante, aperitivo (Hooper), narcotico (Chomel); seccas, diaphoretico (Bouchut, Beclu, Gubler, Bouchardat, Reis). *Bagas*, laxante (Heraud, Gubler, Rabuteau, Bouchardat).

Us. ther. *Casca* na ascite (Boerhaave, Sydenham, Bichat, Chaumeton etc.) gota, (Zacuto, Chomel), ictericia (Sarmento). *Folhas* na hydropesia e amenorrhea (Hippocrates, Dioscorides), erysipela, hemorrhoides (Sarmento), angina (Chr. Reis), ictericia, calculos biliares (Hoffmann). *Flores* na suppressão de transpiração, angina (Chaumeton, Merat), erupções cutaneas (Hooper). *Bagas* na hydropisia e algumas doenças do utero (Hippocrates), rheumatismo (Quarin), syphilis (Bouchut).

Externamente, o infuso de *folhas* em collyrio (Chernoviz), loções (Cauvet) e fomentações calmantes (Gubler) e resolutivas (Chernoviz, Heraud, Bouchardat). (1)

Posol. Casca da raiz, entrecasca e folhas 30 a 90 gr. Suco da raiz 15 a 60 gr. Bagas 4 a 16 gr. Sementes 30 gr. Flores (infuso) 5 a 20 gr.

Us. pop. Entre nós emprega-se como sudorifico. Alem d'este uso therapeutico das flores as bagas servem para a falsificação do vinho ao qual communicam uma cor vermelho-escura. Em Hespanha, consome-se tambem uma grande quantidade de baga na fabricação de *vinho do Porto*. Em Inglaterra entra tambem no vinho, *elder-wine* (Thomson, J. Pereira). Em França, emprega-se como emetico e sudorifico (Merat); e na Allemanha (Lorena), como purgante (Willemet, Gubler).

23. Madresylva ordinaria

Syn. *Lat.* Lonicera periclymenum, L. *Port.* Madresylva das boti-

(1) Rabuteau protesta contra o uso das fomentações resolutivas na erysipela, o que *est le meilleur moyen de transformer une erysipèle ordinaire en erysipèle phlegmoneuse.*

cas *Hesp.* Madreselva. *Fr.* Chevrefuille des bois. *It.* Caprifoglio. *Ing.* Woodbine. *All.* Geisblatt, Je laenger je lieber.

Descr. Arb. sarm., de folh. opp., ov., ag., não coadun. Capit. imbr., term.; fl. br., e amar.; calix tubul., cor. gamop., de 5 div., bilab. Per. Flor. Junho-Julho; fruct. Agosto-Setembro.

Hab. Frequente pelos muros e sebes em Campanhã, Paranhos, Ramalde, Fonte da Moura etc.

P. us. Casca, folhas, flores, fructos (bagas).

Colh. Flores na floração perfeita, folhas antes da floração, casca na primavera e outono.

Acç. phys. e us. ther. *Casca,* diaphoretica, na gota e syphilis (Schroeder, Koenig, Boecler). *Folhas,* diureticas (Schroeder, Boecler, Chomel), detersivas (Chomel) e adstringentes (Cauvet), na angina simples (Gardane), na asthma e tosse (Merat). *Flores,* cordiaes, cephalicas, antiasthmaticas (Hoffmann, Rondelet), nos partos difficeis (Rondelet). *Bagas* laxantes (Dioscorides) e diureticas (Cauvet).

Posol. Infuso 4 a 8 gr. Xarope.

FAM. VI. RUBIACEAS

24. Solda branca

Syn. *Lat.* Galium mollugo L. *Port.* Solda branca, herva da ictericia. *Hesp.* Guaja-leche. *Fr.* Caille-lait blanc. *Ing.* Great ladies bed strow. *All.* Weisses labkraut.

Descr. Caules num., lisos, deb.; folh. em verticil. de 6-8, obl.-lanc., mucr., uni-nerv. Panic. erecta, pyram.; fl. br., ped., eg. ao fr.; cal. obsol., 4-dent.; cor. red., de limbo pl., 4-dent.; fr. secco, bicarp., glab. Per. Flor. prim. e estio.

Hab. Nas sebes e nas margens do Rio Leça, em Leça do Balio (John.); em Paranhos e Avintes (Alb.).

P. us. Summidades floridas.

Colh. Primavera e estio.

Acç. phys. Diuretico, emmenegogo (Chomel), antileitoso (Weiss).

Us. ther. Epilepsia (Jourdan, Durand, Valpières), hysterismo (Hufeland). Tinha (Tabernaemontanus).

Posol. Suco 30 a 100 gr. Infuso 50 a 100 gr.

Us. pop. Usado no Porto e em alguns pontos da provincia do Douro, contra a ictericia.

Obs. A solda verdadeira, *G. verum* L. empregada como sedativo, diaphoretico (Guersant), antispasmodico, na epilepsia (Bonafous) e contra a escrofulose (Gaspari, Cyrillo, Ferramosca), encontra-se nos montes e campos, junto do Porto (Brot.).

FAM. VII. APOCYNEAS

25. Congossa media

Syn. *Lat.* Vinca media Link, V. major Brot. non L. *Port.* Congossa maior (Brot.), pervinca. *Hesp.* Pervinca, yerba doncella. *Fr.* Pervenche. *It.* Pervinca. *Ing.* Pervinkle. *All.* Wintergrün, Sinngrün.

Descr. Caules num., deb., os estereis allong.; folh. opp., ov., atten., integ., glab.; cal. 5-part., div. lin.; cor. hippocr., az., pet. ov.-acum.; sem. nuas. Per. Flor. prim., estio.

Hab. Frequente nas sebes e bordas dos ribeiros.

P. us. Folhas.

Colh. Todo o anno, melhor antes da floração.

Acç. phys. Adstringente (Gubler), purgante (Bouchut).

Us. ther. Angina (Agricola), amygdalite (Heraud). Blenorrhagia, leucorrhea (Chaumeton). Dysenteria, hemorrhagias (Merat). Vulnerario, hemostatico (Gubler, Heraud). Engorgitamentos leitosos (Merat, Bouchut, Gubler, Heraud).

Posol. Infuso 10 a 30 gr.

Us. pop. Antileitoso (Chernoviz, Heraud).

Obs. A *Vinca major* L. goza das propriedades da sua congenere. Não pudemos encontrar esta planta nos arredores do Porto, apesar de vir apontada no catalogo do snr. Edwin Johnston. Referir-se-á o illustre botanico á *Vinca major* Brot. non L.?

FAM. VIII. GENCIANACEAS

26. Erythrea centaurea

Syn. *Lat.* Erythrea centaurium Persoon, Gentiana L. *Port.* Fel da terra, centaurea menor. *Hesp.* Hiel de la tierra, centaurea menor. *Fr.* Petite centaurée, erythrée, herbe à chiron. *It.* Centaurea minore. *Ing.* Lesser centaury. *All.* Fieberkraut.

Descr. Caule dich.; folh. inf. roset., obov., obt., as sup. lin.-ag. Fl. sesseis; cal. menor que o tubo da cor. e que a caps.; cor. ros., infund.; est. 5; estig. bif.; caps. lin. Ann. Flor. estio.

Hab. Serra do Pilar, Areinho.

P. us. Summidades floridas.

Colh. Durante a floração.

Comp. Acido livre, materia mucosa, substancia extractiva amarga, saes, lenhoso (Moretti).

Alk. *Erythro-centaurina,* crystallisavel em agulhas branca, inodora, insipida, pouco soluvel em agua fria, muito em agua quente, alcool e chloroformio. Exposta á acção dos raios solares, torna-se successivamente alaranjada, rosada e vermelha, sem modificar a sua composição chimica (Méhu).

Acç. phys. Tonico, amargo puro, estomachico (Gubler, Bouchardat, Heraud, Reis, Paulier etc.).

Us. ther. Gota (Dioscorides, Zacuto); intermittentes, febres mucosas (Merat, Edwards). Helminthiase (Avreu, Merat, Gubler, Reis). Chlorose (Edwards), dyspepsia (Heraud). Succedaneo da genciana das boticas (Pereira), preferivel a ella (Mottet).

Posol. Extracto 1 a 5 gr. Infuso 10 a 20 gr. Decocto 20 a 30 gr. Po 2 a 4 gr. (estomachico), 10 a 20 gr. (vermifugo).

Us. pop. Vermifugo, estomachico (Gubler, Reis, Heraud), antigotoso (Gubler, Heraud).

Obs. Encontram-se tambem no Porto as especies seguintes, que parece gozarem das mesmas propriedades.

E. do litoral, *E. maritima* Person, *Genciana* L. *Hab.* no areal da Boa-nova (Alb.).

E. portuense, *E. portensis* Link, *Genciana* Brot. *Hab.* em Barreiro, proximo do Porto (Brot.) e entre S. Gens e a estrada de Leça (John.)

E. chlóodes, *E. chlóodes* Godron, *Genciana* (Brot.) *Hab.* na margem esquerda do Douro (Avintes, Aforada) e no littoral (Carreiros, Castello do Queijo).

FAM. IX. CONVOLVULACEAS

27. Soldanella do littoral

Syn. *Lat.* Convolvulus soldanella L., Calystegia Brown. *Port.* Soldanella, couve marina, versa marinha, couve do mar. *Hesp.* Corrigiiela marina. *Fr.* Soldanelle. *It.* Cávolo marino. *Ing.* Seabindweed, seaconvolvulus. *All.* Seekohl, meerkohl.

Descr. Rh. delg., extenso; caule não vol., rept.; fol. renif., crassas. Fl. ros., axill.; cal. 3 v. menor que o cal.; caps. glab., ov., ag. Per. Flor. Maio, Junho.

Hab. Todo o littoral, mais abundante entre Carreiros e Mathosinhos.

P. us. Rhizoma, folhas.

Colh. Primavera, estio.

Comp. Resina, extracto gommoso, amido, saes, silica etc. (Planche).

Acç. phys. Purgante (Deslongchamps, Trousseau).

Us. ther. Hydropisia (Fallope), helminthiase (Ferrein). Succedaneo da escamonea e da jalapa (Cauvet, Trousseau).

Posol. Suco 0, 5 a 1 gr. Resina 1 a 2 gr. Rhizoma em po 1 a 4 gr. Infuso de folhas 5 a 20 gr. Folhas em cataplasma resolutiva (Merat).

Obs. Gozam das mesmas propriedades e teem sido empregadas para os mesmos fins, as seguintes especies:

Soldanella dos tapumes, *C. sepium* L., *Calystegia* Brown. *Hab.* frequente nas sebes no Areinho, em Campanhã, Ramalde etc.

Verdeselha dos campos, *C. arvensis* L. *Hab.* frequentissima pelos campos, estradas e pinhaes.

28. Cuscuta europea

Syn. *Lat.* Cuscuta europea L. *Port.* Meada, linho de raposa, Cus-

cuta ordinaria. *Hesp.* Cuscuta, Epitimo. *Fr.* Cuscute, Barbe de moine, cheveux du Diable. *It.* Cuscuta. *Ing.* Heelweed, Dodder. *All.* Filykraut, Flachsseide.

Descr. Caules filif., ram., amar.-esverd., vol.; folh. nullas. Fl. sesseis, agglom.; cal. e cor. 4-5-fid., limbo da cor. ros.; est. incl.; estyl. mais curtos que o ovario. Ann. Flor. prim. e estio.

Hab. Parasita sobre o tojo e outras plantas. Frequente nos pinhaes.

P. us. Toda a planta.

Colh. Durante a floração.

Acç. phys. e us. ther. Phthisica (Hippocrates, Galeno). Dyspnea (Galeno, Aetius, Oribase). Obstrucções (Frank, Pauli, Etmuller, Wedel). Purgante (Chomel). Aperitivo, laxante, no rheumatismo e gota (Lémery)

Posol. Decocto 4-15: 500.

Usos pop. Entre nós, como adstringente, nas hemorrhagias (Reis). Na Russia, como antilyssico, na hydrophobia (Pallas). Na China, como tonico, diaphoretico e bechico, na leucorrhea, blennorrhagia, etc. Os rebentos, acres, em collyrio nas ophthalmias (Soubeiran).

FAM. X. BORRAGINEAS

29. Soagem viperina

Syn. *Lat.* Echium vulgare L. *Port.* Viperina. *Hesp.* Vivorera morada, lengua de buey salvage. *Fr.* Viperine. *It.* Capo di vipera. *Ing.* Viper bugloss. *All.* Natterkopf, otterkopf.

Descr. Caule erecto, pubesc.; folh. rad. roset., as caul. inf. obl.-lanc., atten., as sup. sess., decrec., arredond. na base. Fl. em cachos panic.; cor. az., excedendo o cal.; est. sal.; carp. ov.-acum., rug. Bien. Floi. Maio a Julho.

Hab. Frequente nos pinhaes e terrenos seccos.

Obs. Os nomes vulgares da planta derivam da supposta virtude contra a mordedura das viboras. Hoje apenas se lhe concedem as propriedades da cynoglossa (Bei ão) e da borragem (Gubler).

A soagem plantaginea, *E. plantagineum* L., que está nas mesmas condições da sua congenere, *hab.* proximo do littoral em Leça da Palmeira e outros pontos.

A soagem d'Italia, *E. italicum* L., *hab.* no littoral entre a Foz e Mathosinhos.

30. Buglossa officinal

Syn. *Lat.* Anchusa officinalis L. *Port.* Buglossa, lingua de vacca, orcaneta. *Hesp.* Buglossa. *Fr.* Buglose, buglosse. *It.* Buglossa. *Ing.* Bugloss. *All.* Ochsenzunge.

Descr. Caule erecto, ram.; folh. sublanc., integ.; cachos compactos na floração; fl. az., cor. excedendo o cal.; carp. rug. Bien. Flor. prim.

Hab. Areinho, Villar-da-telha, Pedras-rubras etc. Frequente.

P. us. Summidades floridas, folhas.

Colh. Primavera.

Acç. phys. e us. ther. Os da borragem (Gubler, Reveil, Savignac). Adstringente, refrigerante, absorvente (Amato). Epilepsia (Bunz). Doenças do apparelho respiratorio (Willemet), doenças cutaneas (Amato).

Posol. Infuso 10 a 30 gr.

31. Borragem officinal

Syn. *Lat.* Borago officinalis L. *Port.* Borragem. *Hesp.* Borraja. *Fr.* Bourrache. *It.* Borragine. *Ing.* Borage. *All.* Borretsch.

Descr. Caule erecto, hirs.; folh. rug., hirs., cil., ov.-obl., as inf. atten., as sup. ampl.; cor. az.; carp. negros. Ann. Flor. estio.

Hab. Paranhos, nos campos e sebes.

P. us. Folhas, summidades floridas.

Colh. Folhas, na primavera; summidades, no estio.

Comp. Mucilagem 18, substancia azotada 13; acetato e saes vegetaes de potassa 12; nitrato de potassa 0, 5; saes de cal 0, 5 (Edwards).

Acç. phys. Os effeitos d'esta planta variam com a sua composição, que a seu turno depende do grau de desenvolvimento. Antes da floração, predomina o elemento mucilaginoso (bechico, emolliente); durante a floração, o extracto negro, amargo (depurativo, sudorifico); depois da floração, o nitrato de potassa (diuretico). (Reveil).

Us. ther. Molestias de pelle (Savignac); febres eruptivas, rheumatismo muscular (Bouchut, Heraud); febres biliosas e inflammatorias (Fourcroy); bronchite, pneumonia (Heraud). Succedaneo da grama e da althea (Reis).

Posol. Infuso 10 a 30 gr. Sumo 60 a 120 gr. Extracto 2 a 8 gr. Xarope; hydrolato.

Us. pop. Diaphoretico (Beirão), bechico (Gubler), nas bronchites e pneumonias (Reis). Nas provincias do Norte, é usado como laxante e diuretico.

32. Cynoglossa das boticas

Syn. *Lat.* Cynoglossum officinale L. *Port.* Cynoglossa, lingua de cão. *Hesp.* Cinoglosa, lengua de perro. *Fr.* Cynoglosse, langue de chien. *It.* Cynoglossa, lingua di cane. *Ing.* Hound's-tongue. *All.* Hunds-zunge.

Descr. Raiz pard.; caule pil.; folh. pubesc., lanc., as rad. pec., as caul. sess., subampl. Cachos nus; cor. infund., az.; carp. tuberc., con. Bien. Flor. primavera.

Hab. Frequente nos pinhaes da Fonte-da-moura, Boavista etc.

P. us. Raiz.

Colh. No segundo anno, antes e durante a floração.

Comp. Agua contendo um principio odorifero 10; materia corante gorda 2,08; materia resinosa 2,07; oxalato de potassa 3,06; acetato de cal 1,06; tannino, materia extractiva 9; materia animal 2; inulina 1,02; materia gommosa 5; extractivo soluvel na agua 8,03; acido pectico 9; oxalato de cal 3; lenhoso 36; perda 5 (Cenedilla).

Acç. phys. O estudo da acção physiologica d'esta substancia tem

dado logar a asserções inteiramente oppostas. Morison, cit. por Merat, diz ter observado um caso de envenenamento pela cynoglossa. Vogel e Murray affirmam tambem as propriedades virosas d'esta planta. Chamberet e Chaumeton julgam-n-a, pelo menos, suspeita. Este ultimo crê que pela exsiccação ella perca as propriedades primitivas. Contrariamente a estes auctores, Haller, Scopoli, Desbois e Merat julgam a cynoglossa completamente inerte.

Us. ther. Mordeduras de viboras (Tournon). Narcotico (Edwards, Cauvet), antispasmodico (Chaumeton, Beclu). Excipiente para pilulas (Beirão, Chernoviz etc.)

Posol. Infuso 10 a 30 gr. Extracto *ad libitum* (?).

Us. pop. Na Russia, contra a hydrophobia (Hagen).

FAM. XI. SOLANACEAS

33. Solano dulcamara

Syn. *Lat.* Solanum dulcamara L. *Port.* Dulcamara, doce-amarga, uva de cão. *Hesp.* Dulcamara, dulce-amarga. *Fr.* Douce-amère, morelle grimpante, vigne de Judée. *It.* Dulcamara. *Ing.* Bittersweet, woody-nightshade. *All.* Bittersuss.

Descr. Caule lenh., flex., sarm.; folh. integ., ov.-acum., as sup. hast. Fl. em cym., viol.; bagas rubras. Per. Flor. estio.

Hab. Frequente nas margens do Douro e do Leça e nas bordas dos ribeiros em Ramalde, Paranhos, Campanhã, Areinho etc.

P. us. Talos (caules).

Colh. Fim do outono, primavera.

Comp. Talos: materia extractiva *(picro-glycion)* doce-amarga 21,8; substancia vegeto-animal 3,12; gomma 12; gluten e cera 1,4; resina e acido benzoico 2,74; saes 6; lenhoso 62 (Pfaff).

Alk. *Solanina,* amarga, crystallisavel em agulhas, pouco soluvel em agua e no ether, mais no alcool frio, muito no alcool quente; inodora, opaca (Desfosses). *Dulcamarina* ou *picro-glycion,* amarga-adocicada, crystallisavel, soluvel (Pelletier).

Acç. phys. Muito contestada. Diaphoretico, diuretico (Chaumeton, Pereira, Marchand), mydriatico (Vulpian). Em altas doses, narcotico acre (Murray, Chevalier), produzindo nauseas (Linneu), vomitos (Edwards), diarrhea (Chaumeton, Marchand); cephalalgia (Edwards), vertigens (Gardner), insomnia (Heraud), delirio (Dehaen), paralysia da lingua (Gouan) e do bolbo, excitação dos nervos (Caylus), convulsões nas mãos, labios, palpebras (Carrère); erupções cutaneas (Cauvet, Bouchardat), prurido e picadas na pelle (Chaumeton, Edwards); enfraquecimento da respiração e da actividade cardiaca (Huxmann, Fronmüller); exagero das secreções (Chaumeton), suppressão e retenção da urina (Trousseau, Bouchardat), nymphomania (Carrère). Estes effeitos, porém, não parecem constantes, por isso que não foram observados nas experiencias tentadas por Frank, Dural, Fages, Guersent etc.

Us. ther. *Antigos:* Hydropisia (Dioscorides, Razoux); pneumonia,

pleuresia (Boerhaave, Linneu). Phthisica (Werlhoff, Sagar); asthma, contracções, espasmos (Dahaen). Syphilis constitucional (Sauvages), dores osteocopas, amenorrhea, ictericia (Tragus, Murray). Escorbuto (Razoux, Linneu); doenças de pelle (Carrère, Poupart, Bretonneau, Gardner); rheumatismo (Linneu, Carrère), gota (Starke, Bergius). Catharros atonicos e apyreticos, blenorrhagia, leucorrhea (Guersent). Coqueluche (Hufeland). Lepra (Crichton, Bateman), eczema, psoriasis (Rayer). Feridas (Fuller); engorgitamentos da mamma (Sebezius).

Actuaes: Depurativo (Trousseau, Marchand), nas affecções cutaneas (Beirão, Gubler, Chernoviz, Cauvet), syphilis, escrofulose (Cauvet), rheumatismo e gota (Beclu, Gubler), catharro pulmonar chronico (Gubler).

Posol. Extracto alcoolico 0,5 a 2 gr. e mais. Decocto 15 a 120 gr. Po 5 a 20 gr.

Us. pop. Na Russia como antisyphilitico (Gmelin); na China, como diuretico, vulnenario, tonico, contra furunculos e doenças cutaneas (Soubeiran). O nosso povo fuma os caules de dulcamara, para combater as dores de dentes.

Bibl. L. Marchand, art. *Douce-amère* in Nouv. Dict. de méd. et de chir. pratiques.

34. Solano negro

Syn. *Lat.* Solanum nigrum, L. *Port.* Herva moira. *Hesp.* Yerba mora, tomate del diablo. *Fr.* Morelle. *It.* Solano nero, Morella. *Ing.* Black Nightshade. *All.* Nachtschatten.

Descr. Differe do precedente pelo caule herb., não flex.; folh. sin.; fl. peq., br.; bagas negras. Ann. ou bienn. Flor. estio. Fruct. estio, outono.

Hab. Frequente nos terrenos seccos, estradas, montes.

P. us. Toda a planta, bagas.

Colh. No outono, durante a perfeita maturação do fructo.

Comp. Sabe-se apenas que contém malato de solanina (Desfosses).

Alk. *Solanina* (v. Solano dulcamara).

Acç. phys. Baccone e J. Pereira consideram hypnoticas as emanações d'esta planta. Haller viu morrerem gallinhas que tinham comido as bagas. Wepfer observou tres creanças, em que se produziu delirio, cardialgia, distorsão dos membros. Alibert cita um caso de uma creança de 8 annos atacada de torpor, coma, dor violenta no epigastro, febre. Bucker narra um envenenamento de uma senhora e quatro filhos pelo solano negro. Apezar de todos estes e muitos mais factos, Gubler concede-lhe propriedades muito leves e quasi todos os auctores modernos se inclinam a admittir a inocuidade, não só das bagas, mas de toda a planta.

Us. ther. Narcotico, sedante, anodyno, hypnotico (Chaumeton), na gastrite (Cesalpino), cardialgia, queimaduras profundas, hemorrhoides, dores nephreticas, ischuria, estranguria (Chaumeton), dartros (Alibert), metrite chronica (Bouchut). Resolvente (Gataker, Bromfield). Sialagogo (Smith).

Posol. Po 5-10 centigr. Infuso 60 gr. Suco 30-120 gr. Extracto

1-4 gr. Decocto em loções calmantes (Gubler, Chernoviz) 50 gr. Oleo em fricções sedantes e anodynas (Reis). Suco em fricções mydriaticas (Dunal), em volta das palpebras.

Usos pop. Na Bohemia, collocam feixes de planta fresca no leito das creanças, para as adormecer (Weitenweber, Dierbach). Na Arabia, usa-se contra queimaduras (Merat). Na China, emprega-se para os mesmos fins do Solano dulcamara (Soubeiran). Na Persia, como calmante, nas doenças nervosas (Leblanc).

Obs. O solano villoso, *S. villosum*, L.. confundido com o precedente, encontra-se na Aforada, em Ramalde, Ermezinde etc.

35. Datura estramonio

Syn. *Lat.* Datura stramonium L. *Port.* Estramonio, Figueira do inferno. *Hesp.* Estramonio, Higuera loca, manzana espinosa. *Fr.* Stramoine, pomme épineuse, herbe aux sorciers, herbe du diable. *It.* Stramonio, pomo espinoso. *Ing.* Thorn-apple. *All.* Stechapfel, follkraut.

Descr. Caule erecto, verde; folh. sin., dent., peciol., ag. Fl. axill., gr.; cal. 5-dent., infundib.; cor. br.; caps. ovoide, esp. Ann. Flor. estio.

Hab. Passeio-alegre, Aforada, Fonte-da-vinha, Avintes, Prado do Repouso.

P. us. Folhas, sementes.

Colh. *Folh.* durante a floração; *sem.* durante a dehiscencia do fructo.

Comp. Folhas: resina 0,12; materia extractiva (comprehendendo a daturina) 0,60; extractivo gommoso, fecula verde e albumina 1,37; saes 0,23; agua 91,25; lenhoso 5,15; perda 1,28 (Promnitz). Sementes: malato de daturina e assucar incrystallisavel 1,80; oleo fixo, chlorophylla, cera e extractivo 18,05; albumina, phytocolla, gomma, extracto gommoso e saes 23,75; gluten 5,50; malatos de daturina, potassa e cal e acetato de potassa 0,60; agua 15,10; lenhoso 23,35; perda 1,95 (Brandes).

Alk. *Daturina*, branca, crystallina, inodora, amarga, lembrando o gosto do tabaco; pouco soluvel em agua fria, mais na agua quente, melhor ainda no ether, muito no alcool (Brandes). Chimicamente identica á atropina (Planta), é-o tambem nos seus effeitos (Schroff, Stoeber), posto que tres vezes mais energica (Jobert).

Acç. phys. Pequena dose: leves vertigens, tendencia ao somno. Dose maior: diminuição da energia muscular e da sensibilidade; mydriase, obscurecimento da visão; augmento da pressão arterial com acceleração do pulso e da respiração; elevação de temperatura; delirio brando, hallucinações, cephalalgia; sêde, dysphagia, diarrhea; diurese. Estes phenomenos duram 5-6 horas. Dose toxica: augmentam de intensidade todos os symptomas, excepto a pressão arterial que desce notavelmente; o delirio torna-se furioso ou alegre, as hallucinações eroticas, acompanhadas de priapismo. A morte é precedida de collapso e arrefecimento. Se o individuo sobrevive, o delirio e as hallucinações desapparecem ao fim

de 12-20 horas; os outros symptomas, cegueira, fraquesa dos membros e perda da memoria subsistem durante dias, mezes e até annos.

Us. ther. Doenças cerebraes chronicas (Storck). Epilepsia (Greding, Odhelius), hallucinações (Bayle, Moreau, De Candolle, Bernard), nevralgias (Vaidy, Kirckhoff, Marcet), asthma essencial (Meyer, Warder, Beirão, Trousseau, Rabuteau, Barral, Reis), coqueluche (Gubler, Trousseau), nymphomania (Wendt), priapismo (Gubler), enterodynia (Elliotson). Spermatorrhea, perdas seminaes (Corvisart, Laroche). Affecções catharraes (Ward, Merat), expectoração e suores dos phthisicos (Rabuteau). Hemorrhagias (Fonssagrives). Rheumatismo chronico (Zollickoffer, Van Nuffel, Beirão). Mydriatico (Jobert, Pereira, Rabuteau).

Posol. *Internamente:* Po 5 a 30 centigr. e progressivamente até 1 gr. Extracto 2 a 10 centigr. Tintura 2 a 20 gotas. Xarope 15 a 30 gr. *Externamente:* Infuso 15 a 30 gr. Cigarrilhas. Emplasto. Collyrio, 30 centigr. Oleo 2 gr.

Usos. pop. Entre nós, na Inglaterra (Busseil), na Turquia (Chaumeton), na India (Merat) e na China (Soubeiran), são fumadas as folhas para combater a asthma. No Brazil (Martius) usam-se as folhas em decocto com antiodontalgico.

Obs. A *D. tatula* L, que possue as mesmas propriedades da sua congenere, *hab.* no Passeio-alegre e Avintes.

Bibl. Hirtz. art. *Datura* in. Nouv. Dict. de méd. et de chir. pratiques.

FAM. XII. PERSONADAS

Tribu I. Antirrhineas

36. Verbasco branco

Syn. *Lat.* Verbascum thapsus L. *Port.* Verbasco. *Hesp.* Gordolobo. *Fr.* Bouillon blanc, molène. *It.* Verbasco. *Ing.* Yellow mullein. *All.* Wollkraut, wollblume.

Descr. Caule erecto, lanug.; folh. tom., as rad. pec., as caul. cren.. ov.-lanc., decurr. Fl. fasc., amar., est. pil.; sem. ob-con., transversalmente rug. Bien. Flor. prim., estio.

Hab. nos terrenos seccos, em Paranhos, Vallongo etc.

P. us. Flores, summidades floridas.

Colh. Primavera e estio.

Comp. Oleo volatil; materia gorda, acida; acidos malico e phosphorico livres; assucar incrystallisavel, gomma, substancia gorda, verde (chlorophylla?); principio corante amarello, saes mineraes de potassa e de cal (Morin).

Acç. phys. Bechico, emolliente (Merat), narcotico (Desbois de Rochefort).

Us. ther. Catharro, colicas, dysuria (Merat). Antispasmodico (Desbois).

Posol. Infuso 5 a 20 gr.

Us. pop. O nosso povo emprega-o como peitoral. Na provincia de

Traz-os-montes usa-se como emolliente, sobretudo, em semicupios, contra as hemorrhoides.

37. Linaria cymbalaria

Syn. *Lat.* Linaria cymbalaria Miller; Antirrhinum L. *Port.* cymbalaria. *Fr.* Cymbalaire.

Descr. Caules diff., pend.; folh. alt.. pec., 3-5-lob., sub-renif.; fl. axill., sal., cor. az. ou viol.; esp. curto, curvo. Caps. glob. Per. Flor. primavera.

Hab. frequente nos muros humidos, Villar, Entrequintas, Virtudes etc.

P. us. Toda a planta.

Us. ther. Succedaneo da mostarda e da cochlearia, como antiscorbutico (Merat).

38. Escrofularia aquatica

Syn. *Lat.* Scrophularia aquatica L. *Port.* Escrofularia, herva das escaldadellas. *Hesp.* Escrofularia acuatica. *Fr.* Scrofulaire. *It.* Scrofolaria acquatica. *Ing.* Water-figwort. *All.* Wasser-braunwurzel.

Descr. R. fibr.; caule quadrang., al., erecto, glab.; folh. cord., obt., cren.; fl. em panicula term., nua; cal. de lob. orbic., scar.; cor. esc.-averm.; caps. ov.-glob. Per. Flor. estio.

Hab. frequente nos ribeiros, em Mathosinhos, Ramalde, Paranhos, Areinho.

P. us. Folhas.

Colh. Primavera.

Acç. phys. Emolliente (Chomel); emeto-cathartico incerto (Cazin).

Us. ther. Tumores e ulceras escrofulosas (Grisley, Chomel, Sére). Helminthiase (Tragus).

Posol. Cataplasma.

39. Graciola officinal

Syn. *Lat.* Graciola officinalis, L. *Port.* Graciosa, graciola, cinifolio. *Hesp.* Graciola. *Fr.* Gratiole, herbe à pauvre homme. *It.* Graziola. *Ing.* Hedge-hyssop. *All.* Gottesgnadenkraut.

Descr. Caule erecto, simp., glab.; folh. sess., opp., glab., dentic. Fl. axill., solit., br.; bract. 2 na base da fl.; caps. biloc. Per. Flor. estio.

Hab. Pedra-Salgada (margem esquerda do Douro).

P. us. Toda a planta, raiz.

Colh. Primavera e estio.

Comp. Materia gommosa, materia resinosa amarga, malato e phosphato de cal, silica, lenhoso (Vauquelin), tannino (Marchand).

Alk. *Graciolina,* amarga, soluvel no alcool e na agua (Alibert). Este principio é analogo ao das coloquintidas (Vauquelin).

Acç. phys. Dose therapeutica: vomitos, diarrhea abundante, diurese. Dose elevada: vomitos, dysenteria, colicas, diurese, diaphorese, hypersalivação, orgasmo venereo, syncope, diminuição de temperatura animal.

Us. ther. Hydropisias (Heurnius, Grisley, Ettmuller, Hartmann, Willemet), melancolia (Seliz), mania (Murray), helminthiase (Tabernaemontanus, Boulduc, Sala, Ehrhardt). Dysenteria (Cramer, Boulduc). Ulceras venereas (Kostrzewski). Affecções cutaneas (Delavigne). Vomitivo (Morel, Bergius). Drastico (Chaumeton, Merat, Beirão). *Delirium tremens* (Muhsbeck). Como drastico, succedaneo das coloquintidas, c. hydropisias, congestões, apoplexias cerebraes, doenças cardiacas, engorgitamentos visceraes (Gubler). Emeto-cathartico (Chernoviz).

Posol. Po 0,50-1 gr. (vomitivo) ou 1-2 gr. (purgante). Extracto 30-60 centigr. Infuso 5-10 gr.

Usos pop. Purgante energico (Merat, Edwards, Gubler).

Tribu II. Rhinanthideas

40. Digital purpurea

Syn. *Lat.* Digitalis purpurea, L. *Port.* Digital, dedaleira, herva dedal. *Hesp.* Dedalera, chupamieles. *Fr.* Digitale, gant de Notre-Dame, gantelée. *It.* Digitale, digitella, guantelli. *Ing.* Fox-glove. *All.* Fingerkraut.

Descr. Caule simples, levemente pubesc., erecto; folh. rad. roset. ov.-lanc.; caul. ov., toment., cren.-dent. Fl. em espiga term.; cor. obliquamente camp., rubra, mac. na fauce; caps. biloc. Bien. Flor. Maio-Agosto.

Hab. Frequentissima pelos tapumes, sebes, bordas de ribeiros.

P. us. Folhas caulinares, depois de cortado o peciolo e a maior parte da nervura central.

Colh. No segundo anno de existencia da planta.

Comp. Digitalina, digitalose, digitalino, digitalide; acidos digitalico, antirrhinico, digitaleico, tannico; amido, assucar, pectina, substancia albuminoide, materia corante vermelho-alaranjada, chlorophylla, oleo volatil (Homolle e Quevenne); digitoxina, digitaleina, digitonina (Schmiedeberg); scaptina (Radig).

Alk. *Digitalina*, branca, porosa, inodora, amarga, sternutatoria, pouco soluvel na agua e no ether, soluvel no alcool (Homolle e Quevenne).

Acç. phys. *Topica*: irritante da pelle e das mucosas. *Geral*: Pequena dose: pulso lento, regular; respiração lenta; abaixamento de temperatura; diminuição da urea e da densidade da urina. Dose maior: pulso lento, irregular; nauseas, vomitos; diurese abundante; anaphrodisia. Dose toxica: pulso accelerado, irregular, fraco; respiração accelerada; elevação de temperatura; nauseas, vomitos, diarrhea; fraqueza muscular, arrefecimento das extremidades; suores frios; embotamento da sensibilidade geral e especial, dilatação da pupilla; cephalalgia, zumbidos, vertigens, delirio, hallucinações; convulsões; morte.

Us. ther. Como *sedante cardiaco* (Jaccoud, Gubler, Rabuteau etc.), nos aneurysmas do coração (Comte) e da aorta (Pereira), hypertrophia cardiaca (Pereira); hemorrhagias (Jones) traumaticas (Ourgand), epistaxis (Ferriar), hemoptyse (Thomas, Edwards), menorrhagia (Dickinson, Barclay, Jones, Pereira, Trousseau, Rabuteau, Heraud).

Como *sedante nervoso* (Ferriar), na hyperkinesia cardiaca (Edwards, Gubler, Hirtz, Reis), nevroses, epilepsia (Withering, Parkinson, Swediaur, Thomas), mania (Willis, Jones, Currie, Fanzago, Masson-Coy), *delirium tremens* (Jones, Vulpian, Gubler); paralysia geral (Scharkey, Robertson); tosses nervosas (Edwards), asthma (Ferriar, Merat), croup (Custance), coqueluche (Beclu).

Como *antiphlogistico* (Hirtz) e contra-estimulante (Tomasini, Rasori, Simonini), na pneumonia (Gubler, Rabuteau, Jaccoud), pleuresia (Rabuteau); tuberculose (Ferriar, Drake, Beddoes, Fowler, Darwin, Neumann, Moreton etc.); escrofulose (Van-Helmont, Haller, Ray, Mossman, Mayer, Hufeland), engorgitamentos mammarios (Kuhn, Mayer), papeira (Parkinson); rheumatismo articular agudo (Hirtz, Oulmont, Gubler, Rabuteau) e chronico (Austaendischen); typho (Cluttenburk, Hirtz); scarlatina (Hirtz); intermittentes (Bouillaud); febre puerperal (Serres, Delpech).

Como *diuretico* (Withering, Ash, Darwin, Baker), na hydrocephaphalia (Utvius); hydrothorax (Hamilton, Comte, Vassal); ascite (Merat); anasarca (Pereira, Reis), albuminuria, gota, lithiase (Gubler); affecções do baço (Bouchardat).

Como *expectorante*, na bronchite (Bouchardat, Chernoviz).

Hernia estrangulada (Hufeland); blenorrhagia (Béranger); erethismo dos orgãos genitaes (Stadion, Brughman, Giacomini, Cauvet); spermatorrhea (Corvisart, Duclos, Debout, Gauchet).

Posol. Po 0,05 a 2 gr. e mais, progressivamente. Infuso 0,50 a 10 gr. Extracto 10 a 50 centigr. Alcoolatura 1 a 4 gr. Xarope. Externamente: tintura. decocto, pommada, cigarrilhas, emplasto.

Obs. A *D. thapsi* L., gosando talvez das mesmas propriedades, *hab.* na Pedra-salgada (m. e. do Douro).

Bibl. Hirtz, art. *Digitale* in Nouv. Dict. de méd. et de chir. pratiques.

41. Veronica officinal

Syn. *Lat.* Veronica officinalis. L. *Port.* Veronica de Allemanha, veronica das boticas, *Hesp.* Thé de Europa. *Fr.* Véronique mâle, thé d'Europe. *It.* Veronica. *Ing.* Male speedwell. *All.* Heilsamer ehrenpreis.

Descr. Caules radic., prostr., ram., vill.; folh. opp., pec., ov., dent.; fl. em espigas axill.; cal. 4-lac.; cor. az., ven.; caps. triang. Per. Flor. Maio-Julho.

Hab. Rio-tinto, Ermezinde, logares sombrios.

P. us. Toda a planta.

Colh. Durante a floração.

Acç. phys. Tonico, estomachico, diuretico, sudorifico (Merat), purgante (Géron).

Us. ther. Phthisica, catharros chronicos, asthma humida (Hoffmam) lithiase (Elsner); hemorrhagias, doenças cutaneas, feridas (Merat).

Posol. Infuso 10 a 30 gr.

Obs. A *V. beccabunga* L., empregada como depurativo, antiscorbutico (Pauli, Merat) e c. engorgitamentos visceraes (Boerhaave), *hab.* no Prado do Repouso, em Fonte-da-moura etc.

FAM. XIII. LABIADAS

42. Alfazema commum

Syn. *Lat.* Lavandula spica L. *Port.* Alfazema. *Hesp.* Alhucema, alhugema, espliego. *Fr.* Lavande, spic. *It.* Lavendola, spigo. *Ing.* Common lavender. *All.* Lavendel.

Descr. Caule lenh.; folh. sesseis, lin, enrol. nos bordos. Fl. az., em espiga interr. na base. Per. Flor. prim., estio.

Hab. Prado do Repouso e logares cultivados.

P. us. Summidades floridas (espigas) ou, melhor, flores mondadas.

Colh. No começo da floração.

Comp. Resina, tannino, principio amargo, lenhoso; oleo essencial, contendo camphora.

Acç. phys. Estimulante, como todas as labiadas aromaticas. Tonico amargo, estomachico (Savignac).

Us. ther. Lesões do estomago, flatuosidades, hemorrhagias passivas, leucorrhea, gonorrhea (Gmelin). Febres ataxicas e nervosas (Alibert). Hysteria, vertigens, coma, aphonia (Merat); amaurose (Desmarres). Antispasmodico (Savignac). *Externamente,* o oleo essencial c. a tinha e paralysias (Gubler).

Posol. Infuso 10 a 20 gr. Oleo 2 a 8 gotas. Alcoolato 4 a 8 gr. Po 2 a 4 gr. *Externamente:* alcoolato em fricções, cataplasma; banho.

Us. pop. O nosso povo emprega a alfazema como desinfectante e parasiticida.

Obs. A alfazema stoechas, *L. stoechas* L., rosmaninho, é tambem empregada como antispasmodico (Heraud), c. affecções chronicas dos orgãos respiratorios, asthma humida, catharros, engorgitamentos (Bodard) e vomitos por spasmo do estomago (Alibert). *Hab.* na Pedra-salgada (m. e. do Douro).

43. Hortelã das cosinhas

Syn. *Lat.* Mentha rotundifolia L. *Port.* Ortelãa das cosinhas, menthastro, menthastro das boticas. *Hesp.* Yerba buena, mentastro, mastranzo. *Fr:* Menthe, menthastre. *It.* Menta, mentastro. *Ing.* Mint. *All.* Krausemünze, wildemünze.

Descr. Caule levemente pubesc. (var. *glabra* Brot.) ou coton. (var. *hirsuta* Brot.); folh. sesseis, subrot., rug., cren., verdes na f. sup., esbranq. e coton. na inf. Fl. br. ou ros., em espiga cyl. Per. Flor. estio.

Hab. Paranhos, Areinho. A variedade hirsuta é bastante frequente nas bordas dos ribeiros.

P. us. Summidades floridas.

Acç. phys. Estimulante.

Us. ther. Febres graves (Andrade).

Us. pop. Folhas condimentares. Nas provincias do Douro e Traz-os-montes, é considerado o decocto muito efficaz para combater a tosse.

O resto, como a precedente.

44. Hortelã das pulgas

Syn. *Lat.* Mentha pulegium L. *Port.* Poêjo, poêjos. *Hesp.* Poleos. *Fr.* Pouliot. *It.* Puleggio. *Ing.* Penniroyal minta. *All.* Poleymunze.

Descr. Caule pubesc. ou hirs. rept.; folh. subpec., ellipt., subcren. Fl. ros., vertic. Per. Flor. estio.

Hab. Com a precedente.

Us. ther. Emmenago (Haller), sternutatorio (Vigier). Tosse convulsa (Ray, Boyle, Sauvages); asthma, catharros (Merat). Febres graves (Andrade).

O resto como a congenere.

45. Ouregão ordinario

Syn. *Lat.* Origanum vulgare L. *Port.* Ouregão ordinario. *Hesp.* Orégano. *Fr.* Origan. *It.* Origano. *Ing.* Wild marjoram. *All.* Dostenkraut, wohlgemuth.

Descr. Caule erecto, vill.; folh. ov.-lanc., pec. Fl. br. ou purp., em espigas formando panic. trich. Per. Flor. estio.

Hab. Areinho, Ermezinde, nas sebes.

Us. ther. Atonia do estomago, chlorose, affecções catharraes, asthma (Heraud).

Us. pop. Em França, c. o rheumatismo chronico e dores de dentes.

O resto como a precedente.

46. Serpão dos jardins

Syn. *Lat.* Thymus serpyllum L. *Port.* Serpão. *Hesp.* Serpol. *Fr.* Serpolet. *It.* Serpillo, serpollo. *Ing.* Mother of thyme. *All.* Quendel.

Descr. Caules rept., emittindo raizes em toda a extensão; folh. pl., cil., glab. obov., subspath. Fl. ros. ou br., vertic. Per. Flor. estio.

Hab. Montalto (Vallongo) e monte da Restauração.

Us. ther. Cephalalgias por embriaguez (Linneu).

Us. pop. Emmenagogo.

O resto como as precedentes.

Obs. O serpão tomilho, *T. vulgaris* L. encontra-se no monte do Seminario. (Alb.) O serpão tormentello, *T. caespitilius* Brot. *hab.* nos terrenos seccos (John) e na Serra do Pilar (Alb.).

47. Neveda officinal

Syn. *Lat.* Melissa calamintha L., Thymus Brot., Calamintha officinalis Moench. *Port.* Calamintha, neveda maior. *Hesp.* Aneola. *Fr.* Calament. *It.* Calamento. *Ing.* Calamint, mountain balm. *All.* Bergmunze, wilderpoley.

Descr. Caule estolon. herb., erecto, flex.; folh. ov., dent., pec., pubesc. Fl. purp. ou br., em cachos ram., dich., unilat. Per. Flor. estio.

Hab. Frequentissima nos terrenos incultos, Seminario, Sampayo etc.

Us. pop. Emmenagogo muito usado nas provincias do Norte.

O resto como as precedentes.

Obs. A neveda vulgar, *Calamintha nepeta* Link, *Melissa* L., *Thymus* Brot., confundida com a congenere, *hab.* no Padrão da Legua.

A neveda selvagem, *Calamintha clinopodium* Bentham, *Clinopodium vulgare* L., que *hab.* em Valbom, na m. d. do Douro, pode tambem ser empregada como estimulante (Decaisne).

48. Melissa officinal

Syn. *Lat.* Melissa officinalis. L. *Port.* Herva cidreira. *Hesp.* Melisa, torongil cidrado, hoja de limon. *Fr.* Mélisse, citronelle. *It.* Melissa, cedronella. *Ing.* Common balm. *All.* Melissenkraut, citronenkraut.

Descr. Caule ram.; folh. pec., ov., dent. Fl. ros., em glom. axill. Per. Flor. prim., estio.

Hab. Prado do Repouso e campos cultivados.

P. us. Toda a planta.

Colh. Primavera e estio.

Comp. Materia extractiva amarga, oleo essencial branco.

Acç. phys. e us. ther. Os mesmos das labiadas descriptas.

Us. pop. Carminativo muito frequentemente empregado.

49. Glechoma hera-terrestre

Syn. *Lat.* Glechoma hederacea. L. *Port.* Hera terrestre. *Hesp.* Yedra terrestre. *Fr.* Lierre terrestre, rondote. *It.* Hédera terrestre. *Ing.* Ground-ivy. *All.* Gundelmann.

Descr. Caules num., rept.; folh. pec., renif., cren. Fl. viol., em glom. axill. Per. Flor. prim.

Hab. Paranhos, nos ribeiros.

Us. ther. Doenças da bexiga (Sennert, Platter) e dos rins (Grisley, Sarmento). Dyspepsia, flatuosidades (Baglivi). Cephalalgias (Ray). Phthisica pulmonar, catharros chronicos (Alibert). Doenças mentaes (Sultiff). Catharros mucosos (Gauchet). Intermittentes (Lautt).

O resto, como para as precedentes labiadas.

Bibl. A. Gauchet, art. *Lierre terrestre* in Nouv. Dict. de méd. et de chir. dratiques.

50. Betonica officinal

Syn. *Lat.* Betonica officinalis L. *Port.* Betonica. *Hesp.* Betonica. *Fr.* Betoine. *It.* Bettonica. *Ing.* Betony. *All.* Betonik, zehrkraut.

Descr. Caule simples, deb., erecto; folh. obl.-cord., cren., as sup. subsesseis. Fl. az. ou purp., em espigas interr., term. Per. Flor. prim. e estio.

Hab. Aforada (m. e. do Douro).

P. us. Toda a planta, raiz, folhas, summidades.

Colh. *R.* antes da floração; *pl.* no principio da floração.

Acç. phys. *Raiz* emeto-cathartica (Cauvet); *folhas* sternutatorias (Alibert, Gilibert), sialogogas (Scopoli, Merat); *planta florida* amarga (Decaisne).

Us. ther. Teve antiga fama de panacea universal, muito considerada por Musa, Dioscorides, Galeno, Apuleo etc. Hoje é inteiramente desusada.

Obs. Entre outras especies portuenses da familia das Labiadas, encontra-se ainda:

A brunella vulgar, *Brunella vulgaris* L., *Brunella* Brot., empregada como excitante (Edwards); *hab.* frequente nos terrenos seccos e incultos.

O *Teucrium scorodonia* L., considerado amargo-aromatico (Merat) e frequentissimo nas margens das estradas.

A bugula reptante, *Ajuga reptans* L., julgada util nas feridas e ulceras (Fuchs), e para combater a phthisica, angina (Ettmuller, Rivière) e as obstrucções do figado (Camerarius, Dodoëns); *hab.* nas margens do Leça.

Poderiamos ainda ajuntar a esta lista a *Brunella intermedia* Link, o *Lamium maculatum* e o *L. purpureum* L. etc.; omittimol-os porém por não terem até hoje gosado importancia, nem sequer secundaria, em therapeutica.

O illustre naturalista A. Luso diz 'numa das suas *cartas* ter encontrado nos ribeiros a salva. Tractar-se-á da *Salvia officinalis* L.? Não sabemos.

Encontra-se tambem subspontaneo nos arredores do Porto, principalmente em Avintes e Rio-tinto o alecrim das boticas, *Rosmarinus officinalis* L., frequentemente cultivado nos quintaes. E' uma das labiadas aromaticas mais energicas nos seus effeitos.

FAM. XIV. VERBENACEAS

51. Verbena officinal

Syn. *Lat.* Verbena officinalis L., *Port.* Urgebão, verbena, gervão. *Hesp.* Verbena. *Fr.* Verveine. *It.* Verbena. *Ing.* Vervain. *All.* Eisenkraut.

Descr. Caule solit., erecto., ram., ang., escab.; folh. asp., lacin., multif., de lob. deseg., sin., dent. Fl. azul., em espiga; cor. de div. subeg. Ann. Flor. estio.

Hab. Frequente nos campos, estradas etc.

P. us. Folhas.

Colh. Antes da floração.

Acç. phys. Tonico brando, amargo (Gubler).

Us. ther. Foi considerada como uma herva miraculosa e sagrada *(herba Veneris)*, boa contra a cephalalgia, angina, ictericia, colicas, ophthalmia, hydropisia etc. (Merat). Hoje é inteiramente desusada.

Usos pop. Em cataplasma, nas obstrucções do figado (Beirão, Chernoviz).

FAM. XV. PLANTAGINEAS

52. Guiabelha maior

Syn. *Lat.* Plantago major L. *Port.* Tanchagem maior, guiabelha. *Hesp.* Llanten mayor. *Fr.* Plantain, grand plantain. *It.* Piantaggine maggiore. *Ing.* Great-plantain, cock's-head. *All.* Grosser wegerich.

Descr. Caule nullo; folh. cor., ov., largas, glab., atten. em pec. canal., 5-11 nerv.; ped. cyl. Fl. em espiga cyl. ou ovoid-caps. ang. Per. Flor. estio.

Hab. *Passim*, nos terrenos seccos e incultos.

Us. pop. Raiz, folhas, sementes (grãos, espigas).

Posol. *R.* todo o anno; *folh.* antes da floração; *sem.* na maturação.

Acç. phys. Adstringente (Gubler).

Us. ther. Phthisica (Celso, Plinio, Bayle, Tragus, Schulze). Engorgitamentos visceraes, fluxões, hemorrhagias (Dioscorides, Galeno). Diarrhea, dysenteria (Galeno); vomitos incoerciveis (Grisley). Escrofulose (Desbois de Rochefort); doenças da pelle (Hufeland). Intermittentes (Perret, Chevreuse, Girault). Blepharites, conjunctivites (Merat, Bouchut, Reis), anginas (Chernoviz), catharro das mucosas, leucorrhea (Gubler).

Posol. Raiz ou folhas, infuso ou decocto 30 a 60 gr. Suco das folhas 60 a 120 gr. Sementes 4 a 8 gr., infuso.

Us. pop. Na China, as sementes são consideradas diureticas, peitoraes, emollientes, tonicas, antirheumatismaes (Soubeiran). Entre nós, usa-se o gargarejo nas anginas (Chernoviz) e amygdalites leves (Reis). As folhas empregam-se topicamente nas feridas e callos.

Obs. Gosam das mesmas propriedades e teem sido confundidas com esta especie as duas seguintes:

Guiabelha verdadeira, *P. coronopifolia* L., guiabella, guiabelha. *Hab. passim*, nos terrenos cultivados.

G. lanceolada, *P. lanceolata* L., tanchagem menor, tanchagem das boticas. *Hab.* frequentissima nos lameiros.

Talvez possua as mesmas propriedades, ainda, uma outra especie da flora portuense, a guiabelha branca, *P. albicans* L., que se encontra no Cabedello.

FAM. XVI. PRIMULADAS

53. Murrião dos campos

Syn. *Lat.* Anagallis arvensis L., A. phoenicea e A. cœrulea Brot. *Port.* Marugem, murrião vermelho e murrião azul. *Hesp.* Murajes. *Fr.* Mouron rouge.

Descr. Caule prostr., glab.; folh. opp. ou vertic., sesseis, ov., ag. Fl. verm. ou az.; caps. eg. ao cal. Ann. Flor. prim., estio.

Hab. Frequente pelos campos, estradas e pinhaes.

P. us. Toda a planta.

Colh. Durante a floração.

Acç. phys. Narcotico-acre (Reveil).

Us. ther. Purgante, excitante, detersivo (Galeno, Dioscorides, Amato). Mordeduras de viboras (Dioscorides); hydrophobia (Ruphus d'Epheso, Tragus, Kempf). Gota, cancro (Pauli, Murray). Phthisica (Miller). Mania, epilepsia (Rolfinsius, Willis, Hartmann). Doenças d'olhos (Chomel).

Posol. Decocto 10 a 20 gr. Suco 30 a 60 gr.

Us. pop. Na Alsacia, topicamente nas ulceras antigas (Reveil).

Obs. Ainda se encontram no Porto as seguintes especies:

M. erecto, *A. monelli* L. *Hab.* no littoral da Foz.

M. prostrado. *A. tenella* L. *Hab.* no littoral de Mathosinhos.

54. Samolo dos rios

Syn. *Lat.* Samolus valerandi L. *Port.* Alface dos rios. *Hesp.* Pamplina de agua. *Fr.* Mouron d'eau. *Ing.* Brookwed.

Descr. Caule erecto, glab., cyl.; folh. roset., erectas, espath., glob. Fl. br., em panic., tubo da cor. curto; caps. 5-valv., polysp., Per. Flor. estio.

Hab. Arrabida (m. d. do Douro); Valladares, nos ribeiros.

P. us. Toda a planta.

Colh. Antes e durante a floração.

Acç. phys. e us. ther. Aperitivo, antiscorbutico, detersivo (Lémery).

Posol. Decocto 30 a 50 gr. Infuso 20 a 30 gr.

FAM. XVII. ILICINEAS

55. Azevinho espinhoso

Syn. *Lat.* Ilex aquifolium, L. *Port.* Azevinho. *Hesp.* Acebo, Agrifolio. *Fr.* Agrifoglio. *Ing.* Holly. *All.* Stechpalme.

Descr. Arb. ram.; folh. verde-esc., luc., cor., esp. nos bordos, ov., ag., Fl. br. fasc.; drupa rubra. Per. Flor. prim. Fruct. estio.

P. us. Folhas, casca da raiz, bagas.

COLH. *Folh.* e *casca,* todo o anno; *fr.* na maturação.

COMP. *Folhas:* cera, chlorophylla, materia amorpha e amarga, gomma, acetato de potassa, muriatos de potassa e de cal, malato acido de cal, sulfato e phosphato acido de cal, lenhoso (Lassaigne).

ALK. *Ilicina,* amarga, inodora, amorpha, soluvel na agua (Deleschamps).

ACÇ. PHYS. *Casca* emolliente, resolutiva; *folhas* amargas, *drupas* emeto-catharticas, hydragogas (Gubler).

US. THER. Affecções arthriticas (Paracelso). Rheumatismo (Rousseau), gota (Reil, Werlhof). Colica (Ray). Intermittentes (Durande, Rousseau, Saint-Amand, Reil, Raynaud, Delormel, Beirão etc).

POSOL. Po 6-10 gr. Folhas, decocto ou infuso 20-50 gr.

USOS POP. Em alguns pontos da França, usam-se as folhas c. as febres paludosas (Rousseau).

FAM. XVIII. OLEINEAS

56. Freixo commum

SYN. *Lat.* Fraxinus excelsior L. *Port.* Freixo. *Hesp.* Fresno. *Fr.* Frêne. *It.* Frassino. *Ing.* Ash-tree. *All.* Eschenbaum.

DESCR. ARV. de folh. opp., imparipenn., fol. ov.-lanc., dent.; cal. e cor. nullos; fr. ellipt., obl., em cachos pend. Per. Flor. Janeiro-Fevereiro.

HAB. Leça da Palmeira, Guifões. (Alb.).

P. US. Folhas, casca, sementes.

COLH. Todo o anno, melhor no inverno e primavera.

ALK. *Fraxinina* (Mandet) ou *fraxina* (Salm-Horstmar), crystallisando em agulhas branco-amarelladas, pouco soluvel em agua quente; sabor amargo, adstringente, cheiro nullo.

ACÇ. PHYS. *Casca,* amargo-adstringente; *folhas* purgativas (Gubler): *raiz,* emeto-cathartica (Martin-Solon).

US. THER. *Casca*: helminthiase (Bergius); hydropisia (Grisley, Chr. Reis); intermittentes (Helwig, Burtin, Murray, Coste et Willemet). *Folhas*: diureticas (Willemet); bom purgante, succedaneo do senne (Merat, Chaumeton, Dieu); nas mordeduras de serpentes (Beauregard, Montier, Alston); na escrofulose (Pététin, Gilibert), gota (Garrod), rheumatismo (Peyraud, Delarue, Pouget), nephrite, lithiase (Glauber, Bauhin). *Sementes*: lithiase, hydropisia, ictericia (Chr. Reis).

POSOL. Po da casca 8 gr. de 4 em 4 horas, como antiperiodico. Decocto de folhas, como diuretico 10 a 30 gr. Infuso do po das folhas, como purgante, 5 a 20 gr. Po das sementes, como diuretico e lithontriptico, 2 a 4 gr.

US. POP. No Norte da França, o infuso das folhas é empregado c. a gota e o rheumatismo (Dieu); e na Persia, como carminativo, lithrontriptico e para favorecer a concepção (Leblanc).

FAM. XIX. RHAMNEAS

57. Sanguinho da agua

Syn. *Lat.* Rhamnus frangula, L. *Port.* Frangula, Sanguinho da agua, amieiro negro. *Hesp.* Chopera, Arraclan. *Fr.* Bourdaine, bourgène, aune noir. *Ing.* Black alder-tree. *All.* Faulbaum.

Descr. Arb. inerme; folh. alt., ov., pec., com nerv. sal., integ. Fl. axill., fasc.; pet. min., alt. com as sep. sold.; ovario livre, bagas rubras ou negras. Per. Flor. Junho-Julho. Fruct. Agosto-Setembro.

Hab. Pedras Rubras (Alb.), S. Gens e Leça de Balio (John.)

P. us. Casca, bagas.

Colh. *Casca* durante a floração. *Bagas,* antes da maturação.

Comp. Oleo volatil, cera, extractivo, gomma, albumina, materia corante, saes, lenhoso (Gerber).

Alk. *Rhamnoxantina,* (Buchner), amarga, em crystaes amarellos, insoluveis no alcool e no ether. *Frangulina* (Casselmann), crystallina, verde-amarellada.

Acç. phys. *Casca recente,* vomitiva (Merat, Cauvet, Reveil); *casca secca* e *bagas,* purgantes (Chaumeton, Beirão, Reveil).

Us. ther. Purgante (Dioscorides, Mathiole, Dodoëns, Linneu), succedaneo do rhuibarbo (Gumprecht, Dubois de Tournay), do oleo de ricino (Will) e do senne (Nothnagel). Vermifugo (Gilibert, Rocques, Deslongchamps).

Posol. Suco 15-30 gr. Decocto da casca 10-30 gr.

Usos pop. Casca recente, fervida em vinagre, c. tinha e dartros (Reveil). Casca, febrifuga (Dieu). Bagas, purgantes (Merat), na gota e nas amygdalites (Bouchardat).

Bibl. Rhamnus frangula as a substitue por castor oil, by J. C. Ogilvie Will (*Medical Times and Gazette.* Fever. 6. 1875).

FAM. XX. UMBELLIFERAS

58. Hydrocotyla vulgar

Syn. *Lat.* Hydrocotyle vulgaris L. *Fr.* Ecuelle d'eau. *Ing.* Marsh penny-wort. *All.* Nabelkraut.

Descr. Caule rept.; fol. orbic., pelt., cren. Involuc. e involuc. min.; fl. peq., pouco num., br.; fr. compr. Per. Flor. estio.

Hab. Areinho, nos ribeiros; margens do Leça (Alb.); nos pantanos, em S. Gens; ao norte e ao sul do Senhor da Areia e entre Valladares e Lavadores (John).

P. us. Folhas.

Colh. Primavera.

Acç. phys. «Cette plante qui est dangereuse pour les bestiaux en vertu de son âcreté, excite la salivation quand on la déguste; on ressent une chaleur intense à la langue et aux parois de la bouche, et bien-

tôt après une vive douleur dans la gorge, l'oesophage et même dans l'estomac. Brugmans, ayant fait l'experience, a éprouvé, en outre, par intervalles dans la journée, des vertiges accompagnés d'un peu d'assoupissement» (Camara Leme).

Us. ther. Como aperitivo, detersivo, vulnerario (Lémery) e diuretico (Decaisne).

Posol. Infuso 10 a 20 gr.

Bibl. J. A. Camara Leme, *Les ombellifères vénéneuses*, thése. Montpellier.

59. Eryngio campestre

Syn. *Lat.* Eryngium campestre L. *Port.* Cardo corredor. *Hesp.* Cardo corriente. *Fr.* Panicaut, chardon roulant. *It.* Eringio. *Ing.* Common eryngo. *All.* Feldmannstreu, brachdistel.

Descr. Caule ram., erecto; folh. cor., as inf. bipinnat., ov., esp., pec., as sup. subsesseis. Capit. ped., ovoide; invol. de 4-6 fol. lanc.-lin.; cal. 5-dent,; cor. emarg., br.; fr. tuberc. Per. Flor. Maio-Junho.

Hab. Cabedello (Alb.).

P. us. Raiz.

Colh. Primavera e outono.

Acç. phys. Nutriente (De Candolle, Gubler), diuretico (Edwards, Camara Leme), aphrodisiaco (Tournefort).

Us. ther. Phthisica (Hoffmann, Guthe, Manheim). Hydropisia, doenças das vias urinarias, obstrucções do figado (Merat).

Posol. Infuso 20 a 30 gr.; decocto 30 a 60 gr.

Obs. O eryngio do littoral, *E. maritimum* L., cuja raiz foi aconselhada como diuretica nas lesões renaes (Miller), *hab.* todo o littoral, desde Leça a Lavadores (John., Alb.).

Ainda se encontra na Foz e entre Avintes e a Pedra-salgada (John.), o eryngio de folhas dilatadas, *E. dilatatum* Brot., que talvez goze de propriedades analogas ás das congeneres apontadas.

60. Rabaça de umbellas sesseis

Syn. *Lat.* Helosciadium nodiflorum Koch, Sison Brot., Sium L. *Port.* Rabaças. *Fr.* Helosciadie. *Ing.* Creeping water-parsnep.

Descr. Caule prostr., glab.; folh. pec., pinnul., pin. ov.-lanc., dent. Umb. sesseis, opp. ás folh.; invol. cad., de 1-3 fol.; involuc. de 5-6 fol.; cor. br. Per. Flor. estio.

Hab. Margens dos ribeiros (John.), no Areinho e em Leça (Alb.).

P. us. Folhas.

Colh. Primavera.

Us. ther. Escorbuto (Hooper). Doenças da pelle (Withering).

Posol. Suco 60 a 120 gr.

61. Ammio vulgar

Syn. *Lat.* Ammi majus L. *Port.* Ammeos bastardo, ammi, ammio

maior, ammio vulgar. *Hesp.* Xistra. *Fr.* Ammi. *Ing.* Small bonewort. *All.* Mohrenkummel.

Descr. Caule ram., glab., erecto; folh. inf. pinnul., pin. ov.-dent., as sup. multif., pin. lin., dent. Involuc. de fol. pinnat., num.; involuc. de fol. integ. Umb. de raios num.; pet. br., deseg.; fr. ov.-obl., compr. lateralmente, glab. Ann. Flor. estio.

Hab. Serra do Pilar (Alb.)

P. us. Sementes.

Colh. Na maturação, antes da separação dos mericarpos.

Acç. phys. Estomachico (Merat).

Us. ther. Leucorrhea (Pauli). Esterilidade das mulheres (Matthiole, Freitagius).

Posol. Hydrolato 60 a 100 gr.

62. Bunium das castanhas

Syn. *Lat.* Bunium bulbo-castanum L. *Port.* Castanha subterranea menor. *Fr.* Terre-noix, suron, gernotte. *It.* Noce di terra. *Ing.* Earth-nut, kipper-nut. *All.* Erdnuss.

Descr. Raiz tuber., glob.; caule estr., glab.; folh. bi-tri-pinn., as rad. pec., as sup. subsesseis. Involuc. e involuc. de muitos fol.; fl. br.; fr. obl, compr. lateralmente. Per. Flor. Maio-Junho.

Hab. Ribeiros do Areinho (Alb.).

P. us. Raiz, sementes.

Colh. *R.* outono e primavera; *sem.* estio.

Acç. phys. *Raiz* nutriente; *sementes* acres, aromaticas (Merat).

Us. ther. *Sementes* na estranguria e hematuria (Hooper).

Us. pop. Raiz crua ou cosida sob a cinza, empregada em alguns pontos da França, como alimento (Merat).

63. Phellandrio aquatico

Syn. *Lat.* Phellandrium aquaticum L., Oenanthe phellandrium Lamarck. *Port.* Phellandrio. *Hesp.* Cicuta aquatica. *Fr.* Ciguë d'eau, fenouil d'eau. *It.* Cicuta acquatica. *Ing.* Water-hemlock. *All.* Wasserfenchel.

Descr. R. fusif.; caule fist., sulc., ram., nod., emittindo fibr. vertic. dos nós inf.; folh. 2-3-pinn., as inf. subm., pin. pinnat. Umb. opp. ás folh., multirad. Involu. nullo; involuc. multifol.; fl. todas ferteis, br., pet. chanfr.; fr. al., ovoide. Per. Flor. Junho-Julho; fruct. Agosto-Setembro.

Hab. Bordas dos regatos, na Foz (Barb.).

P. us. Sementes.

Colh. Depois da maturação.

Alk. *Phellandrina,* oleosa, volatil, pouco soluvel na agua, muito no alcool, ether, oleos fixos e volateis; cheiro nauseoso, activo (Hutet).

Acç. phys. Stupefaciente, sedante (Gubler), diuretico (Ernsting.).

Us. ther. Phthisica pulmonar (Stein, Schermann, Lange, Hufeland,

Sandras etc.), bronchite, asthma, como expectorante (Gubler, Thomson). Intermittentes, lithiase, escorbuto (Ernsting). Splenite, obstrucções do figado e do mesenterio (Coste et Willemet). Dysenteria, cancro (Decaisne).

Posol. Po 2 a 4 gr. (expectorante, calmante) ou 8 a 16 gr. (antifebril). Infuso 4 a 10 gr. *Phellandrina*, 1 milligr. a 1 centigr.

64. Funcho vulgar

Syn. *Lat.* Anethum foeniculum L., Foeniculum vulgare Gaertner. *Port.* Funcho. *Hesp.* Hinojo. *Fr.* Fenouil. *It.* Finócchio. *Ing.* Fennel. *All.* Fenchel.

Descr. Caule ram., erecto, glab.; folh. tripinn., fol. capil., pec. de bainha membr. Invol. e invol. nullos; pet. amar., integ.; fr. estr., obl. Per. Flor. estio.

Hab. *Passim*, nas pedreiras, montes, muros etc.

P. us. Toda a planta, raiz, sementes.

Colh. *Pl.* no estio; *r.* na primavera e outono; *sem.* no fim do estio, durante a maturação.

Acç. phys. Tonico (Merat), estimulante, carminativo (Reis, Bouchut, Beirão), bechico, emmenagogo, diuretico (Heraud).

Us. ther. Colicas flatulentas (Chaumeton, Chernoviz).

Posol. Po das sementes 1 a 4 gr. Infuso 10 a 20 gr. Decocto da raiz 20 a 50 gr. Oleo volatil 5 a 10 gr. Hydrolato 60 a 120 gr.

Us. pop. Na Inglaterra, c. colicas das creanças (Cullen). Na Allemanha, como galactogogo e c. conjunctivites (Nothnagel). Na China, os caules e folhas, como diuretico, tonico, cephalico; as sementes contra dores visceraes, dyspepsia, colicas (Soubeiran).

65. Perrexil do mar

Syn. *Lat.* Crithmum maritimum L. *Port.* Perrexil do mar, funcho maritimo. *Hesp.* Peregil del mar, hinojo marino. *Fr.* Bacille, fenouil de mer, perce-pierre. *It.* Finócchio marino. *Ing.* Samphire, sea-fennel. *All.* Seefenchel.

Descr. Rh. rept., ram.; caule espesso, flex.; folh. carn., bipinn., fol. lin.-lanc., glab. Invol. e involuc. de fol. ag., lanc.; pet. br., orb.; fr. ov. Per. Flor. estio.

Hab. Littoral (John.) e ponte de Mathosinhos e Leça (Alb.), nas fendas dos rochedos.

P. us. Toda a planta.

Colh. Qualquer epocha, melhor na primavera e estio.

Acç. phys. e us. ther. Diuretico (Merat), anthelminthico (Lavini). Dores uterinas (Hippocrates).

66. Hervatão officinal

Syn. *Lat.* Peucedanum officinale L. *Port.* Funcho de porco, her-

*

vatão porcino, brinça. *Hesp.* Ervato. *Fr.* Fenouil de porc, queue de porceau. *It.* Peucédano. *Ing.* Hog's-fennel. *All.* Saufenchel.

Descr. Caule erecto, ram., levemente estr., glab.; folh. pec., 3-5 v. tern., pin. obl.-filif. Invol. cad., de fol. set.; involuc. de fol. num. lin.-set.; fl. amar.-pall.; fr. ov.-obl., compr., mais curto que o ped. Per. Flor. Maio-Julho.

Hab. Littoral, entre Mathosinhos e o Castello do Queijo.

P. us. Raiz.

Colh. Primavera.

Us. ther. Hypochondria, catharros, amenorrhea, epilepsia, nevroses, paralysias (Dioscorides, Plinio).

Posol. Suco 5 a 10 centigr.

67. Esphondylio vulgar

Syn. *Lat.* Heracleum sphondylium L. *Port.* Canabrás, esphondylio, branca-ursina de Allemanha. *Fr.* Berce, branc-ursine d'Allemagne. *It.* Brancorsina di Alemagna. *Ing.* Cow-pars-nip, all-heal. *All.* Deutsche bärenkraut, susskraut.

Descr. Caule fist., sulc., asp.; folh. pubesc. inferiormente, asp. nos bordos e na f. sup., pinnul., pin. pinnat. Invol. cad.; involuc. multifol.; umb. multirad.; pet. br.; fr. ellipt., compr. Per. Flor. estio.

Hab. Leça do Balio, nas margens do rio Leça, e Valladares, nas bordas dos ribeiros (John).

P. us. Raiz, sementes.

Colh. *R.* outono e primavera; *sem.* estio.

Acç. phys. e us. ther. Raiz acre, amarga (Decaisne); sementes carminativas (? Merat).

Us. pop. Raiz contundida, nas callosidades cutaneas (Merat).

68. Cenoira brava

Syn. *Lat.* Daucus carota L. *Port.* Cenoira brava. *Hesp.* Zanahoria, cenora. *Fr.* Carotte. *It.* Carrot. *All.* Karotte, mohre.

Descr. Caule erecto; folh. rad. bipinn., pin. lin.-ag., subhirs. Invol. de fol. pinnat.; involuc. de fol. tripart.; fl. br.; fr. sub-rot. Per. Flor. estio.

Hab. Frequentissima pelos campos e sebes, Areinho, Ramalde etc.

Us. pop. Raiz, raramente as sementes.

Colh. Primavera e outono.

Comp. Raiz: assucar crystallisavel 8,13; fecula 1,38; inulina 1,0; albumina 0,86; cellulose 4,63; agua 84,0 (Sacc); acido pectico (Braconnot). Suco: albumina 4,35; oleo gordo 1,0; phosphatos terrosos 0,6; carotina 0,34 (Sacc).

Alk. *Carotina* (Wackenroder), alaranjada, incrystallisavel.

Acç. phys. Emolliente (Bayle), estomachico (Beirão), estimulante (Gubler).

Us. ther. Elephantiase (Areteu). Carcinoma (Sultzer, Lagrange,

Bridault etc.) Anthelmintico (Rosen, Van-den-Bosch, Dax). Aphtas, tosse, phthisica (Scholer). Dysenteria (Lacroix, Chaumeton). Lithiase (Lobb). Fendas do mamillo (Edwards). Antiseptico (Wather, Hufeland). Emmenago, anti-hysterico (Lagrange).

Posol. Decocto da raiz 20-30 gr. Sementes, po 1-4 gr.

Usos pop. Polpa da raiz em cataplasma nas ulceras e molestias cutaneas (Chernoviz). Decocto contra a ictericia (Merat, Reveil). Na Allemanha, como vermifugo (Bremser).

Obs. O snr. A. Luso diz-nos que nos arredores do Porto se encontra a *cicuta*, pelas proximidades das aguas. Referir-se-á o illustrado professor ao *Conium maculatum* L. ? a alguma *Oenanthe* ? ao *Phellandrium aquaticum* L.? á *Cicuta virosa* L.? á *Æthusa cynapium* L.?

Das plantas conhecidas em medicina pela designação generica de *cicuta*, apenas nos foi possivel encontrar nos arredores do Porto o phellandrio, que deixamos apontado.

Não descrevemos a *Thapsia villosa* L., que não pudemos achar e que no catalogo do snr. Johnston vem seguida do signal (?).

FAM. XXI. ARALIACEAS

69. Hera dos muros

Syn. *Lat.* Hedera helix L. *Port.* Hera, hera ordinaria. *Hesp.* Yedra. *Fr.* Lierre. *It.* E'dera, éllera. *Ing.* Common ivy. *All.* Epheu.

Descr. Caule sarm., munido de falsas raizes, que o prendem aos corpos visinhos; folh. lob., ang., var., luc. Fl. amar., em umb.; baga negr., glob. Per. Flor. outono, inv. Fruct., inv., prim.

Hab. Frequentissima pelos muros e troncos annosos.

P. us. Madeira, casca, resina, folhas, bagas.

Colh. *Bagas* no principio da maturação; o resto, todo o anno.

Comp. *Resina*: gomma 7; resina 23; acido malico 0,3; lenhoso 69,7. Quando fresca, recentemente obtida, encerra um oleo volatil (Pelletier).

Acç. phys. *Resina* excitante, emmenagoga (Stahl); *bagas* excitantes (Edwards), sudorificas (Boyle), emeto-catharticas (Merat, Gubler).

Us. ther. *Resina*, como resolutivo (Gubler), fundente (Stahl); na tinha (Chaumeton). *Bagas* na gonorrhea (Vigier), intermittentes (Spigel). *Folhas* em penso nos cauterios (Merat) e vesicatorios (Bouchut); nas erupções erysipelatosas e ulceras saniosas (Merat). *Madeira* em ervilhas para fonticulos (Chaumeton, Dieu, Gubler).

Us. pop. Em França, c. intermittentes (Merat, Dieu); na Inglaterra, topicamente nas ulceras saniosas (Hooper); na Allemanha, c. atrophia infantil (Haller).

FAM. XXII. SAXIFRAGEAS

70. Saxifragia branca

Syn. *Lat.* Saxifraga granulata L. *Port.* Saxifragia branca. *Hesp.* Uvas de gato. *Fr.* Sanicle de montagne, saxifrage. *It.* Sassifragia branca. *Ing.* White saxifrage. *All.* Weisser steinbrech.

Descr. R. munida de bulb.; caule ram., nu., erecto, vill.; folh. rad., renif., lob.; fl. br., em panic.; caps. uniloc., birostr. Per. Flor. prim.

Hab. Serra do Pilar, Avintes (John., Alb.), Ponte-Ferreira, Freixo, entre Sampayo e o Cabedello (John.), Mafamude, Carvalhos (Alb.).

P. us. Bulbilhos da raiz, folhas.

Colh. *Folh.* antes da floração; *bulb.* depois da maturação.

Acç. phys. e us. ther. Diuretico (Chaumeton), lithontriptico (Plinio).

Posol. Decocto 30 gr.

FAM. XXIII. CRASSULACEAS

71. Conchelo dos telhados

Syn. *Lat.* Cotyledon umbilicus. L. *Port.* Conchelos, sombreirinhos dos telhados, orelha de monge. *Hesp.* Ombliguera, sombrerillos, ombligo de Venus. *Fr.* Cotylet, nombril de Venus. *It.* Ombilico di Venere. *Ing.* Navel-wort. *All.* Nabelpflanze.

Descr. R. tuber.; caule erecto; folh. rad. pec., sub-pelt., conc. na f. sup.; as caul. cuneif. Fl. verde-averm. ou amar., pend., em cacho. Per. Flor. Maio-Junho.

Hab. Frequentissimo nos muros e telhados.

P. us. Toda a planta, folhas.

Colh. Primavera.

Comp. Agua, cellulose, amido, glycose, mucilagem, chlorophylla, materia corante amarella, oleo volatil, tannino, cera; acidos phosphorico, sulfurico, silicico; chloro, potassa, cal, soda, oxido de ferro, nitrato de potassa, ammoniaco; trymethylamina (Hetet).

Alk. *Trymethylamina,* soluvel na agua, volatilisando-se com um cheiro de peixe (Hetet).

Acç. phys. Tonico nevrosthenico (Cauvet), refrigerante (Chomel), emolliente (Merat), diuretico (Grisley).

Us. ther. Epilepsia, asthma (Salter, Bullar, Graves, Fonssagrives, Gusmão); leucorrhea (Solenander); lithiase, hydropisia (Vogel, Grisley). Topicamente nos tumores (Dieu).

Posol. Suco 15 a 30 gr.; extracto 0,25 a 1 gr.

Us. ther. Na Irlanda, c. epilepsia e asthma (Trousseau).

72. Vermicularia acre

Syn. *Lat.* Sedum acre L. *Port.* Vermicularia, uva de cão menor. *Hesp.* Siempreviva menor. *Fr.* Vermiculaire brûlante, petit-joubarbe, sedon, orpin âcre. *It.* Sedo acre. *Ing.* Wall-pepper, stone-crop. *All.* Mauerpfeffer, scharfe-knorpel.

Descr. Caules estereis per., curtos, os florif. ann., longos; folh. carn., ov., obt., compr., nos caules estereis imbric. Fl. em espigas escorp., formando corymbo; cor. amar.; caps. diverg. Per. Flor. estio.

Hab. Castello do Queijo, Leça (John.), Hippodromo, fralda da Serra do Pilar, Areinho (Alb.).

P. us. Toda a planta.

Colh. Antes da floração.

Acç. phys. *Topica:* rubor, inflammação erysipelatosa, descamação epidermica (Kramer). *Geral:* em pequena dose, eructações, nauseas, vomitos, ardor no epigastro, diarrhea; em dose maior, constricção na garganta, diarrhea copiosa, não acompanhada nem seguida de colicas; prostracção geral, pulso fraco, lento (Dieu).

Us. ther. Ulcera simples, cancro (Marquet, Quesnay, Lombard, Biett), ulcera escorbutica (Alibert), ulcera atonica, abcessos frios, derrames serosos (Gubler). Escorbuto (Gunner, Borrichius, Bullow). Colica nephretica (Blegny); epilepsia (Laubender, Ischom, Peters etc.); nevroses, nevralgias (Merat).

Posol. *Internamente:* po 0,50 a 0,75 centigr.; suco 5 a 10 gr. *Externamente:* cataplasma da planta recente e contusa.

Us. pop. C. intermittentes em Brunswick (Lange) e na Suecia (Linneu). Na China, topicamente nas queimaduras (Soubeiran).

Obs. A vermicularia branca, *S. album* L., arroz dos telhados, pinhões de rato, frequente pelos telhados e muros, foi empregada como peitoral (Merat).

FAM. XXIV. LYTHRARIACEAS

73. Salicaria commum

Syn. *Lat.* Lythrum salicaria L. *Port.* Salgueirinha, Salicaria. *Hesp.* Salicaria. *Fr.* Salicaire. *It.* Salicária. *Ing.* Purple willow-herbe. *All.* Ackerweiderich.

Descr. Caule erecto, tetrag.; folh. opp. cord.-lanc. Fl. verm., em espiga term.; estames 12. Per. Flor. estio.

Hab. Nos terrenos humidos, nas margens dos ribeiros (John.), Areinho, Pedra-salgada, margens do Leça (Alb.).

P. us. Raiz, folhas, summidades.

Colh. *R.* e *folh.* na primavera; *summid.* no estio.

Comp. Materia resinosa verde, oleo essencial, mucilagem, tannino, glycyrrhizina (Meurdefroy, Martin).

Acç. phys. Adstringente (Bouchardat).

Us. ther. Diarrhea e dysenteria (Plinio, Galeno, Dioscorides, Murray, Dehaen, Storck, Bouchardat, Campardon etc.) Hemoptyses, leucorrhea (Sagar, Hooper). Ulceras atonicas (Campardon).

Posol. Po 1 a 10 gr.; extracto 0,20 a 1 gr.; decocto e infuso 20 a 60 gr.

Us. pop. Na Irlanda e na Suecia, c. diarrhea (Merat).

FAM. XXV. MYRTACEAS

74. Murta ordinaria

Syn. *Lat.* Myrtus communis L. *Port.* Murta ordinaria. *Hesp.* Murta, mirto, arrayan. *Fr.* Myrte. *It.* Mirto, mortella. *Ing.* Myrtle. *All.* Mirthe, myrthe, myrthen.

Descr. Arb. de folh. opp., cor., pers., ov.-lanc., ag. Fl. axill., br., solit.; baga negra (var. *melanocarpa* De Candolle). Per. Flor. estio.

Hab. Entre Avintes e Fonte-da-vinha, na m. e. do Douro (Alb.); serra de Santa Justa, S. Pedro-da-cova, margens do Rio-Ferreira, chão do Cavallo-morto (John).

P. us. Folhas, bagas.

Colh. *Folh.* todo o anno; *bagas* na maturação.

Comp. Contém o *myrtol*, essencia analoga á de terebinthina (Linarix).

Acç. phys. *Folhas* tonicas, adstringentes (Delioux); *bagas* tonicas, estimulantes (Cauvet).

Us. ther. Como adstringente (Amato), na diarrhea, leucorrhea, hemorrhagias (Plinio, Dioscorides), hemoptyses (Grisley) e c. a atonia do estomago (Dioscorides). Leucorrhea (Delioux).

Posol. Folhas: po 1 a 4 gr.; infuso 1 a 20 gr. Bagas: infuso 15 a 30 gr.

Us. pop. Na Persia c. embriaguez (Leblanc). Entre nós, usa-se o po das folhas no intertrigo e o decocto das bagas nas contusões e ulceras atonicas (Reis).

FAM. XXVI. ROSACEAS

Tribu I. Pomeas

75. Marmeleiro vulgar

Syn. *Lat.* Pyrus cydonia L.; Cydonia vulgaris Persoon. *Port.* Marmeleiro. *Hesp.* Codonero, Membrillero. *Fr.* Coignassier, Cognassier. *It.* Cotogno. *Ing.* Quince-tree. *All.* Quittenbaum.

Descr. Arv. de folh. ov., integ., obt. no vert., cor., inf.te lanug. Fl. solit., sub-sesseis, br.; fr. carnoso, pyrif. Per. Flor. primavera. Fruct. estio, até Outubro.

Hab. Avintes, Pedra-salgada (Alb.).

P. us. Fructos (marmellos), sementes (pevides).

Colh. Agosto-Outubro.

Comp. Polpa: acidos tannico e malico, assucar, pectina, nitrato de potassa, oleo volatil (?), agua, lenhoso. Sementes: materia corante, amygdalina (?), emulsina, mucilagem, tannino, amido, oleo fixo, lenhoso (Pereira).

Alk. *Cydonina* (Pereira), mucilagem soluvel na agua.

Acç. phys. *Polpa* adstringente, refrigerante. *Sementes* emollientes, adoçantes, nutritivas.

Us. ther. *Polpa:* Diarrheas atonicas (Biett, Chaumeton, Merat, Beirão, Gubler, Chernoviz). Vomito chronico (Merat, Heraud). Atonia do estomago (Geoffroy, Gubler). Hemorrhagias passivas (Beirão), hemoptyse, menorrhagia (Geoffroy), hemorrhoides (Merat). *Sementes:* Dysenteria, hemorrhagias (Chaumeton, Pereira). Febre (Beirão). Queimaduras, fendas dos labios e dos mamillos (Chaumeton, Merat, Dieu, Reis. Gubler). Conjunctivite (Chaumeton, Pereira, Reis). Erysipela (Pereira).

Posol. Fructo: suco, xarope, gelea, vinho, decocto. Sementes: mucilagem recente 1:5, secca 1:100. Infuso 10 a 30 gr.

Usos pop. Compota de fructos (marmelada) e de sementes (gelea), nas convalescenças.

76. Espinheiro commum

Syn. *Lat.* Crataegus oxiacantha L. *Port.* Espinheiro alvar de casca verde, pirliteiro, pilriteiro. *Hesp.* Espino albar, majoleto. *Fr.* Aubépine, épine-blanche, noble-épine. *It.* Biancospino, berbero. *Ing.* Thorntree. *All.* Weissdorn, hagedorn.

Descr. Arb. esp.; folh. ov. obt., glab.; fl. br. ou ros., odor., em corymbo; fr. verm. Per. Flor. prim. Fruct. estio.

Hab. Fonte da Moura; entre Sampayo e o Cabedello (John, Alb.); Chão do Cavallo-morto, margens do Rio-Ferreira; serras de Vallongo e Santa Justa (John.); serra do Pilar, Mathosinhos (Alb.).

P. us. Casca, flores, fructo.

Colh. *Casca* todo o anno, *fl.* primavera, *fr.* estio.

Alk. *Propylamina*, liquida, volatil, de cheiro ammoniacal; soluvel na agua. E' contida nas flores (Gubler).

Acç. phys. Adstringente.

Us. ther. *Casca* febrifuga, antiperiodica (Juch, Ehrhardt).

Posol. Decocto da casca 30 a 50 gr. Infuso de flores 5 a 15 gr.

Us. pop. Fructo nutritivo (Merat).

Tribu II. Roseas

77. Rosa canina

Syn. *Lat.* Rosa canina L. *Port.* Rosa de cão, sylva macha. *Hesp.* Escaramujo, rosa perruna. *Fr.* Rosier sauvage, églantier. *It.* Rosa canina. *Ing.* Dog's rose. *All.* Hundsrose, wilde rose.

Descr. Caule glab., acul.: folh. de 5-7 fol. ellipt., dent., verdes,

glab. nas duas f.; estip. subcil. Fl. br.; fr. verm. Per. Flor. prim., estio. Fruct. estio.

Hab. Leça do Balio, Rio-tinto, Valladares (John.), Campanhã, Pedra-salgada etc. (Alb.).

P. us. Fructos (cynorrhodons).

Colh. No principio da maturação.

Comp. Oleo volatil, vestigios; oleo gordo 0,65; myricina 0,5; resina solida 14,19; resina molle 4,63; tannino 2,60; assucar incrystallisavel 306; gomma 250; acido critico 29,5; acido malico 77,76; citratos, malatos, saes, agua e perda 128,65; epiderme e fibra medullar 185,52 (Bilz).

Acç. phys. *Fructos* adstringentes, antes da maturação; acidulos, depois.

Us. ther. Diarrhea (Gubler), hemoptyse (Chernoviz). Tambem se empregaram os *fructos* na lithiase renal (Garcia Lopes), a *raiz* na hydrophobia (Merat) e as sedas das *sementes* na helminthiase (Briant).

Posol. Conserva 30 gr.

Obs. Goza, de certo, das propriedades adstringentes de quasi todas as rosaceas a *Rosa rubiginosa* Brot., que se encontra nos arredores do Porto (Brot).

Tribu III. Sanguisorbeas

78. Agrimonia eupatoria

Syn. *Lat.* Agrimonia eupatoria L. *Port.* Agrimonia. *Hesp.* Yerba de S. Guillermo. *Fr.* Aigremoine. *It.* Erba giulia. *Ing.* Common agrimony. *All.* Odermennig, buchkraut, leberklette.

Descr. Caule erecto, vill.; folh. alt., pinnat., dent., vill. Fl. em espiga term., amar.; fr. hisp. Per. Flor. estio.

P. us. Folhas, fructos.

Colh. Primavera e estio.

Acç. phys. Adstringente.

Us. ther. Anginas, amygdalites (Merat); gonorrhea, leucorrhea (Wedel, Albiert); ulceras saniosas (Huzard). Helminthiase (Merat). Engorgitamentos do figado e do baço (Edwards).

Posol. Infuso 20 a 30 gr.

Us. pop. Na India e no Canadá, c. as febres inflammatorias (Coxe).

79. Pimpinella hortense

Syn. *Lat.* Poterium sanguisorba L. *Port.* Pimpinella menor, pimpinella hortense. *Hesp.* Pimpinela *Fr.* Pimprenelle. *It.* Pimpinella. *Ing.* Pimpernel, burnet. *All.* Pimpinelle, blutkraut.

Descr. Caule erecto, ang. glab.; folh. pinnul. de 7-19 fol. ov., obt., serr. Fl. escar., verd-purp., em espiga term. densa, long.te ped.; fr. tetrag. Per. Flor. prim.

Hab. Frequente pelas sebes, em Campanhã, Paranhos, Pedra-sal-

gada, Monte dos Congregados (Alb.); Quinta do Freixo; entre Sampayo e o Cabedello, nos rochedos (John.); Avintes (Luso).

P. us. Toda a planta.

Colh. Durante a floração.

Acç. phys. e us. ther. Galactophoro (Tabernaemontanus), adstringente, diuretico, vulnerario (Cauvet).

Posol. Infuso 20 a 30 gr.

Us. pop. Em França nas hemorrhagias (Merat). Em Inglaterra, nas queimaduras (Reveil). Na Siberia, o infuso das folhas e raizes, como alimento (Pallas).

Tribu IV. Dryadeas

80. Sylva ordinaria

Syn. *Lat.* Rubus fruticosus L. *Port.* Sylva, sarça. *Hesp.* Breña. *Fr.* Ronce sauvage. *It.* Rogo, rovo. *Ing.* Wild bramble. *All.* Brombeerstrauch, scheiterhaufen, wild-dorn.

Descr. Caule ang., acul.; folh. palm., pinnul., de 5 a 7 fol., glab. na f. sup., pubesc. e pall. na inf., ov., serr.; estip. trif. Fl. ros. ou br. em cachos term.; fr. verm., depois negro. Per. Flor. e fruct. no estio.

Hab. *Passim*, pelas mattas e bosques.

P. us. Folhas, fructos (amoras de sylva).

Colh. *Folh.* antes da floração, *fr.* na maturação.

Comp. Folhas: tannino, albumina vegetal (Heraud). Fructos: assucar, acidos pectico e malico, pectina.

Acç. phys. Adstringente.

Us. ther. Angina (Edwards), dysenteria, diarrhea, hemoptyse (Merat), leucorrhea (Heraud). Dartros (Merat), ulceras (Heraud).

Posol. Infuso 10 a 30 gr., decocto 20 a 50 gr. Xarope de fructos.

Us. pop. Amygdalite, gengivite, estomatite (Reveil), febre, tinha (Merat). Na China, c. embriaguez e o suco c. helminthiase (Soubeiran).

81. Morangueiro bravo

Syn. *Lat.* Fragaria vesca L. *Port.* Fragaria, morango. *Hesp.* Fresa, fresera. *Fr.* Fraisier. *It.* Fragaria. *Ing.* Strawberry. *All.* Erdbeerkraut.

Descr. Rh. stolon.; folh. tripinn., fol. sesseis, ov., serr. Fl. br. em panic.; fr. verm. Per. Flor. prim.; fruct. Maio-Junho.

Hab. Rio-tinto (John), Campanhã, Areinho, Ramalde (Alb.).

P. us. Rhizoma (raiz), folhas, fructos (morangos).

Colh. *Rh.* no inverno; *fr.* no estio, durante a maturação; *folh.* na primavera e no outono.

Us. ther. *Rhizoma* adstringente (Edwards), diuretico (Beirão), aperitivo (Dieu). *Folhas* diureticas (Merat), diaphoreticas (Kletrinsky). *Fructos* refrigerantes, laxantes (Chaumeton, Gubler), calmantes (Nothnagel).

Us. ther. *Rhizoma* c. hemorrhagias, dysenteria, gonorrhea (Ed-

wards), dysuria, blenorrhagia (Gubler). *Folhas* topicamente nas ulceras (Nebel). *Fructos* na phthisica (Schulze, Hoffmann, Gilibert), escorbuto, nephrite, blenorrhagia, doenças cutaneas (Chaumeton), ephelides, acne (Nothnagel), helminthiase (Gelnecke). A' similhança da *dieta d'uvas*, foi aconselhada a *dieta de morangos* c. lithiase e gota (Linneu, Gessner, Lobb, Gubler).

Posol. Rhizoma: decocto 30 a 50 gr.; infuso 20 a 30 gr. Folhas: infuso e decocto, as mesmas doses. Fructos, em natureza, *ad libitum;* xarope 30 a 60 gr.

Us. pop. Na China, emprega-se o suco c. febres, amenorrhea, aphtas, queimaduras, mordeduras (Soubeiran).

82. Potentilla tormentilla

Syn. *Lat.* Potentilla tormentilla Sibthorp, Tormentilla erecta L. *Port.* Tormentilla, sete em rama. *Hesp.* Tormentila. *Fr.* Tormentille. *It.* Tormentilla. *Ing.* Tormentil, septfoil. *All.* Tormentilwurz, siebenfingerkraut.

Descr. R. tuber.; caules erectos, ascend. ou prostr.; folh. caul. sesseis, de 3 fol. cuneif., dent. e 2 estip. foliiformes; folh. rad. pec. Fl. peq., 3-pet., verm.-amar., em corymbo; fr. liso. Per. Flor. estio.

Hab. Nas mattas humidas (John), em Mathosinhos, Fonte-da-moura etc. (Alb.).

P. us. Raiz.

Colh. Primavera, estio.

Comp. Myricina 2; cerina 5,12; resina 4,25; materia corante 180,5; materia corante alterada 25,5; tannino 174; extracto gommoso 43,25; gomma 282; extractivo 77; oleo volatil, vestigios; lenhoso e agua 207 (Meissner); acido quinovico, analogo ao da qnina, crystallisavel, pulverulento (Rembold).

Acç. phys. Amargo, adstringente (Pereira), tonico, diuretico (Gubler).

Us. ther. Succedaneo do cato e da rathania (Dieu, Heraud). Diarrhea (Fonssagrives), dysenteria, hemorrhagias passivas (Alibert, Pereira, Gubler), hematuria (Gorter). Escorbuto (Alibert). Intermittentes (Cullen, Pereira). Amollecimento das gengivas (Alibert, Gubler); ulceras saniosas, leucorrhea (Pereira); contusões, derrames sanguineos (Gubler); hemorrhagia, panaricios (Heraud).

Posol. Po 2 a 4 gr.; tintura 5 a 20 gr. Decocto 30 a 60 gr.

Obs. Gosam das mesmas propriedades a *P. fragariastrum* Ehrhardt, *Fragaria sterilis* L., que *hab.* em Valladares, nos pinhaes (John.); e a *P. reptans* L., cinco em rama, potentilla, que *hab.* em Paranhos, Ramalde e Boavista, nos pinhaes tambem (Alb.).

83. Geum officinal

Syn. *Lat.* Geum urbanum L. *Port.* Herva benta, sanamunda, caryophyllada. *Hesp.* Cariofilata. *Fr.* Benoîte, caryophyllata, sanicle de

montagne. *It.* Sanicula di montagna. *Ing.* Herb-bennet, herb-avens. *All.* Berg-sannikel, benedictenwurzel.

Descr. Rh. odor.; caule erecto, ram., pil.; folh. pinn., as rad. de 5 a 7 fol., as caul. de 3 fol. lanc., dent.; estip. gr., sub-orb., dent. Fl. amar.; carp. vill., em capit. espher. Per. Flor. estio.

Hab. Entre-quintas (John).

P. us. Raiz.

Colh. Abril e Maio, em terreno secco.

Comp. Oleo volatil 0,39; resina 40; tannino 410; adragantina 92; materia gommosa 158; enxofre, vestigios; lenhoso 300 (Trommsdorff).

Acç. phys. Adstringente (Rabuteau), amargo-aromatico (Heraud), excitante (Bouchardat), diuretico (Gubler). Em alta dose, produz nauseas, vomitos etc. (Merat).

Us. ther. Estimulante do tubo digestivo (Plinio), nas diarrheas chronicas, dysenteria (Ray, Gubler). Hemorrhagias, hemoptyses, (Merat, Gubler). Metrites (Jussieu). Leucorrhea (Gubler); perdas seminaes (Merat). Metrorrhagias passivas (Edwards, Heraud). Succedaneo do sassafraz (Hoffmann, Vanderlinden). Chorea (Maugras). Intermittentes, como succedaneo da quina (Boerhaave, Haller, Stoll), superior a ella (Buchan, Weber, Loefler).

Posol. Po 15 a 30 gr. Decocto 30 a 60 gr. Oinoleo 30 a 80 gr.

Us. pop. Em França, como diuretico (Gubler); na Inglaterra, entra ás vezes na fabricação de cerveja, pelo sabor e aroma que lhe communica (Gubler).

Tribu. V. Spireacaes

84. Ulmeira ordinaria

Syn. *Lat.* Spiræa ulmaria L. *Port.* Herva ulmeira. *Hesp.* Reina de los prados. *Fr.* Ulmaire, reine des prés. *Ing.* Dropwort, meadow-sweet. *All.* Geisbart.

Descr. Caule erecto, ang.; folh. pinnul., pin. ov., o term. maior, 3-5-lob., glab. na f. sup., tom. ou pubesc. na inf. Fl. br., em panic. cymosa; carp. glab., torcidos em espira. Per. Flor. estio.

Hab. Foz, nas margens d'um ribeiro (John).

P. us. Folhas, flores.

Colh. Primavera, estio.

Acç. phys. Adstringente, diuretico (Gubler).

Us. ther. Diarrhea, dysenteria (Merat), leucorrhea (Edwards). Affecções organicas do coração, diabete, albuminuria, hydropisias e hyperemias renaes (Gubler).

Posol. Infuso 4 a 8 gr. Hydrolato, extracto, xarope, tintura.

FAM. XXVII. LEGUMINOSAS

85. Meliloto officinal

Syn. *Lat.* Trifolium melitotus officinalis L.; Melilotus officinalis Lamarck. *Port.* Meliloto, trevo de cheiro, coroa de rei. *Hesp.* Meliloto, trebol oloroso, corona real. *Fr.* Melilot. *It.* Meliloto. *Ing.* Melilot trefoil. *All.* Steinklee, königklee, melilotklee.

Descr. Caule subang., erecto; folh. tern., glab., fol. ov., cren., mucr. Fl. amar., odor., em cachos; fr. rug., pend., mucr. Bien. Flor. estio.

Hab. Passeio-alegre, Foz (Alb.).

P. us. Summidades floridas.

Colh. No começo da floração.

Alk. *Cumarina*, que tambem se encontra na Fava-tonka *(Coumarouna odorata* Aublet), branca, crystallisando em prismas, aromatica, acre, depois agradavel, pouco soluvel na agua a frio, muito a quente e no alcool e ether (Guillemette). E' tambem chamada *melilotina* (Gubler) e foi confundida com o acido benzoico (Vogel).

Acç. phys. e us. ther. Sedante, antispasmodico (Gubler), bechico (Cauvet), adstringente (Amato, Grisley, Chernoviz), carminativo, resolutivo (Heraud). Dor e inflammação do utero e das visceras abdominaes (Ettmuller, Pauli), leucorrhea (Michaelis). Conjunctivite (Grisley, Merat, Bouchut, Gubler). Emolliente (Edwards), anodyno, carminativo, c. colicas ventosas (Chaumeton). Erythema cutaneo (Gubler).

Posol. Infuso 30 gr. em fomentações, banho, collyrio etc.

86. Ononis espinhosa

Syn. *Lat.* Ononis spinosa Brot., O. arvensis L. *Port.* Restaboy, rilhaboy, unhagata, a'sta-boi. *Hesp.* Gatuna, detienebuey. *Fr.* Arrête-boeuf, bugrane. *It.* Ononite, bulinaca. *Ing.* Rest-harrow, cammock. *All.* Stallkraut, ochsenkraut.

Descr. Rh. stolon.; caules prostr., adscend. inermes, depois esp.; folh. tern., as sup. simples; estip. ov., as inf. dent. Fl. ros., ven., em cacho folioso; vagem mais curta que o cal. Per. Flor. estio.

Hab. A nascente da Serra do Pilar, proximo á ponte Maria-Pia (Alb.) e entre Avintes e a Pedra-salgada (John).

P. us. Raiz, folhas.

Colh. *Folh.* durante a floração; *r.* em qualquer epocha.

Alk. Ononina (Reinsh).

Acç. phys. Diuretico (Beirão, Gubler, Chernoviz), aperitivo (Cauvet), estimulante (Gubler).

Us. ther. Diuretico, lithrontriptico (Galeno, Lentilius, Pauli), nas doenças das vias genito-urinarias (Bergius, Acrel, Matthiole, Plenck, Schneider) e nas obstrucções visceraes, cachexia e chlorose (Meyer,

Gilibert). Anasarca (Casin). Hemorrhoides, gengivite, ulceras scorbuticas e venereas (Fourcroy).

Posol. Decocto 30-60 gr.

Us. pop. Na Hungria, c. o delirio dos estados febris, em fomentação o oino-infuso (Fourcroy).

Obs. Filia-se tambem 'nesta familia a vulneraria commum, *Anthyllis vulneraria* L., cujo nome indica o emprego, que recebeu em therapeutica. *Hab.* em Lavadores e desde Leça (John), por todo o littoral, até á Lavra (Alb.).

O trevo dos prados, *Trifolium pratense* L., frequentissimo pelos campos cultivados, é tambem uma leguminosa. Foi aconselhado nas conjunctivites (Bauhin), leucorrhea (Chomel) e convulsões dos membros (Riolan).

FAM. XXVIII. POLYGALACEAS

87. Polygala vulgar

Syn. *Lat.* Polygala vulgaris L. *Port.* Polygala ordinaria, herva leiteira. *Hesp.* Poligala lechera. *Fr.* Polygala, herbe au lait. *It.* Poligala. *Ing.* Milkwort. *All.* Milchblume, kreuzwurzel.

Descr. Caules deb., herb., ás veses sublenh.; folh. alt., as inf. ov.-lanc., as sup. lin.-lanc., ag. Fl. az., ás vezes br., ven., em cacho term.; caps. membr., glabr. Per. Flor. prim., estio.

Hab. Frequente nos pinhaes da Fonte da Moura, Boa-vista etc.

P. us. Raiz, toda a planta.

Colh. *Pl.* durante a floração; *r.* no outono.

Comp. Raiz: resina amarella, materia assucarada, gomma, tannino, lenhoso (Pfaff), glycyrrhizina (Robiquet, Doebeireiner).

Acç. phys. Tonico, amargo, leve purgante (Chaumeton, Cauvet), estomachico, sudorifico (Merat), expectorante; em maior dose, vomitivo (Reveil).

Us. ther. *Raiz* succedanea da P. da Virginia, *P. Senega L.* (Edwards, Dieu, Heraud), nas phlegmasias do peito (Van-Swieten, Collin), phthisica (Coste et Willemet). Hydropisias (Chaumeton).

Posol. Decocto 30 gr. Infuso 20 a 30 gr.

Us pop. Na Siberia c. a syphilis (Gmelin).

Obs. No Montalto, em Vallongo (John, Alb.), encontra-se a polygala de folhas miudas, *P. microphylla* L., que possue as mesmas propriedades (Merat).

FAM. XXIX. HYPERICINEAS

88. Milfurada commum

Syn. *Lat.* Hypericum perforatum L. *Port.* Hypericão, milfurada. *Hesp.* Corazoncillo, hierba de S. Juan. *Fr.* Millepertuis, herbe de S.t Jean. *It.* Perforata, pilatro, ipérico. *Ing.* Saint-John's-wort. *All.* Johanniskraut.

Descr. Caule glab., com 2 linhas sal.; folh. opp., sesseis, ov.-obl., cobertas de pontos transluc. Fl. amar.-doir., em panic., pontuadas de negro; caps. triv. Per. Flor. estio.

Hab. Nas sebes e bosques (John.), em Grijó (Alb.).

P. us. Summidades floridas.

Colh. Durante a floração.

Comp. Oleo essencial, resina vermelha, molle, odorifera, acido malico, tannino etc. (Buchner).

Acç. phys. Adstringente, balsamico (Reis).

Us. ther. Vulnerario (Theophrasto, Matthiole, Paracelso, Fallope, Geoffroy etc.) Pleuresia chronica (Baglivi). Diuretico (Ettmuller). Anthelminthico, emmenagogo (Chaumeton). Rheumatismo chronico (id.)

Posol. Po 2-4 gr. Infuso 10-20 gr. Oleo essencial 8-10 gotas. Extracto 2-4 gr. Tintura 1 gr.

Us. pop. Dysenteria (Gubler). Vulnerario (Cauvet). Suco, vermifugo (Reis).

Obs. A milfurada androsema, *H. androsemum* L., vulgarmente Androsémo que se encontra na Serra do Pilar e Areinho (Alb.) e em Rio-tinto, S. Pedro-da-cova e Valladares (John.), tem as folhas vulnerarias, resolutivas, e os fructos purgantes (Dieu, Chernoviz). A m. quadrangular, *H. quadrangulare* L., que habita no Prado do Repouso, e pelas margens dos ribeiros é empregada na Russia c. hydrophobia (Martius).

FAM. XXX. MALVACEAS

89. Malva sylvestre

Syn. *Lat.* Malva sylvestris L. *Port.* Malva sylvestre. *Hesp.* Malva silvestre, malva comun. *Fr.* Mauve, grande mauve. *It.* Malva maggiore. *Ing.* Common mallow. *All.* Wildemalve, pappelkraut.

Descr. Caule ram., scab.; folh. inf. suborb., 7-lob., as inf. 5-lob., hirs., dent.; involuc. do cal. formado por 3 fol. distinctos; fl. ros.-viol., ven., em fasc. cym., axill.; ped. Per. Flor. prim., estio.

Hab. Foz, proximo do Castello (Barb.), e por diversas partes (Luso).

P. us. Folhas, summidades (flores).

Colh. Primavera, estio.

Acç. phys. *Folhas* emollientes, refrigerantes; *flores* bechicas.

Us. ther. Desde Hippocrates e Galeno, tem sido considerada até hoje como um bom emolliente, e, como tal, empregada no tractamento das inflammações dos apparelhos digestivo, respiratorio, genito-urinario, tegumentar etc. Galeno e Marcial tambem a applicaram como laxante e Sarmento aconselha-a c. a melancolia e mania.

Posol. Flores, infuso 10 a 20 gr. *Folhas*, infuso e decocto, 20 a 100 gr. e mais. Cataplasma.

Us. pop. Em França (Chaumeton, Dieu), na Italia (Matthiole), nas possessões francesas d'Africa (Merat), no Egypto (Somini) e na China (Chaumeton), são considerados alimentares, nutritivos, os rebentos e as folhas. Entre nós, usa-se apenas como emolliente, principalmente em collyrio.

Obs. Do genero malva, encontra-se ainda nos arredores do Porto a especie de folhas redondas, *M. rotundifolia* L., que *hab.* na Boa-nova (John.), e uma outra que no catalago do snr. Johnston vem apontada como duvidosa entre a *M. alcea* e a *M. moschata* L. e que *hab.* nas sebes e margens dos campos (John.).

O genero lavatera, que apenas se distingue do genero malva pelos foliolos do involucello calycular soldados, gamosepalos, fornece-nos a *L. sylvestris* Brot., *L. cretica* L., abundantemente espalhada por todos os quintaes, campos, sebes, montes etc. O nosso povo confunde-a com a malva e usa-a para os mesmos fins. Seria a ella que se referiria o illustre botanico, o snr. A. Luso, quando dizia frequente a malva sylvestre, que aliaz nem o snr. Johnston nem nós pudemos achar?

FAM. XXXI. GERANIACEAS

90. Erodio almiscarado

Syn. *Lat.* Erodium moschatum Willdenow, Geranium L. *Port.* Bico-de-grou, bico-de-cegonha moscado, agulheira moschada, agulha-de-pastor moschada, relogios. *Hesp.* Alfileres, yerba de almizcle. *Fr.* Geranion musqué. *It.* Gerânio muscato. *Ing.* Musk-crane's-bill. *All.* Bisam-storchschnabel.

Descr. Caule prostr. ou ascend.; folh. pinnul., pin. dist., ov., dent., exhalando um cheiro a almiscar, sobretudo quando triturados. Ped. multifl.; fl. ros.; cal. eg. á cor. Ann. Flor. prim.

Hab. Frequente pelos quintaes, campos, sebes e estradas.

P. us. Toda a planta.

Colh. Primavera.

Acç. phys. Estimulante (Decaisne).

Us. ther. Fluxos serosos, lithiase (De Candolle).

Posol. Infuso 20 a 30 gr.

Obs. O erodio cicutario, *E. cicutarium* Lhéritièr, *Geranium* L., foi aconselhado na hydropisia (Beyerley, Smith). *Hab.*, como o congenere, pelos campos e estradas e pelo littoral.

91. Geranio Robertino

Syn. *Lat.* Geranium Robertianum L. *Port.* Herva Roberta, herva de S. Roberto, bico-de-grou Robertino. *Hesp.* Geranio, pico de grulla. *Fr.* Géranion, herbe à Robert, bec de grue. *It.* Geranio Roberziano, becco-di-cigogna. *Ing.* Herb Robert. *All.* Robert-storchschnabel.

Descr. Caule genic., nós rubr.; folh. bipinn., opp., pin. lanc., dent. Ped. bifl.; fl. purp.; estigmas enrol. em espiga, na matur. Ann. Flor. prim., estio.

Hab. Frequentissimo pelos telhados, muros e rochedos humidos.

P. us. Toda a planta.

Colh. Antes e durante a floração.

Acç. phys. e us. ther. Adstringente (Edwards), nas anginas (Merat, Dieu) e intermittentes (Haller). Resolutivo (Chaumeton).

Posol. Infuso 20 a 30 gr.

FAM. XXXII. LINACEAS

92. Linho commum

Syn. *Lat.* Linum usitatissimum L. *Port.* Linho da terra. *Hesp.* Lino. *Fr.* Lin. *It.* Lino. *Ing.* Common flax. *All.* Flachs, lein.

Descr. Caule erecto, solit.; folh. lin.-lanc., pl.; fl. az., em corymbo; cor. 3 v. maior que o cal.; caps. mucr. Ann. Flor. estio.

Hab. Subspontaneo e cultivado nos terrenos humidos, em Campanhã, Avintes etc.

P. us. Sementes.

Colh. Antes da dehiscencia do fructo.

Comp. Mucilagem, acido acetico, acetato de cal, phosphatos de cal e de magnesia, sulfato e chlorhydrato de potassa 15,12; extractivo, acido malico, malato e sulfato de potassa, chloreto de sodio 10,88; amido, chloreto de calcio, sulfato de cal, silica 1,48; cera 0,15; resina molle 2,40; materia corante amarella 0,63; idem com chloreto de calcio e de potassio e azotato de potassa 0,90; gomma e cal 6,15; albumina vegetal 2,79; gluten 2,93; oleo gordo 11,27; materia corante resinosa 0,55; emulsão e casca 44,38 (Meyer).

Acç. phys. Emolliente, nutritivo.

Us. ther. Pleuresia (Gesner, Sydenham), gastrite (Baglivi, Tournefort, Hagendorn, Bouchut). *Ileus*, colica de chumbo (Dodonée, De Haen, Van-Swieten). Hemoptyse (Raigerus, Michel, Gosse, Planchon). Hemorrhoides (Van-Ruy). Lombrigas (Huberbert, Murray). Erethismo, nephrite, dysuria, calculos, ischuria etc. (Chaumeton, Merat). Tosses seccas (Sarmento). O oleo de sementes de linho serve para fazer vellinhas, sondas, canulas etc., chamadas de *gomma elastica*. Accumulam-se sobre um molde successivas camadas de oleo, que pela dessicação se transformam 'numa massa viscosa e elastica, semelhante ao caoutchouc.

Posol. Infuso 10 gr. Oleo 30-120 gr. Farinha (linhaça) em cataplasmas.

FAM. XXXIII. OXALIDACEAS

93. Oxalis de Henriques

(dedicada ao dr. Julio Henriques, lente da Universidade)

Syn. *Lat.* Oxalis Henriquesia, Silva.

Descr. Radic. filif., ou ram.; r. perp., napif., sucul ; rh. escam., bulb.; bulb. 20-80, sesseis, accumul., envolv. o rh., escam., ang., compr.; esc. acum. Caule nullo. Folh. tern ; fol. obcord.-bilob., sub-sesseis, refl., geralm.te adpr. pela f. inf.; b. cil., f. sup. glab., verde-esc., f. inf. gl., pil.; compr.to 15-18 mm., larg. 20-25 mm. Pec. pil., princip.te na ba-

se dos fol.; compr.to 8-12 cent. Ped. 10-18 cent., ang., estr., ros. na base, di-trich., mun. de bract. triang. nos pontos de bi-trifurc., pil.; 2-12 fl. em panic. Sep. 5, mun. ás v. de 1 bract. sepal., membr. no b., bicall. no vertice, acum.; compr.to 5-7 mm., larg. 2-2,5 mm., duas int., mais peq. Pet. obov.-lanc., obt., ven., refl. ao sol, erectas á sombra, sobrep. pelos b.; compr.to 12-15 mm., larg. 4-5 mm.; limbo ven., ros., mais pall. na f. ext., unha esverd., ag. Estyl. maiores que os 5 estames corresp. ás pet., e menores que os 5 corresp. ás sep. Estigma subglob., verde. Per. Flor. Maio-Julho.

Hab. Entre-quintas e no monte, que de Villar desce para a alameda de Massarellos, abundante (Alb.)

Possuindo como todas as congeneres, as propriedades da *O. acetosella* L., póde ser tambem empregada como refrigerante. O mesmo para a *O. corniculata* L., frequentissima em todos os terrenos, e para a

94. Oxalis purpurea

Syn. *Lat.* Oxalis purpurea L.

Descr. Acaule; rh. delg., longo, ram., bulb. Folh. roset., tern.; pec. al. na base; fol. cil. nos b., glab. nas f., obcord.-cuneif., ás v. triang. Ped. solit. glab. ou levemente pubesc., eg. ou exced. os pec., sem bract.; sep. lin.-lanc., ag., pubesc., de 4-5 millim.; cor. amar. no tubo, viol. no limbo; pet. de 25 a 30 millim., sobrepondo-se pelos b., refl. sob a acção do sol, erectas á sombra. Estames 10, os 5 opp. ás pet., mais curtos; os opp. ás sep. coad. na base. Caps. ovoide. Per. Flor. prim.

Hab. Abundante e frequente, na Foz, Leça (Alb., John.), S. Gens, Valladares (John.), Prado do Repouso, Ramalde (Alb.) e outros pontos, principalmente em logares cultivados.

FAM. XXXIV. RANUNCULACEAS

95. Thallictro ordinario

Syn. *Lat.* Thalictrum flavum Brot., non L., Th. glaucum Desfontaines. *Port.* Thallictro ordinario. *Hesp.* Talictro. *Fr.* Pigamon, rhubarbe des pauvres. *Ing.* Meadow-rue. *All.* Wiesen-rautewurz.

Descr. Caule solit., erecto., estr., gl., glab., genic.; folh. radic. pec., tripinn., caul. sess., invag., bi-tripinn.; fol. largos, ov.-subrot., subcor., verdes na f. sup., gl. na inf. Fl. amar.-esbr., em panic. densa; carp. ovoides, sulc., gl. Per. Flor. estio.

Hab. Margens do Leça, na Travagem, Leça da Palmeira etc.; Areinho e Ramalde, nos ribeiros (Alb.).

P. us. Raiz, folhas.

Colh. *R.* primavera e outono; *folh.* antes da floração.

Acç. phys. e us. ther. Purgante (Boerhaave, Dodoëns, Cazin), nas diarrheas (Tournefort) e febres intermittentes (Lesson).

Posol. Decocto; folh. 20 a 30 gr.; raiz 30 a 50 gr.

*

Us. pop. Na Russia, como antilyssico (Martius). No Canadá, como vulnerario e resolvente (Merat).

Obs. O thallictro amarello, *T. flavum* L., *hab.* nas margens dos ribeiros, no Castello-do-Queijo e Valladares (John.).

96. Aquilegia vulgar

Syn. *Lat.* Aquilegia vulgaris L. *Port.* Aquilegia, herva pombinha. *Hesp.* Pajarilla. *Fr.* Ancolie, aiglantine, gants de Notre-Dame, colombine. *It.* Aquilegia, aquileia. *Ing.* Columbine. *All.* Aglei.

Descr. Caule erecto; folh. bi-tri-tern.; fol. trilob., cuneif.; fl. az. ou br.; pet. calc., esp. curvos; fr. pubesc. Per. Flor. Abril-Julho.

Hab. Fonte-da-moura, (John. Alb.) Ramalde (Alb.), S. Gens, Leça do Balio (John.).

P. us. Sementes, flores, folhas, raiz.

Colh. *R.* no outono; *folh.* antes da floração, *fl.* bem desenvolvidas; *sem.* antes da dehiscencia dos folliculos.

Us. ther. *Raiz*, c. ictericia (Lebouc, Tragus). *Sementes*, nas erupções cutaneas (Pauli, Scopoli, Linneu, Cazin). *Folhas*, vulnerarias, detersivas, antiputridas (Lieutaud). *Summidades*, antiscorbuticas (Eysel), nas ulceras escorbuticas (Schroeder).

Posol. Emulsão das sementes 4-8 gr. Tintura, em gargarejo. Folhas topicamente.

97. Ranunculo flamula

Syn. *Lat.* Ranunculus flamula L. *Port.* Ranunculo flamula. *Fr.* Petite douve. *Ing.* Lesser spearwort. *All.* Kleiner sumpfhalmenfuss.

Descr. R. fibr., stolon.; caule erecto, dich., fist.; folh. inf. pec., ov., as sup. lanc., sesseis, serr.; fl. amar., ped., solit,; carp. em capit. glob. Per. Flor. prim. até Outubro.

Hab. Terrenos pantanosos, em Ramalde, Mathosinhos (Alb.).

P. us. Toda a planta.

Colh. Durante a floração.

Acç. phys. e us. ther. Vomitivo (Withering), irritante (Beirão, Polli). Cephalalgias, gota (Chesneau), rheumatismo articular (Baglivi, Stork), febres quartãs (Sennert).

Posol. Hydrolato 60 a 120 gr. Cataplasma.

Us. pop. Na Prussia, c. escurbuto (Loesel).

Obs. As outras especies de ranunculaceas, filiadas até hoje na flora portuense, são:

R. hederaceus L., nas fontes, ribeiros e charcos. Frequente.

R. aquatilis L., nos ribeiros do littoral entre Valladares e Lavadores.

R. lingua L., nos terrenos humidos, proximo do Hyppodromo.

R. repens L., frequentissimo nos terrenos humidos.

R. sardous Brot., frequente nos terrenos seccos.

R. adscendens Brot., abundante na serra do Pilar.

R. bupleuroides Brot., em Ponte-Ferreira e serras de Vallongo e S.ta Justa.

Ficaria ranunculoides Moench., *R. ficaria* L., nos ribeiros do Areinho e nos campos, em S. Gens e Leça do Balio.

Anemone nemorosa L., em Leça do Balio e Rio-tinto.

A primeira especie foi já encontrada no Porto por Brotero; o snr. Johnston aponta todas as especies citadas, menos o *R. adscendens*; e nós encontramol-as todas, com excepção do *R. bupleuroides* e *Anemone nemorosa*.

A ficaria, a anemona e o ranunculo rasteiro, *R. repens*, já receberam applicação em medicina, como irritantes.

FAM. XXXV. DROSERACEAS

98. Orvalhinha de folhas compridas

Syn. *Lat.* Drosera longifolia L.

Descr. Caule erecto, excedendo no dobro as folh. erectas, radic., roset., lin.-obl., atten., mun. de pellos gland., purp., exsud. um liquido visc. Fl. peq., br.; caps. exced. o cal.; sem. rug. Per. Flor. estio até principios do outono.

Hab. Terrenos encharcados, na Boa-nova, S. Gens (John., Alb.), Lavra (Alb.) e ao sul de Ponte-Ferreira (John.).

P. us. Folhas.

Colh. Primavera e estio.

Comp. Chlorophylla, albumina, materia corante amarella, cera, resina acre, corrosiva, acido organico livre, glycose, saes (Lugan).

Acç. phys. e us. ther. Irritante (Vigier, Decaisne). Na coqueluche (Louvet Lamare). Tosses inveteradas, ulceras pulmonares (Decaisne).

Obs. Possue de certo as mesmas propriedades o *Drosophyllum lusitanicum* Link, *Spergula droserioides* Brot., que *hab.* desde Fanzeres a Vallongo (Luso, Alb.) e d'ahi a S. Pedro-da-cova (John.).

FAM. XXXVI. PAPAVERACEAS

99. Celidonia maior

Syn. *Lat.* Chelidonium majus, L. *Port.* Celidonia, herva andorinha legitima. *Hesp.* Celidonia mayor. *Fr.* Chelidoine, éclairé. *It.* Celidonia. *Ing.* Greater celandine. *All.* Schellkraut.

Descr. Caule erecto, ram.; folh. pubesc., gl. na f. inf., pinnul., pin. ov., deseg.te lob. Fl. amar., em umb. Planta fornec. um suco amar., sob uma incisão qualquer. Per. Flor. prim., estio.

Hab. Frequentissima pelos muros e sebes.

P. us. Raiz, toda a planta.

Colh. *Raiz*, na primavera e outono; parte aerea da *planta*, na primavera e estio. Deve empregar-se sempre a planta recente, para a extracção do suco.

Comp. *Suco:* materia resinosa, amarga, amarello-escura; materia gommo-resinosa, alaranjada, nauseabunda; nitrato de potassa; acidos citrico e malico; saes de cal; silica; albumina (Chevalier et Lassaigne); acido chelidonico, tribasico, crystallisavel (Probst).

Alk. [1]) *Chelidonina*, amarga, solida, incolor, crystallisavel, insoluvel na agua, soluvel no alcool e no ether. [2]) *Chelerythrina*, pulverulenta, acre, venenosa em pequena dose, formando saes vermelhos, amargos, soluveis na agua; analoga, segundo Schiel, á sanguinarina, descoberta por Dana na *Sanguinaria Canadensis*, L. [3]) *Chelidoxanthina*, não azotada, crystallisavel, amarella, amarga. (Probst).

Acç. phys. *Topica:* rubefaciente. *Geral:* dose media, purgante, diuretico; dose maior, narcotico-acre, inflammando os tecidos e actuando secundariamente sobre o systema nervoso.

Us. ther. Ictericia (Galeno, Dioscorides, Forestus, Gilibert). Escrofulose, engorgitamentos visceraes (Chomel, Gilibert, Recamier, Wendt). Ulceras escrofulosas (Kuntzmann). Gota, lithiase (Kramer). Syphilis (Wendt, Heckul). Intermittentes (Wagner, Linneu, Lange). Amenorrhea (Seguin). Cachexia palustre, ascite, escrofulose (Recamier). Manchas da cornea (Schallern, Beirão). Dartros, verrugas (Beirão). Herpes (Clement). Purgante (Rath, Beirão, Merat etc.) Diuretico (Merat). Rubefaciente (Godefroy), vesicante (Edwards). Derrames serosos (Gubler). Doenças cutaneas (Recamier, Cauvet, Chernoviz), verrugas e vegetações (Reis).

Posol. Suco 1-2 gr. Extracto aquoso 20-60 centig. Oino-infuso da raiz ou da planta 15 a 20 gr.

Us. pop. Entre nós, o suco, topicamente nas verrugas, callos e outras doenças cutaneas *(empigens)*. Usa-se tambem, em collyrio, nas keratites (R. Cardoso). Em França emprega-se do mesmo modo e para o mesmo fim (Merat); e em alguns pontos, internamente, c. dysenteria (Reveil). Na China, como expectorante e emetico (Soubeiran).

100. Glaucio amarello

Syn. *Lat.* Glaucium luteum Scopoli, Chelidonium glaucium L. *Port.* Papoila pontuda. *Hesp.* Amapola maritima, dormidera marina. *Fr.* Pavot cornu, glaucier jaune. *It.* Papavero marino. *All.* Hornmagsaame.

Posol. Caule prostr. ou erecto; folh. gl., as rad. e as caul. lyr., pinnat., as sup. ampl., cord., dent. Ped. glob.; fl. gr., amar.; caps. tuberc., lisa. Bienn. Flor. todo o estio.

Hab. Frequente por todo o littoral.

P. us. Folhas, raiz.

Colh. Primavera.

Alk. *Glaucina*, existindo só nas folhas, formando, com os acidos, saes extremamente acres. *Glaucopicrina*, extrahida da raiz, crystallisavel, inalteravel ao ar, formando saes amargos e nauseosos (Probst).

Acç. phys. e us. ther. Diuretico (Chomel), resolutivo (Girard).

Us. pop. «En Portugal on fait boire à ceux qui sont sujets à la pierre, un verre de vin blanc, dans lequel on a fait infuser une demi-

poignée des feuilles écrasées de cette plante.» Chomel, ob. cit., vol. I, pag. 240.

101. Papoila ordinaria

Syn. *Lat.* Papaver rhœas L. *Port.* Papoila ordinaria. *Hesp.* Amapola, dormidera sylvestre. *Fr.* Coquelicot, pavot rouge. *It.* Papavero salvatico, rosolaccio. *Ing.* Red poppy, corn-rose. *All.* Klastschrosen, Wilder-mohn.

Descr. Caule erecto, pil.; folh. pinnul., pin. obl.-lanc., ag., dent. Fl. verm.; caps. glab., ovoides. Ann. Flor. prim., estio.

Hab. Frequentissima nas sebes, campos, no Areinho, Prado do Repouso etc.

Comp. *Petalas*: materia gorda 12; materia corante vermelha *(acido erratico* de Meer) 40; gomma 20; fibra vegetal 28 (Riffard). Albumina vegetal, materia adstringente, cerina, resina, acidos gallico, sulfurico, malico, potassa, oxido de manganez (Beetz et Ludewig); materia corante amarella, *acido rhœadinico* (Meer).

Alk. *Rhœadinina* (Hesse) *Morphina* (Riffard).

P. us. Petalas (flores); capsulas (cabeças).

Colh. *Pet.* durante a floração. *Caps.* na maturação.

Acç. phys. *Petalas:* emollientes; *capsulas* calmantes (Heraud).

Us. ther. Phlegmasias agudas do peito (Biett), pleuresia (Baglivi). Coqueluche, epilepsia e convulsões infantis (Fouquet). Catharros com tosse secca, enxaqueca (Merat). Febres eruptivas (Beirão). Bronchites (Reis).

Posol. Petalas: xarope. Infuso 5-10 gr. Extracto das capsulas 0,05-0,20 gr. (Boulduc); 0,75-3,00 gr. (Loiseleur-Deslongchamps).

Us. pop. Na Persia, o po das flores c. epistaxis (Leblanc).

Obs. Vivendo com a precedente e com ella confundida, acha-se a papoila longa, *P. dubium* L. Goza absolutamente das propriedades da P. ordinaria (Merat, Rabuteau) e póde como ella considerar-se um succedaneo da P. dormideira, *P. somniferum* L., que fornece o opio (Rabuteau).

FAM. XXXVII. FUMARIACEAS

102. Fumaria officinal

Syn. *Lat.* Fumaria officinalis L. *Port.* Fumaria, herva molarinha ordinaria. *Hesp.* Fumaria, Palomilla. *Fr.* Fumeterre. *It.* Fummosterno, coridalo. *Ing.* Fumitory. *All.* Erdrauch.

Descr. Caule diff., deb., ang.; folh. bi-tri-pinn. Fl. ros. ou purp., em cachos lat. e term.; fr. rug. Ann. Flor. prim., estio.

Hab. *Passim,* pelos muros.

P. us. Toda a planta.

Colh. Epocha da floração, melhor em Maio e Junho.

Comp. Acido fumarico, resina, extractivo, fumarina.

Alk. *Fumarina,* incolor, amarga, crystallisavel (Peschier).

Acç. phys. Tonico, (Edwards), estomachico (Merat), estimulante, aperitivo (Heraud).

Us. ther. Obstrucções, cachexia, hepatites chronicas (Galeno, Aetius, Paulo d'Egino etc.) Melancolia, hypochondria, escrofulose (Camerarius, Boerhaave, Hoffmann). Escorbuto (Gilibert, Pinel). Doenças de pelle (Chaumeton, Leidenfrost, Bodard, Pauli, Cullen). Amargo (Cullen), vermifugo (Merat). Ictericia (Edwards). Succedaneo das urtigas (Beirão). Atonia dos orgãos digestivos, bronchite (Rabuteau, Chernoviz, Heraud). Excipiente para pilulas (Reis).

Descr. Suco 50-200 gr. Infuso 30-60 gr. Extracto 1-10 gr.

Us. pop. Suco na escrofulose e dartros (Gubler, Reis).

FAM. XXXVIII. CRUCIFERAS

103. Rinchão vulgar

Syn. *Lat.* Erysimum officinale L., Sisymbrium Scopoli. *Port.* Rínchão. *Hesp.* Erisimo. *Fr.* Vélar, tortelle. *It.* Erisamo. *Ing.* Hedge mustard. *All.* Hederich.

Descr. Caule vill., erecto; folh. ronc., as sup. hast., todas pec. Fl. peq., amar., em cacho term.; sil. curtas, applic. contra o caule. Ann. Flor. estio.

Hab. *Passim,* nos terrenos seccos, Seminario, Boavista etc.

P. us. Sementes, folhas.

Colh. *Folh.* na primavera e estio; *sem.* depois da maturação.

Acç. phys. e us. ther. Excitante, rubefaciente (Murray), bechico (Chernoviz), alterante (Gubler), nas bronchites e catharros chronicos (Merat, Dieu).

Posol. Po 4 a 8 gr.; infuso 10 a 20 gr. Xarope. Cataplasma.

Us. pop. Antiscorbutico, detersivo, expectorante (Merat).

104. Agrião ordinario

Syn. *Lat.* Sisymbium nasturtium, L. Nasturtium officinale, Brown. *Port.* Agriões. *Hesp.* Berros. *Fr.* Cresson de fontaine, *It.* Crescione, nasturzio. *Ing.* Water-cress. *All.* Brunnen-kresse.

Descr. Caule glab., carn., decumb., emittindo raizes; folh. espessas, pinnul., pin. obl., o sup. sub-cord. Pec. auric.; fl. br. em cachos term. e opp. ás folh.; sil. cyl. Per. Flor. prim.

Hab. *Passim,* pelos ribeiros, Hippodromo, Areinho, Paranhos etc.

P. us. Toda a planta, recentemente colhida.

Colh. Durante a floração, é mais activa a planta.

Comp. Sabe-se apenas que contém um oleo essencial sulfo-azotado, extractivo amargo, iodo; ferro, phosphatos e saes.

Acç. phys. Estimulante, aperitivo, depurativo. Augmenta a secreção salivar, favorece a expectoração, activa a transpiração cutanea e a diurese e algumas vezes auxilia a menstruação. Mais raramente, a in-

gestão continuada dos agriões dá logar a vertigens, dyspnea e rubor da face (Bobe-Moreau).

Us. ther. *Ant.* Escorbuto (Sarmento, Chaumeton, Merat, Dieu, Bouchut etc.) Escrofulose (Chaumeton, Bouchut). Anorexia (Chaumeton). Phthisica (Bonnet). Aphtas, angina (Bourgeois). Calculos, catharro vesical (Galeno, Zwinger). Obstrucções visceraes (Sarmento). Polypos nasaes (Tournefort).

Act. Estimulante, c. atonia dos orgãos digestivos (Heraud), escrofulose (Cauvet, Bouchardat, Fonssagrives, Reis). Depurativo, nas molestias cutaneas (Chernoviz). Diuretico, c. doenças das vias urinarias, lithiase (Gubler, Heraud), hydropisias (Bouchardat). Expectorante, nos catharros pulmonares (Reis) e bronchicos (Heraud).

Posol. Int.te Suco 60-120 gr. Oleo volatil 0,25-1 gr. Xarope. Ext.te Tintura, cataplasma.

Us. pop. Alimento, em salada, em toda a Europa. Em França consideram esta salada util na phthisica incipiente (Merat). Entre nós tambem se applica muito o xarope no mesmo caso.

105. Cardamina dos prados

Syn. *Lat.* Cardamine pratensis L. *Port.* Cardamina. *Fr.* Cresson des prés, cresson elegant. *Ing.* Cuckow-flower. *All.* Wiesen-kress.

Descr. Caule erecto, simp., glab.; folh. radic. pinnul., pin. arred., ang., o term. renif.; folh. caul. pinnul., pin. lin.-lanc. Fl. gr., lilac., em cacho term., laxo; sil. lin. Per. Flor. prim.

Hab. Frequente nos campos e nas bordas dos regatos, em Ramalde, no Areinho, em Campanhã, Paranhos etc.

Acç. phys. e us. ther. O mesmo que para o precedente (Vogel). Empregada com vantagem na asthma e outras affecções espasmodicas (Backer). Beirão considera-a diaphoretica, diuretica e nervina, e emprega o infuso das flores. Expectorante (Cazin). Gota (Heberden).

106. Thlaspi bolsa-de-pastor

Syn. *Lat.* Thlaspi bursa-pastoris L. *Port.* Bolça de pastor. *Fr.* Tabouret, bourse à pasteur. *Ing.* Penny-cress. *All.* Taschenkraut.

Descr. Caule erecto; folh. rad. roset., pinnul.-lyr., pin. obl.-triang. dent.; as caul. sagit., auric., ampl. Fl. br.; silic. obcord., triang., compr. Ann. Flor. todo o anno.

Hab. *Passim* pelas estradas, campos, montes.

P. us. Toda a planta, sementes.

Colh. Qualquer epocha.

Acç. phys. e us. ther. Hemoptyses (Lejenne). *Suco*: adstringente, antiscorbutico, febrifugo, diuretico. *Sementes:* sialagogas. Toda a *planta,* topicamente, nas dores rheumatimaes e hemorrhoides (Merat).

Us. pop. Na China, antiophthalmico (Merat).

107. Saramágo polymorpho

Syn. *Lat.* Raphanus raphanistrum L. *Port.* Saramágo (Brot.) *Fr.* Ravenelle. *Ing.* Radish.

Descr. Polymorpha. Caule erecto, ram., hirs.; folh. lyr., lob. deseg. Fl. br. ou lilac., gr.; sil. cyl., artic., depois monilif. Ann. Flor. todo o anno.

Hab. *Passim*, em todos os terrenos.

P. us. Raiz fresca, recentemente colhida.

Colh. Toda a epocha, melhor no outono.

Comp. A raiz contém um oleo essencial, talvez sulfurado, extremamente picante e acre (Reveil).

Acç. phys. Tonico, estimulante, diuretico. Em alta dose, produz contracções articulares, convulsões, dores violentas periodicas. Este envenenamento, analogo talvez ao ergotismo (Gubler), foi designado pelo nome de *raphania* (Linneu).

Us. ther. Antiscorbutico (Beirão).

Obs. A' cochlearia officinal, que não possuimos, e que é reputada o antiscorbutico por excellencia, pode talvez substituir-se a cochlearia da Dinamarca *Cochlearia danica* L., que *hab.*, em abundancia, por todo o littoral. A *Senebiera pinnatifida* De Candolle, *Lepidium didymum* L., frequentissima pelas estradas, merecia porventura, pelas suas propriedades physicas, entre as quaes avulta o cheiro activo, chamar a attenção dos therapeutas. O mesmo diremos do *Alyssum maritimum* Lamarck, abundantissimo nos terrenos cultivados, como o Prado do Repouso, e em Miragaya, na m. d. do Douro.

FAM. XXXIX. RESEDACEAS

108. Reseda dos tintureiros

Syn. *Lat.* Reseda luteola L. *Port.* Lirio dos tintureiros. *Hesp.* Gualda. *Fr.* Gaude, herbe à jaunir. *Ing.* Dyers'weed. *All.* Streichkraut.

Descr. Caule erecto, ang.. glab.; folh. sesseis, lanc., ondul., integ.; fl. amar.-pall., em cacho espicif.; caps. suborb. Bien. Flor. Abril-Julho.

Hab. Prado do Repouso, Avintes (Alb.).

P. us. Raiz, sementes.

Colh. *R.* primavera; *sem.* estio.

Acç. phys. *Raiz* acre; *sem.* emollientes (Decaisne).

Us. ther. Helminthiase e mordeduras de viboras (Merat). Inteiramente desusada em medicina.

FAM. XL. VIOLARINEAS

109. Viola tricolor

Syn. *Lat.* Viola tricolor L., Brot., V. arvensis Brot. *Port.* Amores-perfeitos, flor seraphica, herva da Trindade. *Hesp.* Pensamientos, Trinitaria. *Fr.* Pensée. *It.* Viola del pensiero. *Ing.* Pensy, heart's-ease. *All.* Dreifaltigketskraut.

Descr. Caule ang., diff.; folh. ov., obl., as sup. subrenif. Pet. sup. indigo-purp., as med. br.-amar. a inf. amar., chanfr.; cor. dupla do cal. (*V. tricolor* Brot.) ou eg. a elle (*V. arvensis* Brot.) Ann. Flor. prim. estio.

Hab. S. Gens, nos campos, e Pedra-salgada (John.). Var. *arvense*, na Lavra; var. *hortense*, no Areinho (Alb.).

P. us. Toda a planta, flores.

Colh. Durante a floração.

Acç. phys. e us. ther. Depurativo (Matthiole, Fuchsius, Bauhin), nas molestias cutaneas (Haase, Metzer, Baumes, Dieu), crostas leitosas (Starck, Murray, Fauverge). Diaphoretico, fundente (Boecler), purgante, vomitivo (Berzelius). Ulceras venereas e syphiliticas (Schlegel). Rheumatismo chronico (Murray).

Posol. Suco 15 a 30 gr. Decocto 30 a 90 gr.

110. Viola dos jardins

Syn. *Lat.* Viola odorata L. *Port.* Violas, violetas. *Hesp.* Violeta, viola olorosa. *Fr.* Violette, violette de Mars. *It.* Violetta, viola. *Ing.* Sweet violet. *All.* Artveilchen, blauerviole.

Descr. Diff. da precedente pelas folh. prof.te cordadas, pelo caule estolon., pela cor. odorif., roxa, ou br., pet. med. diverg., exced. o cal. Per. Flor. inv. prim.

Hab. Boa-vista, Leça do Balio, S. Gens, junto aos muros (John).

P. us. Flores, raiz.

Colh. *Fl.* no principio da floração.

Acç. phys. *Flores*: em pequena dose, emolliente (Heraud); em dose maior, laxante (Bouchardat).

Us. ther. Como expectorante, nas bronchites (Bouchardat); febres eruptivas (Heraud).

Posol. Xarope de flores.

Obs. Pelo que respeita á colheita, acção physiologica, usos therapeuticos e posologia da raiz, veja-se a planta seguinte.

111. Viola brava

Syn. *Lat.* Viola canina L. *Port.* Violetas bravas, beneffe da Beira. *Hesp.* Violeta perruna. *Fr.* Violette des chiens. *It.* Violetta canina. *Ing.* Dog-violet. *All.* Hundsveilchen.

Descr. Diff. da precedente pelo caule suberecto, rh. curto, cor. az. pal., não odorif. Per. Flor. prim.

Hab. *Passim,* pelas sebes, atalhos, bosques, bordas dos ribeiros.

P. us. Raiz.

Colh. Primavera, outono.

Comp. Gomma, albumina, extracto amargo, violina etc.

Alk. Violina, branca ou amarellada, acre, nauseosa, soluvel no alcool, pouco na agua, insoluvel no ether (Boullay).

Acç. phys. Emeto-cathartico (Linneu, Niemeyer etc.).

Us. ther. Dysenteria (Coste et Willemet).

Posol. Po 2 a 4 gr.; infuso 10 a 15 gr,; decocto 15 a 20 gr.

Obs. Do mesmo genero, encontram-se ainda na flora portuense, as especies seguintes:

V. palustre, *V. palustris,* L.; *hab.* em Rio-tinto, Leça do Balio, nas margens do Leça (John.).

V. de Portugal, *V. lusitanica,* Brot.; *hab.* em Ramalde, Fonte-da-moura, Valladares, Mont'alto em Vallongo (Alb.).

FAM. XLI. CARYOPHYLLADAS

112. Saboeira officinal

Syn. *Lat.* Saponaria officinalis L. *Port.* Saboeira legitima. *Hesp.* Jabonera. *Fr.* Saponaire. *It.* Saponaria. *Ing.* Soapwort. *All.* Seifenkraut.

Descr. Caule erecto, estolon.; folh. ov.-lanc., 3-nerv.; as inf. atten. Fl. odorif., ros. ou br., em cachos panic. Toda a planta contém um suco, espumando na agua como o sabão. Per. Flor. estio.

Hab. Abundante na m. e. do Douro, entre o Areinho e Avintes (John., Alb.).

P. us. Rhizoma (raiz), folhas, summidades.

Colh. *R.* no outono; *folh.* na primavera; *summid.* no estio.

Comp. Resina 0,25; saponina impura 34; gomma 33; lenhoso 24,25; extractivo 0,25; agua 23 (Bucholz).

Alk. *Saponina,* pardo-clara, transparente, inodora, acre, soluvel na agua, insoluvel no alcool (Bucholz). O po d'este alcaloide é eminentemente esternutatorio (Gubler, Heraud).

Acç. phys. Tonico, depurativo.

Us. ther. Gota e rheumatismo (Bergius). Engorgitamentos lymphaticos (Peyrilhe). Succedaneo da salsaparrilha (Stahl, Cartheuser), na syphilis (Rudius, Claudini, Sennert, Coste et Willemet). Dartros e outras doenças cutaneas (Alibert, Blache, Cazin, etc.). Hysteria, hypochondria (Bourgeois).

Posol. Decocto: folhas 10-20 gr., rhizoma 20-60 gr. Suco 30-50 gr. Extracto 1-4 gr.

113. Arenaria commum

Syn. *Lat.* Spergularia rubra Persoon, Arenaria L.

Descr. Caule ram., ram. prostr., roset.; folh. lin., pl., mucr. Fl. br. ou ros., em cacho cymif. Per. Flor. prim., estio.

Hab. Frequente pelas estradas.

P. us. Toda a planta, secca.

Colh. Primavera e estio.

Comp. Extracto aquoso secco 18,25; materias organicas 11,78; materias mineraes 6,72 (Jacquène).

Acç. phys. Diuretico (Bertherand); errhino (Grisley), sialagogo (Pangoué).

Us. ther. Catharro vesical agudo e chronico, lithiase, colicas nephreticas, dysuria, cystite.

Posol. Decocto 20 a 30 gr. Extracto, 4 a 6 pilulas de 20 centigr. Xarope 30 a 60 gr.

Bibl. Journ. de thérapeutique, 1879.

FAM. XLII. PORTULACEAS

114. Beldroega vulgar

Syn. *Lat.* Portulaca oleracea L. *Port.* Beldroega. *Hesp.* Verdolaga. *Fr.* Pourpier. *It.* Porcellana, portuláca. *Ing.* Eatable purslane. *All.* Portulak, porzellan.

Descr. Caule prostr., ram., verm.; folh. succul., ob-ov., cuneif. Fl. amar., axill., solit.; pet. fugazes, caindo ao abrir da cor.; caps. abrindo-se transv.te em circulo. Ann. Flor. estio.

Hab. Margens das estradas (John.), campos cultivados (Alb).

P. us. Folhas, toda a planta.

Colh. Primavera, estio.

Acç. phys. Refrigerante (Chomel), diuretico (Chaumeton).

Us. ther. Hemorrhoides (Zacuto). Escorbuto (Decaisne).

FAM. XLIII. CHENOPODIACEAS

115. Accelga do littoral

Syn. *Lat.* Beta maritima L. *Port.* Acelga. *Hesp.* Acelga. *Fr.* Poirée, racine de disette. *Ing.* Sea-beetroot. *All.* Mangold.

Descr. Caule ang., erecto, ram., verm.; r. cyl., ou fusif., dura; folh. inf. ov.-rhomb., as caul. rhomb.-lanc., ondul., atten., as sup. lin., ondul. Fl. amar.-averm. ou esverd., em espigas axill. Per. Flor. estio.

Hab. Carreiros, no littoral (Alb.).

P. us. Folhas.

Colh. Antes e durante a floração.

Acç. phys. Emolliente (Merat).

116. Ambrosia do Mexico.

Syn. *Lat.* Chenopodium ambrosioides L. *Port.* Herva formigueira,

ambrosia do Mexico, herva de S.ta Maria. *Hesp.* Yerba hormiguera, té de España. *Fr.* Ambroisine, thé du Mexique, thé des jésuites. *It.* Te del Messico. *Ing.* Mexican goosefoot. *All.* Mexikanisches-traubenkraut.

Descr. Caule ram., verde, glab., ang., estr.; folh. obl.-lanc., ondul., gland. na f. inf. Fl. agglom., em cachos foliosos, simples. Ann. Flor. Agosto-Outubro.

Hab. Littoral, Arrabida (m. d. do Douro), Prado do Repouso.

P. us. Folhas, summidades, sementes.

Colh. Estio, outono.

Comp. Gluten, oleo volatil, phyteumacolla, saes (Kley).

Acç. phys. Excitante (Edwards), estomachico (Heraud).

Us. ther. Doenças nervosas (Plenck, Mick), principalmente chorea (Rilliet, Barthez), hysteria (Beirão), paralysia (Hooper). Helminthiase (Heraud, Cauvet, Chernoviz). Succedaneo do almiscar (Gubler).

Posol. Infuso 10 a 20 gr. Suco das folhas 30 a 60 gr. Po das sementes 4 a 8 gr.

Us. pop. No Brazil, c. lombrigas (Chernoviz), tosse ferina e catharros pulmonares (Martius). Na Persia, como antispasmodico (Leblanc).

Obs. Além d'outras especies do genero *Chenopodium*, sem applicações therapeuticas conhecidas, encontra-se ainda na flora dos arredores do Porto a soda maior, *Salsola soda* L., de que se extrae abundantemente o alkali, de que a planta usa o nome. A soda maior *hab.* no litoral de Leça.

FAM. XLIV. PHYTOLACCEAS

117. Phytolacca decandra

Syn. *Lat.* Phytolacca decandra L. *Port.* Herva dos cachos da India. *Hesp.* Yerba carmin, grana encárnada. *Fr.* Phytolaque, raisin d'Amérique. *It.* Piantalacca. *Ing.* American Nightshade. *All.* Amerikanische-beerekraut. *Braz.* Cuarurù-guaçú, cuarurù de pomba (Chernoviz).

Descr. Caule erecto, sulc., verm.; folh. ov.-lanc. ag., de nerv. verm.; fl. ros. em cachos axill. e term.; fr. carn., glob., deprim. Per. Flor. estio.

Hab. Cerca do hospital da Misericordia, bordas dos ribeiros de Ramalde e Campanhã etc.

P. us. Raiz, folhas, fructos (bagas).

Colh. Estio, outono.

Acç. phys. Emeto-cathartico (Merat).

Us. ther. Syphilis (Jones, Kallock, Graham). Rheumatismo, erupções cutaneas, ascite; ulceras saniosas (Merat).

Posol. Suco 15-30 gr.

Us. pop. Nos Estados Unidos empregam-se as bagas, maceradas em aguardente, c. rheumatismo chronico; e os renovos, cosidos, são considerados alimentares (Merat). Entre nós, empregaram-se as bagas na falsificação do vinho, o que foi causa de uma lei, tendente a exterminar a phytolacca em Portugal. Apezar d'isso, a planta americana en-

contra-se ainda hoje profusa e desassombradamente espalhada nas regiões vinhateiras do nosso paiz e nomeadamente nas provincias do Douro, Traz-os-montes e Beira-alta.

FAM. XLV. POLYGONACEAS

118. Persicaria vulgar

Syn. *Lat.* Polygonum persicaria L. *Port.* Persicaria, herva pecegueira. *Hesp.* Persicaire, persicaire douce. *It.* Persicária. *Ing.* Common persicaria. *All.* Flöhkraut.

Posol. Caule erecto, ram.; folh. lanc. ou obl.-ellipt. insipidas, Fl. ros. ou br., em espigas densas, erectas, axill. e term. Ann. Flor. estio.

Hab. Frequente pelos campos e estradas.

P. us. Folhas recentes.

Colh. Qualquer epocha.

Us. ther. Calculos, nephrite (Boyle, Baglivi). Fluxos (Rivière). Doenças de pelle (Geoffroy). Gangrena (Ravelet). Ictericia (Lieutaud). Amenorrhea (Eberte).

119. Persicaria apimentada

Syn. *Lat.* Polygonum hydropiper L. *Port.* Pimenta d'agua, persicaria mordaz, persicaria urente. *Hesp.* Pimienta de agua. *Fr.* Poivre d'eau, persicaire âcre. *It.* Pepe acquatica. *Ing.* Waterpepper. *All.* Wasserpfeffer.

Descr. Diff. da precedente pelo sabor apimentado das folhas, pelas espigas laxas, interr. e pelos estames mais curtos que a cor. Ann. Flor. estio.

Hab. Prado do Repouso (Barb.).

P. us. Folhas recentes.

Colh. Primavera, estio, outono.

Us. ther. Dores de dentes, aphtas, angina, ulceras pharyngeas e nazaes (Murray). Gangrena (Tournefort). Ulceras atonicas (Chaumeton), como rubefaciente (Mérat, Chaumeton).

P. us. Po, extracto 2-4 gr. Decocto 10 a 20 gr.

Us. pop. Na Noruega, como odontalgico (Linneu). Na China, como diuretico, carminativo, anthelminthico e c. prurido das affecções cutaneas (Soubeiran).

120. Persicaria semprenoiva

Syn. *Lat.* Polygonum aviculare L. *Port.* Semprenoiva, corriola bastarda, centinodia, herva da muda. *Hesp.* Sanguinaria mayor. *Fr.* Renouée, centinode, trainasse. *It.* Sanguinaria. *Ing.* Knot-grass. *All.* Weggrass.

Descr. Diff. das precedente pelos caules num., prostr., foliosos até á extrem. dos ramos, dich., pelas fl. axill., ordin.te solit. ou 2-3 em

cada axilla, e pelo sabor adstringente de toda a planta. Ann. Flor. todo o anno.

Hab. *Passim,* em todos os terrenos.

P. us. Toda a planta.

Colh. Todo o anno.

Acç. phys. Adstringente (Bouchardat).

Us. ther. Vulnerario, c. hemorrhagias, hemoptyses (Hermann, Bœcler). Diarrhea (Levrat-Perrotin, Cazin, Fonssagrives). Dysenteria (Gilibert). Hernias (Fallope, Camerarius). Succedaneo da quina nas intermittentes (Bourgeois). Sementes emeticas? purgantes? (Merat).

Us. pop. Na China, como bechico, emolliente (Soubeiran).

121. Labaça das azedas

Syn. *Lat.* Rumex acetosa L. *Port.* Azedas. *Hesp.* Acedas. *Fr.* Oseille, surelle, vinette. *It.* Acetosa. *Ing.* Common sorrel. *All.* Sauerampfer.

Descr. Caule erecto, ram.; folh. obl., sagit., as inf. pec., as sup. sesseis, ampl. Fl. averm., dioicas, em cacho; sep. gran. na base.; caryopse trig. Per. Flor. estio.

Hab. Proximo do littoral, em Valladares e na Lavra.

P. us. Folhas.

Colh. Em qualquer epocha.

Acç. phys. Temperante, em pequena dose; em dose maior, produz gastralgia e augmenta a secreção salivar (Gubler). O uso prolongado origina a lithiase oxalica (Magendie).

Us. ther. Depurativo (Merat), nas doenças cutaneas (Dieu); laxante (Chernoviz), nos embaraços gastricos (Beirão), phlegmasias (Pereira), febres biliosas (Sarmento). Escorbuto (Sarmento, Beirão); gonorrhea (Vigier).

Posol. Suco 30-60 gr.

Us. pop. Caldo d'hervas, como adjuvante dos purgantes (Merat, Chernoviz etc.).

122. Labaça crespa

Syn. *Lat.* Rumex crispus L. *Port.* Labaça. *Hesp.* Vinagrera, lengua de vacca. *Fr.* Patience crepue. *It.* Acetosa crespa. *Ing.* Crisp-leaved dock. *All.* Krauserampfer.

Descr. Diff. do precedente pelas folh. inf. obl.-lanc., crespas, fl. hermaph., call. das sep. mais saliente. Per. Flor. estio.

Hab. Frequente pelas estradas, praças, campos etc.

P. us. Raiz, recentemente colhida.

Colh. Em qualquer epocha; para conservar secca, no outono.

Comp. Principio resinoso; enxofre, materia extractiva, tannino, amido, albumina vegetal, saes etc.

Alk. *Rumicina,* analoga a rhuibarbina.

Acç. phys. Adstringente, laxante (Dieu).

Us. ther. Depurativo (Beirão), nas doenças cutaneas (Merat), escorbuto (Dieu); dysenteria (Coxe). Ulceras saniosas (Heraud).

Posol. Infuso 20 a 30 gr. Extracto 2 a 4 gr. Polpa, topicamente.

Us. pop. Doenças de pelle (Beirão, Gubler). Na China, é empregado como tonico e febrifugo (Soubeiran).

FAM. XLVI. LAURINEAS

123. Loureiro ordinario

Syn. *Lat.* Laurus nobilis L. *Port.* Loureiro ordinario. *Hesp.* Loro. *Fr.* Laurier. *It.* Lauro, alloro. *Ing.* Common laurel, sweet bay. *All.* Lorbeerbaum.

Descr. Arv. de folh. persist., ov.-lanc., ven., lisas, aromat. Fl. amarell., em umb. axill.; baga negra. Per. Flor. prim.

Hab. Devezas, Pedras Rubras etc.

P. us. Folhas, bagas.

Colh. *Folh.*, todo o anno; *bagas*, outono.

Comp. *Bagas:* oleo volatil 0,8; substancia crystallina (laurina) 1; oleo gordo 12,8; estearina e cera 7; resina 1,6; fecula 25,8, bassorina 6,1; extractivo gommoso 6,4; assucar; acido indeterminado, albumina, lenhoso (Bonastre).

Alk. *Laurina*, crystallisando em prismas, fusivel, volatil, amargo-acre, aromatica, soluvel no ether e no alcool quente (Bonastre).

Acç. phys. Tonico, excitante aromatico. Em alta dose, vomitivo (Pereira, Gubler).

Us. ther. *Folhas:* ulceras atonicas, tinha; enfraquecimento muscular, relachamento dos orgãos genitaes; ecchymoses; tumores indolentes (Merat). *Bagas* (oleo): excitante, narcotico, nas paralysias (Beirão), febres malignas, peste (Vigier); succedaneo preferivel ao zimbro nas colicas flatulentas (Sarmento), hysterismo, amenorrhea (id.). Excitante, nervino (Gubler, Reis), no rheumatismo (Bouchardat) e dermatoses escamosas (Gubler). Expectorante, emmenagogo (Merat).

Posol. Folhas: po 2 a 4 gr.; infuso 4 a 8 gr.; oleo volatil 1 a 5 gotas em poção ou 1-2: 30 gr. em linimento. Bagas: pommada 15: 30 gr.; oleo, extraido a quente (Bouchardat), 2 a 5 gr.

FAM. XLVII. THYMELEAS

124. Trovisco ordinario

Syn. *Lat.* Daphne gnidium L. *Port.* Trovisco ordinario, trovisco femea, mezereão. *Hesp.* Torvisco, timelea, matapollo. *Fr.* Garou, sainbois. *It.* Camelea, calmoléa, biondella. *Ing.* Flax leaved daphne, spurge-flax. *All.* Seidelbast.

Descr. Arb. de folh. lin.-lanc., serr., acum., mucr. Fl. averm. por fora, br. por dentro, odor.; baga verm. Flor. estio.

P. us. Casca, folhas, sementes.

Colh. *Casca* no outono e primavera; *folh.* na primavera; *sem.* no estio.

Comp. Casca: cera, resina acre, daphnina, oleo volatil, principio corante amarello, assucar, substancia azotada, extractivo, acido malico, saes (Gmelin, Baër).

Alk. *Daphnina*, branca, crystallisavel, fusivel, volatil, pouco soluvel na agua, soluvel no alcool e ether (Thomson, Vauquelin).

Acç. phys. *Topica:* sobre a pelle, rubefação, vesicação ao fim do vinte e quatro horas; sobre a lingua e pharynge, sabor amargo, seguido de ardor tenaz que persiste durante horas. *Geral:* dor no epigastro, nauseas, vomitos, colicas, diarrhea; hypersalivação, diaphorese, diurese. Doses excessivas: pulso intermittente, prostração, morte.

Us. ther. *Bagas* e *sementes* purgantes (Dioscorides). *Folhas* emeto-catharticas (Deslongchamps), nas doenças cutaneas. *Casca:* depurativa, na syphilis e doenças de pelle (Russel, Wright, Swediaur, Home, Cazenave, Beirão, Chernoviz, Reis), rheumatismo chronico (Edwards, Beirão), escrofulose (Home, Edwards). Estimulante, diaphoretico (Chernoviz), purgante, alterante (Reis). Externamente, epispastico, (Trousseau, Leclerc, Gubler, Reis), rubefaciente, vesicante (Chernoviz, Trousseau, Garidel). Ulceras (Cullen).

Posol. Decocto 2-8 gr. Xarope. Casca *em natureza*, applicada topicamente pela face interna. Pommada. Oleo.

Us. pop. Na França, c. ophthalmias, cephaleas (Merat); na Russia, c. doenças d'olhos (Hooper).

FAM. XLVIII. ASARINEAS

125. Aristolochia longa

Syn. *Lat.* Aristolochia longa L. *Port.* Aristolochia longa, herva-bicha, estrellamim. *Hesp.* Aristoloquia macho, viborera. *Fr.* Aristoloche longue. *It.* Aristolochia lunga. *Ing.* Long birthwort. *All.* Langhohlwurzel.

Descr. Rh. napif., perp.; caules ascend., ram., sub-trep.; folh. ov.-cord., chanfr. Fl. isol., cor de cafe, estr. de verm. ou viol.; caps. refl., ov.-pyrif. Per. Flor. prim.

Hab. Frequente pelas sebes e atalhos, na Aforada, Serra do Pilar, Boa-vista, Lordello, Rio-tinto, Ermezinde.

P. us. Raiz.

Colh. Qualquer epocha, melhor no outono.

Acç. phys. Emmenagogo (Hippocrates, Galeno, Diosocrides, Sarmento etc.), diuretico (Gilibert), tonico (Pereira), estimulante (Alibert, Pereira, Bouchardat).

Us. ther. Chlorose (Cullen), intermittentes, asthma humida, anorexia, ulceras saniosas (Gilibert), helminthiase (Sarmento), gota (Werlhoff, Cullen, Grisley), hemorrhoides (Chomel). Succedaneo da *A. serpentaria* L., c. atonia nervosa, intermittentes, febres graves e malignas (Beirão).

Posol. Po 4 a 8 gr. Extracto 2 a 4 gr. Infuso 20 a 30 gr.

Obs. A aristolochia menor, *A. pistolochia* L., encontra-se nos atalhos e em Leça do Balio, nas margens do Leça (John.).

FAM. XLIX. CYTINEAS

126. Hypocisto vulgar

Syn. *Lat.* Cytinus hypocistis L. *Port.* Hypocisto, pútegas. *Fr.* Hypociste, cytinet. *Ing.* Rape of cystus.

Descr. Caule simples, escam.; escam. imbric. Fl. axill., em espiga sesseis; baga pulposa, amar., depois verm. Parasita sobre os cistos. Ann. (?) Flor. prim.

Hab. Reducto Saldanha, na Fonte-da-moura.

P. us. Toda a planta.

Colh. Primavera.

Comp. Suco: substancia carbonada, insoluvel na agua e no alcool, materia corante, acido galhico (Pelletier, Caventou), tannino (Bergius).

Acç. phys. Adstringente (Chomel).

us. ther. Diarrhea, dysenteria (Chr. Reis), leucorrhea, hemorrhagias (Merat).

Posol. Suco 1 a 4 gr.

Us. pop. Nos arredores de Lisboa, as pútegas são usadas como refrigerantes.

FAM. L. CUCURBITACEAS

127. Bryonia dioica

Syn. *Lat.* Bryonia alba L., B. dioica Brot. *Port.* Norça branca, bryonia. *Hesp.* Brionia, nuerza. *Fr.* Bryone, couleuvrée, vigne blanche. *It.* Rorastro, vitalba, brionia. *Ing.* Bryony, white jalap. *Ail.* Zaurübe, steckwurz.

Descr. R. tuber.; caule sarm.; folh. cord.-palm. ou subtriang.; gavinhas simpl.; fl. dioicas, br.-amar. ou esverd.; bagas verm., raram.te amar. Per. Flor. prim., estio.

Hab. Fonte-da-moura, Pastelleira, Areinho etc. Frequente.

P. us. Raiz.

Colh. Para conservar, colhe-se no outono ou inverno, corta-se em discos delgados e secca-se; mas deve de preferencia empregar-se fresca, em qualquer epocha.

Comp. Amido, oleo verde, resina, albumina, gomma, assucar, saes, bryonina (Vauquelin, Brandes, Dulong).

Alk. *Bryonina* (Dulong) ou *Bryonicina* (Walz), amarga, crystallisavel, soluvel na agua e no alcool, formada pela reunião de dois principios amargos analogos ás resinas, a *bryonina* (Walz) e a *bryoicina* (Walz).

Acç. phys. *Topica:* vesicante. *Geral:* emeto-cathartica. Em altas

doses, drastico violento, produzindo abaixamento de temperatura, depressão do pulso, convulsões tetanicas, estupor, morte. Jonathan Pereira diz ter presenciado um caso de envenenamento pela bryonia, apresentando os symptomas do cholera.

Us. THER. Purgante (Dioscorides), succedaneo da jalapa (Fourcroy, Merat, Deslongchamps), do senne (Bodard) e das coloquintidas (Rabuteau). Vomitivo (Deslongchamps, Pereira), succedaneo da ipeca, *ipecacuanha europea* (Montgarny). Epilepsia, apoplexia, paralysia intellectual (Villeneuve), diarrhea, dysenteria, febres biliosas, asthma, colicas verminosas (Montgarny). Drastico violento (Chaumeton, Beirão), hydragogo (Heraud) nas hydropisias (Gubler), principalmente de causa palustre (Heraud). Expectorante (Gubler) nos catharros, asthma humida (Chomel), coqueluche (Heraud). Vesicante (Gubler, Trousseau). Resolutivo (Chernoviz).

POSOL. Po 1-2 gr. Suco 16-20 gr. Pommada 4: 30.

Us. POP. Entre nós, uma colher (prox.te 15 gr.) do suco da raiz, como purgante (Beirão). Na Allemanha e na Suecia, usa-se a raiz como emetica, purgante, rubefaciente e epispastica (Chaumeton). Em França, emprega-se em clysteres para seccar o leite das amas (Barbier).

FAM. LI. EUPHORBIACEAS

128. Euphorbia maleiteira

SYN. *Lat.* Euphorbia helioscopia L. *Port.* Maleiteira, herva maleita, tithymalo dos valles, tithymalo helioscopio. *Hesp.* Yerba lechera. *Fr.* Réveille-matin, tithymale. *It.* Titímalo. *Ing.* Tithymale spurge. *All.* Wolfsmilch.

DESCR. Caule erecto, florido, lenh.; folh. dispersas, obov.-cuneif., serr.; fl. amar., em umb. de 5 raios, 2-3 furc.; caps. lisa. Ann. Flor. Maio-Julho.

HAB. Areinho, Fonte-da-moura, Aforada, pelos pinhaes e mattas e pelas estradas. Frequente.

P. US. Toda a planta, folhas, raiz.

COLH. Primavera, estio.

ACÇ. PHYS. *Topica*, vesicante; *geral*, emeto-cathartica (Merat).

US. THER. Syphilis (Nonne).

POSOL. Suco 2 gr. Raiz 0,50 a 2 gr. Folhas, topicamente.

US. POP. Em França, c. verrugas (Merat).

OBS. De todas as especies d'este genero escorre, por incisão, um suco leitoso, acre, vesicante, contendo caoutchouc. Loiseleur Deslongchamps considera as euphorbias indigenas como succedaneas da E. ipecacuanha. Deve porem notar-se que, já antes d'elle Clusio as tinha aconselhado como excitantes e Vigier como vomitivas; e o nosso Figueiredo lembra que os medicos portuguezes experimentem 'nesse sentido as especies indigenas «com a prudencia que lhes dictarem os seus principios medicos, e o conhecimento da natureza da especie botanica que empregarem nas suas experiencias (ob. cit., pag. 248)».

As especias portuenses, que conhecemos, são:

E. redondo, *E. peplus* L..... Littoral.
E. das areias, *E. peplis* L..... Cabedello.
E. morganheira, *E. paralias* L..... Littoral.
E. das sebes, *E. segetalis* Brot..... Avintes, Carreiros.
E. pilosa, *E. pilosa* L..... Rio Leça, C. do Queijo.
E. dos bosques, *E. sylvatica* L..... Fonte-da-moura etc.

129. Mercurial commum

Syn. *Lat.* Mercurialis annua L. *Port.* Mercurial. *Hesp.* Mercurial. *Fr.* Mercuriale, vignette. *It.* Mercorella. *Ing.* Annual mercury. *All.* Bingelkraut.

Descr. R. fibr.; caule ram., ang, glab.; folh. ov.-lanc,; pec., dent.; fl. masc. em espigas, as fem. subsess., solit. ou agglom. Ann. Flor. prim.

Hab. *Passim,* pelos muros.

P. us. Folhas, toda a planta.

Colh. Durante a floração perfeita.

Comp. Principio amargo, purgativo; muco; chlorophylla; albumina; substancia gorda, branca; oleo volatil; acido pectico; lenhoso; saes; ammoniaco (Fenneule).

Acç. phys. e us. ther. Purgante (Hippocrates, Brassard, Lemolt, Edwards, Dieu, Beirão), laxante, emolliente (Bouchardat). Emmenagogo (Constantin). Anthelminthico (Gouan). Hypnotico (Linneu). Diuretico (Desbois), na hydropisia (Gubler).

Posol. Extracto 4-8 gr. Infuso em clyster 15 a 60 gr. Cataplasma emolliente de folhas cosidas (Merat, Edwards, Gubler).

Us. pop. Laxante, hydragogo, diuretico, emmenagogo (Reis).

FAM. LII. CANNABINEAS

130. Lupulo commum

Syn. *Lat.* Humulus lupulus L. *Port.* Lupulo, luparo, pe de gallo. *Hesp.* Hoblon, lupulo, hombrecillo. *Fr.* Houblon. *It.* Luppolo. *Ing.* Common hop. *All.* Hopfen.

Descr. Rh. lenh., rept., stolon; caule ang., trep., torc.; folh. cord.-lob., lob. dent., escab. Fl. amarell., axill.; bract. cobertas de um po granul. Per. Flor. estio.

Hab. Margens do Leça e ribeiros do Areinho, Campanhã etc.

P. us. Summidades, fructos (cones, pinhas, estrobilos), po das bracteas (lupulino).

Colh. Agosto até Outubro.

Comp. *Bracteas* (escamas): materia adstringente, materia corante, chlorophylla, gomma, lenhoso, saes, vestigios de lupulina (Payen, Chevallier, Pelletan). *Sementes* (grãos): tannino 4,16; materia extractiva 8,33; principio amargo, *lupulina,* 9,16; cera 10; resina 30; lenhoso

38,33 (Ives). *Po* das bracteas (lupulino): lupulina, essencia, gomma-resina, materia extractiva, osmazoma, gordura, acido valerianico, acido malico, acido tannico, malato de cal e outros saes (Payen, Chevallier, Personne). A essencia de lupulino é amarellada, acre, alliacea, soluvel na agua, mais no alcool e no ether.

ALK. *Lupulina*, amarga, azotada, instavel, branco-amarellada, aromatica, soluvel na agua, na proporção de 5:100, mais soluvel no alcool, menos no ether (Payen etc).

ACÇ. PHYS. Tonico (Bouchardat), narcotico (Fonssagrives), hypnotico (Mill), anaphrodisiaco (Page), diuretico (Chaumeton); excitante do systema lymphatico (Merat); sedante dos systemas circulatorio (Maton) e nervoso (Yves, Desroches, Beirão).

US. THER. Lithiase (Ray, Lobb). Rachitismo (Edwards, Gubler). Gota (Freake), rheumatismo (Gubler, Chernoviz). Erecções e pollucções nocturnas (Sigmond, Van-der-Corput), spermatorrhea (Page, Debout, Aran). Carcinoma do estomago (Rabuteau). Succedaneo do opio (Mill) e da salsaparrilha (Willemet).

Foi tambem aconselhado o seu emprego durante a operação da phimosis, para evitar as erecções (Vidal, Robert).

POSOL. Infuso 15 a 30 gr. Extracto 1 a 4 gr. Lupulino 0,60 a 2 gr.

US. POP. Entra na fabricação da cerveja (Pereira, Gubler etc.)

FAM. LIII. URTICACEAS

131. Urtiga menor

SYN. *Lat.* Urtica urens L. *Port.* Urtiga menor. *Hesp.* Ortiga menor. *Fr.* Petite ortie. *It.* Ortica minore. *Ing.* Small nettle. *All.* Kleinneffel, kleinbrennessel.

DESCR. R. perp.; folh. ov.-olb., ag., prof.ᵉ dent., 5 nerv. Fl. em espigas simpl., axill. Pl. monoica, mun. de gland., que segregam um liquido caustico. Ann. Flor. prim., estio e principio do outono.

HAB. *Passim* pelas estradas, ao pe dos muros etc.

P. US. Toda a planta, recentemente colhida.

COLH. Qualquer epocha.

COMP. Materia azotada, tannino, chlorophylla, cera, materia mucosa, acido galhico, nitratos de potassa e de cal, hydrochlorato de soda, acetato de cal, phosphato de potassa, oxido de ferro, carbonato acido d'ammoniaco, silica, lenhoso (Salladin).

ALK. «Il est permis de supposer que ce n'est pas de l'ammoniaque qui se trouve dans les glandes pileuses, mais plutôt une base telle que la propylamine, l'aniline ou quelqu'un des alcaloïdes dits artificiels qui s'en rapprochent.» Gubler, ob. cit., pag. 278.

ACÇ. PHYS. *Topica:* rubefaciente, vesicante; *geral:* adstringente (Reis), galactogogo (Rodin).

US. THER. *Suco* da planta: hemorrhagias (Chomel, Lange, Desbois), hemoptyses (Amato, Scopoli, Chernoviz), metrorrhagias (Cazin, Fonssa-

grives), hematemese (Ginestet), epistaxis (Merat). Leucorrhea (Kosciakiewicz). Prolapso do utero (Menicucci). Molestias cutaneas (Bullar, Beirão). Hydrothorax, hydrocephalia (Rodin). Externamente *(urticação)*: revulsivo energico (Reis), nas paralysias (desde Celso, Areteu e Galeno até Trousseau e Pidoux), amenorrhea e erupções cutaneas febris (Spiritus). Os renovos tambem foram considerados laxantes (Murray) e as sementes aphrodisiacas (Matthiole), emeto-catharticas (Fernel), purgantes (Serapion), diureticas (Bulliard), c. intermittentes (Panetti), doenças das vias urinarias, diarrhea (Linneu, Vogel, Richten) e dysenteria (Faber).

Posol. Suco da planta 60 a 120 gr. Decocto 10 a 20 gr. Infuso 5 a 10 gr. Extracto 0,50 a 1 gr.

132. Parietaria officinal

Syn. *Lat.* Parietaria officinalis L. *Port.* Parietaria, alfavaca de cobra. *Hesp.* Parietaria, vidriola. *Fr.* Pariétaire. *It.* Parietaria. *Ing.* Wall-pellitory, wall-wort. *All.* Mauerkraut, glaskraut.

Descr. Caule simpl., asp., pubesc.; folh. ov.-obl., acum., pubesc.; 3-nerv., mun. de pontos transp. Fl. verm.-esverd., em glom. axill., sesseis ou ped. Per. Flor. prim., estio.

Hab. *Passim*, pelos muros.

Comp. Mucilagem, nitrato de potassa, enxofre (Planche).

P. us. Toda a planta.

Colh. Emprega-se sempre recentemente colhida.

Acç. phys. Diuretica, pelo nitro que contém.

Us. ther. Antifebril (Aristoxenes), resolutivo (Dioscorides), refrigerante (Dioscorides, Edwards, Beirão, Gubler), diuretico (Merat, Alibert, Mathiole, Beirão). Angina, gota (Grisley). Emolliente (Beirão), adoçante, (Merat), antiphlogistico (Gubler, Reis), diuretico (Gubler, Chernoviz, Rabuteau, Cauvet, Reis, Bouchardat, Reveil), sudorifico (Reveil).

Posol. Suco 60-120 gr. Extracto 0,50-1 gr. Infuso 10 gr. Hydrolato. Cataplasma.

FAM. LIV. ULMACEAS

133. Ulmo dos campos

Syn. *Lat.* Ulmus campestris L. *Port.* Ulmeiro, Ulmo. *Hesp.* Olmo, negrillo. *Fr.* Orme, ormeau. *It.* Olmo. *Ing.* Elm. *All.* Ulme, ruster.

Descr. Arv. de fol. ov.-ellipt., deseg.te obl. na base, dupl.te dent. Fl. averm., em glom. subsesseis; fr. obovoide, obcord. Per. Flor. Fevereiro-Março.

Hab. Subspontaneo pelos campos e margens das estradas.

P. us. *Liber* (segunda casca, entrecasca).

Colh. Inverno.

Acç. phys. e us. ther. Amargo, tonico; emolliente (Beirão). Molestias de pelle (Dioscorides, Lysons, Sauvages), ichtyose (Lettsom). Sudorifico (Ferrein, Edwards). Diuretico c. hydropisia (Biett).

Posol. Xarope. Extracto 0,50-4 gr. Decocto 30 gr.

FAM. LV. MOREAS

134. Figueira ordinaria

Syn. *Lat.* Ficus Carica L. *Port.* Figueira. *Hesp.* Higuera. *Fr.* Figuier. *It.* Fico. *Ing.* Fig-tree. *All.* Feigenbaum.

Descr. Arb. ou arv. de folh. cord., 3-5-lob., palm., sin.-dent., obt., asp. na f. sup., pubesc. na inf. Recept. pyrif. verde, depois negro-averm.; fl. amar. Per. Flor. Julho-Setembro.

Hab. Margens do Douro.

P. us. Sycones (figos), folhas, suco.

Colh. Sycones maduros. Folhas e suco recentes.

Comp. *Figos:* Assucar 62,5; materia oleosa 0,9; materia extractiva e chloreto de calcio 0,4; gomma e acido phosphorico 5,2; lenhoso e sementes 15,0; agua 16,0 (Bley). *Suco:* gomma elastica, resina, gomma, albumina, extractivo, saes, substancia odorifera, agua (Geiger).

Acç. phys. *Figos:* emollientes, bechicos (Gubler), laxantes (Heraud). *Suco:* purgante e antileitoso (Heraud).

Us. ther. *Folhas,* topicamente, nas hemorrhoides (Mathiole); internamente, em decocto, c. colicas (Baglivi). *Suco,* topicamente, nas verrugas e callos (Chomel), e mordeduras (Plinio); internamente, como purgante (Merat) e antileitoso (Columelle). *Figos,* topicamente, nos tumores gommosos (Pereira) e abcessos das gengivas (Gubler); internamente, como nutritivos, peitoraes, emollientes (Chaumeton, Edwards, Beirão), nas affecções pulmonares e nephreticas (Sarmento, Barbier, Pereira). Colica saturnina (Sarmento). Estomatites, anginas, laryngo-bronchites (Gubler).

Posol. Decocto de figos 15-60 gr. Suco.

Us. pop. No tempo dos romanos, o figo era considerado um alimento por excellencia. Era assim que durante a maturação d'elle os athletas não buscavam outro alimento e os escravos viam a sua ração diminuir, por se suppor que os figos bastavam para engordar. Zénon alimentava-se exclusivamente d'este producto natural.

FAM. LVI. SALICINEAS

135. Salgueiro branco

Syn. *Lat.* Salix alba L. *Port.* Salgueiro branco ordinario. *Hesp.* Salce, sauce blanco. *Fr.* Saule blanc. *It.* Salice bianco. *Ing.* White willow. *All.* Weisse weid.

Descr. Arv. de folh. lanc., acum., serr., pubesc., ás v. coton. na f. inf.; ramos novos pubesc., não visc. Estip. fug., cil.. pubesc. Fl. em amentos, os fem. mais est. Per. Flor. Janeiro-Fevereiro.

Hab. Nos ribeiros e nas margens do Leça, do Souza etc.

P. us. Casca.

Colh. Outono, inverno. Deve preferir-se a casca dos ramos de dois ou tres annos.

Comp. Tannino, gomma, materia corante, materia gorda verde, extracto resinoso, magnesia (Pelletier, Caventou).

Alk. *Salicina*, crystallisavel em agulhas brancas, transparentes, inodoras, inalteraveis ao ar (Fontana, Leroux). Sob a acção dos acidos sulfurico e chlorhydrico, dá logar á *saliretina*; tractada pela emulsina, desdobra-se em glycose e *saligenina*, que a seu turno por successivas oxidações origina os acidos *salicyloso* e *salicylico* (Piria).

Acç. phys. Amargo-adstringente.

Us. ther. Febres intermittentes (Ettner, Stone, Gunz etc.) Debilidade dos membros das creanças (Haller). Ardor excessivo do coito (Ettmuller). Febre hectica (Richter), phthisica (Welsch, Kerkhoff). Hemorrhagias e obstrucções (Gunz, Murray). Gota (Didier). Antiseptico (Stoll). Anthelminthico (Hartman, Luders). Dyspepsia e amollecimento das tunicas do estomago e dos intestinos (Barbier). Estomachico (Pereira). Dysenteria (Mattison, Salicius). Perturbações digestivas (Rabuteau, Trousseau), fluxos mucosos (Gubler). Externamente, casca de salgueiro como antiseptica (Rabuteau), nas gangrenas e ulceras saniosas (Trousseau).

Posol. Po 2-4 gr. Decocto 20 a 30 gr.

Us. pop. Na Laponia, c. colicas (Merat). Na China, c. papeira, dysenteria, rheumatismo, fracturas (Soubeiran).

Obs. Encontra-se ainda nas bordas dos ribeiros do Areinho, Aforada, Ramalde etc. o salgueiro do Norte, *S. viminalis* L. O *S. repens* L. *hab.* no littoral de Mathosinhos; e o *S. helvetica* no littoral da Lavra.

136. Choupo commum

Syn. *Lat.* Populus nigra L. *Port.* Choupo ordinario ou negro. *Hesp.* Alamo negro, chopo. *Fr.* Peuplier noir, léard. *It.* Pioppo nero. *Ing.* Black poplar-tree. *All.* Schwarz pappelbaum.

Descr. Arv. de folh. glab., ov.-triang., acum., dent., as novas visc. Fl. fem. amar., as masc. verm., em amentos. Per. Flor. Janeiro-Março.

P. us. Renovos (gommos), casca.

Colh. *Renovos* na primavera. *Casca* no inverno.

Comp. Renovos: oleo essencial aromatico, resina, extracto gommoso, acidos galhico e malico, materia gorda especial, albumina, saes (Pelerin). Casca: salicina, populina etc.

Alk. *Populina*, branca, adocicada, aromatica ardendo com chamma e soluvel na agua (Braconnot). *Salicina* (v. acima).

Acç. phys. e us. ther. *Renovos*: amenorrhea (Hippocrates), dysenteria, ulceras visceraes (Tournefort). Sudorificos, diureticos, emollientes, anodynos (Chaumeton). *Casca*: febrifuga, pela salicina (Cottereau, Verdet, Galiot, Casin).

FAM. LVII. CUPULIFERAS

137. Carvalho commum

e

138. Carvalho roble

Syn. *Lat.* Quercus robur L., Q. racemosa Lamarck *e* Q. robur Brot. *Port.* Carvalho commum *e* Carvalho roble. *Hesp.* Encina, roble. *Fr.* Chêne. *It.* Querce, quercia. *Ing.* Oak. *All.* Eiche.

Descr. Arv. de folh. glab., obov., amarell., pinnat., sin., sub-cor., as novas pubesc. na f. inf. Glande sessil *(Q. robur)* ou pedunculada *(Q. racemosa)*. Per. Flor. Abril-Maio.

Hab. Frequente, no Areinho, Fonte-da-moura etc.

P. us. Casca, folhas, fructos *(glandes, bolotas)*.

Colh. Casca, antes da floração; folhas no estio; fructos no outono.

Comp. *Casca:* acidos galhico e tannico, assucar incrystallisavel, pectina, tannatos de cal, magnesia e potassa (Braconnot), quercina (Conwell, Scattergood). *Fructos* (glandes): oleo gordo 43; resina 52; gomma 64; tannino 90; extractivo amargo 52; amido 385; lenhoso 319; potassa, cal, albumina e saes terrosos, vestigios (Lœvig).

Alk. *Quercina*, branca, inodora, insipida, formando saes com os acidos mineraes. *Quercita*, crystallisavel, soluvel na agua, inalteravel ao ar. *Quercitrina*, amarella, amarga, crystallina, pouco soluvel na agua, muito no alcool, susceptivel de se transformar, pela acção dos acidos diluidos, em *quercetina* (Rigaud).

Acç. phys. Adstringente energico.

Us. ther. *Casca:* antiseptica, detersiva (Reveil); na leucorrhea (Alibert, Edwards, Gubler), diarrhea, dysenteria (Ledel), intermittentes (Scopoli, Cullen, Vauters, Percival, Fordyce etc.); ulceras saniosas (Reveil), edema (Chaumeton), hernias (Lizar); metrorrhagias (Porta), epistaxis (Howison). *Suco* do tronco: dores arthriticas (Hagedorn). *Folhas:* angina (Darel), feridas (Galeno, Renéaulme). *Fructos:* dysuria, cephalalgia, flatuosidades, feridas envenenadas, ulceras saniosas (Dioscorides); obstrucções visceraes (Schrœder); escrofulose, rachitismo, phthisica, asthma, hydropisia, epilepsia, intermittentes (Marx, Keiser); diarrhea, dysenteria (Karch); coqueluche (Dieu), marasmo, hypochondria, dyspepsia (Barras), angina (Cullen, Gubler), gangrena (Barton), phthisica (Eberle) pulmonar (Dods) e mesenterica (Fletcher).

Posol. Po 2 a 10 gr. Decocto 20 a 30 gr. Extracto 1 a 2 gr.

Us. pop. Na Allemanha, c. rachitismo e escrofulose (Nothnagel).

FAM. LVIII. CONIFERAS

139. Pinheiro bravo

Syn. *Lat.* Pinus sylvestris L., P. maritima Brot., Willdenow. *Port.* Pinheiro bravo, pinheiro maritimo. *Hesp.* Pino. *Fr.* Pin sauvage. *It.* Pino. *Ing.* Wild pine-tree. *All.* Kienbaum.

Descr. Arv. de folh. gem., invag. na base, cil., scab., verde-gl., canal. na f. sup., conv. na inf. Fl. masc. amar., em amento; fem. verde-purp., em estrob. subov. Per. Flor. Março-Abril.

Hab. *Passim.*

P. us. Renovos, folhas, casca, summidades; seiva, oleo-resina, essencia de serebinthina, *galipot*, colophonia, pez louro, pez negro, alcatrão.

Estudaremos separadamente cada um dos productos d'este vegetal.

[a]) *Renovos*

Colh. Na primavera.

Acç. phys. Excitantes, bechicos, diureticos.

Us. ther. Escorbuto (Scopoli), hydropisias, gota erratica, rheumatismo chronico (Chaumeton), leucorrhea (Merat). Cystite chronica, chlorose, escorbuto, rheumatismo, affecções broncho-pulmonares (Chernoviz). Externamente na leucorrhea (Gubler) e molestias cutaneas (Chaumeton).

Posol. Infuso 20 gr. Extracto 1 a 2 gr. Xarope.

[b]) *Folhas, summidades*

Gozam das mesmas propriedades physicas e therapeuticas, dos renovos (Murray).

[c]) *Casca*

Idem (Murray). Intermittentes (Lindesquit).

[d]) *Seiva*

Comp. Albumina, assucar, substancia crystallina (salicina?) (Hartig).

Acç. phys. Digestivo, laxante, expectorante, calmante.

Us. ther. Phthisica incipiente (Keredan, Durant) bronchites (Lecoy).

Posol. Xarope. Emulsão.

[e]) *Terebinthina*

Colh Escoa-se naturalmente dos pinheiros de trinta a quarenta annos; basta praticar uma incisão no pé da arvore, durante os mezes de Fevereiro até Outubro.

Acç. phys. Manifesta uma acção electiva sobre as mucosas dos apparelhos respiratorio e genito urinario, diminuindo-lhe ou suspendendo-lhe as secreções catharraes (Heraud).

Us. ther. Fluxos mucosos das vias genito-urinarias (Hippocrates). Diuretico, laxante, nos catharros pulmonares e na tuberculose (Dioscorides). *Externamente,* dessicativo, cicatrisante; nas blepharophthalmias chronicas, doenças chronicas da pelle e pleurodynias (Dioscorides). Dores articulares, tumefacções do baço (Galeno, Aetius, Paulo d'Egino, Trables). Catharro chronico do intestino (Heraud).

Posol. 1 a 4 gr. em pilulas de 20 centigr.

f) *Essencia de terebinthina*

Acç. phys. *Topica:* prurido, rubefação, vesicação. *Geral:* Em dose de 1 a 4 gr., produz calor na pharynge, no estomago e nos intestinos, sensação de peso no epigastro, eructações, colicas, cephalalgia, acceleração do pulso, diaphorese, diurese, e ás vezes, nas mulheres, provoca a menstruação. A urina, o suor e a respiração accusam a sua presença. Em alta dose, ou não é absorvida e sobreveem vomitos e dejecções acompanhadas de colicas; ou é absorvida e dá logar a graves symptomas: delirio, syncope, dores lombares e hypogastricas; accidentes da cystite aguda; hemoptyse; maculas, papulas ou pustulas, á superficie da pelle; algumas vezes (Gubler), ictericia grave.

Us. ther. *Ant.* Dores articulares (Galeno, Aetius, Paulo d'Egino). Anasarca (Werlhoff). Intermittentes (Cullen, Burdach, Hayny, Wochens, Bellencontre). Typho (Holet, Newson, Chapmann, Donglas, Schneider, Baumgartaer). Febre amarella (Holet, Chapmann). Peste (Brooke Faulkner). Encephalite franca, erysipela, congestões cerebraes (Copland). Peritonite puerperal (Brenan, Macabe, Alkinson, Payne, Edgel, Farre, Douglas etc). Catharro vesical chronico (Dupuytren, Dieu, Trousseau), nephrite (Amato), ischuria (Lentin, Kieser), dysuria, estranguria, blenorrhagia aguda (Murray, Pitschaff), leucorrhea, gonorrhea (Dieu). Affecções digestivas (Cullen, Klinglake, Baglivi, Van-Swieten). Nevralgias sciaticas (Murray, Home, Herz, Thillenius, Recamier, Dufour, Laroque etc.) Lithiase biliar (Boerhaave, Valisneri, Durande, Maret etc.) Anthelminthico (Chabert, Cross, Chaumeton, Kennedy, Gomes, Bremser, Peschier, Merat, Pereira). Phlegmasias thoracicas e coqueluche (Little); asthma (Constant). Mordeduras de viboras (Tschiffely). Epilepsia (Foville, Tessier, Percival, Copland etc). Queimaduras (Kentish, Coxe, Goodall). Gangrena (Lagenbeck, Richter). Tenesmo (Baglivi). Cholera (Petit, Barbier). Purgante, na purpura hemorrhagica (Nichol, Magee). Febre puerperal (Brenan, Pereira), febres inflammatorias (Douglas, Wood). Diabete infantil (Dewees). Hydropisia (Copland). Iridite, choroidite (Guthrie, Carmichael). Tympanite (Ramsbotham, Mashall-Hall). Constipação persistente (Kinglake, Paris).

Act. Catharros da bexiga, catharros broncho-pulmonares, nevralgias, pleurodynias (Trousseau et Pidoux, Gubler, Rabuteau, Chernoviz etc.). Hematuria renal, blepharophtalmias chronicas, otorrhea, tinha (Ra-

buteau). Blenorrhagia, leucorrhea, hemoptyse, rheumatismo chronico' hysteria, epilepsia, chorea, tetano, meteorismo abdominal, dysenteria, diarrhea (Gubler). Affecções de medulla (Trousseau). Gastrite, ulcera e cancro do estomago (Trousseau, Gubler). Helminthiase, ictericia (Gubler, Rabuteau). Queimaduras, ulceras atonicas, gangrena (Heraud).

Posol. Como estimulante geral 10 a 15 gotas. Como anticatharral e hemostatico 1 a 4 gr. Como antinevralgico 4 a 6 gr. Como anthelminthico 30 a 60 gr. Dá-se sob a fórma de capsulas, em leite ou em suspensão 'num infuso aromatico.

g) *Colophonia*

Us. ther. Intertrigo (Heraud). Picadas das sanguesugas (Chernoviz etc.).

h) *Alcatrão*

Acç. phys. A da essencia de terebinthina, proximamente.

Us. ther. *Ant.* Phlegmasias chronicas das mucosas (Dieu). Phthisica pulmonar (Sales-Giron, Crichton, Hufeland, Pagenstecher, Hildebrand, Petrequin etc.), Hemorrhoides (Jaffé). Fistulas e ulceras gangrenosas (Lebeau), rhagadas do mamillo (Marcus). Gonorrhea (Dieu), broncorrhea, cystorrhea, leucorrhea (Berton). Escrofulose (Bermond, Chabrely, Mignot). Doenças de pelle (Giron). Tic doloroso (Colville). Psoriasis (Émery, Fleury). Tinha (Duchesne-Duparc, Dauvergne).

Act. Como tonico, na dyspepsia torpida. Adstringente, detersivo, anticatharral, diuretico, hemostatico. Bronchite e laryngite chronicas, tuberculose, cystite catharral, leucorrhea, blenorrhagia (Gubler). Otorrhea (Trousseau). Molestias cutaneas (Heraud). Succedaneo da copahiba (Rabuteau). Antiseptico (id.).

Posol. Agua de alcatrão (10,30). Alcatrão purificado 1 gr. por dia; pilulas. Xarope. Emplasto. Pommada.

i) *Galipot, pez louro, pez negro*

Entram na composição de alguns emplastos.

FAM. LIX. ORCHIDEAS

140. Orchis maculada

Syn. *Lat.* Orchis maculata L.

Descr. Tuberc. palm,; folh. macul., as inf. obl., as sup. est. Fl. em espiga con., br., macul. de lilaz ou purp.; pet. sup. ag., em capacete, as lat. erectas, a inf. triloba; esp. exced. pelo ovario. Per. Flor. Maio-Junho.

Hab. Fonte-da-moura, nos pinhaes.

P. us. Tuberculos radicaes.

Colh. Depois da floração.

Comp. Bassorina, amido, gomma soluvel, chloreto de sodio, phosphato de cal (Caventou).

Acç. phys. e us. ther. O salepo, fornecido pelos tuberculos das orchideas, tem sido em todos os tempos usado como emolliente e nutritivo (v. pag. 6), nas convalescenças.

Posol. Po 2 a 4 gr. em leite ou caldo; decocto 3 a 5 gr. Gelea, chocolate.

Obs. As outras especies de orchideas da flora portuense, descobertas até hoje são:

O. masculina, *O mascula* L.	Mont'alto, em Vallongo.
O. de folhas largas, *O. latifolia* L.	Valladares (John.).
Serapias linguiforme, *S. lingua* L.	Littoral.
S. cordiforme, *S. cordigera* L.	Littoral, Vallongo.
Espiralia do estio, *Spiranthes aestivalis* Richard.	Littoral.

FAM. LX. AMARYLLIDACEAS

141. Pancracio do littoral

Syn. *Lat.* Pancratium maritimum L. *Port.* Açucena do mar. *Hesp.* Azucena del mar, amormio, nardo coronado. *Fr.* Pancrais, lis Mathiole, scille blanche. *It.* Fiordaliso marino. *Ing.* Sea-lily. *All.* Meer-lilie.

Descr. Bolbo ovoide-globoso; folh., lin.-lanc., gl. Espat. diph., multifl.; fl. odor., gr., br., raiadas de verde; caps. trig., sub-glob. Per. Flor. Julho-Agosto.

Hab. Abundantissimo por todo o litoral.

P. us. Bolbos, sementes.

Colh. *Bolbos*, primavera, outono; *sem.*, outono.

Acç. phys. Vomitivo (Richard, Deslongchamps).

Us. ther. Succedaneo da scilla (Plinio, Clusio, Pereira), nas hydropisias (Dioscorides, Plinio).

142. Narciso dos ribeiros

Syn. *Lat.* Narcissus pseudo narcissus L. *Port.* Narcisso trombeta narciso amarello. *Hesp.* Narciso de los prados. *Fr.* Narcisse des prés, porillon. *It.* Narciso, narcisso *Ing.* Daffodil, Daffodilly. *All.* Gemeine narzisse.

Descr. Bolbo ovoide-glob.; caule estr., compr.; folh. pl., sub-gl. Espat. monoph. unifl.; fl. amar., gr., inod., subsesseis; cor. de tubo curto, lob. ov.-obl., eg. tubo e mais curtos que a coroa cren., de b. ondul. Per. Flor. Fevereiro-Março.

Hab. Ribeiros da Foz, Ramalde etc.

P. us. Flores, bolbos.

Colh. Todo o anno, melhor no outono.

Comp. Bolbos: narcitina 37; gomma 6; tannino 24; lenhoso 28; saes e oleo volatil, vestigios. Flores: narcitina 25 °/₀. (Jourdain), resi-

na, acido galhico, tannino, materia extractiva etc. (Charpentier).

Acç. phys. e us. ther. Succedaneo da ipeca (Armet, Waltecamps), como vomitivo (Dufresnoy, Veillechèze, Deslongchamps, Wood, Richard, Blache, Guersant, Maingault, Trousseau, Gubler etc.). Antispasmodico (Dufresnoy), na epilepsia, tetano (Michea), coqueluche (Dufresnoy, Veillechèze), tosse ferina (Comhaire). Diarrhea e dysenteria (Deslongchamps, Lejeune). Febre (Deslongchamps). Asthenia spasmodica (Pierre). Abortivo (Morgagni).

Posol. Flores; po 1 a 2 gr. Extracto 0,05 cent. a 0,15 centigr. Infuso 4 a 8 gr. Xarope. Bolbos: doses mais elevadas.

Obs. Podem talvez empregar-se do mesmo modo as tres especies seguintes:

N. bulbocodio, *N. bulbocodium* L..... Margens do Leça etc.
N. de tres estames, *N. triandrus* L..... S. Gens (John.).
N. reflexo, *N. reflexus* Brot..... Areinho, Mont'alto etc.

Pertence tambem a esta familia o leucojo do outono, *Leucojum autumnale* L., cujo bolbo contém um principio acre, talvez vomitivo (Merat). *Hab.* frequente, pelos pinhaes e montes.

FAM. LXI. IRIDACEAS

143. Açafrão bravo

Syn. *Lat.* Crocus autumnalis Brot. *Port.* Açafrão, açafrão bravo. *Hesp.* Azafran. *Fr.* Safran d'automne, safran du Gatinais, safran sauvage. *It.* Zafferano, croco selvaggio. *Ing.* Saffron. *All.* Wilder saffran.

Descr. Bolbo tunic.; folh. lin.-canal., est., recurvas, contemp. das fl.; espat. monoph. Periantho de segm. lanc., pall.-viol., subeg.; estigmas erectos, multif., obcon.; caps. trig., membr. Per. Flor. Outubro-Novembro.

Hab. Frequente pelos pinhaes, no Covello e na m. e. do Douro, desde Avintes á Fonte-da-vinha.

P. us. Estigmas.

Colh. Durante a floração perfeita.

144. Lyrio dos charcos

Syn. *Lat.* Iris pseudo-acorus L. *Port.* Acoro bastardo, lyrio dos charcos. *Hesp.* Lirio amarillo, espadanña fina. *Fr.* Iris des marais, glayeul des marais. *It.* Cálamo bastardo. *Ing.* Yellow water-flag. *All.* Gelbesumpf-iris, unehelich-kalmus.

Descr. Rh. duro, averm.; caule cyl., ram. sup.te; folh. ensif., longas. Fl. amar., imberbes, tub., em cacho; caps. cor. Per. Flor. prim.

Hab. Frequente em todos os ribeiros e charcos.

P. us. Rhizoma.

Colh. Outono, inverno.

Acç. phys. *Topica*: errhino, sialagogo (Hooper); *geral*: excitante

(Edwards), purgante (Richard, Cauvet), vomitivo (Dieu), adstringente (Chomel, Lemaout).

Us. ther. Cephalgia, odontalgia, gengivite (Amstrong); hydropisia (Raussay, Bouchardat); ascite, anasarca (Plater). Escrofulose (Blair, Murray). Helminthiase (Muller).

Posol. Po 1 a 4 gr. Suco 20 a 50 gr.

P. us. Sementes torrefactas succedaneas do cafe (Merat, Richard). Rhizoma, nas hydropisias e diarrheas (Lemaout).

FAM. LXII. DIOSCOREAS

145. Norça preta

Syn. *Lat.* Tamus communis L. *Port.* Norça preta, bryonia negra. *Hesp.* Nueza negra. *Fr.* Sceau de Notre-Dame, vigne noire. *It.* Vite nera, támaro *Ing.* Black bryony. *All.* Schwarz-wurzel, schmeerwurz.

Descr. Caule delg., trep.; folh. ov.-cord., acum., luzidias, glob. Fl. peq., amar.-esverd., em cachos axill.; baga verm. Per. Flor. prim.

Hab. Frequente pelas sebes.

P. us. Rhizoma.

Colh. Primavera, outono.

Acç. phys. Purgante, diuretico (Merat, Beirão).

Us. ther. Dores arthriticas (Richard). Feridas (Merat).

Us. pop. Entre nós, como hydragogo e nas contusões e ecchymoses (Beirão); em França, como amargo (Richard). Os rebentos são considerados alimentares na Italia (Mathiole) e na Arabia (Merat).

FAM. LXIII. MELANTHACEAS

146. Colchico menor

Syn. *Lat.* Colchicum bulbocodioides Brot., Merendera montana Lange. *Port.* Colchico menor.

Descr. Bolbo tuber., br., ovoide; folh. 3, lin.-canal., contemp. do fr.; fl. 1-2, purp.; ped. subterr., emergindo depois com a caps. ov., obt., triloc. Per. Flor. outono.

Hab. Frequente nos pinhaes de Paranhos, Matadouro etc.

P. us. Bolbos, sementes.

Colh. *Bolbos,* Julho-Agosto; *sem.,* na maturação.

Acç. phys. e us. ther. Succedaneo do colchico officinal (v. pag. 46).

FAM. LXIV. LILIACEAS

147. Scilla de Portugal

Syn. *Lat.* Scilla lusitanica L. (?)

Descr. Inodora. Bolbo ovoide, esbranq.; haste de 8-15 cent., cyl. desde a base até ao rachis, onde ang.; folh. 3-6, exced. a haste, sub-

lin., procumb., profund.te canal., de b. ás vezes cerul., adher. na estrem. Bract. ag., canal., esbranq.; ped. 2-3 v. maiores, não corados, em cacho de 12-15 fl. Periantho ceruleo; pet. ellipt., acum., refl. desde a base; filetes dilat.; antheras az., dorsifixas. Ovario 6-sulc., glob. Per. Flor. prim.

Hab. Campos visinhos do littoral de Leça e pinhaes do interior, principalmente em Paranhos e no Matadouro.

Obs. Será esta a especie que o snr. Johnston, na introducção do seu catalogo, aponta como *Sc. lusitanica*? Se é, a identidade da especie descripta por Linneu e da que acabamos de mencionar, é bastante duvidosa no nosso espirito; se não é, teremos 'nesta mais uma especie da flora portuense, que julgamos não descripta ainda em Portugal.

A introducção d'esta planta no presente trabalho justifica-se pelo seguinte periodo:

«Esta planta (*Sc. peruviana* L.) não se acha nos catalogos de Materia Medica; eu a ponho aqui pela affinidade com a *Scilla maritima* de Linneo nas folhas e bolbo, a fim de excitar os Medicos, principalmente os de Lisboa, a tentar as suas virtudes, como tambem ainda as das outras especies indigenas de Portugal...» Figueiredo, ob. cit., pag. 184.

As especies de scillas, indigenas do Porto, são além da que descrevemos, as seguintes:

Sc. azul, *Sc. pumila* Brot..... Frequente nos pinhaes.
Sc. do Peru, *Sc. peruviana* L.... Lavadores, Leça. Muito cultivada.

Do genero visinho, *Ornithogalum*, temos encontrado as especies:
Ornithogallo em umbella, *O. umbellatum* L..... Ramalde, Avintes.
O. anão, *O. nanum* Brot., *Sc. unifolia* L..... Pinhaes.

Ainda poderiamos citar, d'esta familia, o jacintho pendente, *Hyacinthus cernuus* Brot., frequente pelos pinhaes e pelos campos do littoral, e a abrotea branca, *Asphodelus albus* Wildenow, abundante na Serra do Pilar.

Nos arredores do Porto, emprega-se frequentemente como purgante a raiz do antherico bicolor, *Anthericum planifolium* L., cravo do monte. *Hab.* muito abundante em todos os pinhaes.

FAM. LXV. ASPARAGINEAS

148. Convallaria dos bosques

Syn. *Lat.* Convallaria polygonatum L. *Port.* Sello-de-Salomão. *Hesp.* Suelda blanca, sello-de-Salomon. *Fr.* Sceau de Salomon. *Ing.* Solomon's seal. *All.* Weisswurz.

Descr. Rh. espesso; caule ang., simpl., arqueado; folh. ellipt., alt., distichas, ampl. Ped. 1-2-fl., axill. Periantho pend., br., esverd. no vert., 5-dent.; baga negra-azul., triloc. Per. Flor. Maio-Junho.

Hab. Abundante, á sombra das carvalheiras, em Fonte-da-moura.

P. us. Rhizoma, flores.

Colh. *Rh.*, na primavera; *fl.*, durante a floração perfeita.

Acç. phys. *Rhizoma,* emetico (Schröder, Chomel, Bouchardat); *flores* sternutatorias (Dieu, Bouchardat).

Us. ther. Contusões (Gérarde). Doenças cutaneas (Chomel), gota, rheumatismo (Hermann). Antispasmodico (Richard), vulnerario (Tandon).

Posol. Rhizoma em po 2 a 10 gr. Flores, hydrolato 60 a 120 gr. (antispasmodico); po 2 a 4 gr. (sternutatorio).

Us. pop. Na Inglaterra, topicamente nas contusões (Pereira); na Russia, como antilyssico (Martius).

149. Salsaparrilha indigena

Syn. *Lat.* Smilax aspera L. *Port.* Legação, legacão, alagacão, salsaparrilha do Reino. *Hesp.* Zarzaparrilla de España. *Fr.* Salsepareille d'Europe, liseron épineux, liset piquant. *It.* Salsapariglia di Spagna. *Ing.* Rough bind-weed. *All.* Gemeine salsaparillwurzel.

Descr. Rh. tuber.; caule ram., len., flex., acul., estip., ang.; folh. alt., pec., cor., cord., ov.-hast., lanc., acul. nos b. Fl. dioicas, br.-amarell. ou esverd., pedicelladas, em panic. axill. e term.; baga purp., depois negra, glob., triloc. Per. Flor. estio, outono; fruct. prim.

Hab. Em frente da Pedra-do-cão, no Cabedello, e na m. e. do Douro, entre a Pedra-salgada e a Fonte-da-vinha.

P. us. Rhizoma.

Colh. Inverno, primavera.

Acç. phys. e us. ther. e pop. Succedaneo das salsaparrilhas exoticas. (v. pag. 47 e seg.).

150. Gilbardeira commum

Syn. *Lat.* Ruscus aculeatus L. *Port.* Gilbarbeira, gilbardeira. *Hesp.* Bruso, jusbarba. *Fr.* Petit-houx, houx-fragon, houx frêlon. *It.* Rusco. *Ing.* Butcher's-broom, knee-holly, wild myrtle. *All.* Mausdorn, mausmyrthendorn.

Descr. Rh. duro, rept.; caule len., verde; folh. substituidas por escamas membr., cad.; ramos foliif. ov.-arred., cor., acul. no vert, alt., sesseis. Fl. dioicas, azul., solit. ou gem., envolv. na base por 1 bract. membr., colloc. na f. sup. do ramo foliif.; baga verm., triloc. Per. Flor. prim.

Hab. Frequente nas sebes, no Areinho, Fonte-da-moura etc.

P. us. Rhizoma.

Acç. phys. e us. ther. Diuretico, aperitivo (Plinio, Richard, Beirão).

Posol. Decocto 20 a 30 gr.

Us. pop. Na Corsega, servem-se dos grãos torrados, á maneira de cafe (Merat).

Obs. O espargo sylvestre, *Asparagus aphyllus* L., possue decerto as propriedades do espargo officinal, *A. officinalis* L., empregado como diuretico. *Hab.* na Arrabida (m. d. do Douro), no Matadouro e 'noutros pontos, pelos montes e pinhaes.

FAM. LXVI. CYPERACEAS

151. Carex das areias

Syn. *Lat.* Carex arenaria L. *Port.* Junça das areias, salsaparrilha da Allemanha. *Hesp.* Zarraparilla de Alemania. *Fr.* Salsepareille d'Allemagne. *It.* Salsapariglia di Alemagna. *Ing.* Sea-sedge. *All.* Sandstarrgras, sandsegge.

Descr. Rh. long.te rept., estolon.; caule erecto, triq., invag. na base pelas folh. pl. ou canal., acum.-subul. Espigas num.; espiguilhas sup. masc., as inf. fem., as medias masc. sup.te, inf.te fem.; gluma ov.-acum. Estames 3, estigmas 2. Per. Flor. estio.

Hab. Abundantissimo por todo o littoral, e na m. e. do Douro, desde a Aforada ao Cabedello.

P. us. Rhizoma.

Colh. Todo o anno.

Acç. phys. e us. ther. Diaphoretico, resolutivo (Murray, Merz, Reuss), succedaneo da salsaparrilha (Richard, Beirão), no rheumatismo, syphilis (Gleditsch) e doenças venereas (Merz).

Posol. Decocto 30 a 60 gr. e mais.

Us. pop. Na Laponia, usam-se as folhas topicamente nas mãos e nos pés, como prophylaxia das frieiras (Linneu).

152. Junça de cheiro

Syn. *Lat.* Cyperus longus L. *Port.* Junça de cheiro, albafor. *Hesp.* Juncia olorosa. *Fr.* Souchet. *It.* Cipero. *Ing.* English galangale. *All.* Gemeines cypergras.

Descr. Rh. espesso, rept., sem. tuberc., odor. Colmo triq. inf.te fol.; folh. carin., pl., largas, escab., longas. Fl. em corymbo umbellif.; hermaph.; gluma pall., carin. de verde. Bract. 3. deseg. Per. Flor. estio.

Hab. Frequentissimo pelos ribeiros e charcos.

P. us. Rhizoma.

Colh. Primavera, outono.

Acç. phys. e us. ther. Diaphoretico, emmenagogo, estimulante. estomachico (Roques), bechico (Chomel), diuretico, nas hydropisias e lithiase (Grisley).

153. Junça esculenta

Syn. *Lat.* Cyperus esculentus L. *Port.* Junça esculenta. *Hesp.* Junça avellanada, chufas, castañuelas. *Fr.* Souchet-sultan, amende de terre. *Ing.* Rush-nut. *All.* Essbares cypergras.

Descr. Rh. de fibras delg., term. por 1 tuberc. ovoide. Colmo triq.; folh. radic. mais curtas que o colmo; fl. amar.-doir. ou averm., em corymbo umbellif.; bract. 3-5, pat. Per. Flor. estio.

*

Hab. Na m. e. do Douro, 'num areal proximo do Cabedello, para onde é, de certo, trazida de Hespanha pelas cheias do Douro.

P. us. Tuberculos do rhizoma.

Colh. Depois da floração.

Comp. Lenhoso 21; albumina 1,5; amido 22,4; inulina 4,3; gomma 17,8; assucar crystallisado 12,5; oleo fixo 4,8; materia corante 1,4; silica e saes de potassa, cal e magnesia 5,5 (Semmola).

Acç. phys. e us. ther. Aphrodisiaco (Lemére), excitante (Cauvet).

Us. pop. Muito cultivado em Hespanha. Os tuberculos descascados fornecem uma emulsão-xarope, muito apreciada; torrados, substituem o cafe e o chocolate.

FAM. LXVII. GRAMINEAS

154. Alpista dos canarios

Syn. *Lat.* Phalaris canariensis L. *Port.* Alpista. *Hesp.* Alpiste, alpistera. *Fr.* Alpiste. *Ing.* Foxtail, canary-grass. *All.* Kanariengras.

Descr. R. fibr.; colmo nu sup.te; folh. pl. Espiga densa, em thyrso; espiguilha ov., 3-fl. Fl. esbranq., raiadas de verde, uma fertil, hermaph., duas estereis, mais curtas, em fórma de escamas; glumas carin., al., semi-ov., mucr., eg., largas, exced. a fl.; glumellas navic., pil., mut., a inf. maior. Cariopse compr. lat.te Ann. Flor. prim.

Hab. Prado do Repouso; Passeio-alegre, na Foz.

P. us. Caryopses.

Us. ther. Affecções da bexiga (Dioscorides, Galeno, Plinio). A fecula é emolliente e muito nutritiva (Dieu).

155. Grama das boticas

Syn. *Lat.* Cynodon dactylon Persoon, Panicum L., Paspalum Brot. *Port.* Grama das boticas, grama canina. *Hesp.* Grama. *Fr.* Chiendent. *Ing.* Quick-grass. *All.* Finger-foermiges-hissegras, hundsgras.

Descr. Rh. long.te rept., estol.; colmo ram., fol., prostr., ascend. Folh. pl., subpil. inf.te; lig. pil. Espigas 3-7, vertic., unilat.; espiguilhas sesseis, unifl. Fl. hermaph., viol.; glumas carin., subeg., muticas; glumellas 2, a inf. carin, a sup. bicarin. Caryopse obl., compr. lat.e Per. Flor. estio.

Hab. *Passim*, junto aos muros, margens das estradas etc.

P. us. Rhizoma.

Colh. Todo o anno, melhor no outono.

Acç. phys. e us. ther. Emolliente (Beirão), diuretico (Reis, Chernoviz), refrigerante, diluente, adoçante (Reis), aperitivo (Cauvet), nas doenças do peito e do estomago (Schenk, Roche).

Posol. Decocto 20 a 30 gr.

156. Avela dos campos

Syn. *Lat.* Avena sativa. L., Avena agraria Brot. *Port.* Aveia *Hesp.* Avena. *Fr.* Avoine. *It.* Avena, vene. *Ing.* Oat. *All.* Haber, hafer.

Descr. Rh. fibr.; colmo erecto; folh. pl., largas, escab.; lig. curta. Panic. pyram., ramos pat.; ped. 6-8 em cada vertic., flex., escab.; espiguilhas grossas, pend., 2-3 fl. Fl. 1-2 hermaph., a sup. neutra, ped. Glumas subeg., glabr., exced. as flores, a sup. de 7-11 nerv. Glumella inf. cor., bident. no vert., mut. ou arist., aresta dorsal, rob., genic. Caryopse fusif., sulc. na f. int. Ann. Flor. estio.

Hab. Frequentissima pelos campos, cultos e incultos.

P. us. Caryopses descascadas.

Colh. Na maturação.

Comp. Fecula 59; albumina 4,30; gomma 2,50; assucar e principio amargo 8,25; oleo gordo 2; fibra vegetal 24 (Vogel).

Acç. phys. Emolliente (Pereira).

Us. ther. Febres (Hippocrates). Escorbuto (Pringle). Phlegmasias thoracicas e do tubo digestivo (Hoffmann, Macquent, Gilibert, Dieu, Reis). A fecula é analoga em propriedades nutritivas á *arrow-root* (Chevalier); e o cosimento espesso póde substituir o leite materno ás creanças de peito (Reis).

Posol. Decocto 20 a 30 gr. Limonada.

Us. pop. Considerada alimentar no Oeste de França (Richard) e na Escocia (Cyr). Fabrica-se com as sementes uma especie de cerveja, na Allemanha, Hollanda e na Escossia; e na Inglaterra, uma especie de aguardente, *wiskey* (Cyr, Cauvet, Dieu).

157. Canna vulgar

Syn. *Lat.* Arundo donax L. *Port.* Canna *Hesp.* Caña comun. *Fr.* Canne de Provence. *It.* Canna. *Ing.* Cane, manured reed. *All.* Gemeines rohr, spanisches rohr.

Descr. Rh. carn.; colmo sublen., espesso; folh. pl. largas. Panicula densa, gr.; ped. fasc., erectos; espiguilhas 1-5-fl. Fl. verde-esbranq., hermaph., a sup. abort.; glumas subeg., carin., ag,, eg. ás fl.; glumella inf. bif., bicar., lev.te arist. caryopse lat.te compr. Per. Flor. estio.

Hab. Margens do Leça e bordas de ribeiros. Muito cultivada.

P. us. Rhizoma.

Colh. Fins de Setembro.

Comp. Extracto mucoso amargo, materia resinosa, acido malico, oleo essencial, materia azotada, assucar, silica e saes (Chevalier).

Acç. phys. e us. ther. Antileitoso (Richard), diluente (Dieu), diaphoretico (Edwards), diuretico (Gubler).

Posol. Infuso 20 a 50 gr.

Us. pop. Antileitoso (Bouchardat, Fonssagrives, Chernoviz etc.).

158. Canniço dos ribeiros

Syn. *Lat.* Phragmites communis Reichenback, Arundo phragmites L. *Port.* Canniço d'agua. *Hesp.* Carriza, caña borda. *Fr.* Roseau, jonc à balais. *Ing.* Thin reed. *All.* Sumpfrohr.

Descr. Rh. estolon.; colmo erecto, rob.; folh. subgl., lin.-lan.; lig. pil., curta. Panic. gr., setosa; ped. pl., pil. Espiguilhas 2-5-fl. Fl. viol. ou amarell., hermaph., a inf. masc. Glumas carin., deseg., mais curtas que as fl.; glumella inf. mut., subul., longa. Caryopse lat.te compr. Per. Flor. estio.

Hab. Ribeiros do Areinho, Rio-tinto, margens do Leça etc.

P. us. Rhizoma.

Colh. Outono.

Acç. phys. e us. ther. Diaphoretico (Edwards), antisyphilitico. Hydropisias (Provenzale).

Posol. Decocto 15 a 30 gr. Extr. 4 a 8 gr.

159. Joio dos campos

Syn. *Lat.* Lolium temulentum L. *Port.* Joio. *Fr.* Ivraie. *It.* Gioglio, loglio. *Ing.* Cockle, darnel. *All.* Unkraut, trespe.

Descr. R. fibr.; colmo rob., erecto; folh pl., glab. Espiga disticha, rig.; espiguilhas solit., alt., ellipt., remotas, 3-8-fl., olhando o eixo pela f. opp. á gluma unica, exced. ou eg. as fl.; glumella inf. mut. ou arist. Caryopse obl., curva no dorso, canal. na f., appendiculada no vert. Ann. Flor. estio.

Hab. Nos logares cultos, em Fonte-da-moura etc.

P. us. Caryopses.

Colh. Na maturação.

Acç. phys. Em alta dose, veneno (Seeger, Tessier, Gallet, Sarrazin) narcotico, segundo uns (Claubaud, Gaspar), differente dos narcoticos, segundo outros (Filhol, Baillet).

Us. ther. Cephalalgias, dores sciaticas, epistaxis (Fantoni). Meningite rheumatismal (Fantoni, Macedo Pinto). Externamente, nas ulceras e dartros (Dioscorides).

Posol. Po 1 a 2 gr., de 4 em 4 horas, em pilulas. Extracto 0,50 a 1 gr. Decocto 2 a 4 gr.

160. Cevada commum

Syn. *Lat.* Hordeum hexasticon L. *Port.* Cevada. *Hesp.* Cebada *Fr.* Orge. *It.* Orzo. *Ing.* Barley. *All.* Gerste.

Descr. R. fibr.; colmo erecto, liso; folh. lin., ag., longas; lig. curta, trunc. Espiga compacta, curta, trunc. hexag.; espiguilhas proem., arist.; caryopse obl., sulc. Ann. Flor. prim.

Hab. Muito cultivada e subspontanea pelos campos.

P. us. Caryopses.

COLH. Estio.

COMP. Resina amarella 1; gomma 4; assucar 5; gluten 3; amido 32; hordeina 55 (Proust).

ACÇ. PHYS. Emolliente, nutritivo, refrigerante.

US. THER. Escorbuto (Pringle, Macbride, Huxam, Perry, Cook); dysenteria (Macquart); ulceras saniosas (Rush); febres eruptivas (Henning); catharros chronicos (Cauvet, Bouchardat). Febres inflammatorias, biliosas, nervosas e hecticas (Chaumeton). Escrofulose (Percival). Doenças das vias urinarias (Dieu, Chaumeton). Hemorrhagias pulmonares, intestinaes e urinarias (Chaumeton).

POSOL. Decocto 15 a 30 gr.

US. POP. Base das tisanas populares. Alimento primitivo dos Romanos (Plinio), ainda usado na Suecia e no Norte de França (Dieu).

OBS. De passagem citaremos o milho, o trigo, e o centeio abundantemente cultivados nos nossos campos, onde se encontram tambem espontaneos o painço miliar, *Panicum miliaceum* L., e o painço d'Italia, *P. italicum* L.

A descripção d'estas plantas, como a de muitas outras da immensa familia natural das gramineas parece-nos melhor cabida 'numa flora bromatologica do que 'neste trabalho, de campo tão restricto.

FAM. LXVIII. TYPHACEAS

161. Tabúa de folhas estreitas

SYN. *Lat.* Typha angustifolia L. *Port.* Tabúa estreita. *Hesp.* Espadaña. *Fr.* Rauche, masse d'eau. *Ing.* Cat's-tail, reed-mace. *All.* Feichkolbe, wasserkolbe.

DESCR. Caule erecto; folh. radic., conv. na f. ext., pl. ou levem.te conc. na f. int. Fl. em 2 espigas sobrep., a sup. masc., a inf. fem. Per. Flor. estio.

HAB. Aguas estagnadas do littoral, entre Carreiros e o Castello do Queijo.

P. US. Rhizoma e folhas.

COLH. Primavera.

US. THER. Gonorrhea, leucorrhea (Aublet); dysenteria chronica (Merat). Queimaduras (Vignal); frieiras ulceradas (Durand). O po das flores foi tambem considerado como succedaneo do lycopodio (Dieu).

US. POP. Na Siberia, o rhizoma como antiscorbutico (Merat).

OBS. A tabua de folhas largas, *T. latifolia* L., encontra-se em Lavadores, nos terrenos encharcados.

162. Espadana ramosa

SYN. *Lat.* Sparganium ramosum Hudson, Sp. erectum L. *Port.* Espadana d'agua. *Hesp.* Platanaria *Fr.* Ruban d'eau. *All.* Degenkraut.

DESCR. Caule ram. no vert.; folh. radic., de 3 f., das quaes 2 conc.; fl. em espigas disp. em panicula; fr. obcon., ang. Per. Flor. estio.

Hab. Frequentissimo nos ribeiros, em Ramalde, Areinho, Foz etc.
P. us. Rhizoma e folhas.
Acç. phys. *Rhizoma* sudorifico; *folhas* adstringentes (Merat).

FAM. LXIX. AROIDEAS

163. Jaro maculado

Syn. *Lat.* Arum maculatum L., A. vulgare Brot. *Port.* Jaro, pé-de-bezerro. *Hesp.* Aro manchado, yaro, tragontina. *Fr.* Gouet, pied de veau. *It.* Gicaro, gichero. *Ing.* Cuckow-pint, common arum. *All.* Aaronwurz.

Descr. Folh. rad. hast., geralm.te mac. de negro. Espat. enrol. na base, amar.-esverd., ás v. viol. nos b. e no vert., exced. o espadice viol.-purp. Bagas rubras. Per. Flor. Maio-Junho.

Hab. Boavista, Campanhã, nas sebes.

P. us. Rhizoma, recentemente colhido; folhas.

Colh. *Rh.* na maturação do fructo; *folh.* antes da floração.

Comp. Rhizoma: fecula, gomma, materia extractiva analoga ao assucar, oleo gordo, substancia gommosa especial, principio acre, acido vegetal, lenhoso (Bucholz).

Acç. phys. *Topica:* irritante (Cazin, Fonssagrives). *Geral:* ardor e tumefacção na pharynge, vomitos, colica, diarrhea, convulsões (Gubler).

Us. ther. Affecções chronicas do peito (Dioscorides). Intermittentes, cephaleas, gastrites (Bergino, Gilibert). Asthma pituitaria, phthisica (Horstius, Müller, Gesner). Escorbuto (Chaumeton). Gota (Tavares); hydropisias (Murray); catharros chronicos (Murray, Souza Pinto). Ulceras saniosas (Chaumeton, Fonssagrives). Succedaneo do calamo aromatico (Beirão).

Posol. Po do rhizoma fresco 0,05 a 0,15 centigr. Infuso de folhas 2 a 8 gr. Topicamente, as folhas contundidas, como irritantes.

Us. pop. Em Inglaterra, vende-se a feculo do jaro, sob o nome de *portland arrow-root, portland sago* (Dieu).

Obs. O jaro, d'Italia, *Arum italicum* L., e o arisaro vulgar, *Arisarum vulgare* Kunth, *Arum arisarum* L., frequentissimos pelas sebes, gozam das mesmas propriedades.

FAM. LXX. ALISMACEAS

164. Alisma dos ribeiros

Syn. *Lat.* Alisma plantago L. *Port.* Tanchagem d'agua. *Hesp.* Llanten d'agua. *Fr.* Fluteau, plantain d'eau. *It.* Plantaggine acquatica. *Ing.* Great water-plantain. *All.* Wasserwegerich.

Descr. Rh. bulb.-tuber. Caule erecto, subtrig.; folh. pec., roset., ov.-lanc. ou lin.-lanc., de 5-7 nerv. arqueadas, converg. Ramos e ped. vertic., bract. acum. Fl. num., peq., ros. ou az. em panic. umbellif. Estames 6-12. Caps. em capit. glob.-trig. Per. Flor. estio.

Hab. Ribeiros do Areinho e Valladares.

P. us. Rhizoma, folhas.

Colh. *Rh.* no outono, *folh.* na primavera.

Acç. phys. *Topica:* vesicante (Haller). *Geral:* excitante (Trousseau) e diuretico (De Haen).

Us. ther. Dysenteria, diarrhea, edemas (Dioscorides); calculos renaes (Galeno). Chorea, epilepsia (Hochstetter). Dores nephreticas, hematuria, retenção d'urina (Vauters). Hydrophobia (Martius, Lewshin, Burdach, Figueiredo). Doenças d'olhos (Chernoviz).

Posol. Po 2 a 4 gr. Infuso ou decocto 20 a 30 gr.

Us. pop. Na Russia, c. hydrophobia (Dieu).

Obs. O *Triglochin maritimum* L., abundante no Cabedello e nas salinas do Leça, foi empregado como detersivo, aperitivo e adstringente (Lémery).

FAM. LXXI. LEMNACEAS

165. Lentilha menor

Syn. *Lat.* Lemna minor L. *Port.* Lentilha d'agua, lentilhas d'agua menores. *Hesp.* Lenteja de agua. *Fr.* Lentille d'eau, canilée. *It.* Lenticchia acquatica. *Ing.* Water lentil. *All.* Wasserlinse.

Descr. Frondes peq., obov. ou suborb., fluct., pl., sesseis, emittindo uma radicula. Ann. Flor. Agosto.

Hab. Frequente nas aguas estagnadas, fontes, ribeiros etc.

P. us. Toda a planta.

Acç. phys. Refrigerante (Chomel).

Us. ther. Abcessos, hernias das creanças (Dioscorides). Hemorrhoides (Chomel).

Us. pop. Queimaduras (Moller).

Obs. A lentilha prolifera, *L. trisulca* L., *hab.* nos ribeiros, proximo do Porto (Brot.).

FAM. LXXII. FILICINEAS

166. Doiradinha das boticas

Syn. *Lat.* Ceterach officinarum Bauhin, Asplenium ceterach L. *Port.* Doiradinha, ceterach, herva doirada. *Hesp.* Doradilla, escolopendria, capillera dorada. *Fr.* Ceterach, daurade. *Ing.* Spleenwort, miltwaste. *All.* Milzfarn.

Descr. Frondes pinnat., sup.te verdes, glab., inf.te cobertas de escamas ferrug.; lob. integ., alt., confl. Indusio nullo; soros obl.-lin., simp., colloc. sobre as nerv. Per. Fruct. estio, outono.

Hab. Serra do Pilar, no angulo reintrante, formado pela capella com o edificio do convento, do lado norte; Paranhos, Fanzeres, raro.

P. us. Frondes.

Acç. phys. Tonico, adstringente (Jourdain), diuretico, excitante (Edwards), bechico (Dieu).

Us. ther. Doenças pulmonares, colica nephretica (Moranel); catharro vesical, dysuria (Lagrange); catharros, asthma (Richard); gonorrhea (Mathiole).

Posol. Infuso 60 gr. e mais. Xarope.

Us. pop. Entre nós, emprega-se o xarope c. coqueluche (Moller). Em França, c. engorgitamentos do baço e edemas que acompanham ou seguem as intermittentes (Reveil).

167. Polypodio vulgar

Syn. *Lat.* Polypodium vulgare L. *Port.* Polypodio, filipode. *Hesp.* Polipodio comun, filipodio. *Fr.* Polypode de chêne. *It.* Polipodio. *Ing.* Common polypody. *All.* Gemeiner tupfelfarn.

Descr. Frondes pec., pinnat.; limbo lanc. ou ov.-lanc., lob. alt., pinnatif. (*P. cambricum* L.), dent. (*P. serratum* Willdenow) ou integ. Indusio nullo; soros arred., dispostos em series regulares. Per. Fruct. prim., estio, outono.

Hab. Vulgarissimo pelos muros. As var. *P. cambricum* e *P. serratum*, abundantes em Paranhos, 'num muro da estrada, proximo ao largo do Encontro.

P. us. Rhizoma.

Colh. Qualquer epocha.

Comp. *Glu* (mistura de uma substancia resinosa e outra oleosa), assucar fermentescivel, substancia analoga á sarcocolla, substancia adstringente, amido, gomma, albumina, saes de cal e de magnesia, saponina (Desfosses).

Acç. phys. Purgante (Hippocrates, Dioscorides, Celso, Paulo d'Egino etc.).

Us. ther. Obstrucções visceraes (Vigier); gota (Vadone); mania (Poissonier, Malloin); tosse (Scopoli). Helminthiase (Souza Pinto). Catharros chronicos (Reveil). Externamente, em po, como absorvente (Richard).

Posol. Po 4 a 30 gr. Infuso 30 a 90 gr.

168. Avenca falsa

Syn. *Lat.* Adianthum fragans De Candolle? Cheilanthes odora Swartz?

Descr. Inodora. R. filif.; rh. subnullo; pec. negro, liso, luzidio, fragil, 4-7 cent. Frondes cor., bipinn., pin. ov., obt., verde-esc. na f. sup., escam.-pil. na inf.; o par de pin. inf. bifurc. na base, formando com o rachis angulos de 45° e 90°. Indusio falso, formando pelo rebordo plicado da fronde. Sporangios sit. nas extrem. das nerv.; soros arred., cobertos pelas escamas pilif. da f. inf. Per. Fruct. estio.

Hab. Abundante em Aguiar-de-Souza (Luso) e Vallongo e raro em Villar, nos muros da estrada do Porto a Mathosinhos (Alb.).

E' empregado nas mesmas condições em que se applica o seguinte:

169. Avenca das boticas

Syn. *Lat.* Adianthum capillus-Veneris L. *Port.* Avenca, avenca ordinaria, adianto, capillaria. *Hesp.* Culantrillo de pozo, capillera. *Fr.* Capillaire de Montpellier. *It.* Adianto, capelvénere. *Ing.* True maindenhair. *All.* Frauenhaar, Venushaar.

Descr. Fondes glab., long.te pec.; limbo bipinn., pin. pec., cuneif., arred. e lob. no vert.; pec. negro, luzidio. Indusio falso, formado pelo bordo da fronde; soros obl., arred., marg. Per. Fruct. estio.

Hab. Frequente nos logares humidos e sombrios.

P. us. Frondes.

Colh. Primavera, estio.

Acç. phys. Bechico, tonico, expectorante (Reveil), emolliente (Edwards), sudorifico (Reis).

Us. ther. Tosse, phthisica pulmonar (Jourdain). Catharros chronicos (Gubler, Chernoviz).

Posol. Infuso 8 a 15 gr. Xarope. Rebuçados, *ad libitum.*

Us. pop. Entre nós, muito empregado c. tosses. Em França (Reveil), usa-se nos mesmos casos. Na Persia c. asthma e leucorrhea (Leblanc).

170. Pteride aquilina

Syn. *Lat.* Pteris aquilina L. *Port.* Feto, feto-femea. *Hesp.* Helecho, jelecho, helecho-hembra. *Fr.* Fougère, grande fougère, fougère commune. *Ing.* Common brake, female-fern. *All.* Adlersaumfarren.

Descr. Frondes cor., ov.-triang., erectas, tripinn.; pin. lanc., inf.te pubesc. Pec. longo, rob., escuro na base. Indusio membr., lin., nullo depois da maturação; soros lin., em 2 series opp., parall. ás margens das pin. Per. Fruct. estio.

Hab. *Passim,* pelos montes, pinhaes, campos e estradas.

P. us. Frondes.

Colh. Primavera, estio.

Acç. phys. e us. ther. Anthelminthico (Andry, Haller, Gmelin), emmenagogo (Chaumeton). Rachitismo (Merat).

Posol. Po 8 a 12 gr. Decocto 30 a 60 gr.

Us. pop. Rebentos usados como alimento, nas ilhas Canarias (Ledru).

171. Escolopendro officinal

Syn. *Lat.* Scolopendrium officinale Smith, Asplenium scolopendrium L. *Port.* Lingua cervina, doiradinha, escolopendrio vulgar. *Hesp.* Escolopendria, lengua cervina. *Fr.* Scolopendre, langue de cerf, herbe à la rate. *It.* Scolopendra. *Ing.* Common hart's tongue.

Descr. Fronde inteira, lanc., est., cord. ou sagit. na base; pec. escam. Indusio lin., membr., bivalve; soros lin., obl., em 2 series parall. entre si e obl. sobre a nerv. media. Per. Fruct. estio.

Hab. Campanhã, Ramalde, Fonte-da-moura, Areinho, Aforada e outros logares humidos e sombrios.

P. us. Frondes.

Colh. Primavera, estio.

Acç. phys. e us. ther. Obstrucções do figado e do baço; ictericia (Dioscorides). Diarrhea, dysenteria (Galeno). Sudorifico, diuretico, expectorante, nos corrimentos mucosos, hemorrhagias, catharros pulmonares (Chaumeton). Hyperkinesia cardiaca (Ray), hemoptyses (Schroeder).

Posol. Infuso 10 a 20 gr.

172. Asplenio avencão

Syn. *Lat.* Asplenium trichomanes L. *Port.* Avencão, polytricho bastardo, polytricho das boticas. *Hesp.* Politrico, culantrillo menudo. *Fr.* Polytric officinal, capillaire. *It.* Capillaria. *Ing.* Maindenhair spleenvort.

Descr. Frondes pinnul., cespit., lin. glab., geralm.te dispostas em roseta. Rachis negro até ao vert. da fronde: pin. sesseis arred. ou cuneif. no vert., trunc. na base. Indusio lin. ou obl., continuo com o b. da fronde, livre do lado da nerv. prim.; soros lin.-obl., disp., colloc. sobre as nerv. secund. Per. Fruct. prim., estio.

Hab. Frequente em Fanzeres, Fonte-da-moura, Serra do Pilar e outros logares sombrios e humidos.

P. us. Frondes.

Colh. Primavera, estio.

Acç. phys. e us. ther. Diuretico, sudorifico, desobstruente (Chomel); succedaneo da avenca (Richard).

Posol. *Ad libitum.*

Obs. Os outros asplenios, que podem talvez substituir a avenca, são:

A. negro, *A. adianthum-nigrum* L..... Sebes.
A. lanceolado, *A. lanceolatum* Hudson..... Muros.
A. do littoral, *A. marinum* L..... Boa-nova (littoral).

O snr. Luso diz ter encontrado duas especies novas de asplenio, que chamou *A. Boccageum* Luso e *A. Delphinium* Luso. Não pudemos achal-as, mas o illustre naturalista assigna os *hab.* da primeira em Fanzeres, nas minas d'agua, e da segunda em Avintes.

173. Aspidio feto-macho

Syn. *Lat.* Aspidium filix-mas Swartz, Polypodium L. *Port.* Feto-macho, dentebrura. *Hesp.* Helecho-macho, dentabron. *Fr.* Fougére-mâle. *It.* Felce-maschio. *Ing.* Male-fern. *All.* Mannliches-farrenkraut.

Descr. Frondes bipinn.; limbo obl.-lanc.; pin. lanc., cren., pinnat.; pec. escam. Indusio persist., membr., renif., suborb., fixo sobre a nerv. secund. por um pedic., corresp.te á chanfr.; soros arred. em 2

lin. approx., occupando os dois terços da pin. Per. Fruct. prim., estio, outono.

Hab. Frequentissimo pelos ribeiros e logares humidos.

P. us. Rhizoma fresco, privado de escamas, raizes e cascas e dos restos dos peciolos. Renovos, recentemente colhidos.

Comp. Rhizoma: oleo volatil; materia gorda, composta de oleina e estearina; acido galhico e acetico; assucar incrystallisavel; tannino; amido; materia gelatiniforme, insoluvel na agua e no alcool; lenhoso; saes (Morin); filicina (Tromsdorff), acido filicico; oleo verde, *filixolina* (Luck). Rebentos; oleo volatil; resina; materia gorda solida; oleo gordo, principios corantes verde e verde-amarellado; materia extractiva (Peschier).

Acç. phys. Em pequena dose, nenhumas perturbações; em alta dose, adstringente, vomitivo (Gubler).

Us. ther. Helminthiase (Theophrasto, Dioscorides, Galeno, Plinio, Aetio, Hoffmann, Rosen, Andry, Fosbrock, Hepp, Trousseau, Rabuteau, Gubler etc.). *Tenia crassicolis* (Kuckenmeister); *tenia solium* (Christison); *botriocephalus latus* (Bremser, Reis); lombrigas, trichocephalos (Chernoviz).

Posol. Extracto ethereo 2 a 8 gr. em hostia, pilulas, xarope, emulsão ou capsulas. Po 2 a 60 gr. em leite, agua ou mel d'abelhas. Tintura 8 gr. em poção. Decocto 20 a 60 gr. em tisana.

Us. pop. Frondes empregadas para fazer leitos ás creanças rachiticas e escrofulosas (Heraud, Reveil etc.).

Obs. Teem sido propostas e empregadas como succedaneas do feto-macho as seguintes especies:

A. de frondes largas, *A. dilatatum* Swartz.... Ribeiros de Paranhos.
A. aculeado, *A. aculeatum* Swartz, Polypodium L. Logares sombrios.
A. feto-femea, *A. filix-foemina* Swartz, Polypodium L..... Ribeiros.

174. Osmunda real

Syn. *Lat.* Osmunda regalis C. *Port.* Feto real, feto florido. *Hesp.* Osmunda real, helecho palustre, lantochil. *Fr.* Osmonde, fougère fleurie. *It.* Felce-regale. *Ing.* Flowering fern. *All.* Wasserfarn.

Descr. Frondes bipinn., gr.; limbo ov.-lanc.; pin. obl.-triang., lobul.; lob. integ., ag., dilat. na base. Sporangios glob., estipit., agglom. em panic. no vert. da fr., cujo limbo foliaceo se atrophia 'nesse ponto. Per. Fruct. estio.

Hab. Frequente nos rios e ribeiros.

P. us. Rhizoma.

Colh. Primavera, outono.

Us. ther. Rachitismo (Ray, Hermann, Allioni, Merat). Escrofulose (Aubert), engorgitamentos mesentericos (Cazin), doenças do figado (Lamaout). Excitante (Edwards).

Posol. Oinoleo ou infuso 8 a 16 gr. Extracto 10 a 15 centigr.

175. Ophiglosso vulgar

Syn. *Lat.* Ophioglossum vulgatum L. *Port.* Lingua de cobra. *Hesp.* Lengua de serpiente. *Fr.* Langue de serpent. *It.* Lingua di serpente. *Ing.* Adder's tongue. *All.* Schlangezunge.

Descr. Frondes 2, a esteril ov.-lanc., invaginante, a fertil espicif., lin. Sporangios soldados entre si; indusio nullo. Per. Fruct. Outubro-Novembro.

Hab. Mont'aito, em Vallongo (Luso).

Acç. phys. Tonico, adstringente (Merat).

Us. tther. Leucorrhea, hemoptyse, hemorrhagias, feridas (Merat).

FAM. LXXIII. EQUISETACEAS

176. Equiseto dos campos

Syn. *Lat.* Equisetum arvense L. *Port.* Cavallinha, equiseto, cauda de cavallo. *Hesp.* Cola de caballo. *Fr.* Queue de rat. *It.* Coda di cavallo, rasperella. *Ing.* Corn horse-tail. *All.* Kannenkraut.

Descr. Caules estereis ascend., verde-pall.; ramos vertic., delg., longos, artic., ang. Caules ferteis erectos, nus, nascendo antes dos estereis, de bainhas br. na base, prof.te divid. em 8-12 dentes ag., pardacentos. Per. Fruct. prim.

Hab. Areinho, Pedra-salgada, nos terrenos inundados.

P. us. Toda a planta.

Acç. phys. Diuretico (Richard), adstringente (Chomel).

Us. ther. Infiltrações cellulares, doenças das vias urinarias, hydropisias (Leuhowek). Hemoptyse (Gattenhof). Nephrite calculosa, febres malignas (Hoffmann). Cachexia e edemas palustres (Cazin). Hemorrhagias e corrimentos diversos (Merat).

Posol. Decocto 8 a 12 gr.

Us. pop. Na Toscana e em Roma, comem-se os rebentos, durante a quaresma (Merat).

FAM. LXXIV. MUSCINEAS

177. Polytrico vulgar

Syn. *Lat.* Polytrichum commune L. *Port.* Avenca d'oiro, polytricho d'oiro. *Hesp.* Pulitrique, mosco capillar, adianto dorado. *Fr.* Polytric commun, perce-mousse. *Ing.* Common polytrichum. *All.* Goldner wiederthon.

Descr. Caule simp., escam. na base; folh. ag., lin.-lanc., dentic.; ped. term. Urnas averm., quadrang., mun. de apophyse e calyptra, perichecio term., em outro individuo. Per. Fruct. outono, inverno.

Hab. Frequente pelos pinhaes e logares sombrios.

P. us. Toda a planta.

Acç. phys. e us. ther. Pleuresia (Ferrein). Emmenagogo, diuretico, sudorifico (Tournefort), aperitivo (Bonnafoux), adstringente (Chomel).

Posol. Decocto 4 a 8 gr.

FAM. LXXV. HEPATICAS

178. Hepatica das fontes

Syn. *Lat.* Marchantia polymorpha L. *Port.* Marchanda, hepatica das fontes ou dos charcos. *Hesp.* Hepática de las fuentes. *Fr.* Hepatique des fontaines. *It.* Epática. *Ing.* Variable marchantia, liver-wort. *All.* Leberkraut.

Descr. Frondes membr., lob., obt., pl., verdes, pontuadas sup.te, inf.te mun. de radic. Capsulas sesseis, lentif., crenul. Antheridias orbic., ped. divid. em 8-10 lob. arred., pouco prof.; sporangios ped., divid. em 10 lob. prof., mun. cada um de cal. membr., dent. Per. Fruct. estio.

Hab. Frequente nas fontes e charcos.

P. us. Toda a planta.

Acç. phys. e us. ther. Engorgitamentos do figado (Chomel), doenças chronicas da pelle (Lieutaud). Adstringente (Jourdain), diuretico (Gensoul).

Posol. *Ad libitum.*

FAM. LXXVI. LICHENACEAS

179. Cladonia de copinhos

Syn. *Lat.* Cladonia pixidata Fries, Lichen Brot. *Port.* Musgo copinho de tuberculos fuscos. *Hesp.* Caracolillas de peñas, lichen embudado. *Fr.* Lichen entonnoir, lichen pixidé. *Ing.* Cupped lichen.

Descr. Thallo foliaceo, lacin., cren., ascend.; estipites cyl., todos scyphulif.-turbin., glab., depois granul., verruc., scab., cin.-esverd. Scypho regul., integ., prolif. Apoth. term., suborbic., fuscas. Fruct. estio.

Hab. Pinhaes de Campanhã, Covello, Boa-vista etc. Terrestre.

P. us. Toda a planta.

Acç. phys. e us. ther. Succedaneo do lichen islandico (Murray, Figueiredo, Richard). Coqueluche (Willis) e tosses convulsas e seccas (Cullen, Van-Voensel, Dillenius, Azconovieta).

Posol. Po 2 a 4 gr. Decocto 4 a 8 gr. Xarope.

Obs. A' cladonia de cornucopias, *C. cornucopioides* Fries, *Lichen cocciferus* L., e á cladonia das cabras, *C. rangiferina* Hoffmann, *Lichen* L., abundantes em todos os pinhaes e logares sombrios, foram attribuidas as propriedades analepticas do lichen islandico, *Cetraria islandica* Acharius, *Lichen* L.

180. Peltigera dos cães

Syn. *Lat.* Peltigera canina Hoffmann, Lichen L. *Port.* Figadella, musgo cannino, musgo dos cães damnados. *Hesp.* Hepatica terrestre, lichen perruno. *Fr.* Lichen des chiens. *Ing.* Dog lichen. *All.* Hundsflechte.

Descr. Thallo fragil, frond., lob.. obt., pl., coberto de granul., inf.te ven., negro, sup.te cendrado. Apoth. verm.-esc., marg., peltif., muitas v. nullas.

Hab. Fonte-da-moura, Fanzeres, Campanhã. Saxicola e terrestre.

P. us. Toda a planta.

Acç. phys. Diuretico (Layard).

Us. ther. Hydrophobia (Mead, Fuller, Martius, Dampier).

Posol. *Ad libitum.*

181. Sticta pulmonaria

Syn. *Lat.* Sticta pulmonacea Acharius, Lichen L. *Port.* Pulmonaria das arvores, pulmonaria dos carvalhos. *Hesp.* Pulmonaria arborea. *Fr.* Pulmonaire de chêne. *It.* Pulmonaria di quercia. *Ing.* Tree lungwort, oak lungs. *All.* Lungenkraut.

Descr. Thallo foliaceo, lacin., sin., verde quando humido, cin. pela exsiccação; sup.te lacun.. retic.; inf.te mamill., herissado de rhizinas fascic. ou simp. Apoth. marg., lecanorinas, cercadas por um rebordo thallino, que depois desapparece.

Hab. Campanhã, Paranhos. Corticola.

P. us. Toda a planta.

Comp. Chlorophylla 2, materia extractiva 8, materias insoluveis 80, saes 3, lenhoso 7 (Pereira).

Acç. phys. e us. ther. Succedaneo do lichen islandico (Chaumeton, Figueiredo), nas bronchites, phthisica, hemorrhagias internas (Reis); ictericia (Merat).

Posol. Po 4 a 8 gr. Infuso ou decocto 10 a 20 gr.

182. Physcia das paredes

Syn. *Lat.* Physcia parietina Nylander, Lichen Brot. *Hesp.* Empeine, sarna de los arboles, liquen de las tapias, lichen de paredes. *All.* Langenflechte, goldgelbe schuppenflechte.

Descr. Thallo lob., orbic., amar. d'oiro; lobulos rad., pl., dilat. nas marg., arred., cren., crespos. Apoth. disp., lecanorinas, conc., ruivas; rebordo integ.

Hab. *Passim.* Corticola e saxicola.

P. us. Toda a planta.

Comp. Contém um oleo essencial butyroso, analogo ao da quina (Gumprecht).

Us. ther. Diarrhea, dysenteria (Haller). Succedaneo da quina nas intermittentes e c. hemorrhagias e fluxos (Sander).

Posol. Po, extracto, tintura, decocto.

FAM. LXXVII. ALGACEAS

183. Bodelha vesiculosa

Syn. *Lat.* Fucus vesiculosus L. *Port.* Bodelha, carvalho marinho, sargaço vesiculoso. *Hesp.* Encina de mar, roble marino, sargazo vejigozo. *Fr.* Varec vesiculeux. *It.* Fuco. *Ing.* Bladdery fucus. *All.* Meereiche.

Descr. Fronde cor., verde-esc., ennegrecendo pela exsiccação, pl., mun. de 1 nerv. longit., bi-trifurc. Vesic. arred., na axilla das bifurc. da fronde. Lacinias tumidas na extrem., affectando a fórma d'um peq. ovo, contendo uma substancia gelatinosa, que envolve os orgãos de reproducção.

Hab. Abundante nos rochedos do littoral e das margens do Douro, proximo á barra.

P. us. Frondes seccas.

Comp. Corpos gordos 2; fungina 78; mucilagem, extractivo, sulfato de soda, chloreto de sodio 4; sulfatos de cal e de magnesia, phosphato de cal 12,9; acido livre, iodeto de sodio indeterminado, oxidos de ferro e de manganez, silica, alguns vestigios (John).

Us. ther. Gota (Plinio); tumores (Gaubius); obesidade (Duchesne-Duparc); bossio (Reis) e outras manifestações do lymphatismo (Russel, Baster, Nardo, Reis etc.).

Posol. Po 4 a 8 gr.; extracto alcoolico 2 a 4 gr. em pilulas. Decocto 5 a 10 gr. Banho geral com agua do mar, tendo servido á maceração de uma quantidade proporcional de bodelha (Nardo).

184. Laminaria digitada

Syn. *Lat.* Laminaria digitata Lamouroux, Fucus L.

Descr. Fronde cor., verde-esc., depois negra, pl., prof.te digitada em 5-8 fitas parall. Pec. cyl., espesso; raiz crassa, multif., ennovelada.

Hab. Nos rochedos do littoral, descobertos pela vasante.

P. us. Frondes seccas.

us. ther. Em medicina, Boinet aconselha o uso d'esta alga na alimentação iodada, sob a fórma de vinho iodado, pão iodado etc. Em cirurgia, serve para substituir a esponja preparada, na dilatação dos trajectos fistulosos (Wilson); e tem especiol indicação nos casos de coarctação congenita do collo uterino (Pajot) e nos apertos d'urethra (Chernoviz). Emprega-se, como meio cirurgico, sob a fórma de sondas, vellinhas ou fios.

Obs. A luminaria d'assucar, *L. saccharina* Lamouroux, indistinctamente empregada com a precedente, *hab.* no littoral de Leça (Newt.).

Talvez se devessem aproveitar para os mesmos fins, em cirurgia,

as propriedades eminentemente hygrometricas da *Himanthalea lorea* Lyngb, tão abundante no littoral visinho do Castello do Queijo.

185. Carragahen perlado

Syn. *Lat.* Chondrus crispus Lyngb., Fucus L. *Port.* Musgo branco ou perlado, alga perlada, carragahen. *Hesp.* Liquen de Irlanda, musgo perlado, carragahen. *Fr.* Mousse perlée, carragahen. *It.* Muschio perlato, carragahen. *Ing.* Pearlmoss, carragahen. *All.* Irlandisch-moos.

Descr. Fronde cor., ondul., encresp.; pec. dilat., atten. em goteira, cyl. na base. Cor variada, frequent.te castanho-esc. Concept. ext., disp.

Hab. Na Foz do Douro (Newt.) e nos rochedos do littoral, entre Carreiros e o Castello do Queijo (Alb.).

P. us. Frondes seccas.

Comp. Gelea 79,1; muco 9,5; resina 0,7; chloreto de sodio e magnesia 2; substancia e acidos livres, alguns vestigos (Herberger); amido, enxofre, bromo, iodo (Feuchtwanger, Sarphati, Grosse), *goëmina* (Heraud).

Acç. phys. Analeptico, emolliente, nutritivo (Bouchardat, Heraud, Gubler).

Us. ther. Phthisica pulmonar e mesenterica (Moore, Frank, Wood); escrophulose, doenças dos orgãos urinarios (Wood). Tosse, diarrhea (Frank). Rachitismo (Pereira). Angina e outras inflammações da parte posterior da bocca (Reis), principalmente as que se referem á diathese tuberculosa (Gubler).

Posol. 2 a 4 gr. e mais, em gelea, sacchareto, decocto, xarope, leite, pastilhas, poção ou tisana.

Us. pop. Na Corsega, c. cancro molle (W. Farr). Nas ilhas de Sonda e da Reunião, serve para preparar sorvetes (Gubler).

Obs. Mencionaremos ainda outras especies d'este grupo de vegetaes, embora as suas applicações em therapeutica tenham sido de somenos importancia.

A ulva laciniada, *Porphyra vulgaris* e a var. *laciniata* Agardht, *Ulva umbilicalis*, L., que se encontra na foz do Douro e 'noutros pontos (Newt.), foi aconselhada c. escrofulose e escorbuto (Pereira).

A ulva leituga, *Ulva lactuca* L., que *hab.* no rio Douro (Newt.), foi empregada c. inflammações e abcessos (Plinio).

A conferva dos ribeiros, *Conferva rivularis* L., abundantissima nos ribeiros e rios, foi administrada internamente na phthisica e asthma (Murray) e externamente nas contusões (Plinio).

Algumas outras especies que poderiamos apontar não teem importancia directa em medicina. Apenas servem, como a generalidade das algas marinhas, para a extracção do iodo.

FAM. LXXVIII. FUNGINEAS

186. Cravagem de centeio

Syn. *Lat.* Sclerotium clavus De Candolle, Spermœdia Fries. *Port.* Cravagem de centeio, esporão de centeio, centeio espigado. *Hesp.* Espolone de centeno. *Fr.* Ergot de seigle, seigle ergoté. *It.* Corna di ségale. *Ing.* Secale cornutum. *All.* Mutterkom kornzapfen.

Descr. Corpo solido, de 1-3 cent. de comprim.to sobre 2-4 millim. de largura, sub-quadrang. ou sub-triang., arqueado, como a crista de um gallo; superf. ext. sulcada longit.te e transv.te; cheiro caracteristico dos cogumellos, lembrando mais tarde, pela decomposição, o do peixe aprodrecido.

A cravagem é um mycelio tuberculoso. Collocado á superficie de um terreno humido, em convenientes condições de temperatura e d'obscuridade, dá origem a um certo numero de *sphaerias* (*Claviceps purpurea* Tulasne), cujos sporos, collocados, a seu turno, em condições de germinarem sobre uma flor não fecundada de centeio, reproduzem a cravagem, que lhes deu origem.

Hab. Parasita sobre o centeio, o milho e outras gramineas.

Colh. Deve renovar-se todos os annos.

Comp. Scleromucina; acido sclerotico; materias corantes (sclererythrina e scleroiodina); substancia crystallisavel amarella (hydrato de sclerocrystallina); substancia amorpha; resina; ergotina e ecbolina de Wenzell (Dragendorff, Padwissotzky); ergotinina (Tanret), formiato de propylamina (Winckler).

Alk. *Ergotina* de Wiggers, resinoide, avermelhada, amargo-acre, soluvel no alcool, insoluvel na agua e no ether.

Acç. phys. Em pequena dose: seccura na pharynge, leves perturbações no estomago, pallidez da pelle, dores abdominaes; dilatação da pupilla; pulso pequeno e duro; diurese; diminuição do suor e, nas mulheres, da secreção lactea. Em alta dose: a estes symptomas, mais pronunciados, juntam-se perturbações cerebraes *(ergotismo convulsivo)* e, 'noutros casos, a gangrena das extremidades *(ergotismo gangrenoso)*. Na mulher gravida, sobreveem, um quarto d'hora depois da ingestão, colicas e contracções uterinas, mais ou menos energicas, mais ou menos permanentes. A contracção dos arteriolos, a do utero e a dilatação da pupilla etc., explicam-se pela acção da cravagem sobre as fibras musculares lisas.

Us. ther. Inercia uterina durante o parto (desde Camerario, Rathlaw, Desgranges, Stearns, Prescott etc. até á actualidade). Coagulos do utero (Trousseau), hemorrhagias uterinas (Chapman, Cabini, Bazzoni etc.). Catharro chronico do utero (Goreleitschenk), leucorrhea (Pillard, Bazzoni). Polypos (Davies, Macgill, Bayle) e fibromas uterinos (Brubaker). Amenorrhea (Beckmann, Beclard). Hysterismo (Lonicére). Diarrhea (Stout). Paralysia vesical (Millet, Allier). Infiltrações e engorgitamentos das extremidades (Courhaut). Intermittentes (Mehlhausen). Rheumatismo articular agudo, tuberculose pulmonar, febre typhoide (Duboué). Hemorrhagias diversas, epistaxis, hemoptyse (Sparjani, Pignaca, Cabini),

hematemese (Drasche). Paraplegias, como succedaneo da estrychnina (Barbier, Arnal, Monneret, Brown-Séquard). Alienação (Bordier, Chrichton-Brown). Coqueluche (Griepenkerl). Polylipsia (Pillard, Tillcord). Pneumonia (Scarce). Enxaqueca (Schumaker). Trichinose (Rohde).

Posol. Po, recentemente preparado, 4 a 6 gr., em doses de 0,20 a 0,50 centigr. Decocto 4 a 8 gr. Extracto 0,20 a 2 gr. Extracto hydro-alcoolico (*ergotina* de Bonjean), a mesma dose. Xarope 30 a 60 gr.

ABREVIATURAS

FAM	FAMILIA.
Syn	Synonimia.
Descr	Descripção.
Hab	Habitat.
Colh	Colheita.
Comp	Composição.
Alk	Alkaloide.
Acç. phys	Àcção physiologica.
Us. ther	usos therapeuticos.
Posol	Posologia.
Us. pop	Usos populares.
Obs	Observações.
Port	*Portuguez.*
Hesp	*Hespanhol.*
Fr	*Francez.*
It	*Italiano.*
Ing	*Inglez.*
All	*Allemão.*
Braz	*Brazileiro.*

accum-ulado
acul-eado
acum-inado
adher-ente
adpr-esso
adscend-ente
agglom-erado
ag-udo
ak-enio
al-ado
allong-ado
alt-ernó
alveol-ar
amarell-ado
amar-ello
ampl-exicaule
ang-uloso
ann-ual
apoth-ecia
arb-usto
arist-ado
arom-atico
arred-ondado
art-iculado
arv-ore
ascend-ente
asp-ero
atten-uado
auric-ulado
avell-udado
axill-ar
az-ul
azul-ado
bicall-oso
bicarp-ellar
bien-ne
bif-ido
bifl-oro
bilab-iado
biloc-ular
bipinn-ulado
bipinnat-ifido
birost-rado
biser-iado
b-ordo
bract-ea
br-anco
bulb-ilho, bulbilhoso
cad-uco
calc-arado
callos-idade
cal-yce
calyc-ulado
camp-anulado
can-aliculado
cap-illar
capit-ulo
caps-ula
carin-ado
carn-oso
caul-inar
cerul-eo
chanf-rado
cil-iado
cin-ereo
coad-unado
colloc-ado
comp-acto
compr-imido

conc-avo
consist-ente
contemp-oraneo
c-ontra
conver-gente
conv-exo
cord-ado
cor-iaceo, corolla
corresp-ondente
cot-onoso
cren-ado
crenul-ado
cuneif-orme
cyl-indrico
cym-eira
cymif-orme
deb-il
decur-rente
delg-ado
dent-ado
dentic-ulado
depr-imido
deseg-ual
dich-otomo
diff-uso
dig-itado
dilat-ado
disp-erso, disposto
dist-ante
diverg-ente
div-idido, divisão
doir-ado
eg-ual
emarg-inado
encurv-ado
enrol-ado
ensif-orme
envolv-ido
esbr-anquiçado
escab-ro
esc-ama, escuro
escam-oso
escar-ioso
escorp-ioide
espat-hula, espathulado
esph-eroidal
espicif-orme
esp-inho, espinhoso, esporão
est-ame, estreito
estip-ite, estipula
estolon-ifero
estr-iado
estrob-ilo
estyl-ete
esverd-eado
exced-endo, excedido
ext-erno
extrem-idade
f-ace
fasc-iculo
fem-inino
fend-ido
ferrug-ineo
fibr-illa, fibroso
filif-orme
fist-uloso
flex-uoso
fl-or
flor-ação
florif-ero
fluct-uante
folh-a
foliif-orme
fol-iolo, folioso
fornec-endo
frond-oso
fruct-ificação
fr-ucto
fug-az
fusif-orme
gamop-etala
gamos-epalo
gem-inado
glab-ro
gland-ular
gl-auco
glob-oso
glom-erulo
gr-ande
hast-ado
herb-aceo
hexag-ono
hermaph-rodita
imbr-icado
imparipenn-ado
incl-uso
incr-assado
inf-erior
infl-orescencia
infund-ibiliforme
inod-oro
integ-ro
int-erno
interr-ompido
invag-inante
involuc-ello
invol-ucro
irreg-ular
lab-iado
lac-iniado
lacun-oso
lanc-eolado
lanug-inoso
len-hoso
lentif-orme
lig-ula, ligulado
lilac-ineo
lin-ear
lob-ado, lobulo
loc-ular
luz-idio
lyr-ado
mac-ulado
mamill-oso
masc-ulino
matur-ação
med-io
membr-anoso
min-imo
monilif-orme
monoph-yllo
mucr-onado
multif-ido
multifl-oro
multifol-ioso
multirad-iado
mun-ido
mut-ico
napif-orme
navic-ular
nerv-ado, nervura
nod-oso

num-ero, numeroso
obl-ongo
obsol-eto
obt-uso
odor-ifero
ondul-ado
opp-osto
orb-icular
ov-al
pal-eaceo
palh-eta
pall-ido
palm-ado
panic-ula, paniculado
papp-ilho, pappilhoso
pard-acento
part-ido
pat-ente
pec-iolado, peciolo
ped-unculado, pedunculo
pelt-ado
pend-ente
peq-ueno
per-enne
perp-endicular
pers-istente
pet-ala
pinnat-ifido
pin-nula
pinnul-ado
pl-ano
plum-oso
polyph-yllo
polysp-erme
prim-avera
procumb-ente
proem-inente
prostr-ado
pubesc-ente
purp-ureo
pyrif-orme
quadrang-ular
rad-iado
radic-al, radicula
r-aiz
ramif-icado
ram-o, ramoso
recept-aculo
red-ondo
refl-exo
reg-ular
renif-orme
rept-ante
rhiz-oma
rhomb-oide
rig-ido
ros-ado
roset-ado
rot-undo
rub-ro
rug-oso
runc-inado
sal-iente
sag-gitado
sarm-entoso
scyphulif-orme
sem-ente
sep-ala
sepal-oide
ser-iado
serr-ado
sess-il
set-aceo
sil-ica
silic-ula
simp-les
sin-uado
sobrep-osto
sold-ado
solit-ario
subm-erso
subt-erraneo
subul-ado
sucul-ento
sulc-ado
sup-erior
term-inal
terñ-ado
tetrag-ono
tom-entoso
transluc-ido
transp-arente
transv-ersal
trep-ador
triang-ular
trich-otomo
trif-ido
trig-ono
triloc-ular
trinerv-ado
tripart-ido
tripinn-ulado
triq-uetro
triv-alve
trunc-ado
tuberc-uloso
tuber-oso
tub-uloso
tunic-ado
turbin-ado
umb-ella
unifl-oro
unilat-eral
uninerv-ado
urceol-ado
var-iado
ven-oso
ventr-icoso
verm-elho
verruc-oso
vert-ice
vertic-illado, verticillo
vesic-ula
v-ezes
vill-oso
visc-oso
viol-aceo
vol-uvel

NOTA. A algumas d'estas palavras antepõe-se frequentemente qualquer das particulas ob ou sub.

ADDENDA

Pag. 65. num. 5. CENTAUREA CALCITRAPA. Tambem se encontra no Foz, Carreiros e proximo de Pedras-altas (John.).

» 67. num. 8. ARNICA OFFICINAL. *Hab.* tambem nas mattas humidas em S. Gens e Lavadores (John.). O *Doronicum plantagineum* acha-se abundante em Avintes (Alb.) e entre Avintes e a Pedra-salgada (John.).

» 94. num. 55. AZEVINHO ESPINHOSO. *Hab.* Areinho, Avintes.

» 106. num. 78. AGRIMONIA EUPATORIA. *Hab.* Pedra-salgada (John. Alb.).

» 114. num. 93. OXALIS DE HENRIQUES. Recebemos communicação do dr. Julio Henriques, participando-nos que esta planta fôra já descripta na Republica Argentina sob o nome de *Oxalis martiana* Zuccarini. O snr. Barboza tambem nos communicou que nos muros da quinta das Virtudes e do jardim Botanico *hab.* espontanea a oxalis pendente, *O. cernua* Thunberg.

» 129. num. 124. TROVISCO ORDINARIO. *Hab.* frequente pelas sebes em Fonte-da-moura, Valladares, Mont'alto etc.

» 135. num. 131. URTIGA MENOR. Encontram-se tambem frequentemente, junto aos muros, a urtiga maior, *U. dioica* L., e a urtiga de caudas, *U. lusitanica* e *caudata* Brot., que podem substituir a congenere.

» 137. num. 136. CHOUPO COMMUM. *Hab.* pelas margens dos ribeiros e estradas.

PROPOSIÇÕES

Anatomia. As bainhas perivasculares do encephalo são verdadeiras serosas.

Physiologia. Os movimentos peristalticos do intestino são devidos á excitação dos ganglios mesentericos.

Materia medica. *Ubi morbus, ibi remedius.*

Pathologia externa. O phagedenismo não é complicação exclusiva das doenças venereas.

Medicina operatoria. Na clinica operatoria, a consideração dos *meios* deve sobrepujar a do *meio*.

Obstetricia. O aborto provocado não tem indicações.

Pathologia interna. A nephrite suppurativa secundaria depende sempre de uma cystite suppurativa.

Anatomia pathologica. O rim gottoso, o rim saturnino e o rim senil são fórmas clinicas da mesma lesão anatomo-pathologica.

Medicina legal. Para reconhecer a presença do sangue, o meio preferivel é a investigação dos crystaes d'hemina.

Pathologia geral. A diathese é o temperamento morbido.

APPROVADA
O PRESIDENTE
A. Lemos.

PÓDE IMPRIMIR-SE
O CONSELHEIRO-DIRECTOR
Costa Leite.